



DELILAH S. DAWSON

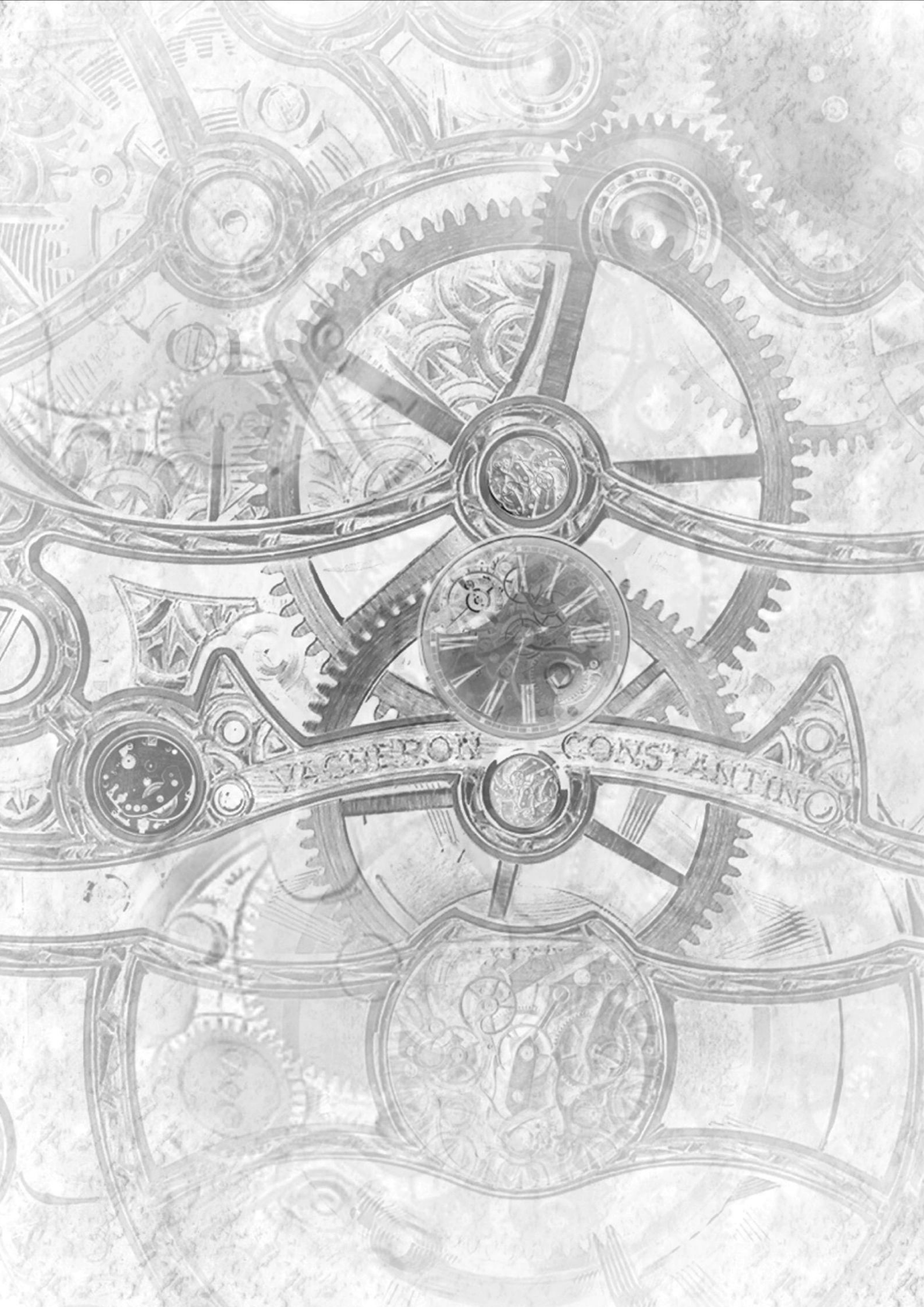
WICKED
AS THEY
COME

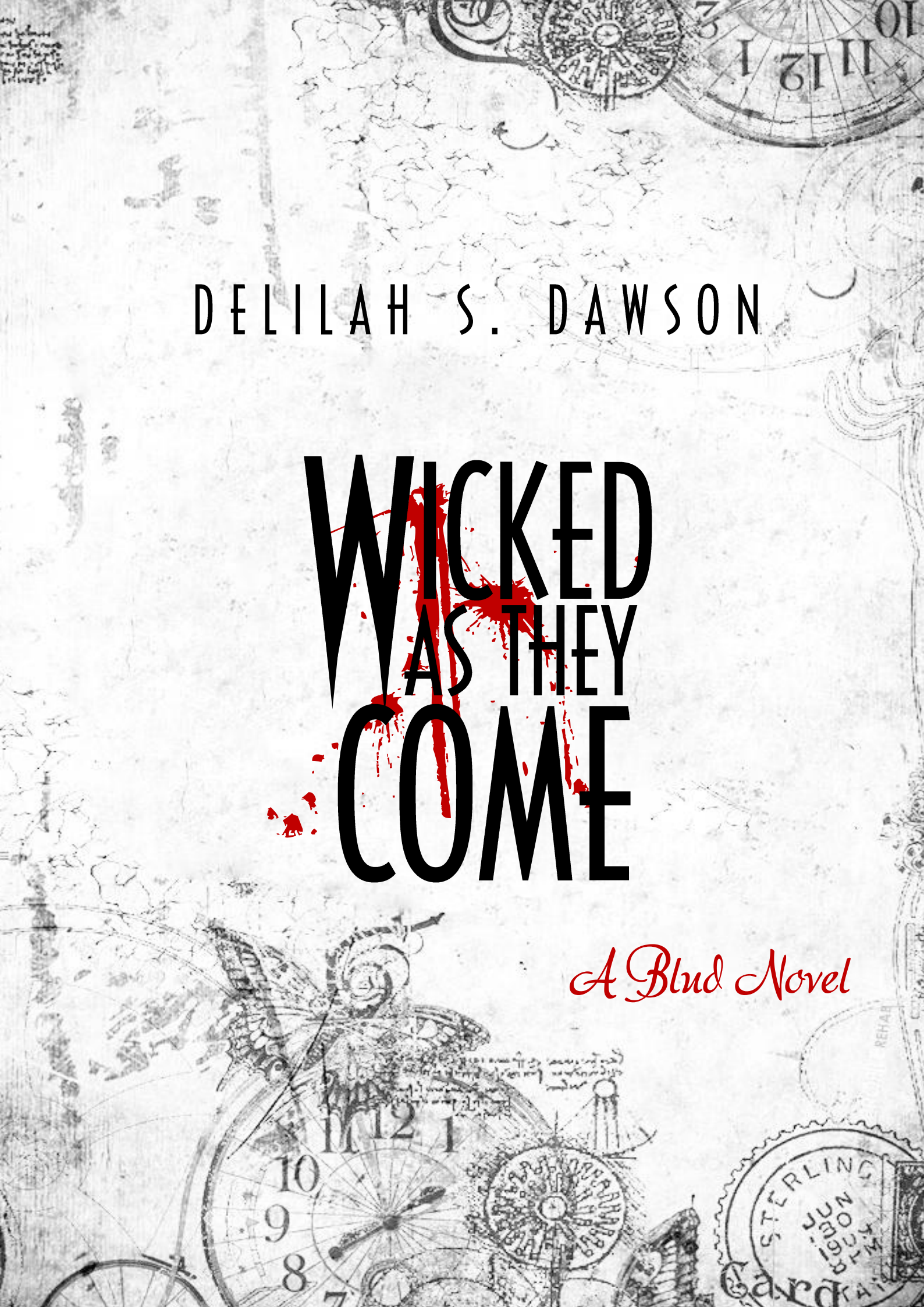
STEP RIGHT UP!
TEST YOUR METTLE
—AND YOUR HEART.

A BLUD NOVEL



**WICKED
AS THEY
COME**



The background is a complex collage of various elements. At the top right, there is a circular clock face with Roman numerals. Below it, there are faint, intricate line drawings of mechanical parts, possibly gears or watch movements. In the bottom left, there is a large, detailed clock face with Arabic numerals. To its right, there is a circular seal or stamp that reads "STERLING JUN 1904". The overall aesthetic is that of a vintage, perhaps steampunk or historical, theme.

DELILAH S. DAWSON

WICKED AS THEY COME

A Blud Novel

Papyrus

“Qui sait beaucoup ne craint rien.”

“Do muito saber vem o nada a temer.”



1



Eu fui aquela que encontrou o corpo de Sra. Stein duas semanas atrás. Agora aqui estava eu, vasculhando suas coisas, finalmente livre para explorar sua arrepiante casa velha. Não era pessoal, entretanto – eu mal a tinha conhecido. E a venda dos bens provavelmente foi ideia dela, de qualquer modo, uma última tentativa de enfurecer seus filhos.

No segundo em que eu vi a placa, eu tive que parar. Ela tinha estado surpreendentemente paranóica para uma paciente de asilo, e eu nunca tinha visto nada da sua casa da Era Vitoriana além do quarto no andar térreo onde ela escolheu passar seus dias restantes. A chance de explorar era apenas muito interessante para ignorar. E mais, eu tinha dito adeus para a maior parte dos meus bens mundanos quando eu deixei Jeff, e eu tinha uma hora para matar até meu próximo paciente.

Eu estava começando do zero e não tinha dinheiro ou o estilo de vida para antiguidades inestimáveis, mas eu sempre tive um espaço para tesouro. Globos de neve, antigas telas, ou bijuterias iriam ajudar a dar vida ao meu apartamento vazio. Melhor de tudo, todavia, o sótão no andar superior manchado pelo sol, estava repleto da parede a parede com livros. Para mim, aquilo era o paraíso.

Quando eu vi pela primeira vez a corrente suspensa do ápice do velho tomo*¹, eu não sabia no que pensar. Eu a puxei. Conforme o achatado amuleto deslizava por entre as páginas, eu obtive um pequeno ímpeto de excitação, como quando retirando um prêmio de uma caixa de cereal. Claro, estava manchado e encardido, mas era um prêmio inestimável. Talvez minha sorte estivesse finalmente mudando.

Eu deixei o amuleto oscilar na luz do sol, encantada pela sua idade e estranheza. Eu podia imaginá-lo brilhando no pescoço de alguma jovem dama, parte de uma história épica cheia de romance e um Príncipe Encantado que não se transformaria em um babaca autoritário, sem alma. Não que eu fosse amarga ou algo assim. Eu só queria começar de novo, fazer esse adeus de fato significar algo positivo.

É engraçado como um relacionamento pode pegar você de surpresa assim. Começa com um namoro rápido, dúzias de rosas e poesia e dança. Ele compra para você uma escova de dente, dá a você uma gaveta. Você se muda. Você cede em pequenas coisas, apenas para fazê-lo feliz. As cortinas. Seu cabelo, o qual ele acha que você deveria deixar crescer. Depois são as coisas maiores. O talão de cheques. Seu emprego. E aquela coisa grande de verdade, o bebê que você perde, o presente que ele não estava pronto para dar a você. O alívio dele com a sua dor, mata algo dentro de você, o mais difícil adeus de todos.

E depois um dia, você percebe que você basicamente é um brinquedo e propriedade de um homem que é encantador ao tirar você das suas calças e para dentro de um perfeito anel de noivado que ele escolheu antes de

¹ Divisão de uma obra que corresponde, quase sempre, a um volume completo.

sequer conhecer você. Que ele não está fazendo planos *com* você, ele está fazendo você se encaixar nos planos *dele*, sem importar qual seja o custo. Você percebe que você se tornou uma boneca de pano com pensamentos de papel, e que era muito fácil abrir mão do controle. E depois de uma noite, ele bate em você, e você tira sua dignidade do chão e chuta o bastardo para o meio-fio.

Você diz adeus. E depois você parte. E depois consegue outro lugar e aprende como dizer olá, novamente.

— Oi —, Eu disse ao amuleto, experimentando-o.

Apenas em olhar para ele, me fez feliz de uma maneira que eu tinha esquecido. Uma sensação de esperança, de indulgência. Eu tinha esquecido como é boa a sensação de escolher algo por si só, ver um objeto e dizer, “Eu vou fazer isso ser meu.”

Era lindo de uma maneira Gótica e antiquada. Um lado tinha uma pedra grande e plana — talvez um rubi ou apenas somente vidro. E o outro lado da forma oval tinha uma indecifrável escrita ao redor da borda com uma bússola no centro. Eu soprei o metal e o esfreguei nas minhas calças de médico, mas seus segredos permaneceram salvos sob eras de sujeira.

Exatamente quando eu estava prestes a ir lá embaixo para pagar pelo amuleto, uma pequena velhinha apareceu ao meu lado e disse —, Com licença, senhorita. Você pode ler isso?

— Eu ficaria feliz em tentar —, Eu disse com um sorriso.

Ela me entregou um duro saleiro velho, e eu li o preço borrado a lápis. Eu era como um ímã para pessoas idosas. Talvez porque eu estivesse acostumada a ajudá-los no trabalho. Talvez porque eu parecesse gentil. Ou talvez porque toda vez que eu olhasse para a pessoa com idade, eu pensava na minha avó e não podia evitar em sorrir.

Cuidar da minha avó era um das minhas maiores alegrias e maiores sofrimentos. Eu tinha que estar com ela e ajudá-la, cuidar de todas as tarefas de enfermagens que ela ficaria mortificada a impor para um estranho. Mas eu também tinha que assisti-la morrer, e isso partia o meu coração. Com

minha mãe falecida e meu pai casado novamente do outro lado do país, ela era toda família que eu tinha. As horas que eu passava com ela todo dia, eram preciosas para mim, e eu não podia acreditar em quanto tempo eu tinha perdido com ela ao desperdiçar tempo com Jeff em Birmingham.

Essa pequena senhora tinha o mesmo tipo de brilho que fazia minha avó especial, uma mistura de boas maneiras e vigor que eu esperava ter herdado. Observando seus olhos se estreitarem ao ofensivo saleiro me lembrou das idas a antiquários com Nana quando eu era pequena, detonando jujubas uma por uma enquanto ela pechinchava. Ainda assim, eu não tinha muito tempo até eu ser esperada na casa do Sr. Rathbin, e depois disso, eu tinha quatro pacientes de asilos esperando. Pessoas velhas ficavam verdadeiramente irritadas quando você se atrasava.

Eu estava abrindo minha boca para me desculpar e ir embora quando meu bipe disparou. Era minha central de casos, seguido pelo 911.

— Com licença —, Eu disse, correndo ao passar pela mulher surpreendida e descer as estreitas escadas.

— Deve ser uma médica —, Eu a ouvi afirmar para outra pessoa antes de eu estar fora do alcance de voz.

Poderia, seria, deveria, eu pensei, lembrando a noite que Jeff rasgou minhas solicitações para a universidade de medicina e as jogou dentro do lixo. Depois eu me corrigi.

Eu ainda posso ser uma médica se eu quiser. Nada está me impedindo, droga. Eu posso ser qualquer coisa e qualquer pessoa que eu queira. Ninguém irá jamais me dizer o que ser, novamente.

De volta ao meu carro, eu alcancei no meu bolso o meu celular para ligar para o escritório. Ao invés disso, eu encontrei o amuleto. Encarando-o, eu lembrei a mim mesma que eu não era uma ladra, que eu nunca tinha roubado nada na minha vida... de propósito.

Mas algo que eu não podia explicar me impediu de voltar lá para dentro e fazer a coisa certa. A ocupada mulher administrando a venda de bens provavelmente nem sequer sabe que o amuleto existiu. E a recentemente

falecida Sra. Stein não sentiria falta dele. Havia um prego nele. Ainda assim, eu não podia evitar em imaginar carros de polícia com luzes piscando cercando meu pequeno sedan na rodovia, enquanto oficiais com armas me ordenavam a colocar minhas mãos para cima. Assim, grande parte dos últimos três anos da minha vida tinha sido baseada no medo.

Eu arrastei a corrente sobre minha cabeça e puxei meu longo cabelo escuro de debaixo dela. Eu não podia evitar em dar a mim mesma um manhoso sorriso no espelho retrovisor. O amuleto era pesado, e ele pendia exatamente sobre meu coração, muito mais baixo do que a maioria dos meus colares. Eu o enfiei embaixo da minha T-shirt e da parte de cima da roupa de médico, aproveitando o peso maciço contra minha pele e me perguntando que tipo de metal se escondia sob a mancha. Talvez uma vez que eu o tivesse limpado, eu podia encurtar a corrente.

Ou talvez eu o mantivesse em segredo, apenas porque eu podia.

2



-Do que essa coisa é feita – Kryptonita? — Eu perguntei para mim mesma. — É inútil.

Nana nem sequer olhou para cima de sua palavra cruzada para perguntar — O que é inútil?

— Conseguir com que esse amuleto seja limpo. Eu tentei tudo de baixo da sua pia. Está me enlouquecendo.

Eu olhei para a disposição de limpadores e coisas de se esfregar bagunçando a mesa da cozinha. Eu tentei todos eles. O próximo: uma marreta.

Um canto da sua boca contorceu-se, e o outro se enrugou. — Tish, docinho, por favor, me diga que você não acabou de colocar alvejante em uma peça de valor como uma jóia antiga.

— É — eu disse.

— Oh meu Senhor, docinho —, ela disse da sua cadeira de rodas, seu rosto todo amassado como uma maçã seca. — Você vai arruiná-lo. Você tem que ser cuidadosa com coisas antigas. Mostre algum respeito.

— O que você recomendaria? — Eu perguntei a ela. Se ela não tinha uma boa receita velha do Sul para se ter esperança, ninguém tinha.

— Paciência —, ela disse com um sorriso. — Levo-o a uma joalheria amanhã, antes que você o estrague. Você é muito impetuosa. Você já o abriu?

— Eu estive tão ocupada tentando limpá-lo para ver o que tem dentro —, eu disse. Para ser honesta, entretanto, eu estava guardando isso para mais tarde, quando eu estivesse sozinha. Eu queria saboreá-lo, mantê-lo como meu pequeno segredo.

Quando ela se virou de volta para as suas palavras cruzadas, eu tentei alvejar mais uma vez, apenas para garantir. No silêncio do meu esfregar, eu ouvi. O som que eu mais odiava. A respiração forçada de Nana. Ela estava tendo uma noite difícil, mas ela não iria admitir isso. Eu organizei para que ela fosse a última chamada dos meus turnos, para que eu sempre tivesse bastante tempo para ela. Eu registrava todas as minhas funções de enfermagem, me certificando que ela tivesse seus medicamentos de quimioterapia e drogas anti-náusea. E depois disso, eu esquentava para ela seu jantar, ajudava-a a amarrar um lenço ao redor do que sobrou do seu cabelo, e a enfiava na cama. Ela não podia mais subir em uma sozinha, e ela odiava isso.

— Você precisa de mais Demerol* ², Nana? — Eu perguntei suavemente.

Sua boca se virou para baixo novamente, e seus olhos se estreitaram. — Não, eu não preciso de mais, muito obrigada, mocinha —, ela disse. — Não venha me dizer como eu me sinto. — Ela tinha estado irritadiça depois da última recaída. Nós tínhamos pensado que ela estava em remissão, mas aparentemente, seu câncer pensou que uma terceira vez era um charme.

² Remédio a base de morfina para a dor de pacientes em estado terminal e doenças avançadas.

— Eu só quero que você esteja confortável —, Eu disse. — Porque eu amo você.

— Eu preferiria muito mais ser eu do que estar dopada —, ela disse, brilho em seus olhos. — Se eu não tenho muito tempo restando, você está absolutamente certa que eu vou gastá-lo acordada e de cabeça erguida.

— Mas é hora de dormir, Nana —, Eu disse com uma suave gargalha. — Você precisa do seu sono.

— Você é a única que precisa disso, docinho —, ela disse. — Velhos ossos não dormem tão fácil. Agora, porque você não me arruma para que você possa sair e aproveitar a sua juventude?

— Eu tenho vinte e cinco —, Eu disse. — Isso não é tão nova.

— Eu tenho oitenta e quatro —, ela disse. — Você terá que ser jovem para nós duas. Vá a uma festa, ou qualquer que seja o lugar que vocês vão. Vá conhecer um juvenzinho gentil.

— Eu não acho que eu esteja pronta para isso —, Eu disse.

O último juvenzinho gentil que eu tinha conhecido quase tinha me quebrado. Eu não estava pronta para estar presa novamente. E eu não estava pronta para dividir o que sobrou de mim mesma ainda, também.

Eu pensei sobre isso enquanto eu passava por nosso ritual noturno. Pensei sobre bares e livrarias, encontros online, entregar pequenos cartões para homens atraentes. Nada disso era apelativo. E não era como se eu fosse conhecer um qualificado solteiro no trabalho. Todos os meus pacientes eram mais velhos do que setenta, exceto um, que tinha trinta e era um vegetal.

Enquanto eu puxava as cobertas sobre os braços enrugados e o inchado estômago da minha avó, eu dei a ela meu mais brilhante sorriso. Eu me certifiquei que ela tivesse seus controles remotos, seu livro de palavra cruzadas e caneta, seu telefone sem fio, e seu botão “Eu caí, e eu não posso levantar.”

— Boa noite, Nana. Eu verei você pela manhã. Eu amo você —, Eu disse.

— Pare de dizer isso como se fosse a última vez que você vai dizer —, ela disse irritada. — Alguém além de mim tem que fingir que eu viverei para sempre.

— Você irá viver para sempre —, Eu disse. — Até eu ser tão velha quanto você, e então você vai me ensinar como finalmente fazer sua famosa torta de chocolate.

— Talvez —, ela disse. — Se você for boa.

Eu estaria de volta a sua casa às oito da manhã para ajudá-la a sair da cama e para cima da sua cadeira de rodas de controle remoto. Ela podia fazer quase tudo sozinha e não queria desistir da sua independência e se mudar para uma casa. Eu estava feliz em ajudar. Depois de eu ter deixado Jeff, ela foi a primeira pessoa que eu liguei, de um telefone público, chorando no frio congelante. Eu deixei o meu telefone celular para trás, não querendo dar a ele uma forma de me encontrar.

— Apenas venha para casa, Tish —, ela tinha dito. — Nós mulheres Everett podemos superar qualquer coisa. Apenas venha para casa.

E eu fui. Eu vivi com ela por poucas semanas antes dela me oferecer dinheiro para o depósito do meu apartamento. Eu estava tocada que ela entendeu o quanto eu precisava de espaço por conta própria, espaço para me encontrar. Eu estava quebrada, e ela chamava isso de uma herança adiantada. Desde então, nós nos ancorávamos uma a outra, e desenvolvemos uma amigável, adorável relação com apenas uma regra: nós nunca falávamos sobre sua doença e meu passado.

Dirigindo para casa, eu folheei o meu estojo de CD. Claro, eu tinha um iPhone cheio de músicas, mas era tudo coisas que Jeff tinha escolhido, coisas que nós tínhamos escutados juntos. Eu queria minhas músicas antigas favoritas que me faziam sentir poderosa e linda e selvagem e jovem. O tipo de música que Jeff teria chamado de imatura e parte da “velha Tish.” Eu abaixei minha janela na amena noite de primavera e cantei com o topo dos meus pulmões, amando o vento no meu cabelo e o baque do amuleto contra meu coração no ritmo com a bateria. Ele não teria gostado disso, também.

Teria me perguntado, com aquela lamentosa voz, se eu não preferiria os diamantes que ele tinha me dado.

Não. É por isso que eu os despejei abaixo no triturador de lixo no meu caminho para fora e liguei o interruptor.

De volta ao pequeno apartamento, eu me senti despreocupada pela primeira vez em um longo tempo. Como se pegar o amuleto tivesse me tranquilizado, vir a ter outra alternativa além de definir quem eu era. Eu gostava de música alta. Eu cuidava da minha avó. Eu tinha um bom livro e um gato resgatado chamado Sr. Surly. Eu ia ter torrada de queijo e sopa de tomate para o jantar. E eu tinha roubado um antigo amuleto do sótão do meu paciente morto.

Enquanto eu me despia e colocava meu pijama, meus olhos não deixavam o reflexo do amuleto no espelho da penteadeira. Eu não queria tirá-lo. Havia algo excitante sobre ele, sobre ter algo que não deveria ter.

Era hora de abri-lo. Eu tateei ao redor da extremidade oposta da engrenagem, mas não pude encontrar um fecho. Depois eu tentei abri-lo com meus dedos, mas ele não cedeu. Eu fui ao banheiro e tentei usar uma lixa de unhas para arrombá-lo como uma ostra, mas estava muito relutante em produzir a sua pérola. Sr. Surly me observava do balcão, cauda contorcendo-se. Ele pareceu divertido.

Com um cansado suspiro, eu esfreguei meus dedos nele e disse, — Amuleto, revele seus segredos!

Claro, isso não funcionou. Esse tipo de coisa nunca funciona.

Eu corri meus dedos sobre ele. Havia de ter uma maneira. Depois eu pressionei a jóia na frente e o amuleto estourou aberto.

Eu arfei enquanto o líquido vermelho explodia de dentro, borrifando na minha mão com gotas escarlates.

O que quer que seja queimou e, eu larguei o amuleto no balcão, onde ele girou por um segundo, dispersando uma constelação de vermelho no balcão do banheiro.

Eu corri minha mão sob a água fria. As manchas pararam de queimar, mas não limpavam. Eu ensaboei com sabão antibacteriano, mas eles não saíram, então eu tirei minha escova de unha. Olhando para cima ao espelho, eu me vi de pé ali em um top esfarrapado e calças de pijama folgadas, esfregando minha mão até que ela estivesse ferida e rosa. As manchas pareceram de alguma forma ficar mais brilhantes, então eu desisti.

Eu não pude evitar além de perguntar, que tipo de idoso brincalhão encheu um medalhão com ácido vermelho e depois o escondeu em um livro? Era o seu próprio dispositivo anti-furto.

O amuleto assentava-se inocentemente no balcão do banheiro em meio a mais incômodas manchas vermelhas. *Sem sentido em esfregar isso agora.*

Então eu olhei mais perto e notei que as gotas vermelhas tinham feito minúsculas marcas côncavas no granito. Pequenos buracos vermelhos, comidos na sólida rocha. Eu corri meu dedo sobre eles intrigada. Isso não fazia sentido – eu deveria estar cheia de buracos, também. Mas eu não estava.

Eu não pensei muito sobre isso. Eu estava mais curiosa sobre o próprio amuleto, o qual tinha finalmente aberto. A coisa vermelha tinha escoado, então eu o ergui e segurei sob a luz.

Do lado de dentro, amarrado sob vidro, estava um delicado retrato em aquarela. O homem era fascinante, e eu fui paralisada pelos seus olhos penetrantes, os quais me desafiaram por debaixo de delicadas, mas penetrantes sobrancelhas. Seu longo cabelo escuro pareceu como se tivesse sido puxado de um rabo de cavalo apenas momentos antes e deixado rebeldemente solto para irritar o pintor. Sua boca era pequena e de alguma maneira cruel, contorcida para cima em um sorriso conhecedor. Suas maçãs do rosto podiam ter cortado papel. Ele vestia uma camisa branca com alto colarinho que estava descuidadamente aberta, uma gravata anil pendurada desatada.

Eu amava Jane Austin, então esse patife em uma gravata parecia que tinha tudo a ver comigo, como um extra-perverso Sr. Darcy. Ele era o

completo oposto do atarracado, escrupuloso, todo Americano, Jeff – outra vantagem a favor do homem misterioso.

Eu quase podia ver através da efervescência acima da sua cabeça. *Eu desafio você.*

— Me desafia o que? — Eu disse.

Ele não teve uma resposta para isso.

Eu arranquei meus olhos da imagem e considerei o outro lado do amuleto, procurando pelo retrato da sua dama. Ao invés disso, havia palavras gravadas ali, e eu quase podia compreendê-las.

— *Viernes toa meo* —, Eu sussurrei, traçando as letras. Eu tinha um conhecimento limitado de Francês e Espanhol, apenas o bastante para pedir um sanduíche e encontrar o banheiro, e as palavras pareciam estranhamente familiares, mas não faziam sentido. Português, talvez? Ou Esperanto?

— Quem é você? — Eu disse em voz alta. — E quem lhe carregou sobre seu coração?

Ele não teve uma resposta para isso, também. Eu provavelmente nunca saberia, ao menos que eu voltasse à venda de bens e vasculhasse pelo sótão por pistas. Talvez houvesse um grande retrato que eu tinha deixado passar, escondido em algum lugar na casa, ou algo escrito no livro. Entre a velha senhora e o amuleto, eu não tinha sequer decifrado a brochura ou olhado a capa. Mas seria bastante fácil de localizar – um profundo, vermelho sangue de boi que se destacava dos outros, empoeirados, tomo marrons, o que foi porque eu o notei em primeiro lugar. Eu decidi voltar para a venda de bens no dia seguinte, depois estalei o amuleto fechado e o deslizei sobre minha cabeça e embaixo da minha regata. Eu me senti um pouco boba.

Depois que o mistério do amuleto foi dissolvido, a vida real infiltrou-se de volta nos meus pensamentos. Depois do meu tempo com Nana, eu estava mais incomodada que nunca. Se ela estivesse com mais dor e não me contado, ela estava contando ao médico? O câncer estava piorando, ou eram as drogas da quimioterapia, o problema? Pior de tudo, onde ela estaria

se eu não tivesse voltado do Alabama justo quando eu voltei? Algumas vezes eu pensava que eu era a única coisa desejando que ela vivesse.

Eu sempre caía no sono instantaneamente, e meus sonhos eram um fértil lugar para resolver problemas. Eu esperava encontrar as respostas que eu precisava essa noite.

}



Eu estava com frio e alcancei meu cobertor. Não havia nada ali.

Minha camisa regata e calças não estavam ali, também.

Nem estava minha cama.

Agora, isso era curioso.

Eu abri meus olhos enquanto eu me pressionava para cima da pedra fria. Eu estava completamente nua. Exceto pelo amuleto, o qual pendia contra meu coração. Mas ele não estava mais incrustado com a idade e sujeira. Ele estava brilhando e perfeito, o brilhante dourado reluzindo no profundo azul silencioso da manhã.

Eu fiquei agitada por um momento, meus braços cruzados sobre meu peito, meus olhos procurando nas árvores estranhamente silenciosas ao meu redor. O bloco de pedra estava em uma clareira brumosa cercada por um

anel de bétulas fantasmagóricas. Alguns poucos pássaros começaram a cantar, rompendo o silêncio. Mas sua música era de alguma forma, errada.

Então eu gargalhei para mim mesma.

Eu estava sonhando, claro.

Apenas outro dos meus loucos sonhos lúcidos.

Eu tinha sonhos realísticos, coloridos e completamente sensoriais em toda a minha vida, e eu estava bastante acostumada com esse momento. Nos meus sonhos, eu deixava para trás o auto-questionamento e a preocupação que me persistiu pelos últimos anos. Eu estava despindo a essência de Tish – o eu que eu queria ser. Eu revelava a falta de consequências. Nos meus sonhos, eu era livre. E sim, frequentemente nua.

Nada demais. Eu podia fazer qualquer coisa que eu quisesse.

Hora de explorar o mundo.

Depois de saltar da pedra, eu espanei o meu bumbum-sonho. Eu girei lentamente em um círculo, procurando por um caminho a seguir, algum sinal de onde o sonho conduziria.

Eu me assustei quando eu o vi ali, inclinado contra a bétula. Segundos antes, eu estava certa que eu estava sozinha, e depois ele apareceu como se por mágica.

Era o homem do amuleto. Ele tinha o mesmo insolente, audacioso, sorriso conhecedor, o mesmo cabelo rebelde. Uma comprida bota preta estava levantada contra a árvore atrás dele, e seus braços estavam cruzados sobre seu peito, esticando os ombros do seu fraque preto.

— Você está aqui —, Ele disse simplesmente.

— Eu conheço você? — Eu perguntei, o qual saiu mais arrogantemente do que eu tinha a intenção.

— Você irá —, ele respondeu, chutando a árvore para longe e caminhando na minha direção. — Depois de tudo, você está usando o meu amuleto. E eu estive esperando por você.

Seu sotaque era recortado e Inglês, apenas como eu tinha esperado.

— Eu imaginei você com mais roupas —, ele disse.

— E eu imaginei que você terminava na clavícula —, Eu disse.

Ele jogou sua cabeça para trás e gargalhou, uma gargalhada tão cheia de violenta alegria que era inquietante. Ninguém gargalhava assim no mundo real. Eles eram tão auto-conscientes do que as pessoas diriam. Eu não tinha gargalhado dessa forma, em muito, muito tempo.

— Acompanhe-me, então, amor, e vamos cobrir você —, ele disse, e começou a desabotoar seu paletó.

— Eu normalmente não falo com estranhos —, Eu disse, braços cruzados.

— E eu normalmente não escolto garotas nuas e espirituosas pelo campo —, ele disse. — Mas se você ficar por aqui descoberta por tanto tempo, algo até mesmo mais perigoso do que eu irá encontrar você. Além disso, eu não posso levar você para casa assim. Tem que ser digno de respeito.

— O que tem que ser digno de respeito? E onde você acha que está me levando? — Eu perguntei, mas ele já estava tirando seu paletó e estendendo-o para mim.

— Vamos —, ele disse. Depois ele sorriu como um lobo, mostrando seus dentes. — Isso não vai morder.

Eu não estava muito preocupada sobre estar nua, mas se ele quisesse que eu vestisse o seu paletó, estava tudo bem. O ar estava gelado e úmido, erguendo arrepios nos meus braços. Eu me encolhi para dentro do paletó, e ele o abotoou acima até o meu pescoço. Enquanto ele fechava o botão superior bem abaixo do meu queixo, nossos olhos se encontraram, e eu tive que corar e olhar para baixo. Muito intenso, seu olhar. Ele era apenas um pouco mais alto do que eu, esguio, mas musculoso, como eu pude ver através do pescoço aberto da sua camisa.

Eu não estava acostumada com coisas apertadas ao redor do meu pescoço, e eu lutei para desabotoar o botão se cima.

— Não deve —, ele disse, sua luva pegando minha mão. — Esse é o mais importante.

— Não me diga o que fazer. — Eu rosnei enquanto ele golpeava minha mão novamente. — O que é isso – Inglaterra Vitoriana? Ninguém abotoa qualquer coisa acima até o pescoço, ao menos que esteja nevando —, Eu reclamei. Mas eu deixei o botão para lá.

— Inglaterra Vitoriana? — ele disse. — Nunca ouvi sobre isso. Mas mostrar o seu pescoço é perigoso aqui. Mostrar qualquer pele, de fato. Se fosse qualquer pessoa além de mim, você muito provavelmente estaria morta.

Ele esticou sua mão, e por falta de opções, eu a peguei. Seu paletó preto estava usado, mas era grosso e bonito, preenchido e ousado de uma maneira que me fazia parecer curvilínea e bonita, mesmo com nada mais. Sua própria camisa tremulava na brisa, o colete escarlate melhorando a palidez da sua pele.

Enquanto nós começamos a andar, eu inspirei o cheiro do seu paletó. Ele cheirava adoravelmente como amoras e vinho e algo cortante e verde. Eu fiquei um pouco tonta, assimilando o aroma.

Ele estava me assistindo, e ele riu. — Você sabe como um homem doma uma loba? — ele me perguntou.

— Não —, eu disse.

— Você pega uma roupa que você esteve usando por um tempo, e você lança para ela. Na jaula ou na caverna, onde ela dorme. Aquela primeira, ela rasga, retalha a nada. A segunda, ela apenas morde um pouco, obtêm o gosto. Inala, como você está fazendo aí. A terceira peça de roupa, ela começa a arrastá-la por aí, amando, dormindo com ela. E então você a tem sob o seu feitiço. Ela tem o seu cheiro e quer mantê-lo. Ela irá seguir você a qualquer lugar.

— Você está me chamando de lobo? — eu perguntei.

— Você está me chamando de homem? — ele disse.

— O que mais você seria?

Ele me disparou um perverso sorriso cheio de dentes afiados. Eu encarei e depois sacudi para longe.

— Eu não estou assustada —, eu disse. — É meu sonho. Nada pode me fazer mal.

— Um sonho? — ele disse, uma sobrancelha erguida. — Você acha que isso é um sonho?

— Eu sei que é —, eu disse friamente.

Ele sorriu. — Querida, você não podia me conjurar se você tentasse.

Nós olhamos um para o outro então, uma batalha de vontades.

Movimento captou meu olho, e eu olhei abaixo para ver um pequeno coelho marrom carinhosamente colocando o nariz para fora do arbusto. Ele pulou e parou, pulou e parou, quase em nós.

— Você sonhou com isso? — ele disse.

— O coelho? Claro, eu imagino que sonhei —, eu disse. — Ele é um fofo. Provavelmente representa minha bondade. Ou inocência. Algo assim.

O coelho cheirou meu pé, nariz se contorcendo, olhos brilhantes. Eu sorri.

E então ele me mordeu, afundando presas na pele do meu tornozelo.

Eu gritei e, sem pensar, o chutei. Ele gritou também, dando cambalhotas com a cauda peluda pelo ar e aterrissando com um baque na grama. Quando ele finalmente se endireitou, ele se virou para assobiar para mim antes de correr de volta para dentro do arbusto.

Hmm. Isso foi diferente.

Eu olhei para baixo. Meu tornozelo estava sangrando das duas punções. E doía. Muito.

— Você terá que tomar cuidado com esse aí agora —, o homem disse com outro sorriso manhoso. — Ele tem o seu gosto.

— Ainda assim não me assustou —, Eu disse. — Apenas um coelho, com presas ou não. Está tudo na minha cabeça.

— Ele tem amigos —, o homem disse. — E eles voltarão, e todos eles têm presas. E você está sangrando. Se você acha que você é forte o bastante para lutar e sair de uma criação de coelhos-blud, eu asseguro a você que você está errada. É melhor você vir comigo. Agora.

Eu não estava acreditando nisso. Eu precisava controlar o sonho. Eu estiquei uma mão com dedos espalmados e foquei na minha vontade.

— *Zzzzzzssst! Pshew! Zzzzist!* — Eu disse. Mas nada aconteceu.

— O que em Sang você está fazendo, amor? — ele perguntou.

Meu braço caiu ao meu lado. — Eu estava tentando disparar raios para fora dos meus dedos. — Eu disse. Depois, calmamente. — Normalmente isso funciona.

— Disse a você que isso não era um sonho. Você quer tentar voar, também?

Timidamente, eu dei um pequeno salto, mas meus pés voltaram para baixo no chão.

— Não —, eu disse, sentindo-me mal humorada e envergonhada e no limite do completo desespero. Todas as coisas não estavam indo da maneira que elas normalmente iam. Ele deveria ter-se explodido em uma bola de luz azul agora.

— Se você acabou de brincar —, ele disse —, nós realmente deveríamos nos mover antes que algo sinta o cheiro desse sangue no seu tornozelo.

Novamente, a luva esperou pela minha mão. Eu considerei.

Era apenas um sonho, quer ou não os truques normais funcionassem. Podia muito bem ver para onde isso ia. Ele não podia ser mais perigoso do que um bando de dementes coelhos sanguinários. Eu peguei seu braço novamente, e nós começamos a andar descendo um estranho tipo de caminho formado por dois profundos sulcos na terra. Eles tinham cerca de um metro e oitenta de distância e muito retos, cortados como se fosse por uma máquina.

O céu pendia muito baixo sobre uma paisagem de sombrias, intermináveis gramas e pequenas moitas e bosques. Me fez pensar em *O cão*

*dos Baskervilles**³. O ar estava brumoso, quase fumacento, mas isso acontecia com meus sonhos, onde as coisas eram frequentemente obscuras ou borradas até que eu estivesse bem diante delas.

Enquanto nós caminhávamos, algo começou a se formar no nevoeiro do sol nascendo adiante, escuras sombras pondo-se firmes contra as nuvens peroladas de cor lavanda.

— Aquilo será a caravana —, o homem disse em tom de conversa. — *Minha* caravana.

— Ah —, eu disse, incerta do que dizer.

O silêncio entre nós se aprofundou. Ele pareceu agradecido sobre algo, mas eu estava desconfiada do seu bom humor. Havia algo acontecendo, algo óbvio que eu estava deixando passar, que ele não estava me contando. Apertando meus olhos na bruma, eu vi fumaça se erguendo da caravana e tentei decifrar as formas.

— É um trem? — Eu perguntei.

— Você nunca viu uma caravana? — ele perguntou. — Oh, amor, você me destrói. Você é como um bebê na floresta, tentando domesticar os coelhos-blud.

Seu sotaque estava se intensificando para mim, algo perto do Britânico, mas com um toque de rosnado pirata. Muito musical. Eu queria que ele falasse mais, mesmo se o que ele dizia não fizesse sentido.

— Por que metade do que você diz começa com “blood”*⁴? Eu perguntei a ele.

Ele não me respondeu por um momento, apenas sorriu com a aproximação da caravana. — Eu continuo me esquecendo —, ele disse, quase como uma desculpa. — Você não sabe.

— Eu não sei o que?

³ É um livro escrito por *Sir* Arthur Conan Doyle, tendo como protagonistas Sherlock Holmes e Dr. Watson. Publicado em 1902, a história era originalmente dividida em partes, impressas pela revista *Strand Magazine* de agosto de 1901 a Abril de 1902.

⁴ Blood que significa sangue. Deixei no original para se assemelhar com a palavra blud, e mostrar que a protagonista se confundiu.

— Nada, de fato —, ele disse com outro profundo sorriso.

Tudo bem, isso era tão irritante.

— Você só está tentando me fazer sentir como uma idiota? — eu perguntei.

— Eu não estou tentando nada —, foi sua resposta, mas ficou evidente que sua mente estava em outro lugar.

Nós estávamos perto o bastante para selecionar feições individuais de uma estranha exibição de vagões, todos atados em fila. O primeiro pareceu como um cruzamento entre uma locomotiva antiga, um órgão de tubos de latões, e um conjunto químico cheio de líquido borbulhante verde e fumaça preta, e o último era um pequeno e vermelho vagão. Os sulcos os quais nos estávamos seguindo, terminavam nas rodas do vagão, onde um macaco capuchinho em um conjunto vermelho, pareceu entediado.

Eu cheirei o ar, mas tudo o que eu pude sentir foi fumaça. Foi quando eu percebi que eu não tinha visto uma única criatura, exceto pelo macaco no vagão. Sem cavalos ou vacas ou porcos, como eu esperaria do lado externo de um circo, e sem o fedor acompanhante. Nem mesmo um elefante ou uma girafa. *Peculiar.*

— Eu imagino que deveria contar a você tudo —, ele disse. — Para que você soubesse o que esperar quando você conhecer todos os outros. Nós deveremos estar seguros, perto assim dos vagões.

Ele me conduziu de volta, descendo o caminho a um pequeno bosque que nós tínhamos acabado de passar. Um estranho, toco de árvore retorcida, cercado por novas mudas de roseiras da longa grama, e ele curvou-se para mim e gesticulou para o toco.

— Milady —, ele disse.

Eu olhei para o toco e ajeitei o paletó atrás de mim, bastante certa que eu não queria sentar minha imaculada-branca nádega em uma pilha de lascas e lavas de formigas sanguinárias, até mesmo em um sonho. Vendo minha reticência, ele alcançou dentro de um bolso do lado de fora do paletó e retirou um brilhante lenço carmesim. E depois um amarelo. E então um

esmeralda. E depois um vibrante violeta. E depois uma pomba viva, a qual se agitou em direção à caravana em um turbilhão de penas.

Eu gargalhei, e ele sorriu. — Abracadabra —, ele disse calmamente. Depois ele espalhou o grande tecido quadrado até que eles cobrissem o tronco.

Eu sentei com um murmúrio. — Obrigada.

Enquanto eu me acomodava, ele começou a marchar, suas altas botas sibilando pela grama.

— Onde começar? — ele se perguntou.

— Do começo? — eu disse docemente.

— Sim, mas qual deles?

Enquanto eu esperava, um coelho lentamente saltou da grama. Eu puxei minhas pernas para cima em direção ao tronco.

— Shoo! Coelho mau!

Olhando para cima, com irritação da aparente guerra na sua cabeça, o homem ergueu o coelho pela nuca e torceu sua cabeça até ela estalar. Ele jogou o flácido corpo de volta na grama e continuou a marchar, profundo em pensamentos.

Eu estava sem palavras. Eu não gostaria de outra mordida, mas eu me encolhi pela irrefletida, repentina brutalidade da ação.

— Não importa —, ele disse para mim. — Ele teria comido a carne dos seus ossos, se tivesse a oportunidade. Aparências podem ser enganosas, você sabe. A Natureza é cruel.

Então ele parou e afrouxou seu já frouxo colarinho e olhou dentro dos meus olhos.

— Tudo bem. Qual o seu nome? — ele perguntou.

— Por que isso importa? — Eu disparei de volta. — Eu achei que nós estávamos aqui para que você pudesse me dar respostas.

— Me desculpe —, ele disse suavemente. — Você ainda acha que isso é algum sonho, que os espíritos estão tentando dar a você pequenas respostas inteligentes para seus problemas. Não acha?

— Normalmente é assim que funciona —, eu admiti.

— Não é. E eu preciso saber seu nome. Para que nós possamos conversar como pessoas civilizadas.

— Qual o seu nome, então?

— Meu nome é Criminy Stain —, ele disse com uma reverência.

Ele disse seu primeiro nome para que rimasse com Jiminy Cricket*⁵. Era estranho, e eu quase ri, mas o olhar nos seus olhos tornou claro que rir seria uma ideia muito ruim.

— Agora você sabe quem eu sou. Qual o seu nome, então, amor?

— Tish Everett —, eu disse.

Ele quase sorriu, mas o olhar questionador nos seus olhos o impediu.

— Tishefferett? — ele disse. — É bastante estranho.

— Não —, eu disse. — Tish. Abreviação de Letícia. Letícia Paisley Everett. — Eu enunciei claramente e pausei entre as palavras.

— Isso é um monte de nomes —, ele disse. — Você deve ser bastante importante.

— Não de verdade —, Eu disse. — Primeiro nome, nome do meio, último nome.

— Eu não vejo uma aliança. — Ele tentou dizer isso suavemente, mas eu podia dizer que ele estava mais do que curioso.

— Sem aliança —, Eu respondi, estendendo uma mão e lembrando do fascinante ruído que meus diamantes tinham feito no descarte. — Só um amuleto.

Minha mão foi para o lugar onde o amuleto descansava, pesado, sob o paletó. Um lento sorriso espalhou de um lado ao outro do rosto do homem – Criminy.

— Sim. Meu amuleto. Vamos vê-lo, então.

Seus dedos enluvados dispararam para a parte de trás do paletó do pescoço e puxou para cima a pesada corrente, realçando o amuleto e fixando-o em cima do tecido.

⁵ É o nome original, em inglês do Grilo Falante.

— É justo como eu me lembrava —, ele disse. — Onde você o encontrou?

— Em um velho livro em um venda de bens —, eu disse.

— Quanto ele custou a você? — ele perguntou.

— Um. — Eu me remexi. Mas esse era meu sonho; sem objetivo em mentir para mim mesma. — Eu realmente não paguei por ele.

— Ha! — ele cantou. — Eu sabia que isso funcionaria. Eu sabia que ele encontraria a certa. — Ele quase estava vertiginoso.

— Eu não tive a intenção de roubá-lo. Foi um acidente —, Eu disse, irritada. — Voltando a você, entretanto. O que é isso que eu preciso saber? Qual é a negociação com a caravana?

— Nós estamos chegando lá —, ele disse. — Tudo é parte da estória. Começou com o amuleto, veja você. Eu o enfeitei e o enviei para encontrar você e marcar você como minha. Para trazer você a mim.

Ele pegou minha mão na sua luva e traçou os pontos vermelhos reunidos aleatoriamente na minha pele. Exceto que eles não estavam mais aleatórios, como eles tinham estado quando eu estava acordada. Agora eles estavam alinhados em um tipo de bússola na palma da mão esquerda, um ponto central com elegantes flechas serpenteando para fora em quatro direções, com marcas incompletas entre elas.

— Tudo bem, isso é muito estranho —, Eu disse. — Se parece com uma bússola agora.

— Claro que é uma bussola —, ele disse. — Como mais você me encontraria com todo o Sang para navegar?

— Mas eu não encontrei você, eu não sei onde Sang é. Você me encontrou, se lembra?

Havia um brilho arrogante nos seus olhos. Eu queria odiar isso, bem, parecia ótimo nele. — Se eu encontrei você, então porque você estaria dormindo em um sangrento altar, nua, uma milha de distância da minha caravana? Exatamente quando eu estava fora para uma caminhada? Fora de todo o mundo e cada momento de tempo, e porque você estava ali naquele

exato momento?

— Touché. — Eu disse. — Mas eu não sei como eu cheguei ali. É onde o sonho começou.

— Errado —, ele disse. — É onde o sonho terminou.

Mas antes que eu pudesse perguntar o que isso significava, eu ouvi batidas de cascos e ele me empurrou para o chão.

4



- *O que?* - Eu balbuciei de um monte indigno pelo cepo.

Ele me ignorou e limpou algo sobre minha cabeça enquanto murmurava baixinho. Eu fui surpreendida com o calafrio e sentei para arrastar minhas pernas para debaixo do paletó, e foi quando eu notei que eu estava sobretudo transparente.

Os galopes estavam mais altos agora, e dois aterrorizantes cavalos derraparam até quase parar em cima de mim, suas pelagens negras espumando e seus olhos selvagens. Eu cheguei mais perto do toco. Uma gigante mordança revestida de metal mergulhou no meu ombro com um doloroso baque, e um casco do tamanho de um prato apalpou justo onde eu estava sentada, quase me acertando. O cavalo não podia me ver, mas ele definitivamente podia me pisar à morte.

— Bom dia para vocês, senhores —, Criminy disse com uma respeitosa, mas brincalhona voz.

— Fique para trás, Blutman! — veio um zombado grito, e eu olhei para cima ao homem vestido completamente de couro acobreado e castanho, do topo do seu chapéu Sherlock Holmes aos dedos dos pés das suas altas botas. A única pele exposta em todo o seu corpo era seu rosto, o qual estava dominado por um encerado bigode preto.

Criminy deu um passo para trás, mãos suspendidas inocentemente. — Claro, senhor —, ele disse. — Eu posso ser de alguma ajuda a vocês?

— Você sabe que nós pretendemos.

— Minha caravana está um pouco além da colina, e seus documentos estão todos em ordem, senhor —, Criminy respondeu. Apanhando os lenços do tóco, ele disse. — Eu estava apenas praticando meu truque. Mas eu ficarei feliz em escoltar vocês ao chefe dos contadores, se vocês desejarem. Nós não temos tido um animal que morde em dez anos, eu tenho orgulho em dizer, entretanto nós tivemos que deixar o garoto-lobo sair por lambadura excessiva.

— Nós não nos importamos pelo seu pequeno show de horrores, Blutdy —, o homem cuspiu. — Nós estamos procurando por um Forasteiro.

— Um Forasteiro? Aqui fora nos pântanos? — Criminy disse descrente. — Oh, ele não irá durar muito aqui fora, senhores. coelhos-blud estão em todos os lugares essa manhã.

— Você sabe que é um alto crime ajudar e encorajar um forasteiro, não sabe? — disse o outro homem, que era idêntico ao primeiro salvo pelo par de óculos com armação de fio metálico e um cavanhaque com formato de pá.

— Sim, senhor, nós recebemos os avisos publicados, o mesmo em todos os lugares —, Criminy respondeu. — Embora eu nunca tenha entendido porque forasteiros são tão ameaçadores. — Seus olhos piscaram para mim tão rapidamente que eu mal vi, mas eu podia dizer que ele queria que eu anotasse o que eu ouvi.

— Perigosos —, rosnou o primeiro homem. — Inimigos do Reino. Por ordens do Magistrado.

— Sim, mas por quê? — Ele pausou dramaticamente. — Senhor.

O homem com o bigode estava furioso, e seu rosto ficou vermelho. Seu cavalo saltitou no lugar, escavando torrões com seus cascos. Eu me recolhi contra as pernas de Criminy. A cabeça do grande cavalo preto desceu, o olho vermelho sangue com anel branco a centímetros do meu rosto. A criatura bufou contra a tampa prata sobre seu nariz e boca. Esses homens e suas montarias tinham que ser mais perigosos do que qualquer coisa que eles procuravam.

— Como você ousa questionar o Magistrado? — o primeiro homem disse, sua voz baixa e mortal. — Por ordem do Consórcio Equilibrium de Cobre, eu poderia drenar você.

— Mas então você perderia o show, meu senhor! — Criminy disse, e ele retirou um cartaz vermelho e brilhante do seu colete. — Por favor, não irão aceitar esses ingressos vip de um humilde Bludman que não teve a intenção de ofender?

— Nós não deveríamos —, disse o primeiro homem rispidamente, mas o segundo homem esticou a mão abaixo para aceitar os panfletos.

— Eu não tenho visto uma caravana em dez anos —, ele disse, ansiedade evidente em sua voz. — Elas nunca vêm mais à cidade. Certamente isso não pode machucar? Sua pergunta foi inocente, eu irei apostar. E se houvessem Forasteiros por aí, nós já teríamos encontrado-os por agora. As éguas-blud nunca estão erradas.

Ele disse éguas-sanguinárias? Isso significava que esses pesadelos de cavalos eram como os coelhos sanguinários? Havia realmente presas sob essas mordanças de metal? E mais importante, elas podiam sentir meu cheiro? Eu me deslizei para trás das pernas de Criminy, tão longe das éguas-blud quanto possível. A mão dele brevemente acariciando minha cabeça invisível.

— Algo está estranho, Ferling —, disse o primeiro homem. — Eu

posso sentir.

Ele retirou um tubo de bronze do seu bolso e apertou um botão, e se estendeu em uma luneta . Uma suave luneta zumbindo com um olho verde piscando. Ele escaneeou o horizonte e franziu o cenho.

Houve um carregado silêncio rompido apenas pelas patas e bufar dos cavalos. Os olhos de Criminy ficaram mais tensos enquanto os homens argumentavam com seus olhos.

Finalmente, o segundo homem disse —, Eu acho que nós podemos deixar o assunto para lá, Rodvey. Ele não teve a intenção de nenhum desrespeito. E ele está certo – eu nunca vi tantos coelhos-blud por aí. Um Forasteiro não duraria até o café da manhã.

O primeiro homem, Rodvey, não estava contente quando ele olhou para Ferling. Seu bigode lustroso tremeu com raiva enquanto ele puxava para trás a sua guia e latia —, Ótimo! Mas nós continuaremos procurando até nós encontrarmos o Forasteiro ou ossos. Você está com sorte, Bluddy. Você está com muita sorte.

Ele virou seu cavalo e galopou para longe, e o segundo homem deu uma pequena saudação e o seguiu. Criminy os observou ir, seu rosto congelado com raiva.

— Malditos Policiais —, ele disse. — Toda a pele no mundo não me faz metade, tão sanguinário quanto esses bastardos.

— Você pode me ouvir? — Eu disse do chão. — Eu ainda estou invisível?

— Desculpe, amor —, ele disse, gesticulando uma mão sobre mim e murmurando algo.

Uma calorosa, sensação de derretimento escorreu sobre mim, e depois eu estava visível novamente.

Ele estendeu uma mão para me ajudar a levantar, dizendo, — Desculpe, onde nós estávamos?

— Mas você tem que explicar isso. Esses são Policiais? E o Forasteiro – sou eu, certo? Eles estão procurando por mim? Como eles sabem que eu

estou aqui? E eles disseram que seus cavalos eram éguas-sanguinárias? Então cavalos podem beber sangue, e esses caras estão procurando por mim, e você os convidou para um carnaval? Porque isso soa um pouco insano.

— Você é uma rápida aprendiz —, ele disse com aprovação. Ele me rodopiou em um pequeno passo de dança estranho e me ajudou a voltar para o toco. — Tudo isso é bem verdade. Mas nós estávamos falando sobre nós. Sobre como você acha que tudo isso é um sonho. Esse é o ponto importante.

— Quanto mais estranho isso fica, mas se aparenta como um sonho —, eu admiti.

— Como você sabe que esse não é o outro lado, querida?

— O que — que minha outra vida seja um sonho, e que essa seja minha vida real? — eu perguntei.

— Faz muito mais sentido do que o contrário —, ele disse, graciosamente deslizando pelo chão e reclinando para olhar acima para mim.

— Você está preocupado sobre os coelhos? — eu perguntei.

— Oh, não. Eles não irão me incomodar —, ele disse.

— Por que não? Eles gostam apenas de mulheres nuas?

— Eles gostam de qualquer um nu. Mas eu não sou o sabor que eles gostam.

Olhando abaixo para ele no sol aguado da manhã, eu comecei a notar pequenos detalhes que eu negligenciei na nossa caminhada. Ele pareceu estar no início dos trinta, mas sua pele era extraordinariamente lisa. Seu cabelo escuro lustroso, não tinha uma única mecha de cinza. E sem barba por fazer. Ele sorriu brilhantemente a seguir, mostrando seus dentes.

Eles eram muito pontudos.

— O que você é? — eu perguntei, minha voz baixa. Eu não estava certa se eu queria saber.

— O que você acha que eu sou? — ele respondeu, ainda sorrindo.

— Um vampiro —, eu disse.

— O que é isso? — ele perguntou. Como se ele nunca tivesse ouvido a palavra e não podia decidir se isso era um insulto ou não.

— Como você nunca ouviu falar sobre vampiros? É como se nós estivéssemos falando duas línguas diferentes —, eu disse, perplexa em vê-lo finalmente agindo como nada menos do que convencido.

— Você é esperta —, ele disse. — E você o ouviu chamar-me de Bludman. Certamente você entende.

— Tudo bem. Você é um homem. Mas há algo diferente sobre você.

— Você está começando a juntar as peças, amor —, ele disse. — Esse é um mundo diferente do seu, o que significa que existem regras diferentes. Seu mundo pode ser suave. Quase tudo aqui é administrado à base de sangue. É por isso que é chamado Sang, eu acho.

— O mundo é chamado Sang, ou esse país é chamado Sang?

— O tudo é chamado Sang. Nós agora estamos em uma ilha chamada Sangland, próxima da cidade de Manchester. Há vilas e cidades, prefeitos e Policiais, Pinkies e Bludman, mas o nome de tudo isso é Sang.

— Sang⁶ —, eu zombei de mim mesma. — No passado. Eu gosto disso. Mas o que é Pinky?

— Você é Pinky, querida —, ele disse com um carinhoso sorriso. — Você come plantas e animais e bebe água, e seu sangue é todo substancial e quente e cheiroso, trazendo rosa para suas bochechas. As cidades estão cheias da sua espécie, de todas as diferentes cores e tipos. Mas todos eles têm quase o mesmo sabor.

— Você come pessoas? — eu disse com um involuntário calafrio.

— Comer pessoas? Mastigá-los, como um canibal? — Ele gargalhou, outro som alto e claro soando pelo silêncio. — Nunca. Apenas bebemos deles. E não diretamente, não mais. De pequenos frascos, na maior parte.

— Então isso é o que um Bludman é? — Eu perguntei, pronunciando isso como ele tinha pronunciado, como “blood-mun.”

— Sou eu —, ele disse com uma reverência de cabeça. — Minha

⁶ Sang é o passado de sing, que significa cantar.

espécie pode nascer ou ser feita, e eu nasci.

— Você está morto? — eu perguntei. Eu tinha que saber.

— Eu pareço morto? — Ele riu. — Honestamente, de onde você ouviu tais contos? Eu estou vivo; meu corpo só funciona diferentemente do seu. Eu sou um predador, veja. E você é a presa.

— E sobre aquele coelho? — Eu perguntei. — Você está dizendo que é um coelho vampiro?

Ele seguiu meu dedo apontando para a criatura em questão e estendeu seu dedo para ele. Aquele era um albino com brilhantes olhos azuis, e no meu mundo, não teria demorado cinco minutos antes que um gavião ou uma raposa o apanhasse. Aqui, ele era ousado como o bronze. O coelho o cheirou e sibilou, depois pulou para longe em um estado de mau humor.

— Aquilo era um coelho-blud —, ele disse —, E eles começam sugando sangue, depois comendo carne, e em seguida quebrando ossos até eles estarem redondos como bolas. Não há remanescentes de coelhos de verdade, mastigando ruidosamente cenouras e flores. Mas há ratos-blud e veados-blud e suínos-blud. Basicamente todos os animais selvagens são bebedores de sangue, além dos predadores conhecidos – lobos e semelhantes. Eles mantêm os animais que são comidos, o gado e galinhas e porcos e semelhantes, contidos do lado de dentro das cidades. Para mantê-los puros. E em um pedaço.

— Oh —, Eu disse. Eu subitamente me senti como uma melancia em um piquenique, com um exército incontável de formigas em marcha, sem parar e esmagadoras.

— Você não se sente mais segura, sente? — ele perguntou. — Não se preocupe. Nada pode prejudicar você enquanto você estiver comigo.

— Mas o que acontece se eu deixar você? — Eu perguntei a ele. — Você não pode gastar todo o seu tempo me seguindo por aí e estrangulando coelhos.

Ele gargalhou e puxou a grama. — Não me provoque, mulher —, ele disse.

Eu o observei brincar com as longas lâminas de grama, tecendo-as em padrões enquanto ele cantarolava uma música não familiar, uma valsa.

— O que você está fazendo? — Eu perguntei a ele.

— Eu estou deixando você se acostumar com minha presença —, ele disse indolentemente. — Eu estou fingindo ser inofensivo. Está funcionando?

— Até você sorrir —, eu disse fracamente, e ele sorriu novamente, seu rosto radiante.

— Não posso evitar isso, amor —, ele disse. — Não ao seu redor.

— Você soa como um filhotinho apaixonado —, eu repreendi. — Ou seria um filhote-blud apaixonado?

Isso rendeu uma gargalhada, e eu senti como se eu ganhasse um prêmio.

— Filhote-blud apaixonado —, ele disse. — Oh, eu gosto disso.

Eu não podia mais olhar dentro dos seus olhos, porque eu podia ver um tipo de adoração neles que me deixava nervosa. Eu tracei espirais no toco com meu dedo.

— Só para que você saiba —, eu disse —, eu acabei um relacionamento ruim, e eu não estou de fato procurando por outro.

— Você pode não estar procurando por ele —, ele disse, — mas talvez ele esteja procurando por você.

— Em um sonho? — eu perguntei. — Meu cérebro provavelmente conjurou você porque você é o exato oposto do meu antigo noivo. Eu posso ter escolhido, mas isso não significa que eu estou disponível. Eu não posso ter você olhando para mim desse jeito. Mas você parece... bom o suficiente.

Eu não tinha realmente palavras para como ele parecia.

Ele riu para si mesmo, baixo em sua garganta. Havia algo sinistro ali, rolando sob a superfície como enguias em um lago, sombrias e perigosas. Mas havia algo loucamente atrativo sobre isso, também.

— O que? — eu disse.

— Você está acreditando. — ele disse. — Você pode dizer que isso seja

um sonho, mas você está enfatizando, tentando me fazer sentir melhor. Eu não sou mais uma invenção da sua imaginação.

— Eu não estou acreditando em nada – eu estou jogando conforme as regras —, eu disse, sentindo-me um pouco irritada. — Sem fundamento em sonhar se você não vive o sonho.

— Há um pouco de poesia nisso —, ele disse, sorrindo para a grama em suas mãos.

Então eu senti seu completo foco em mim. Eu fiquei tensa.

— Olhe dentro dos meus olhos Letícia.

— Chame-me Tish —, eu disse pela falta de costume.

— Nunca —, ele disse ferozmente.

Eu olhei abaixo para dentro dos seus olhos. Eu não podia evitar, não podia me impedir.

Seus olhos eram da cor do oceano, um incerto acinzentado-castanho-esverdeado, alternadamente nebuloso e limpo. Eles não piscaram. O olhar era tão intenso que uma flecha de reconhecimento e entendimento disparou por mim, fixando-se na minha barriga como um gole de whisky, quente e doce.

Meus olhos estalaram fechados.

— Eu não posso me sentir dessa forma. O que quer que seja que você está usando, pare com isso.

— Minha magia não irá funcionar no seu coração —, ele disse. — Ou então eu já teria usado-a, teria você dançando de volta para o meu vagão como uma marionete em uma corda.

— Isso não parece muito justo —, eu disse.

— Palavras verdadeiras que nunca foram ditas —, ele disse, embora eu sentisse que ele tivesse concordado com coisas diferentes.

— Meu nome é Tish Everret. Eu sou uma enfermeira, e eu cuido da minha avó, e eu vivo em um apartamento, e eu tenho um gato. Isso é um sonho. A qualquer momento, eu vou acordar —, eu disse por de trás dos meus olhos fechados, meu coração batendo nos meus ouvidos.

Eu precisava ser livre. Eu precisava de tempo para me encontrar no pequeno casulo seguro que eu tinha criado no meu mundo. Eu precisava cuidar da minha avó, minhas responsabilidades. Eu não queria sentir uma atração como esse anseio mistificador por um estranho perigoso em seu bizarro, sanguinário mundo. Isso me assustou.

Até ele falar.

Que se dane ele e seu sexy sotaque.

— Olhe para isso dessa forma, amor. Se isso é um sonho, então qualquer coisa que você faça aqui não conta. Sonhos são para experimentar as coisas que você não pode na vida real. Você pode sentir, amar, matar impunemente. Nada importa; sonhos são o playground do seu coração —, ele disse, sua voz musical e baixa.

— E se você está em outro mundo inteiramente, então sua avó e seu gato não estão aqui. Você pode nunca mais voltar. Você não sabe como voltar, de qualquer modo. Você pode muito bem fazer o melhor que você pode aqui, faça o que você pode da vida. Você não quer estar sozinha em Sang, acredite em mim.

Ele deve ter sentido minha resolução enfraquecendo. A suave voz continuou, se insinuando para dentro dos meus ouvidos e se estabelecendo, criando raízes.

Eu queria tanto ceder.

— De qualquer modo, a sua melhor aposta é confiar em mim. Venha comigo. Se junte a mim.

Sua voz caiu tão baixo que eu mal pude ouvi-la.

— Seja meu amor —, ele disse.

Eu não podia dizer se isso era uma pergunta ou um comando.

— Mas por quê? — Eu perguntei. — Por que você? Por que eu?

— Vamos apenas dizer que nós dois temos nossos sonhos —, ele respondeu. — E algumas vezes, eles levam muito tempo para de fato virarem verdade.

Os poucos pássaros cantaram no silêncio, e eu me perguntei se eles,

também, almejavam carne. A grama farfalhou. Alguém começou a tocar uma flauta perto da caravana, e um estranho gorjeio dançou no ar entre nós.

— Não importa que parte seja um sonho e quem está sonhando com quem. Meu coração é só meu, e eu não estou procurando compartilhá-lo —, eu disse finalmente.

Eu senti como se estivesse de pé em um precipício, e eu tivesse que tomar uma posição. Eu tinha jurado que nenhum homem ia me dizer o que fazer novamente, mesmo se ele estivesse apenas me dizendo para amá-lo em retorno.

— O que quer que você pense que eu possa eventualmente sentir por você, nesse momento, você terá que desistir.

— Eu não gosto de seguir ordens —, ele disse calmamente.

— Nem eu —, eu disse.

5



A música da flauta subia e descia entre nós, rompendo a tensão em ondulações. Eu o observei rasgar um pouco de grama que ele tinha tecido. Ela flutuou para longe na brisa.

— Parece que nós chegamos a um impasse —, ele disse.

— E agora?

Ele jogou o último bocado de grama no chão e inspecionou suas luvas manchadas de verde, depois se sacudiu como um cachorro. Quando ele encontrou meus olhos novamente, o carregado poder do seu olhar se foi, substituído por uma máscara de brilhante, energia maníaca. Ele pulou em pé e fez uma estranha pequena saltitada, depois esticou sua mão com um floreio. Um boque de flores apareceu ali. Quando eu estiquei a mão para pegá-lo, ele desapareceu, e uma pequena nuvem de confete explodiu da sua

manga e pairou sobre mim.

Eu aplaudi lentamente e sarcasticamente, mas não pude evitar de sorrir para ele.

— Nós vamos para a Caravana Mecânica Criminy —, ele disse. — Nós vamos encontrar para você algumas roupas, alimentar você, apresentar você por aí. A equipe é cerca de metade Blutmen, metade Pinky, então você irá se sentir em casa. E há uma estrita ordem das coisas, na caravana.

Ele sorriu torto e estendeu seu braço. — Seu sangue está salvo conosco.

Eu não me sentia segura, nem de corpo nem de coração. Porque eu fui atraída a esse estranho, homem inumano? Eu tinha sentido esse puxão quando eu abri o amuleto, mas eu tinha pensado que era imaginário e romântico, a impossível ânsia por algo nobre e bonito de muito tempo atrás. Eu achei que fosse o mesmo tipo de desejo inofensivo que eu sentia por Sr. Darcy. Mas aqui, perto dele, sentindo o seu cheiro, eu reconheci a sensação pelo que isso era. Atração. E talvez medo – do tipo excitante.

Ele estaca certo, entretanto. Eu não tinha mais nenhum lugar para ir, nenhum lugar para o qual voltar-se. Eu me encontrei compreendendo o mundo de Sang, quer fosse um sonho ou como uma dimensão alternativa. Talvez eu tivesse uma injúria na cabeça e estava deitada no chão do meu banheiro em uma poça de sangue, sonhando sonhos estranhos enquanto Nana deixava mensagem frenética após mensagem na minha caixa postal.

Esse pensamento me fez estremecer, e ele se virou para olhar para mim.

— Tudo bem, amor? Você parece como se gansos estivessem andando sobre seu túmulo*⁷.

Eu tentei interpretar isso como uma piada. — Você tem gansos aqui? Ou eles são gansos-blud?

— Pássaros bebendo sangue? — Ele riu. — Eles têm dentes de onde você veio? Porque aqui, são apenas pequenos bicos avermelhados. Eu imagino que eles possam bicar você à morte, se você ficar imóvel por muito tempo.

⁷ É um ditado dos índios Apalaches, que significa que quando você se arrepia, há gansos ou coelhos correndo pela sua sepultura.

Nós tínhamos alcançado a caravana novamente, e eu me preparei para mais perplexidade. Tudo parecia um pouco fora de ordem, e eu estava caminhando para dentro de um lugar não familiar cheio de estranhos e pessoas que queriam beber do meu sangue. Ainda assim, nada se moveu exceto pelos rebentos de fumaça na brisa, e isso era misterioso. Eu podia ver o mesmo macaco no mesmo barrete árabe, sentado perfeitamente imóvel no vagão. Eu estava impressionada que qualquer animal pudesse sentar imóvel tanto tempo.

— O que acontece com o macaco? — Eu perguntei. — Ele deve ser muito bem treinado.

— Bem treinado? Amor, você é uma piada —, ele disse, gargalhando novamente. Eu estava poderosamente atraída por aquela gargalhada, e eu mal sequer conhecia o homem. O monstro inumano. Ou o apogeu predador. O que quer que fosse que ele afirmasse ser.

— Pemberly, acorde! — ele chamou.

Um flash de luz verde surgiu sobre os olhos abertos do macaco, eles piscaram várias vezes. Ele saltou no ar e deu uma pequena saltitada com suas pernas traseiras, sua cauda formando um perfeito ponto de interrogação.

— Pemberly, venha —, Criminy chamou, e o macaco se balançou para baixo ao chão e correu ao seu braço esticado, escalando para sentar no seu ombro, cauda curvada ao redor do seu bíceps.

O macaco se virou para olhar para mim, e eu percebi que a pelagem acobreada era de fato engenhosamente metal trabalhado. Eu podia ouvir o sutil tique-taque do interior, e quando os olhos piscaram, houve um clique metálico.

— Letícia, minha querida, essa é Pemberly. Pemberly, essa é a sua nova mestra —, Criminy disse. O macaco estendeu uma graciosa pata preta, e Criminy acenou para mim, dizendo —, Não tem permissão para ser rude.

Eu sacudi a pequena mão, a qual era fria e lisa. A boca do macaco virou para cima nos cantos em um sorriso cômico, revelando dentes prateados.

— Ela gosta de você —, Criminy disse.

— Como você sabe que é ela? — Eu disse.

— Porque quando Murdoch a construiu, eu especificamente requisitei uma fêmea —, ele disse, como se fosse a coisa mais natural do mundo.

— Ela é um bicho de estimação, ou parte da caravana? — eu perguntei.

— Ambos, claro —, ele disse. — Ela é qualquer coisa que eu preciso que ela seja.

— De onde eu venho, nós não temos algo assim.

— Bem, nós temos bastante sorte em ter um excelente construtor e mecânico como funcionário. Um Pinky e um eremita, mas muito talentoso. Ele mantém a mecânica funcionando, entretanto nós estamos tendo um ponto de problema ultimamente com o Bolted Burlesque*⁸. A ruiva continua em curto-circuito no meio do strip-tease, e depois todos querem seu sangue de volta.

— Mas... por que?

— Eu suponho que um cidadão fique muito palpável —, ele disse com um encolher de ombros. — Acontece.

— Não, eu quero dizer... por que você não tem animais de verdade? Um burlesque de verdade? Isso é um circo, certo?

Ele suspirou e pegou-me sob o queixo, dizendo —, Eu já disse a você, querida. Quase todos os animais selvagens são bebedores de sangue, e nenhum Pinky em sua sã consciência iria ficar por aqui nas suas cuecas. Você pode imaginar o que um paquiderme faminto por sangue poderia fazer a um pequeno corpo frágil como o nosso? Ninguém viu um macaco vivo em décadas. E a maior parte dos cães e gatos da cidade foi drenada por ratos-blud. A mecânica faz animais de estimação e sentinelas muito bons.

— Então é por isso que ela estava tão imóvel —, eu disse.

— Em modo sentinela. Não se pode ser muito cuidadoso, esses dias. Eu terei Murdoch construindo algo adorável para você, não se preocupe.

Eu olhei para cima e para baixo da caravana, caçando pelo Bolted

⁸ Burlesque ou dança burlesca é um estilo de dança que ensina a arte de se despir, é diferente do strip tease, é uma dança mais teatralizada, uma paródia sofisticada, sensual, menos vulgar.

Burlesque, mas não havia robôs sexuais se divertindo à vista. Nós estávamos a poucas batidas de coração na frente dos vagões, e eu senti como se ele estivesse esperando por algum tipo de reação de mim. Eu honestamente não tinha uma. Ele suspirou e estendeu sua mão para atirar o macaco ao chão, dizendo, — Pemberly, sentinela.

Ela deslizou de volta em direção ao vagão e afundou-se em suas ancas como eu tinha originalmente visto-a, parecendo entediada, seus olhos amplos na distância. Uma luz vermelha piscou intermitentemente nas íris.

Além do macaco de metal, o vasto, nebuloso pântano se estendia, assombrado e triste, no horizonte. Eu ainda não tinha visto outra pessoa, exceto pelos Policiais. Sonho ou não, isso era desconcertante.

— Onde estão todos?

— Oh, eles estão tomando café da manhã —, ele disse, verificando um relógio de bolso. — Treinos não irão começar até as dez.

— O que eles treinam? — Eu perguntei. — Eu imagino que eu não entenda de fato o que a caravana seja. Ou o que *essa* caravana é.

Ele soltou a minha mão e bloqueou meu caminho.

Sua adorável, cadenciada voz aumentou e assumiu o tom de um ladrador antiquado, e um bastão de alguma forma apareceu em uma mão, uma cartola na outra. Ele sorriu, e seus dentes afiados brilharam furiosamente.

— Esse, minha dama, é um circo itinerante. Atos de desafio à morte, espetáculos de aberrações, jogos de azar, e exhibições místicas mecânicas para entreter até mesmo os mais inflexíveis Policiais. Venham aqui! Testem sua impetuosidade! Vejam Veruca a impressionante Abissínia*⁹, Torno o homem forte, e Herr Sigebert o urso polonês malabarista!

A cartola voou no ar, seguida pelo bastão. Em um movimento tão rápido que eu mal vi, ele apanhou um furtivo coelhinho dos meus pés e lançou isso no ar, também, fazendo malabarismo com os três objetos sem esforço, seus olhos maníacos nunca deixando os meus.

⁹ É uma raça de gatos de origem etíope.

Girando e girando, a cartola perseguindo o bastão perseguindo o coelho silvando, em círculos, depois oito figuras. Então o coelho e o bastão desapareceram na cartola, a qual aterrisou delicadamente na cabeça de Criminy. Ele nem sequer estava sem fôlego, e seus olhos estavam soltando faíscas. Eu podia dizer que ele amava se apresentar, amava essa parte. Eu aplaudi em admiração.

Ele fez uma reverência profunda, e o coelho caiu da cartola e agachou-se aos seus pés, aturdido. Ele deu um pisão nele com um doentio triturar, captado pelos meus ouvidos, e o arremessou sob o vagão.

— Nós fazemos mágica, veja você. Nós somos os últimos ciganos, e nós mantemos os tesouros do mundo seguros em jarras, disfarçadas como trapaças.

— Você está falando em enigmas —, eu disse.

Sua energia desvaneceu a um pensamento silencioso, e ele se curvou para mim. — Eu faço isso, quando eu estou sentimental.

Ele me conduziu a um vagão brilhante de profundo Borgonha. Isso me lembrou de um vagão Pullman*¹⁰ antiquado com apliques de bronze e arabescos pintados à mão, mas não havia janelas.

Criminy Stain, Rei Cigano estava pintado junto à lateral em uma escrita ornada dourada.

— Impressionante —, eu disse.

— Ah, mas nós não vamos entrar nesse —, ele disse. — Não até você colocar algumas roupas. Como eu disse, respeitável.

Eu rolei meus olhos e enfiei meus braços nas axilas do paletó. Ele mal cobria minhas partes mais importantes na frente, mas superava a parte final das minhas costas por um pouquinho. Se eu não erguesse meus braços, eu provavelmente podia passar por respeitável.

Nós passamos vários outros vagões.

Torno o Homem Forte.

Abilene a Mulher Barbuda.

¹⁰ São tipos de vagões dormitório construídos e operados na maior parte dos trens americanos pela Companhia Pullman de 1867 a 1968.

Eblick o Garoto Lagarto.

Catarrh e Quincy os Gêmeos Siameses.

Eu devo me lembrar de não aborrecer ninguém, eu pensei. Essas pessoas soam terríveis.

O próximo vagão vermelho, *Figurino & Contabilidades, Apenas Carnivalleros*^{*11}.

Debaixo disso, em letras minúsculas, dizia, *Ou semelhantes.*

Ou semelhantes? Eu dei um passo para trás.

— Aqui vamos nós, amor —, Criminy disse, e eu o impedi com uma mão o seu braço antes que ele pudesse abrir a porta.

— Eu entendo que deve haver algo ali —, Eu disse, sabendo que ele sabia o que eu queria dizer. — E eu assumo que você não goste de receber ordens. Mas talvez você deva parar de me chamar de “amor” todo o tempo?

— É uma expressão coloquial —, ele disse. — Amor, pássaro, querida, bonequinha, docinho, embora esse último apenas funcione para piratas. Termos de carinho, mas não do tipo subserviente.

— Se é o que você diz —, eu disse, e ele ergueu suas sobrancelhas em uma inocência fingida enquanto ele alcançava a maçaneta da porta de verde limão. Antes que ele pudesse tocá-la, ela estalou aberta, batendo contra a madeira.

— Whozat? — berrou uma irritante voz feminina de dentro. — Eu posso ouvir você aí fora!

— Sou eu, Sra. Cleavers —, ele chamou. — E eu trouxe uma convidada.

— Oh, senhor, me desculpe. Eu achei que talvez fossem C e Q tentando dar uma espiada novamente. Os gêmeos são mais lascivos do que um bando de coelhos-blud na lua cheia. Eu os encontrei na semana passada até os seus queixos em anáguas, fazendo algo que eu não mencionarei na frente da sua... er... dama.

Enquanto eu entrava na obscuridade interna, ela entrou em foco. Uma

¹¹ Traduzido para Carnívoros + Cavaleiros.

pequena mulher envolta em um xale violeta, com um nariz adunco e ridículo chapéu. Ela me lembrou de um bebê abutre. Ela cheirou o ar enquanto piscava para mim.

— Ooh, sinta o cheiro dela! Ela cheira como—

— Eu sei como ela cheira —, ele vociferou.

— E ela precisa de roupas, senhor.

— Eu sei disso, também.

— Então o feitiço funcionou?

— Se você valoriza seu emprego e seu pescoço, cale a sua matraca —, ele rosnou, e ela bufou.

— Oi —, eu disse, tímida, e estendi minha mão.

Ela se encolheu, remexendo com suas negras mãos, cobertas por garras como patas de pássaros, murmurando —, Minhas luvas, minhas luvas. Onde eu as coloquei?

Eu educadamente desviei meus olhos. O vagão estava lotado com roupas e lantejoulas e rendas e fitas, estantes em cima de estantes de roupas e manequins vestidos em todos os tamanhos, presos e cheios de alfinetes e linhas. As roupas eram impressionantes e detalhadas de uma maneira que teriam saído da moda no meu mundo. Tudo parecia profundamente desconfortável.

Quando Criminy tocou minhas costas, eu me assustei e senti o fluxo de sangue para minhas bochechas com a leve pressão da sua mão. Eu me virei para encontrar Sra. Cleavers me encarando novamente, uma mão enluvada estendida esperançosamente. Eu a cumprimentei e, nós sorrimos. Depois ela explodiu em uma onda de atividade, zumbindo ao redor em baús e armários.

— Vamos ver, vamos ver. Do que nós precisamos? Anáguas, isso com certeza. Espartilho. Vestido e xale, oh, sim. Olhe aqui, querida. Que cor são seus olhos?

Ela retirou uma corrente de debaixo do seu paletó e usou para prender os óculos estilo binóculo de bronze para olhar aos meus olhos de muitos metros de distância.

— Hmm —, ela murmurou. — Azul escuro. Isso não diz nada.

Eu senti a súbita necessidade de me desculpar pelos meus olhos, mas ela estava de cabeça para baixo em outro baú, seus minúsculos pés flutuando para fora do chão em botas rendadas altas até os joelhos.

Ela piou no que eu tive que assumir que fosse um triunfo, e emergiu segurando uma confusão de tecido de um profundo Borgonha.

— Está perfeito —, Criminy disse.

— Vá para fora, senhor, por favor —, ela gorjeou. — Uma dama tem que ser respeitável.

Ele obedientemente saiu pela porta, assobiando enquanto ela se fechava atrás dele.

Ela se focou em mim. Seus olhos estreitos e, a alegre subserviência mudou para completamente negócios. — Para fora do paletó, aí —, ela vociferou. — Eu não tenho o dia todo.

Timidamente, eu comecei a desabotoar o paletó no pescoço, e quando minha garganta estava exposta, ela arfou. Eu me virei para longe dela enquanto me desfazia dos botões e tirava o paletó, sustentando-o para trás, para ela. Ela armou algo sobre meu braço.

— Essa é a sua roupa íntima —, ela disse, sua voz rouca. — Vá rápido, agora. Isso é simplesmente muita pele. São Crispin, garota! Eles irão sentir seu cheiro por milhas.

Olhando abaixo para a rendada saia preta, eu fiquei intrigada. Se eles podiam fazer robôs, o que era tão difícil sobre fazer calcinhas? Eu entrei na anágua e as puxei para cima até minha cintura, amarrando o cordão ajustável no que parecia ser um tamanho confortável.

Eu estendi minha mão, e um espartilho preto de cetim apareceu.

— Um —, eu disse. — Eu nunca usei um desses antes. Desculpa.

Eu nunca havia contado a ninguém, mas eu já tinha comprado um uma vez, em uma extravagância no shopping. Era roxo de cetim com renda preta, e ele apenas cativou meus olhos. Quando eu timidamente o mostrei para Jeff, ele exigiu que eu levasse de volta porque ele parecia, e eu cito,

“Bizarro.”

Bem, adivinhe, o que, Jeff? Eu estou em Vampiroland, colocando um espartilho, então vá se ferrar.

Ela o fechou ao meu redor e o laçou com dedos rápidos como raio, com muito cuidado para não tocar minha pele, mesmo com suas luvas.

— Se segure naquele pilar —, ela disse.

Havia convenientemente um pilar colocado próximo, então eu envolvi meus braços ao redor dele, pensando sobre Scarlett O’Hara*¹². O primeiro puxão no laço ainda era asfixiante, e o puxão não parou até eu sentir como se meus pulmões fossem explodir. Pequenas hastes enfiaram-se no meu estômago e pressionavam contra meu peito.

— Isso é realmente necessário? — Eu perguntei sem fôlego.

Ela soprou ar para fora do seu nariz como um cavalo aborrecido e ergueu o seu xale para mostrar uma minúscula cintura de ampolheta.

— Eu não sei de onde você veio —, ela disse. — Mas nesse mundo, querida, uma dama não vale nada além do tamanho da sua cintura.

— Eu espero que a comida não seja muito boa, então. — Eu disse, e ela gargalhou.

A seguir veio o vestido, o qual tinha laços e bordado por cada centímetro. Eu me atrapalhei com ele, mas não podia descobrir aonde minha cabeça ia. Pareceu ter três mangas. Sra. Cleavers suspirou pesadamente antes de apanhá-lo novamente e estendê-lo para mim com a menor manga – a qual estava realmente no pescoço – aberta. Eu mergulhei através dele e o puxei para baixo. Ele era pesado e grosso, e eu senti como se eu estivesse vestindo uma roupa de mergulho de nove quilos. As mangas iam a todo o caminho até minhas articulações e se enganchavam sobre meus polegares. Junto dos pulsos, outro conjunto de laços esperava pelo puxão impiedoso da figurinista.

Ela laçou e puxou todas as amarras. O vestido estava confortável contra cada centímetro da minha pele até ele encontrar meu quadril, onde

¹² Personagem principal do filme *E o Vento Levou*.

ele se alargava como uma cauda de sereia. Uma cachoeira de babados em cascata saía do meu bumbum. Ela me arrastou a um espelho de corpo inteiro e o inclinou para mostrar minha figura inteira.

Eu tinha sido transformada em uma curvilínea bomba da Era Vitoriana. Ou uma bomba Gótica, talvez, porque mesmo um traje que cobria cada centímetro de pele, havia algo decididamente sombrio e sexy sobre a coisa.

Eu sorri e corri minhas mãos para baixo na minha cintura perfeitamente curvada.

— Não se dê por satisfeita ainda, criança —, ela me interrompeu, lendo minha mente. — Você ainda tem cabelo e maquiagem para se fazer. E botas. Botas primeiro.

Ela abriu o topo de outro baú, e o cheiro de couro saiu. Eu escorreguei no par de meias que ela tinha me entregue, e ela começou a arremessar botas ao chão aos meus pés, me instando a experimentar um par após par até eu encontrar aquelas que cabiam em mim como uma luva. Elas eram altas, de couro de bezerro e pretas com saltos pouco excitantes. Uma vez que as botas foram laçadas todo o caminho até em cima e cruelmente apertadas no meu traje pessoal de época, eu verifiquei o espelho novamente e sorri.

Mãos firmes me forçaram na cadeira. Meu escuro, cabelo ondulado estava solto e despenteado, e ela começou a arrastar uma escova de prata através das mechas sem piedade. Eu resmunguei em dor. Ela gargalhou.

Um minúsculo prato de grampos de metal apareceu e eram distorcidamente abertos da sua boca e espetados no meu crânio. Contra sua inclinação natural, meu cabelo selvagem foi moldado em um tipo adequado de coque solto. Ela quase chameuscou meu nariz com um par de pinças de bronze enquanto ela criava pequenos cachos com um bocado de mechas de cabelo ao redor do meu rosto e orelhas que normalmente me faziam sentir como o inferno.

Como a *pièce de résistance*^{*13}, ela produziu uma longa, forquilha de

¹³ Seria traduzido do Francês como; A melhor parte.

metal com um punhado de penas pretas e, supérfluos presos e a apunhalou em uma lustrosa pilha de cabelo. Eu virei minha cabeça para admirar o efeito e vi um crânio de coelho encerado situado dentro de penas de pavão e fitas.

— Você reage como se nunca tivesse visto um fascinator*¹⁴ —, ela disse.

— O que é um fascinator? — eu perguntei.

— Fascinator? Eu mal a conheço! — ela chorou, depois gargalhou até que ela estivesse chiando.

Eu não queria gargalhar, mas eu não pude me impedir. Ela provavelmente esteve esperando dez anos para usar essa piada em uma idiota como eu.

— Vocês Estranhos me matam, moça —, ela disse, esfregando seus olhos com um lenço de mão.

— Então eu terminei agora? — eu perguntei.

— Um pouco de pintura antes —, ela murmurou enquanto ela espetava minhas delicadas órbitas com um afiado lápis que ela umedeceu com sua língua.

— Eu geralmente não uso muita maquiagem —, eu disse.

— Você irá aprender.

Ela desenhou meus olhos e esfumagou ao redor deles, depois produziu uma jarra de vidro com pó branco.

— Isso não é chumbo branco, é? — Eu perguntei, lembrando-me de algumas histórias na minha aula de história na escola sobre as coisas ridículas que as mulheres usavam para se embelezar.

— Chumbo? Certamente não —, ela disse. — É giz e beladona*¹⁵.

Eu me lancei para trás quando o pincel se aproximou do meu rosto.

— Beladona é venenoso, também —, eu disse. — Eu não quero isso.

— Você vai ter que usar —, ela disse, pisando na minha direção ameaçadoramente.

¹⁴ São peças de adorno de cabeça feitas de penas, pedrarias e plumas.

¹⁵ Beladona é uma das plantas mais tóxicas encontradas no hemisfério ocidental.

— Eu não vou.

— Você vai.

— Eu me recuso.

— Eu direi ao mestre —, ela avisou.

— Ótimo. Diga a ele que eu não quero morrer. Veja o que ele diz.

Seu lábio inferior começou a tremer, e então ela explodiu em gargalhada novamente. Essas pessoas bizarras e suas gargalhadas estavam começando a me ganhar. Eu só tinha conhecido dois carnivalleros até agora, e eles dois gargalhavam como maníacos em instantes de me conhecer. Jeff teria odiado isso, mas eu estava começando a suspirar por isso.

Suas minúsculas botas clicaram até a porta, e ela enfiou sua cabeça para fora e gritou —, Mestre Stain, a dama não quer pó. Diz que é venenoso, e ela não quer morrer. — Eu pude ouvir suas elegantes gargalhadas carregando através da rachadura na porta.

— Se ela não quer pó, então não use pó! — ele gritou.

— Mas senhor—

— Sem, mas, Cleavers. É escolha dela. Ela irá se destacar sem importar o que ela faça. Ser uma amarelada fora de moda é o menor dos seus problemas.

Quando ela se virou de volta para olhar para mim, eu sorri presunçosamente.

— Ótimo —, ela vociferou. — Sem pó. Mas você vai usar rouge.

— Ótimo —, Eu disse. — Enquanto não seja feito de bateria ácida e Drano*¹⁶.

— Eu não sei o que esses são. — Ela bufou. — Mas você está usando isso, da mesma forma.

Dessa vez, ela tinha um delicado pincel pequeno e um pote de porcelana de brilhante pasta vermelha. Eu imaginei minhas bochecha pintadas com uma grande, circular mancha como uma boneca chinesa. Mas

¹⁶ É uma marca de desinfetante da Johnson & Son, de cor avermelhada.

aparentemente, *rouge*, era sua maneira de chamar batom, porque ela cuidadosamente pintou meus lábios com a coisa vermelha pegajosa, o qual era mais brilhante do que sangue. Ninguém além de astros de filmes podiam se submeter àquela cor vermelha no meu mundo. Eu tentei imaginar como ele iria aparentar contra o pó branco e o vestido Borgonha e decidi que eu estava sentenciada a me assemelhar a uma carta de baralho. Como a Rainha de Copas.

— Tudo pronto —, ela disse. — E graças às deusas. Você é mais difícil de embelezar do que uma criança mimada.

— Me desculpe por causar problema a você —, Eu disse, lembrando das minhas maneiras.

Eu podia dizer que ela era uma daquelas pessoas aparentemente inconsequentes e que realmente têm poder. Eu não queria cortar todas as ligações com ela. E mais, ela me lembrava da minha avó, quem agia rude apenas para testar a sua paciência e ver se você valia à pena conhecer.

— Eu não entendo as maneiras daqui. Obrigada por me ajudar.

Eu fui abraçá-la, e ela recuou com um arfar.

— As coisas devem ser muito diferentes de onde você veio —, ela disse com um estranho tom na sua voz, e foi quando eu finalmente percebi que ela era a mesma coisa que Criminy, um bebedor de sangue. Eu não sabia por que eu não tinha feito a conexão mais cedo, como, digamos, quando eu vi as garras negras. Criminy tinha essas, também, sob suas luvas? Isso seria mais uma desvantagem de se envolver com ele, sem importar que eu quase derretia toda vez que ele sorria para mim.

Sra. Cleavers selecionou uma garrafa de uma pequena mesa e borrifou uma grande quantidade de perfume sobre minha cabeça. Eu podia sentir as minúsculas gotas frias acomodarem-se no meu rosto. O cheiro de rosas vermelhas me envolveu, e eu espirrei.

Ela inalou e disse —, Assim está melhor. Mas não tente abraçar um Bludman, tá? E aqui está o seu xale.

Ela me ofereceu uma peça de tule preto, mas eu disse, — Não,

obrigada.

— O Mestre pode ter permitido que você recusasse a pintura, mas todas as damas usam xale —, ela disse, escandalizada.

— Eu não —, eu disse.

Enquanto eu me virei para a porta com mau humor, alguma parte do meu cabelo feito caiu, e meu braço disparou para cima para pegá-lo antes que tudo viesse tombando abaixo. Ao mesmo tempo, Sra. Cleavers reclamou e esticou a mão para fixar o ofendido grampo, e de alguma forma seu nariz adunco roçou sobre minha mão nua, pele com pele.

E eu senti uma sacudida, como se eu tivesse sido atingida por um raio.

6



Nós duas reagimos como se nós estivéssemos sido eletrocutadas, pulando para trás e respirando pesadamente. Quando nossa pele se tocou, uma imagem apareceu na minha cabeça como se parte de uma memória esquecida, uma que não fazia sentido. Eu vi um minúsculo macaco dourado de cartola verde abrindo a janela debaixo da escuridão da noite e derramando algo dentro da jarra de pó com a qual Sra. Cleavers tentou embranquecer minha pele.

Tão rapidamente quanto veio, a imagem se foi. Nem um segundo se passou, mal um fôlego.

— Você viu isso? — eu disse.

— Eu senti isso —, ela disse. — Você tem sorte que eu tenho duzentos anos de auto-controle, passarinho.

— Não, isso não —, eu disse. — Você viu a imagem, a coisa com o macaco?

— Que macaco? — ela disse, seus olhos com fendas desconfiadas.

— Eu senti esse sobressalto, e eu vi essa imagem de um macaco de chapéu colocando algo no seu pó facial —, Eu disse. — Não é por isso que você está tão ofegante, também?

— Esse macaco —, ela disse —, como ele se parece?

— É um minúsculo macaco, menor do que o de Criminy, e estava usando uma cartola verde.

— Elvis. — Ela cuspiu. — Eu deveria saber.

Ela ergueu a jarra de pó e a cheirou, depois a sustentou na lâmpada.

— Sem cheiro, sem cor —, ela murmurou para si mesma. Depois ela me perfurou novamente com seus penetrantes, olhos escuros. — Você diz que você viu? Bem agora? Em um sonho?

Eu assenti.

— Você alguma vez já viu tais coisas antes?

— Não, não assim —, eu admiti.

Ela abriu a porta e chamou suavemente —, Mestre, ela está pronta para você.

Quando Criminy entrou, seu rosto estava esperançoso de uma maneira que eu achei muito cativante, mesmo se eu não quisesse. Ele me viu, e seus olhos se iluminaram. Eu poderia jurar que eu vi sombras dançando contra o fogo ali, e ele esticou a mão pela minha cintura significativamente menor e me ergueu em um rodopio, depois tentou me guiar em um pequeno passo de dança. Eu esperei que as saias esconderiam minha falta de habilidade e rezei que meu rosto fosse esconder a excitação que passou por mim quando ele me tocou, mesmo através de todo aquele tecido.

— Você é uma visão, Letícia —, ele disse.

Jeff sempre me chamou de Tish, pensando que “Letícia” soava fora de moda e bobo. Mas eu gostava da maneira com que isso soava quando Criminy dizia, feminino e encantadoramente formal.

— Muito bem, Cleavers. Você dourou a rosa.

Ela inclinou uma reverência, mas seus olhos astutos nunca me deixaram.

— Mestre, você sabia que ela é uma vidente? — ela disse.

— Sério? — ele respondeu suavemente.

Ele largou minha mão e me encarou. O peso combinado do seu olhar era esmagador.

— Eu fiz algo errado? Eu não sei o que uma vidente é.

— O que aconteceu? — ele perguntou para ambas.

— Eu não tive a intenção, senhor, mas nós nos atrapalhamos e tocamos a pele —, ela disse, um pouco envergonhada. — Eu pulei para longe bem rapidamente, então não há motivos para se preocupar com isso. Mas ela teve um vislumbre.

— Fascinante —, Criminy disse. — Por favor esclareça, querida.

Eu repeti o sonho para ele em tantos detalhes quanto eu podia me lembrar, desesperadamente esperando que eu não fosse tão maluca quanto eu me sentia. Ele escutou, mortalmente sério, e disse —, Traga-me o pó.

Ela o colocou na sua mão, e ele abriu a tampa e cheirou. Ele agarrou seu paletó do chão onde eu tinha deixado-o e vestiu, esticando seu colarinho e acertando os punhos. Ele puxou um minúsculo frasco de um bolso interno, torceu a tampa, e deixou uma gota do líquido cair no pó. Ele chiou, e uma nuvem borbulhante de fumaça verde ergueu no ar, fazendo meus olhos queimarem.

— Maldito —, ele disse debaixo da sua respiração.

— Cyanote.

Sra. Cleavers arfou e colocou sua mão na testa, como se ela pudesse desmaiar. Do outro bolso do seu paletó, ele puxou um lenço de mão de seda preto. Trabalhando rapidamente, ele amarrou pequenos nós para formar uma bolsa, depois colocou a jarra inteira de pó dentro dela. Ele gesticulou uma mão sobre ela, disse uma palavra ininteligível, e estalou, e todo o pacote desapareceu.

Ele limpou suas mãos enluvadas na sua bermuda e depois se virou de volta para nós. Notando minha mandíbula caída, ele disse —, O que?

— Eu só estou impressionada —, eu disse. — Eu quero dizer, a cartola e lenços de mão e coelhos e malabarismo são muito comuns com alguns anos de prática, mas aquilo pareceu como se tivesse de fato desaparecido. Você é muito bom.

Ele gargalhou novamente, e Sra. Cleavers riu também. — Comuns? Você acha que tudo é isso? Um pouco de prática? Demorou cinquenta anos de malabarismo para banir aquela pequena jarra para minha escrivaninha a apenas alguns metros de distância. E irá demorar outros cinquenta anos antes que eu possa fazê-la desaparecer. E você tem se esquecido que eu fiz você aparecer essa manhã, também?

— Você está dizendo que isso é mágica de verdade? — Eu disse. — Isso é loucura.

— Bem, vamos ver. Você está acabando de me contar que você viu o passado em uma visão? Aquele macaco de cartola estava tentando assassinar minha figurinista chefe e pretendia fazer com o mais poderoso veneno na existência usando sua jarra de maquiagem? Se sim, talvez eu não seja o único louco aqui.

Eu ergui minhas sobrancelhas para ele.

— Bem, ótimo, eu sou o louco, mas eu acho que nós somos um par correspondente —, ele respondeu. — Esse vislumbre seu é uma adorável surpresa.

— Então quando eu toquei sua pele, eu vi... o passado? Eu sou uma psíquica?

— Isso tem que ser visto. Nós teremos que testar seus poderes antes de pintar o seu vagão.

— Meu vagão?

— Claro, amor. Nós estamos necessitando de uma cartomante, e você acabou de me salvar de um bocado de problema no processo de contratação. Você acharia que um vidente verdadeiro saberia quando e

onde aparecer para uma entrevista de emprego, mas de alguma forma os antigos enganadores nunca fazem.

— Você está sendo terrivelmente presunçoso —, eu disse.

— Tudo bem —, ele disse com uma risada alta. — Nós iremos fazer a sua maneira. Madame Letícia Paisley Everett, eu tenho o prazer de oferecer a você seu emprego como uma cartomante na minha caravana. O pagamento será quarto, alimentação, e duzentos cobs por ano. Gostaria de aceitar, ao menos até você conseguir ganhar controle da viagem interdimensional e retornar para o seu antigo mundo?

Eu pensei nos coelhos, cavalos, Policiais, e outros, menos distintos Bludmen, e no enorme, pesado mundo exterior. Eu não tinha uma escolha, mas eu apreciei o reconhecimento dele de que eu precisava *sentir* como se tivesse uma.

— Eu graciosamente aceito sua oferta, Sr. Stain —, Eu disse com uma reverência incômoda.

— Mas senhor —, Sra. Cleavers interrompeu —, e sobre Elvis?

— Nós teremos um bate-papo —, ele disse sombriamente. Sua boca se contorceu em um cruel, sorriso impiedoso que me lembrou de um buraco cheio de estacas afiadas. O que quer que ele fosse para mim, eu estava contente que ele estava ao meu lado.

— Mas primeiro, vamos encontrar algumas luvas —, ele disse, colocando o seu sorriso para longe como um pistoleiro embainhando sua pistola. — Vocês duas tiveram sorte dessa vez, mas isso não deve acontecer novamente.

Sra. Cleavers abriu outro baú e trouxe para mim um par de luvas cinza escura com botões de pérolas. Eu podia senti-la mantendo a distância, tentando ficar longe de mim. Eu me perguntei o que a assustava mais – o pensamento de me tocar e sentir o que quer que a tenha chocado ou de eu tocando-a e vendo algo mais, quer fosse o passado ou futuro. Eu deslizei as luvas e estiquei meus dedos e encolhi de ombros. Meu vestiário era confinado, e eu não pude evitar além de me sentir claustrofóbica. E presa.

— Eu nunca estive tão coberta —, Eu disse. — É sempre desse jeito?

— Se você é uma esperta pequena Pinky, sim —, disse Criminy. — Você irá se acostumar com isso.

Ele me conduziu para fora da porta e desceu as escadas. As pessoas tinham finalmente começado a aparecer ao redor dos vagões, e era muito difícil não encarar, porque elas eram pessoas muito estranhas fazendo coisas muito estranhas.

Mais perto de nós, uma corda esticada pendurada entre dos postes, e uma jovem mulher entediada pintada como uma marionete estava dirigindo um monociclo para frente e para trás. Sua fantasia era feita de pálido couro roxo com diamantes amarelos de arlequim, laçadas no pescoço, pulsos, e tornozelos e com um tutu*¹⁷ babado de couro. Com todo aquele laço, ela tinha que ser humana. Uma Pinky, como eu. Nos localizando, ela animou-se.

— Bom dia, Mestre Stain —, ela chamou. — Quem é a nova garota?

Criminy acenou educadamente, mas não respondeu.

Debaixo da sua corda esticada estava um homem com um ninho de cabelos ruivos ondulados, sua blusa desabotoada para mostrar um peito sem pêlos. Um fantoche de nariz grande ao redor do seu pescoço em uma corrente invisível. Vários outros fantoches estavam espalhados sobre um baú na proximidade. As luvas do homem eram escarlates, e ele estava tão focado na ciclista acima que ele nem sequer nos cumprimentou quando nós passamos.

— Ele está apaixonado por ela —, Criminy sussurrou, seu fôlego fazendo cócegas nos cachos que pendiam no delicado ponto atrás da minha orelha. — Ele continua com esperanças que ela caia e quebre seu pescoço, para que ele possa transformá-la sem culpa e ser o seu cavalheiro de armadura brilhante.

Eu não sabia o que dizer sobre isso. Nas estórias de vampiros que eu tinha lido, o vampiro normalmente apenas fazia o que ele quisesse e que se

¹⁷ Tutu é o nome dado a saia do vestuário das bailarinas.

danasse as consequências. Havia um estranho equilíbrio de poder em jogo nesse mundo, se os bebedores de sangue passassem suas vidas olhando ansiosamente para uma garota entediada em um monociclo.

O carro seguinte era um aquário. Atrás do grosso, ondulante vidro, flutuando em água azul cristalina e, emoldurado por suaves plantas aquáticas ondulantes, estava uma sereia.

Eu tive que olhar duas vezes para confirmar. Sim, uma sereia, completa com cauda azul prateada.

Lindo cabelo loiro ondulado ao redor da sua cabeça e, ela tinha conchas de ostras brancas sobre seus seios. Seus olhos estavam escuros com Kohl e presos em Criminy. Quando nós estávamos bem na frente dela, ela nadou até o vidro e beijou-o com uma piscadela atrevida ao meu acompanhante.

— Sirena —, Criminy disse. — A sereia. Um pouco de uma mulher desmazelada. Tentei ensiná-la magia uma vez, mas ela não aprendeu tudo. — Ela estava acenando loucamente, então ele acenou de volta com um sorriso entediado, dizendo —, Sim, sim, nós vemos você. Chega com isso.

A sereia fez uma careta para nós e deu uma cambalhota, batendo na superfície da água com sua cauda. Eu berrei enquanto gotículas geladas borrifavam sobre mim, e Criminy me puxou para mais perto. Meu coração acelerou enquanto ele gentilmente enxugava meu rosto com um lenço vermelho brilhante.

— Esqueci uma gota —, ele disse, sua voz calma e rouca. — Bem aqui.

Seus lábios quase roçaram nos meus. Eu queria empurrá-lo para longe. Eu deveria ter virado minha cabeça e o estapeado por tirar proveito de mim. Mas eu estava tão ocupada impedindo os meus joelhos de cederem e derreter em uma poça aos seus pés. O toque foi breve e escaldante, e tudo o que eu pude fazer foi recuar e pigarrear. Criminy não se desculpou. Ele apenas sorriu.

Sirena bateu no vidro com sua mão e foi de mau humor para detrás de

uma planta aquática. Antes que eu pudesse perguntar se ela era falsa ou verdadeira ou realmente mágica, Criminy me guiou ao outro vagão e ao homem forte, Torno. Ele era quase um gigante, com enormes músculos e encerado bigode negro com pontas curvas. Ele vestia um terno castanho de couro que se estendia ao seu pescoço e para dentro da mais estranha crista que eu já tinha visto, moldada apertadamente ao redor das suas orelhas e queixo. Eu não podia imaginar o quanto desconfortável e suado tinha que estar dentro dessa roupa.

Enquanto ele fazia agachamentos, ele segurava um sofá-chaise de veludo vermelho sobre sua cabeça. Sentado afetadamente nele estava um garoto de duas cabeças, de quatorze anos mais ou menos. Ambas as cabeças tinham cabelo desgrenhados com a cor do nada e olhos escuros que eram astutos e carrancudos. Os colarinhos abertos me disseram que eles eram Bludmen, e eu observei enquanto cada mão erguia uma xícara de chá para uma boca diferente, as quais sugaram e deram um gole como apenas um adolescente podia. Quando as xícaras retornaram para os pires, os lábios estavam pintados com sangue. Ambas as cabeças sorriram sinistramente para mim, mostrando dentes manchados de vermelho. Eu estremeci, e Criminy me empurrou adiante, dizendo —, É rude encarar ao menos que você esteja pagando, querida. Eles nasceram dessa maneira.

— Eu não estava olhando para as suas cabeças —, Eu disse. — Eu estava olhando para os dentes ensanguentados.

— Você se acostuma com isso.

Logo em seguida, uma estranha mulher passando por nós prendeu minha atenção. Ela realmente estava engolindo primeiro a cabeça de uma pitom^{*18} como se fosse a coisa mais normal no mundo. Sua pele era de um profundo preto anil, e seu cabelo caía em mechas até a sua cintura. Ela vestia nada além de espartilho brilhante, calções, e botas de pele de cobra que vinham aos seus joelhos.

— Eu não posso dizer —, Eu sussurrei para Criminy quando ela tinha

¹⁸ Cobra.

passado. — O que é ela?

— Veruca Lindenfain, Abyssinian engolidora de espadas, fogo, e cobras —, ele disse. — Abyssinians são humanos, mas seu sangue é tão poderoso que nada irá beber dele. Nem mesmo um rato-blud quer ficar cego e louco. Traz muito dinheiro para nós, sabe, atraí uma enorme multidão onde quer que nós formos. Não há muito da sua espécie por aí, capaz de andar em ambos os mundos e engolir fogo, também.

A seguir estava o garoto lagarto, esticado em um toco, dormindo. Ele pareceu como um perfeito adolescente normal que acontecia de estar coberto de escamas de um doentio verde pálido. Uma longa língua bifurcada batia enquanto ele roncava.

— Ele precisa da luz do sol —, disse Criminy. — Ou então é o que ele diz. Eu acho que ele é apenas um sujeito preguiçoso.

O trailer ao lado do garoto lagarto estava pintado de roxo e rosa. Eu sorri para as duas garotas bonitas sussurrando no telhado. Mesmo quando plantando bananeira em cadeiras a três metros do chão, elas pareciam tão inocentes e femininas e felizes.

— Cherie e Demi. As Irmãs Sinuosas —, Criminy meditou com um carinhoso aceno. As garotas acenaram de volta – enquanto ficavam em uma mão cada uma. — Não se preocupe – elas são as duas blud, então mesmo se elas caírem, elas estarão bem. Eu encontrei Cherie em um orfanato em Londres, e Demi era uma Estrangeira, sangrando sob a lua. Agora elas são tão próximas, quanto, irmãs verdadeiras e as melhores contorcionistas que eu já conheci. Eu tenho um bocado de sorte a minha volta, sabe.

— Talvez não seja sorte —, eu disse.

— Talvez —, ele murmurou, mas eu podia dizer que ele estava satisfeito consigo mesmo e tinha um orgulho quase paternal com seus estranhos carnivalleros. Havia mais mágica sobre Criminy Stain do que ele retirava do seu chapéu.

Mais e mais as pessoas emergiam da caravana para treinar, mas nós paramos na frente de um vagão solitário em azul claro que mostrava um

pouco de desgaste. Palavras pintadas tinham sido raspadas recentemente e violentamente. Criminy removeu um anel de chaves ornamentadas de outros bolsos misteriosos do seu paletó, selecionando uma, e trabalhou abrindo a porta. Estava almiscarado e escuro no interior, com mobílias quebradas e de ponta cabeça. Havia um distinto cheiro de cachorro. Meu nariz coçou.

— Desculpe, amor —, ele disse. — O garoto-lobo deixou um bocado de bagunça antes de fugir.

Ele me guiou para dentro e apertou um botão na parede. Uma série de lâmpadas zumbiu a vida, banhando o espaço escuro em uma vacilante luz laranja e revelando velho papel de parede listrado de veludo preto sobre um prateado brilhante.

— É considerado um bom tamanho —, ele disse —, para alguém cortando os dentes. Nós vamos bater os tapetes, lavar os lençóis, consertar a mobília. Bom como novo na hora de dormir. Isso irá servir para você?

Eu caminhei ao redor, tocando as coisas. Uma poltrona tinha sido reduzida a uma pilha de gravetos, e o estofamento estava saltando de um sofá de seda com rasgos paralelos. Ia precisar de muito trabalho para torná-lo habitável, mas eu não ia mencionar minhas dúvidas sobre os poderes dele como um mágico ou superintendente. Todos pelos quais nós passamos no nosso caminho, tinham se curvado ou feito uma reverência com profundo, e de alguma forma temeroso, respeito. Criminy Stain era um homem que fazia as coisas acontecerem.

— Enquanto eu tenha um lugar seguro para dormir, eu estarei bem —, eu disse. — Por favor, me diga que os pijamas aqui não têm laços acima até o pescoço.

— A porta tranca do lado de dentro —, ele disse, apontando para quatro diferentes tipos de trancas na porta da frente. — E é a única entrada. Sem janelas. Feito para Pinkies, veja você. Mas nós iremos conseguir para você um mecanismo robotizado assim que possível, também, para ficar de guarda.

Seus olhos viajaram sobre meu vestido como aqueles de um cão olhando da janela de um açougueiro. — Você pode dormir em qualquer coisa que você goste —, ele murmurou.

Eu corei e fingi inspecionar a pintura em uma moldura dourada. Ela mostrava uma horda de elefantes atropelando um leão.

Ele pigarreou. — Agora que nós estamos sozinhos. Eu gostaria de tentar o vislumbre —, ele disse. — Como seu chefe, eu preciso saber o que você pode fazer.

— Eu não sei como —, eu admiti. — É mais como algo que aconteceu comigo e não algo que eu fiz de propósito. Eu não tive a intenção de tocá-la.

— Tente —, ele disse, e ele pegou minha mão esquerda, aquela com a bússola manchada na palma. Ele olhou dentro dos meus olhos enquanto lentamente desabotoava os três botões e puxava cada dedo da minha luva para soltá-la. Eu apenas fiquei ali, hipnotizada e respirando rápido. Com um sorriso manhoso que fez minhas pernas parecerem como geléia, ele trouxe a luva à sua boca e gentilmente mordeu a ponta do dedo médio. Enquanto ele segurava meu pulso em uma mão, ele lentamente removia a luva com seus dentes. Eu não tinha ideia como eu consegui permanecer de pé, pois possivelmente foi a coisa mais sexy que alguma vez já aconteceu comigo. E nossa pele não tinha sequer se tocado.

A luva caiu no chão, e ele guiou minha mão para a abertura no pescoço da sua camisa. Ele fechou seus olhos ao mesmo tempo em que eu o tocava, sua cabeça caindo para trás.

E então o sobressalto.

Em um segundo, eu vi, a imagem preencheu minha mente e ameaçou explodir para fora de mim. Eu arfei e caí de joelhos. Ele me seguiu ao chão e me segurou pelos ombros como se eu fosse voar para longe.

— O que? O que é? Letícia, você está bem? O que você viu? — ele disse, procurando no meu rosto enquanto eu piscava com olhos arregalados.

— Nada —, eu sussurrei.

— Você está mentindo —, ele disse.

Eu fiquei em silêncio. Ele me ergueu de volta aos meus pés instáveis, e nós nos encaramos, outro concurso de vontades.

Ele ergueu suas sobrancelhas. Eu não ia sair dessa tão facilmente.

— Eu não posso contar a você o que eu vi —, eu finalmente admiti.
— Eu apenas não posso.

Eu não podia contar para ele que eu estava abalada até a medula.

Eu encolhi de ombros para longe do seu aperto e peguei minha luva do chão. Eu virei de costas enquanto eu a deslizava e desajeitadamente a abotoava. Era tão íntimo quanto se vestir após uma transa sem compromisso, e eu não podia encará-lo até que minhas mãos estivessem seguramente cobertas novamente. Mas eu senti seus olhos nas minhas costas, exercendo seu poder. Ou tentando.

— Por que você não irá me contar, amor? Era algo ruim?

— Eu não posso contar a você —, Eu repeti estupidamente.

— O que quer que seja, é importante, eu preciso saber —, ele disse. — Foram os Policiais? Um incêndio? Prisão? Veneno? Drenagem? Morte? — Ele pausou e, com uma desafiante inclinação da sua cabeça, perguntou —, Ou você viu algo do meu passado?

— Eu não posso contar a você.

— Eu não estou acostumado a ser exasperado —, ele disse, sua voz rouca com sentimento. — Eu não quero forçar você a me contar, mas eu irei, se eu precisar.

— Você não pode me forçar a fazer nada —, eu disse. — Eu não irei contar.

— Conte-me.

— Não.

— Conte-me!

Ele me girou de volta para encará-lo, e o olhar no seu rosto era aterrorizante e mais do que um pouco excitante. Raiva e perigo e excitação e desejo estavam eloquentes em suas penetrantes feições lapidadas. Ninguém jamais teve poder sobre ele, e agora eu tinha, uma insignificante

Pinky. Uma humana.

— Olhe —, eu disse. — Nada vai acontecer com a caravana. É meu problema, não seu.

Ele colocou suas mãos nos meus ombros, e eu pude sentir a tensão entre nós através das luvas e do grosso brocado, como ímãs que não podiam decidir se repelia ou atraía.

— Seus problemas são meus problemas, por tanto tempo quanto você estiver nesse mundo —, ele disse. — Você não vê? Eu trouxe você aqui. Eu sou responsável por você. Você é minha.

— Como é que é? — Eu lati. — Você não é meu proprietário. — Eu tentei me arrastar para longe dele, mas ele me segurou apertadamente, suas mãos tão fortes quanto ferro envoltas em veludo.

Jeff tinha me chamado de sua responsabilidade, seu bebê, sua querida. Seu, seu, seu. Meu instinto era fugir de Criminy, também. Ainda assim, eu senti que ele quis dizer algo diferente quando ele disse, “Você é minha.” Mas o que quer que essas palavras significassem nesse mundo, o que quer que elas significassem para ele, eu não me deixaria ceder.

Eu me arrastei para longe, mas ele apenas me segurou mais apertado, e meu coração não estava com ele. A visão tinha roubado meu fogo. Parte de mim estava tentada a apenas fundir-se nele. Claro, eu sentia o que ele sentia, a energia e calor e inexplicável desejo entre nós. Mas debaixo disso, no meu núcleo íntimo, estava uma feroz necessidade de liberdade. Uma teimosia rebelde.

E eu não podia me esquecer da constante preocupação sobre Nana, distante em outro lugar, esperando por mim, precisando de conforto e cuidados que apenas eu podia dar. Eu tinha uma vida ali, no meu outro mundo, uma vida que eu estava começando a reconstruir. Essa nova, confusa visão do meu futuro era demais. Eu fechei meus olhos.

— Eu não sou sua. Eu nem sequer trabalho para você ainda. Meu nome é Tish Everett, e eu pertenço a mim.

— Não, querida —, ele disse, dando um ameaçador passo mais perto.

— Você pertence a mim.

— Eu não.

— Não ainda.

Ele suspirou e puxou a sua cartola de algum lugar do seu paletó. Ele a bateu contra sua perna e a rodopiou acima até a sua cabeça. Depois ele olhou para mim com olhos cheios de segredos e agarrou ambas as minhas mãos. Calor floresceu entre as luvas, um sussurro das roupas sempre entre nós.

— Ache o que você quiser, amor, mas você sabe o que eles dizem dos videntes?

— Eu não —, Eu disse, olhando para baixo para evitar seu olhar ardente.

— Eles podem ver o futuro de todos exceto o seu próprio.

Eu fechei meus olhos e neguei com minha cabeça.

Ele estava errado novamente, entretanto. Ao tocá-lo, eu tinha visto o que iria acontecer comigo.

E eu estava assustada.

7



Passou um longo, carregado momento, dele esperando para eu olhar para cima, e de mim esperando por ele me soltar. Quando a batida veio da porta, suas mãos caíram, e meus olhos se abriram. Nós nos afastamos um do outro. Eu cruzei meus braços sobre meu peito e tentei me recompor. Ele alisou seu cabelo e chutou uma cadeira, reduzindo-a outra pilha de restos de madeira.

— Entre —, ele disse, recomposto e no comando, mais uma vez.

— Sinto muito por interromper, senhor —, veio uma alta, inquieta voz. — Mas você me chamou?

A cabeça que espiou através da porta parecia alienígena, até eu perceber que o homem estava usando óculos de aviador de couro que cobriam sua cabeça e pescoço. Seus olhos tinham se tornado enormes e, ele piscou com medo e soluçou um guincho a velocidade de uma coruja.

— Obrigado, Vil —, Criminy disse. — Por favor, faça com que esse vagão se torne habitável para a nossa mais nova estrela. Por essa noite.

O homem puxou um jornal rasgado e uma caneta de bronze da sua agitada jaqueta de couro e lambeu o topo da caneta, dizendo —, E o que é para ser pintado na lateral, senhor?

— Tenha pintado, ‘Dama Letícia, Leitora da Sorte,’ — Criminy disse grandiosamente. — Se isso lhe convier, claro.

Eu bufei. — Eu não sou em nada uma Dama, e eu não sei se eu posso realmente ler a sorte.

— Eu digo que você é e que você pode —, ele disse para mim. — E pinte em Borgonha para combinar com o meu, Vil —, ele acrescentou. — Com letras douradas.

— Sim, senhor, cl-claro —, o homem gaguejou antes de desaparecer.

— Parece como uma enorme quantidade de problemas —, eu disse suavemente. — Especialmente se eu não posso ser o que você quer que eu seja. Se eu partir.

— Você não está partindo —, ele disse firmemente. — Ao menos que você tenha um enorme talento natural por mágica ou que você saiba como abrir a porta ao seu mundo, a qual é uma de muitas. Eu não acho que isso vá acontecer. Não por alguma centena de anos, ao menos. É melhor ficar confortável, amor. Você é uma cigana agora.

— Mas... eu? Uma cigana vidente? Isso é cômico —, eu disse, olhando para os meus pés e corando.

Ele me rodopiou pelos meus ombros e apanhou subitamente um lençol empoeirado de um espelho de corpo inteiro. Garras estriavam perpendicularmente à superfície, deixando quatro cortes que furavam através da prata e para dentro da moldura ornamentada. O garoto-lobo deve ter estado furioso.

E ali estávamos nós.

Era uma visão, como aqueles falsos retratos que os turistas faziam deles próprios vestidos de cavaleiros ou de prostitutas do Velho Oeste, exceto que

essa era real. Ele estava atrás de mim, suas luvas emoldurando meus ombros, e juntos nós éramos resplandecentes. Onde eu era exuberante e curvilínea, corada com sangue e maquiagem e brilho, ele era sobressalente e elegante e duro como vidro. O crânio do fascinator tremeluziu do meu cabelo empilhado, e meu rosto se ergueu do alto, apertado pescoço do vestido como uma lua cheia sobre uma paisagem escura.

— ‘Cômico’ não é a palavra que eu usaria —, ele disse.

— Wow —, Eu disse, virando minha cabeça para trás e para frente, tentando me convencer que isso era real.

— De onde quer que você venha —, ele disse —, o que quer que você ache, você é uma dama e uma vidente e uma cigana. E videntes verdadeiros são raros.

— E se eu vir algo quando eu tocá-los – algo que eu não queira ver? — Eu perguntei. — Algo horrível.

— Se você pode ajudá-los e evitar problemas, como você fez com Sra. Cleavers, então você estará realizando um serviço vital —, ele disse. — E eles irão pagar por isso. Nem todos nesse mundo são felizes e seguros. A maioria não é, realmente. Se você não puder ver algo ou se você vir algo inevitavelmente miserável, aprenda a mentir para eles. Você irá pegar o jeito rápido, e você pode praticar nos carnivalleros essa noite.

— Eu nunca representei —, Eu disse. — Eu tenho fobia de palco.

Ele puxou um relógio de bolso do seu colete e, depois verificando e dando corda nele, disse —, Nós não abrimos por outro dia. Com um pouco de prática, você fará bem.

— Qual é minha alternativa?

— Sua alternativa? — Ele disse lentamente, deixando a palavra desenrolar em um aviso mortal.

— Sim. Se eu não quero viver aqui e usar um estúpido turbante e ler as palmas?

— Tendo segundas intenções, amor?

Mãos nos quadris, ele considerou suas botas. Eu escolhi a cadeira com

aparência mais forte e me sentei, um bufo de poeira erguendo a minha volta.

— Se você não quer o que eu ofereço – com o qual você já concordou – você tem duas escolhas. Se arriscar e ser comida por criaturas do bosque, deixando para trás um terrível bonito esqueleto. Ou eu posso levar você até a próxima cidade e entregar você aos Policiais enquanto você está viva.

— E isso é uma coisa ruim, certo?

— Como explicar isso? — Ele se sentou na espreguiçadeira arruinada e se inclinou sobre uma baixa, mesa oval. Com um dedo enluvado, ele desenhou um coelho na poeira. — Esse nosso mundo, é governado pelo sangue. Costumava haver equilíbrio, mas agora há muitos de nós. Algo mudou, e todos os animais transformaram uns aos outros até toda criatura correndo selvagememente ter presas. — Ele desenhou presas no coelho e depois estalou os dedos, e de repente havia dúzias de minúsculos, coelhos com presas na poeira.

Ele tinha feito coelhos de poeira. Eu sorri. Mas ele estava sério.

— Então os Pinkies pegaram todos os animais normais que eles puderam apanhar e os colocaram atrás de altas cercas, onde nada pudesse transformá-los. Cidades foram fortificadas, com labirintos de paredes ao redor dos seus preciosos gados e porcos e ovelhas. Agora os moradores da cidade gastam cada segundo com roupas apertadas ao redor das gargantas e pulsos para impedir de despertar os Bludmen que eles não podem evitar e altas botas para esmagar os ratos-blud que eles nunca erradicaram completamente.

— Isso soa horrível —, Eu disse.

— Acontece que eu concordo —, ele disse com um sorriso torto. — Mas algumas centenas de anos atrás, uma das mais fortes cidades elegeu um grupo para manter o equilíbrio entre bebedores de sangue e supostos inocentes. O Consórcio do Equilíbrio do Cobre, eles se denominam. Por causa, claro, do sangue ter gosto de cobre e de valer dinheiro, o qual é feito de cobre. Tão inteligente. E isso espalhou de cidade a cidade até que os

Policiais tomaram completo poder. Eles fazem as regras. Eles punem os infratores das regras. E eles se certificam que os bebedores de sangue, sejam animais ou Bludmen, nunca assumam o controle. De nada.

— Então os Bludmen na cidade – eles se parecem com pessoas normais?

Ele bufou. — O que é normal, amor? Eles gerem empresas e aceitam frascos de sangue como pagamento, assim como nós. Mas eles são domesticados, intimidados, deturpados, como eu vejo. Os Pinkies amam isso, porque sangue é, depois de tudo, uma fonte rentável. Mas qualquer Bludman que bebe diretamente de um Pinky é imediatamente destruído.

Eu podia ouvir o nojo no seu tom. Ele se inclinou e escreveu algumas estranhas figuras entre os coelhinhos, e quando ele estalou os dedos, uma mariposa estourou em existência e flutuou ao redor da minha cabeça.

— Domesticada, tão colorida e benigna quanto papagaios —, ele murmurou.

— E você?

— O que tem eu?

— Você não é domesticado?

— Nunca —, ele disse fervorosamente. — Eu sou um cigano. Um ladino. Cruel como eles. A caravana tem um certificado especial que nos permite viajar como desejamos e parar do lado de fora das cidades e vilas. Eu faço minhas próprias regras, salvo uma: Ninguém do meu pessoal pode se alimentar de Pinkies. Os fregueses usam dinheiro ou frascos de sangue para comprar seus ingressos, e em retorno, eles se acotovelam com monstros e aberrações, andam na tênue linha de ausência de perigo nas suas gaiolas douradas. Nós damos a eles diversão; eles nos dão a comida que nos sepulta.

Ele riu, baixo e amargo. — Algumas vezes eu acho que nós somos apenas parasitas mútuos, alimentando uns aos outros em um interminável, viciante e falho ciclo. Há muita pouca magia nesse mundo, talvez. Mas parece que o nosso é um dos últimos lembretes de uma vida livre de controle.

Engraçado. A vida que ele estava me oferecendo, aquela que eu resistia tão fortemente, estava baseada em liberdade. Nós dois queríamos a mesma coisa, mesmo assim ele não pareceu entender que o amor por si só era uma gaiola, e eu não estava pronta para ouvir aquela porta dourada se fechar. Eu estiquei uma mão, hesitante, e quase rocei seu braço. Ele sorriu para mim e se inclinou para beijar minha luva.

— Não se incomode, amor. Eu estou ficando completamente filosófico. Eu nunca tive alguém com quem conversar. Eu estou feliz que você está aqui.

Eu sorri, também. Foi um momento delicado, uma espreita atrás da sua máscara. E um vislumbre do que minha vida seria do lado de fora da sua caravana. Ao contrário do meu mundo e do meu tempo, eu tinha que admitir para mim mesma que em Sang, uma mulher não podia ser ao mesmo tempo, independente e segura, quer ela esteja cheia de sangue ou faminta por ele. E então meu estômago confinado resmungou, fazendo-o gargalhar.

— Basta de filosofia —, ele disse. — Vamos alimentar você.

Era meio-dia, e o vagão estava lotado com carnivalleros famintos. Pequenas cabines se enfileiravam em ambos os lados de um longo vagão. Em uma extremidade final, um curto Buffet servia ensopado, pão, e maçãs silvestres. Na outra extremidade posicionava uma pequena mesa, coberta com uma toalha lilás estampada. Um caldeirão com misteriosa fumaça preta estava na toalha, e eu observei enquanto Criminy pegou um pequeno tubo de líquido vermelho.

Sangue.

— Isso é tudo o que você come? — Eu perguntei.

— Na maior parte —, ele disse misteriosamente. — Dois frascos por dia, quando possível, mas eu posso viver confortavelmente com um,

enquanto que ele seja humano. Com animais, requer muito mais para satisfazer. Sem qualquer sangue, eu poderia durar menos do que umas duas semanas se eu precisasse, entretanto eu ficaria fraco e rabugento e eventualmente murcharia a nada.

— Como você sabe que isso não é uma doença?

— O que é *doença*? — ele perguntou.

— Certamente você tem doenças aqui? — Eu perguntei, pasma. — Resfriados, febre, raquitismo, sarampo. Simples infecções antigas. Algum tipo de enfermidade?

— Se uma pessoa não comer ou beber, ele fica doente. Isso é diferente, no seu mundo?

Eu, uma enfermeira, tinha aterrissado em um mundo sem vírus e bactérias. Isso sequer era possível?

Carregando minha bandeja, ele me guiou para a maior, cabine cortinada em um canto. Nós deslizamos, em de cada lado da mesa, e ele mexeu nas cortinas até que nós estivéssemos em um aconchegante pequeno recanto iluminado por uma lâmpada laranja em movimento, o grosso veludo abafando os sons externos. A mesa do rei.

Eu tinha me esquecido de pegar uma bebida e comecei a procurar ao redor por algo, mas Criminy sorriu e disse —, Você irá querer vinho, não irá? Apenas um momento, amor.

Enquanto ele me deixou sozinha no recanto privado, eu ponderei sobre um mundo sem doenças. Como eu ia descrever medicina moderna a um bebedor de sangue vivendo em um mundo de dispositivos mecânicos e mágica?

Taça na mão, ele deslizou de volta para nossa cabine.

Eu dei um gole do doce vinho tinto e disse —, De onde eu vim, as pessoas ficam doentes com doenças causadas por minúsculos, monstros invisíveis chamados vírus e bactérias. Mas não há bebedores de sangue e mágica.

— Monstros invisíveis, mas sem mágica —, ele disse, pensativo.

Ele removeu a cortiça do seu frasco e derramou na sua própria taça, rodopiando-a. O denso líquido vermelho agarrou-se na taça, e ele sorveu-o educadamente. Minha goela subiu e eu deixei meus olhos caírem ao meu ensopado, o qual cheirava divinamente.

— Sem mágica —, Eu concordei. — Mas com muita ciência. Nós temos imensos prédios chamados de hospitais onde médicos trabalham, e eles podem fazer todo o tipo de cirurgia e recuperar as pessoas à beira da morte. Quando as pessoas perdem muito sangue, eles podem recolocá-lo com o sangue doado por outra pessoa. E você pode ficar doente por compartilhar sangue doente.

Ele pareceu encantado. — Isso é fascinante —, ele disse. — Um mundo onde as pessoas circulam dando sangue umas às outras, mas ninguém quer bebê-lo. — Então ele olhou para mim, uma suave luz nos seus olhos. — Você era feliz, de onde você veio?

— Eu estava começando a ser —, Eu disse —, embora houvesse sempre desafios. E você?

— Eu estava talvez, um pouco triste antes —, ele disse calmamente. Ele estendeu a mão para acariciar a minha, um gesto tão rápido e leve que eu me perguntei se eu o tinha imaginado. — Eu sou aquele que sempre anseia, em qualquer caso.

Nós comemos por um tempo em silêncio sociável. Ou eu comi, e ele ocasionalmente sorveu sua taça, seus lábios manchados de vermelho brilhante.

— Sabe, no meu mundo, bebedores de sangue são monstros de histórias de livros —, eu disse.

— Sério? — ele perguntou, encantado. — Isso é maravilhoso!

— Há histórias sobre bebedores de sangue chamados vampiros, que supostamente estão mortos. Algumas pessoas acham que eles podem se transformar em morcegos ou voar e que eles têm medo de cruzes, espelhos e alho.

— Então foi disso que você me chamou mais cedo. Mas isso não soa

nada como um Blutman, à parte do pedaço de beber sangue —, ele disse, depois sorriu maliciosamente. — De todas as coisas pelas quais, você poderia me acusar, estar morto definitivamente não é uma delas.

Eu balbuciei um pouco e mudei de assunto. — Esse ensopado está delicioso —, eu disse. — Você sabe o que tem nele?

— Vegetais, claro —, ele disse. — Batatas. E coelho-blud. Eles são as coisas mais fáceis de pegar. O cozinheiro só tira uma luva e fica por aí, e eles vêm correndo. Arranca-lhe a cabeça, e o jantar está na mesa.

Minha colher tiniu na mesa.

— Então eu estou comendo algo que pode ter comido uma pessoa?

— Bem, sim. Não que isso importe. Qualquer coisa come coisas vivas. Coelhos-blud sobretudo comem uns aos outros, quando eles não estão se acasalando para fazer mais coelhos, que é o que eles fazem na maior parte do tempo. Sangue é bom para a pele, querida —, ele disse.

Eu deveria estar mais enojada, mas eu não estava. Talvez fosse a fome falando, mas o ensopado estava maravilhoso, cheiroso e grosso. Se eu não estivesse usando um espartilho muito restritivo, eu teria repetido. Então, eu terminei mastigando uma dura, torta de maçã enquanto ele bebia as últimas gotas de sangue da sua taça, e nós sorrimos.

— O vinho está adorável, também —, eu disse. — Doce, como frutas.

— É uma safra especial —, ele disse. — Um segredo cigano.

Eu notei que antes dele abrir de volta as cortinas, ele fez esse mesmo movimento em que ele se abanou como um cão molhado arremessando água, e sua inteira persona*¹⁹ mudou do aberto, curioso, sensível, mas sombrio homem que eu vi em privado ao espertalhão, com arestas sólidas, cigano majestoso que ele aparentava em público.

— Certo —, ele disse esfaimadamente. — Hora de brilhar.

¹⁹ Pessoa em italiano.

Enquanto ele permanecia na frente de um agregado de carnivalleros na grama do lado de fora, eu me impressionei com a mudança na sua figura. Ele não era realmente um homem grande, mas ele agora parecia maior do que o próprio gestor de espetáculos nato.

Fumaça roxa o envolveu, e a platéia se apressou ao meu redor, de onde eu estava de pé, na frente e no centro. Mas ninguém arfou. Eles eram pessoas circenses. Eles não eram fáceis de impressionar.

Quando a fumaça limpou, ele estava em um pedestal colorido em paletó de lantejoulas reluzentes, alto colarinho, e altos bermudões apertados, o perfeito mestre de cerimônias. Ele removeu sua cartola, revelando Pemberly a macaca mecânica sentada na sua cabeça. Ela tirou seu barrete árabe, e fogos de artifício emergiram por debaixo, nos banhando com serpentinas e brilho.

As pessoas ao meu redor limparam os pedacinhos de papel dos seus ombros, mas quando o papel caía no chão, cada pedaço cintilou em uma borboleta. O enxame de cor se ergueu a nossa volta, trêmulo, e depois tremeluziu no céu da tarde, escrevendo, “Bem vinda Dama Letícia, Leitora da Sorte.”

A multidão gargalhou e aplaudiu, e as pessoas ao meu redor me parabenizaram nas costas com mãos enluvadas. Sra. Cleavers me deu um empurrão, me arremessando em direção à Criminy, que me deu uma mão para subir ao pedestal. Eu sorri nervosamente.

— Amigos —, ele disse, sua voz em expansão. — Permitam-me apresentar a vocês Dama Letícia, extraordinária vidente e viajante de mundos.

Tecnicamente, eu supus, isso era verdade.

Meus olhos percorreram a multidão, tentando assimilar toda a estranheza. Todos os quais eu tinha conhecido até agora estavam ali, sorrindo em boas vindas. Havia provavelmente trinta deles, ao todo, e eu tinha ainda muitas pessoas para conhecer. Estranhamente, eu não tive

nenhum pouco de fobia do palco. Ficar diante deles pareceu natural, e eu fiz uma pose, mãos no ar, e revelei meu mais brilhante sorriso.

E então tudo ficou escuro.

8



Minhas pálpebras se agitaram, lutando para ficarem fechadas. *Tão difícil acordar. Impossível.*

O mundo desvaneceu para o preto. E um horrível, cheiro de enxofre fez meus olhos lacrimejarem, e então o rosto preocupado de Criminy nadou contra o céu azul.

— Letícia, amor, onde está você?

Então a escuridão desceu novamente. Eu ouvi um som irritante como filhotes enlouquecidos tocando o kazoo.*²⁰ Eu não tinha perguntado a Criminy – se as fadas ou gnomos ou outras criaturas mágicas perambulavam por Sang? E se sim, alguma delas tocava kazoos?

Meu corpo tremeu, e meus dentes rangeram. Eu precisava encontrar

²⁰ É um instrumento de sopro que adiciona um timbre de zumbido à voz do instrumentista quando se vocaliza no instrumento.

os gnomos com os kazoos e esmagá-los.

Algo se enfiou no meu peito e se eriçou antes que eu pudesse respirar novamente. Era uma sensação familiar, e eu percebi que Sr. Surly tinha acabado de pular do seu favorito poleiro de dormir: eu. E no fundo, a música irritante ainda continuava se repetindo.

Eu pisquei novamente.

Meu telefone celular. O toque especial de Nana.

O familiar esboço do meu quarto se materializou da escuridão. O pé da minha cama, a luminária, os números muito grandes do alarme do relógio. 2:21 da manhã.

Toque. Toque.

Eu rolei de barriga para baixo e tateei a mesa de cabeceira procurando pelo meu celular.

— Alô?

— Tish, você está Bem, docinho? — veio a voz preocupada de Nana.

Porque ela estava preocupada comigo, quando ela era aquela ligando às 2:21 da manhã?

— Eu estou bem, Nana —, eu murmurei. — O que está errado?

— Eu tive um pesadelo —, ela disse. Ela soou como se ela estivesse irritada consigo mesma. — E eu acordei com palpitações cardíacas. Eu preciso me preocupar com isso, você acha?

— É bastante normal acordar de um pesadelo sentindo como se seu coração estivesse martelando —, eu disse, tentando soar paciente e preocupada. Quando alguém era tão velho como Nana com tal saúde precária, quase tudo poderia ser um mau sinal. Mas eu nunca quis que ela soubesse disso. Eu precisava fazê-la esquecer do seu coração, ajudá-la a relaxar. — Sobre o que era o sonho?

— Oh, docinho, você estava perdida, em algum lugar bem longe —, ela disse. — E você estava deitada em uma estrada em um vestido antigo, e esses grandes ratos vermelhos estavam comendo você. Foi a coisa mais horrível que eu já vi.

Um calafrio rastejou sobre minha pele. Eu não tinha perguntando qual cor os ratos-blud eram, mas agora eu podia imaginar. Eu também nunca perguntei a ele se a vidência – ou outros tipos de premunições – vinham de familiares.

— Bem, Nana, eu posso dar a você cem por cento de garantia que eu estou segura no meu apartamento, dormindo com meu gato —, Eu disse. — Eu estou bem. E você estará bem, também. Você acha que pode ser capaz de voltar a dormir?

— Se eu pudesse apenas me levantar —, ela disse irritada, — eu faria para mim uma xícara de chá de camomila.

— Eu farei para você logo pela manhã —, eu disse.

— Não irá precisar nessa altura —, ela resmungou, mas eu já podia ouvir o sono a dominando. Eu não contei a ela, mas eu sempre colocava um pequeno Ambien*²¹ com seus medicamentos noturnos para ajudá-la a dormir. — Boa, noite, docinho —, ela disse, sua voz falhando.

— Eu amo você, Nana —, eu respondi. — Durma bem.

Enquanto eu fechava meus olhos e lançava o telefone em cima do edredom, eu me ouvi dizer —, E não deixe os ratos-blud morderem.

— Ela está voltando —, alguém disse.

Eu abri meus olhos. O brilho era cego, e eu coloquei uma mão para me proteger do sol. Eu não podia respirar, e eu apertei a minha barriga. Minha mão colidiu sobre o brocado, o suporte duro do meu espartilho ameaçando me furar enquanto eu arfava.

— Eu me esqueci de desligar —, Eu disse estupidamente, tentando nadar de volta para dentro de qualquer realidade que parecia mais fácil.

— Letícia, amor, você está conosco novamente?

²¹ É um sedativo usado em tratamento de insônia.

Uma sombra pairou sobre mim. Era o rosto forte de Criminy Stain mais branco do que o normal e seus olhos agitados e ferozes de preocupação.

— Eu acho que sim —, eu disse. — O que aconteceu?

— Nos dêem espaço —, ele latiu, e o círculo de rostos curiosos pairando sobre mim desapareceu. — Voltem a praticar, sua cambada de preguiçosos.

Seus olhos viajaram para cima e para baixo ao meu corpo, verificando lesões. Eu mexi meus dedos dos pés para ele antes que eu pudesse perceber que ele não podia de fato ver meus dedos.

Ele acariciou meu rosto com um dedo enluvado, dizendo, — Você me assustou, querida. Você desmaiou e caiu.

— Isso explica porque meu braço está arranhado —, Eu disse, esfregando meu cotovelo.

Retrospectivamente, eu acho que foi quando eu finalmente entendi que não estava sonhando. Você não tem escoriações em sonhos. Você não tem dor. E você definitivamente não se senta falando sobre onde você foi quando você acordou, depois.

— Nós pensávamos que você estivesse dormindo, mas nós não podíamos acordar você —, ele continuou. — Você voltou por um momento com a Sra. Cleavers lhe dando sais para cheirar, mas seus olhos rolaram de volta, e você se foi novamente.

— Eu acho que eu me lembro disso —, eu disse. — Mas tudo está confuso. Algo fedia.

Ele sorriu docemente e disse —, Eu nunca vi algo assim. Mas você cimentou o seu talento para o dramático. Os vagabundos intrometidos acham que você entrou em um estado de transe e iria acordar com notícias de desgraça. — Ele sussurrou. — Onde você foi?

— Me ajude a levantar —, eu disse. — Eu preciso de ar.

Ele me ergueu como se eu pesasse nada e me colocou de pé. Eu cambaleei um pouco. Nós tentamos uma caminhada digna ao seu trailer. Ele estava mais me carregando, realmente.

— Não —, eu disse. — Me coloque no chão. Eu preciso andar. Meus pés estão completamente dormentes.

Ele me colocou abaixo e esperou que eu parasse de oscilar, depois ofereceu seu braço. Nós partimos para um campo aberto na direção oposta dos vagões. Minha saia enrolou ao redor das minhas pernas, e eu tive que chutá-la para fazer um rastro na grama.

Quando nós estávamos longe da caravana, eu disse —, Eu estava de volta em casa.

— De volta ao seu mundo original, você quer dizer? — ele perguntou.

— Sim, na minha própria cama, no meu pijama, com um grande gato no meu peito, acordando de um sonho às duas e vinte e um da manhã. Como se isso fosse um sonho.

— O que acordou você?

— Meu celular estava tocando.

— Seu o que?

— Celular. É uma maquina de comunicação. Minha avó pensou que eu estivesse doente. Foi difícil abrir meus olhos, entretanto, e pareceu como se esse mundo estivesse me arrastando de volta. Eu vi você aqui, por apenas um segundo, mas depois eu estava lá novamente.

— Então os sais funcionaram —, ele disse para si mesmo. — O que você fez?

Eu gargalhei. — Eu fiz o que eu tinha que fazer. Avaliei a situação como uma profissional, fiz Nana se sentir melhor, e prometi fazer chá para ela pela manhã. E depois eu estava aqui.

— Curioso.

— É.

Nós caminhamos por um tempo, cada um perdido em pensamentos, uma leve brisa mexendo as mechas que tinham caído do meu coque quando eu desabei. Nesse ponto, ele parou para remover seu paletó de lantejoulas, revelando o preto que eu tinha usado mais cedo, por baixo. Com um sorriso modesto, ele dobrou o paletó de lantejoulas novamente e novamente até

que ele estivesse do tamanho de um lenço de bolso, e então ele enfiou-o dentro de um dos bolsos do paletó preto. Eu sorri, tão alegre quanto uma criança, sabendo que sua magia nunca pareceria banal para mim, sem importar o quanto acostumada eu me tornasse a esse estranho mundo.

— Então a verdadeira questão é, por que você voltou? — ele finalmente disse.

— Não, a verdadeira questão é, como eu voltei a ficar?

— Você acha que isso é possível? — ele perguntou.

— Eu não sei —, eu admiti. — Vamos apenas dizer, por questão de argumentação, que ambos os mundos são reais. Se toda vez que eu dormir aqui, eu acordar lá, e cada vez que eu dormir lá, eu acordar aqui. Eu vou enlouquecer. Se não há sonhos verdadeiros, se meu cérebro não pode descansar, será uma tortura.

Eu chutei um coelho que estava cheirando minha bota. Lágrimas brotaram nos meus olhos, e eu me abracei e me afastei dele.

— Isso não é tão ruim, amor. Nós vamos descobrir uma maneira —, ele disse gentilmente, movendo-se para perto para me puxar para um abraço. Com minhas costas contra seu corpo, e seus braços ao meu redor, eu relaxei um pouco. Quer fosse pelo seu cheiro ou apenas pela proximidade de outra pessoa, eu não podia impedir que as palavras saíssem, não podia me impedir de desabafar pelo que eu estava sentindo.

— Eu não estou chorando porque eu estou triste. Eu estou tão aliviada. Se isso vai e vem, significa que eu ainda verei minha avó. Eu estava tão assustada que eu ficaria presa aqui para sempre, e minha avó iria se preocupar comigo e se lamentar e morreria sozinha. Mas parece que eu vivo as duas vidas, mesmo embora não faça sentido e provavelmente me tornará completamente louca.

— Loucura não é tão ruim —, Ele riu. — Eu conheço muitas pessoas loucas, e eles ficam bem.

— Mas há tantas perguntas —, eu disse, soluçando. — Se eu morrer nesse mundo, eu morro naquele mundo? E se eu ficar inconsciente

enquanto dirijo? E se eu estiver dormindo lá, e um paciente morrer porque eu estou aqui?

— Eu não sei, querida. Mas eu irei descobrir. Eu tenho alguns livros antigos que eu posso verificar —, ele disse. — Talvez isso tenha acontecido antes.

— Não há magia no meu mundo —, eu disse. — Mas há uma doença chamada narcolepsia. As pessoas simplesmente adormecem onde quer que elas estejam por nenhuma boa razão. Talvez seja para onde elas vão. Talvez eu seja uma narcoléptica.

— Alguém pode pensar que aqui seja o melhor dos dois mundos, sem trocadilhos. — ele disse cuidadosamente.

— Mas eu quero uma escolha —, eu disse.

Eu me empurrei para longe dele e cambaleei, e quando ele tentou me firmar, eu o golpееi para longe.

— Olhe, eu tenho problemas com compromissos, tudo bem? Eu tive um noivo, e ele quase me destruiu. Ele me tratava como uma criança, ou uma boneca. Ele me bateu. Eu quase não era uma pessoa. E então eu decidi revidar, nunca ser controlada novamente. E agora aqui estou eu, presa.

Ele observou minha explosão com preocupação, mãos nos bolsos e boca recuada. Eu continuei esperando que ele me interrompesse e me dissesse como resolver meus problemas, da maneira que Jeff teria feito. Ao invés disso, ele apenas escutou.

— E se eu gostar mais daqui? Nada nem sempre se equipara. E se eu gastar meu tempo lá ansiando por Sang e cada momento em Sang sentindo-me culpada por não querer voltar a Terra? Se eu começar a gostar de alguém, e se eu começar a gostar de você? Eu nunca poderia fazer a escolha de ficar aqui. Minha avó precisa de mim. Sem mim, ela irá parar de lutar, apenas desistir e morrer. Isso irá me destroçar!

Eu caí no chão, a saia do meu vestido me ondeando como um cogumelo Borgonha.

— Isso não é justo —, eu funguei. — Eu não posso vencer.

Caindo no chão ao meu lado, ele disse —, Eu peço licença para discordar, amor. *É* justo, e você *pode* vencer.

— Como é que é?

— Você somente está acostumada a ir conforme as regras.

— No meu mundo, se você não segue as regras, coisas ruins acontecem —, eu disse.

— No meu mundo, o qual é metade do seu mundo agora, há maneiras para contornar tudo. Brechas. Dar um pontapé na regra.

— Mas eu não posso dar um pontapé de um mundo ao outro. Eu não tenho uma escolha.

— Bem, como eu vejo isso, ninguém tem muito de uma escolha, e todos são forçados a viver entre mundos, e você faz disso um bom negócio, melhor do que qualquer um. Depois de tudo, se você não tem qualquer escolha, você deve render-se, e há conforto nisso.

— Isso soa muito como estar presa.

— Não necessariamente —, ele disse. — Veja por mim, por exemplo. Eu bebo sangue. Mas eu sou forçado a viver em um mundo que corrompe minha natureza, me reduz a goles medidos de uma taça fria ao invés de goles profundos de quentes, pulsantes seres vivos. Você acha que isso é fácil para uma criatura? É como dar a você um sanduiche feito de cebola e dois pedaços de manteiga. Mantém você vivo, apenas. Mas eu encontrei uma maneira de fazer as coisas melhorarem, derrotá-los no seu próprio jogo. Eu vivo pelas minhas próprias regras. Você pode fazer isso, também.

— Como é isso?

— Você tem um poder aqui, um bem raro. Isso dá a você poder e, enquanto você viajar comigo, prestígio. Você não irá querer as coisas que você precisa, você não irá ficar com fome. Isso é mais do que a maioria das pessoas podem dizer. E inferno, querida, talvez você aprenda a me amar. Talvez não. Mas que mulher em qualquer mundo não daria o seu mindinho para ter o amor de um bom homem?

— Você é um bom homem? — eu perguntei, sobrancelhas erguidas

em surpresa.

— Dependem dos parâmetros —, ele disse com um sorriso. Ele olhou abaixo e disse mais sobriamente —, Mas eu estive esperando você por um longo tempo. Quer você acredite nisso ou não, você irá descobrir um dia que nós somos duas metades de um todo. Eu só tenho que manter você por perto e com vida tempo o suficiente para ensinar isso.

— Deixe-me adivinhar. Você acha que nós iremos viver felizes para sempre, como algum estúpido conto de fadas?

— Por que não? — Seu olhar me desafiou a rir, ou pior, a argumentar.

— Porque a coisa toda é ridícula —, eu disse. Eu desprezava a amargura na minha própria voz. Eu soei tão sofrida. *Bom*. Se ele achasse que eu era sua alma gêmea por alguma razão misteriosa ele não continuaria, ao ver o pior de mim.

— Isso não é ridículo para mim. Talvez essa seja a diferença entre predadores e presas, amor. Eu nunca irei parar de caçar. Mas eu espero que um dia, você pare de fugir.

— Por que eu quero morrer?

— Porque você quer viver.

Eu o encarei, tentando desvincular o monstro do homem. Ele parecia tão confiante e gracioso, mesmo de cócoras na grama. Seu sorriso misturava escuridão com humor, fome com promessa. Algo em mim ansiava por ele, isso é verdade. Mas o que ele via em mim? Eu era confusa, teimosa, rude, ingênua, desconfiada. Eu estava viajando em dois mundos, e estava ficando cada vez mais difícil de separar Tish de Letícia. Eu tinha acabado de aprender a me ver como algo além do que Jeff via. Presa entre Sang e minha outra vida, que tipo de pessoa eu me tornaria?

E mais, eu não tinha dito a Criminy o que eu vi quando minha mão tocou sua pele, a visão do meu próprio futuro, do meu destino final. Da minha desgraça.

Eu estremeci involuntariamente, encarando à distância.

Em dois mundos, eu tinha visto apenas um futuro. E sem importar o

quanto eu tentasse, eu não sabia como impedi-lo.

9



Enquanto o sol da tarde esgueirava-se sobre os pântanos, nós permanecemos na grama. Nós estávamos a apenas um metro um do outro, porém acres de distância. Eu chutei mais coelhos do que eu podia contar. O último tinha sido insolente, saltando sobre um companheiro desacordado para morder o laço da minha bota. Eu o ergui pelas orelhas e o lancei às nuvens rosadas com um feroz rosnado.

— Não há algo nesse mundo que seja o que aparenta? — Eu disse. — Não é de nenhum jeito simples?

— Não que eu tenha encontrado —, ele disse. — Mas você deve admitir que é colorido.

— Pode ser colorido, mas eu preferiria que fosse fácil.

— Coisas fáceis não valem à pena —, ele disse. — Você deveria saber disso. O seu outro mundo é fácil?

— Na maior parte do tempo —, eu tinha que admitir.

— Você tem um ofício, ou você vive com sua avó?

— Eu sou uma enfermeira —, eu disse, sentindo-me ofendida. — Eu ajudo pessoas doentes.

— Então você pode parar as doenças? — ele perguntou.

— Não de fato. Eu na maior parte ajudo as pessoas que já estão morrendo, tentando tornar seus últimos dias confortáveis.

— Você ajuda pessoas a morrer —, ele meditou. — Isso soa bastante sinistro, e isso está vindo de alguém que bebe sangue.

— Não é assim —, eu vociferei. — Eu ajudo pessoas a terminar suas vidas com dignidade, em suas próprias casas, em seus próprios termos. Eu troco curativos, ofereço alívio para suas dores, esse tipo de coisa. É uma vocação, e é algo do qual eu sou boa.

— Eles são todos velhos? — ele perguntou.

— Na maior parte —, eu admiti. — Entretanto, eu tenho um paciente que tem apenas alguns anos a mais do que eu. Sr. Sterling sofreu um acidente de moto no Dia do Natal, e ele nunca acordou. Ele era um pianista, então nós sempre deixamos música tocando para ele.

Assim que eu disse o nome, a atenção de Criminy focou-se em mim, seu olhar aguçou-se. — O seu Sr. Sterling —, ele disse. — Qual é seu primeiro nome?

— Jason —, eu disse suavemente. — Jason Casper Sterling. — Pensar sobre ele sempre me deixava um pouco triste.

Criminy olhou acima ao pôr do sol, sua boca franzida e seus dedos tamborilando no seu joelho. Eu o observei, me perguntando se alguma vez eu saberia o que estava acontecendo por detrás daqueles olhos nebulosos. Finalmente, ele disse —, Você deve estar de estômago vazio, minha querida. Nós devemos encontrar uma ceia?

Ele se levantou e estendeu sua mão. Eu a peguei sem pensar. Nós caminhamos lentamente, lado a lado, em direção à caravana, em silêncio. Eu senti que nós tínhamos dito muito, mas eu esperava que ele achasse que nós tivéssemos dito muito pouco. Nenhum de nós tinha citado o que aconteceria essa noite, quando eu dormisse. Eu teria sonhos agradáveis sobre provas esquecidas e voaria pelo ar, ou eu acordaria no meu outro mundo e faria o café da manhã da minha avó e iria trabalhar enquanto o

meu corpo dormia aqui, insensível e inerte?

Oh, e houve outro pensamento. Um pensamento assustador. Se meu corpo estivesse aqui, dormindo, enquanto eu estava vivendo no meu próprio mundo, eu estaria completamente vulnerável. Qualquer um poderia fazer qualquer coisa com meu pobre corpo, e pelo que parecia, eu poderia não acordar em resposta.

— Você disse que eu teria um mecanismo de guarda, não disse? — eu perguntei nervosamente.

— Murdoch esteve trabalhando nele o dia todo —, ele disse. — Você gosta de cobras?

— Eu não conheço nenhuma pessoalmente —, eu disse lentamente, então —, Espere — meu mecanismo é uma cobra?

— Macacos são complicados —, ele disse. — Leva mais do que um dia para se ajustar um. Eles têm personalidade, sabe. Mas uma cobra é flexível, rápida, e boa para proteção.

— Por favor, me diga que não é uma constritora gigante —, eu disse.

Eu vi um enorme urso mecânico fazendo malabarismo com bolas enquanto dirigia um monociclo. Ele tinha formato de um urso polar, mas tinha marcas de cobre ao redor dos seus olhos como um urso panda. Junto com todos os animais mecânicos, Herr Sigebert emergiu do seu vagão naquela tarde para lubrificação e polimento. Nós já tínhamos passado por uma girafa de bronze fazendo uma dança de contorcionismo bizarro e um avestruz prata e preto que colocou, e depois comeu um ovo dourado. As criaturas eram surpreendentes realistas, bonitas, e mais do que um pouco estranhas, com suaves olhos brilhantes que realmente piscavam.

— Não, seu mecanismo será algo pequeno. Não seria útil se fosse desajeitado.

— Isso não soa tão horrível —, eu disse.

— Você está preocupada com seu corpo, não está? Enquanto você estiver longe —, ele disse calmamente.

— Qualquer coisa poderia acontecer comigo —, eu disse. — E eu

nunca saberia.

— Mas não vai acontecer. Eu estarei lá essa noite. Eu vou cuidar de você pessoalmente. Até nós sabermos mais de como isso funciona.

— Eu não quero parecer ingrata... — Eu comecei, e eu tracei minha mão junto do carro azul Royal com uma versão mais clara e mais verde de um menino lagarto pintada nele. Eu realmente não tinha as palavras para continuar.

— Mas você está preocupada sobre trancar seu corpo inconsciente em um vagão com um conhecido assassino e provavelmente tarado?

— É uma das maneiras de colocar as coisas.

— Há alguém mais que você prefira? — Seu tom estava cauteloso, mas eu podia ouvir o desafio por detrás das suas palavras.

— Não —, eu disse, optando por ser honesta. — Por alguma estranha razão, eu confio em você.

— Moça esperta —, ele disse.

Nós alcançamos o vagão de refeição a seguir, e ele segurou a porta aberta para mim. Eu subi e entrei, e ele seguiu e pegou meu braço. Mas ao invés de me conduzir ao Buffet, ele me escoltou a um homem sentado sozinho em uma cabine. Ele era bonito, esse homem, olhando para fora da janela, perdido em pensamentos, dedos batendo na mesa, seu longo cabelo caindo em cascata nas suas costas em ondas castanhas claras. Sua blusa de poeta estava aberta no pescoço, as mangas puxadas para cima aos cotovelos descobertos. Ao invés de bermudões, ele usava calças compridas cortadas nas batatas da perna. Ele estava de pés descalços, e depois de um dia em Sang, eu estava um pouco escandalizada. Ele tinha que ser um Blutman, e um muito atrevido.

— Letícia, meu amor —, Criminy disse afavelmente —, esse é Casper, nosso cravista*²².

O homem piscou para longe dos seus devaneios e se virou com um leve sorriso irritado, dizendo —, Prazer em lhe conhecer—

²² Aquele que toca cravo. Um instrumento de cordas semelhante ao piano.

— Você! — Eu chorei, interrompendo-o no meio da sua frase.

Eu nunca tinha visto os olhos azuis de safira piscando para mim das suas delicadas feições de cílios ruivos. Mas eu conhecia a embocadura da tatuagem de corvo no seu antebraço, e especialmente os longos, dedos ágeis constantemente tocando notas fantasmas na mesa da cabine. Eu tinha cortado essas unhas durante meses.

— Nós nos conhecemos antes? — ele perguntou, educado, mas confuso.

— Não —, eu disse. — É só que... — Eu olhei para Criminy, quem estava irritantemente divertido. Eu estava impressionada, e mais do que um pouco contrariada de que ele tinha surgido com esse encontro casual para mim. — Ele sabe? — eu perguntei a ele.

— Eu sei o que? — Casper disse, começando a ficar irritado, também.

— Que você é um Forasteiro —, Criminy disse, naturalmente, com um sorriso encantador.

Casper encolheu de ombros. — Todos na caravana sabem.

— Ela é uma também —, Criminy disse. — E ela conhece você.

Com um afago no meu braço, ele presunçosamente passeou pelo vagão de refeição e deslizou em uma cabine perto de um nervoso e se remexendo Vil. Provavelmente se atualizando sobre o trailer que ele ia me trancar mais tarde, o bastardo astuto. Eu podia sentir seus olhos nas minhas costas por todo o caminho do outro lado do vagão.

— Eu não entendo —, Casper disse, gesticulando para o assento vazio do outro lado da mesa. Eu sentei. Com Criminy fora do alcance da voz, o homem diante de mim pareceu se abrir e relaxar. E arder em chamas. — Você é da América? Porque eu não acho que eu conheça você. Eu teria me lembrado. — Ele pesquisou o meu rosto, e eu pesquisei o dele, também. Seu rosto era... muito pesquisável.

Era impressionante, a diferença entre o pálido, devastador corpo inerte e um vivo, homem respirando. O Sr. Sterling que eu conhecia tinha uma cabeça raspada e braços magricelas e babava. Mas o Casper diante de mim

era bronzeado e maravilhoso, como uma versão poética de Robson Crusoe. E eu não podia acreditar quantos banhos de espuma eu tinha dado nele, sem ele sequer saber disso. Eu peguei meus olhos vagando para baixo na sua camisa aberta e estalei meu olhar de volta para cima ao seu rosto. Eu tinha que contar algo desagradável a ele, mas eu não queria que ele parasse de sorrir aquele maravilhoso, sorriso de artista de cinema.

— Não há uma boa forma de dizer isso, mas eu sou sua enfermeira no nosso mundo. Você teve um acidente de moto há seis meses atrás, e agora você está com morte cerebral. Eu sinto muito.

— Morte cerebral —, ele disse para si mesmo. — Previsto. Minha mãe me disse que aquela moto me mataria.

— O que aconteceu? — eu perguntei. Eu tinha que saber.

— Eu não me lembro. Eu só apareci aqui no terreno um dia, nu. Depois do primeiro coelho me morder, eu mantive um grande galho comigo. Matei um veado com ele também. E depois eu me deparei com um corpo sem uma gota de sangue nele ou dentro dele. Eu coloquei suas roupas e vaguei por aí até eu encontrar a caravana. Quando Mestre Stain ouviu minha história e me viu tocar o cravo, ele me ofereceu um vagão e um emprego.

— Você gosta daqui?

— Você está brincando? — ele perguntou com uma gargalhada. — É um sonho que se realizou. Eu sou um pianista, e essas pessoas nunca ouviram Beethoven e Mozart. Eles acham que eu sou um deus!

Eu tive que sorrir com isso. Ele era maravilhoso e charmoso em um tipo de forma gentil e brusca – o completo oposto da atração perigosa de Criminy. Eu gostei dele imediatamente e me senti em casa na sua presença, como se nós conhecêssemos um ao outro desde sempre. Eu me inclinei para mais perto.

— Então, qual é a sua história? — Ele sorriu, mostrando covinhas. Ele estava mesmo me paquerando? Eu estava subitamente auto consciente e tive que resistir com a urgência de mexer com meu cabelo.

Eu contei a ele minha própria estória, do amuleto ao desmaio. Mas eu deixei de fora a parte sobre como eu deveria ser a noiva por correspondência mágica de Criminy.

— Você está mesmo presa aqui? — Casper perguntou ansiosamente. Eu tive a impressão que ele queria que eu dissesse sim.

— De fato, querida. Você está presa? — Criminy perguntou, aparecendo subitamente ao meu lado e me tirando da cabine.

— Que escolha eu tenho? — eu falei sobre meu ombro enquanto o braço de Criminy serpenteou ao redor da minha cintura e me afastou de um carrinho fumegante do que parecia e cheirava como frango frito, mas provavelmente era coelho-blud extra crocante.

Eu estava mais do que um pouco distraída e continuei roubando olhares para Casper. Ele estava inclinado de costas em sua cabine, sorrindo para mim com covinhas enquanto ele virava uma moeda para frente e para trás sobre os nódulos das suas mãos. Depois que eu derrubei meu garfo no chão, Criminy suspirou e assumiu o controle, enchendo meu prato e me guiando para a nossa cabine privada. Ele fechou as cortinas com mais força do que o necessário.

— O rapaz estava agindo com pouca familiaridade —, ele disse, mexendo o sangue da sua taça com olhos estreitos. — Ele não fala muito com ninguém. Eu acho que eu o preferia quando ele estava amuado.

— Eu o conheço —, eu disse, ainda impressionada. — Eu tenho cuidado do seu corpo por meses. E ele tem estado aqui todo o tempo – sua mente tem, ao menos. Que estranha coincidência.

— Eu não acho realmente que seja uma coincidência, amor —, Criminy disse. — Eu admito todos os Forasteiros que eu encontro, se eu posso usá-los. Eu gosto de frustrar os Policiais, e desajustados saem bem com desajustados. Ele nos encontrou bem perto daqui, então talvez as localizações no seu mundo coordenem de alguma forma com as localizações em Sang.

— Então você o admitiu apenas porque ele era um Forasteiro? — eu

perguntei.

— E por causa das suas músicas. Começo a me arrepender um pouco disso.

— E você o transformou, também?

— Eu? Transformei-o? Inferno que não. — Ele gargalhou, em um tom afiado. — Isso não é um Blutman. O que fez você pensar que ele era um de nós?

— A maneira pela qual ele se veste —, eu disse, sentindo-me confusa e boba.

— Ah, isso —, ele disse pensativamente. — Agora, essa é uma estória completamente diferente. Ele é um esperto aproveitador, aquele lá. Você terá que perguntá-lo um dia.

Na hora em que nós terminamos o jantar, Casper já tinha ido. Para a sanidade de Criminy, eu tentei ocultar meu desapontamento. Nós pisamos dentro do crepúsculo com cumprimentos de despedida dos carnivalleros, e eu admirei as estrelas enquanto nós passeávamos pela noite nebulosa. As constelações eram muito estranhas, e, apenas como as nuvens, elas pareciam impossivelmente perto. A lua pendia como um prato quebrado preso em galhos de uma árvore longe.

Nós paramos em frente de um vagão borgonha tão brilhante com o luar que eu podia me ver refletida na pintura ainda fresca. Não se parecia com o carro de qualidade inferior do ex-garoto lobo, e meu nome não estava pintado na lateral ainda, mas eu sabia que era meu.

— Damas primeiro —, Criminy disse com uma reverência.

Eu abri a porta, com cuidado em tocar apenas a maçaneta.

O interior era adorável, recém limpo e cheirando a rosas ao invés de cachorro velho. Um novo carpete no chão e alguns mobiliários menos arranhados tinham transformado o pequeno vagão em um espaço alegre.

Criminy gesticulou para uma porta aberta no final, e eu encontrei um pequeno quarto com uma cama de armação de ferro coberta com uma colcha de patchwork de sedas brilhantes.

— Foi o melhor que nós podíamos fazer em curto tempo —, ele disse com um sorriso torto.

Eu abri a porta de um armário abarrotado ao lado da cama. Mais dois vestidos penduravam ali, e gavetas sustentavam luvas e meias. E, para meu horror, um turbante.

Eu estendi o item ofensivo para ele em um dedo, um emaranhado de camadas lilás com uma grande jóia grudada na frente dele. Eu ergui uma sobrancelha.

— Fantasias —, ele disse com um encolher de ombro. — Você se acostuma com elas.

Eu o lancei de volta para dentro da gaveta e a bati fechada.

— Então, o que acontece enquanto eu estou dormindo? — eu perguntei.

— Eu estarei no outro cômodo com meus livros e grimórios*²³, tentando desvendar nossa condição peculiar. Eu não preciso de muito sono.

— Sorte sua —, eu disse, minha mão enluvada desenhando sobre a cama. Eu percebi o quanto convidativo o gesto podia ser e arrastei minha mão para trás. Ele riu, um surpreendente sombrio e intrigante som que me fez esquecer completamente do bonito naufrago, cravista do meu mundo.

— Isso irá lhe servir? — ele me perguntou. Demorei um momento para responder, parte de mim aproveitando a ansiedade dele.

— Eu acho que sim. — eu disse. — Mas eu não tenho muito com o que comparar.

— É melhor do que qualquer cidade, eu lhe prometo —, ele disse com um sarcasmo. — Apartamentos conjugados, todos apertados. O ar é

²³ É um livro de conhecimentos mágicos, com anotações de práticas pessoais, ou seja, um diário mágico escrito entre o final da Idade Média e o século XVIII. Tais livros contêm correspondências astrológicas, listas de anjos e demônios, orientações sobre como efetuar feitiços ou misturar remédios, conjurar entidades sobrenaturais e da confecção de talismãs, de acordo com o ponto-de-vista e com os estudos experimentais do autor.

pútrido. As ruas são imundas. Sem importar o que você faça, a sujeira entra em você, debaixo da sua pele. O lado de dentro, é muito opulento e colorido e brilhante, para compensar a escuridão do lado de fora.

— Você passou muito tempo na cidade?

— Eu nasci em uma. Devlin, do outro lado do oceano a partir daqui. Eu fugi quando eu tinha nove e nunca voltei. — Ele pausou por um momento com um estranho, olhar distante. — É engraçado. Eu viajo com essa caravana por décadas, mas ninguém nunca me perguntou de onde eu vim.

— Eu acho que eles têm medo de você —, eu disse.

— E bem, eles deveriam ter.

— Eu não acho que você seja tão perverso quanto você pensa que seja —, eu disse a ele.

— Eu não acho que você tenha me visto em um dia ruim —, ele respondeu. — Eu tenho que prosseguir com o show, aterrorizando-os, os mantém na linha. É um fio da navalha, comandar um bando de desajustados, monstros, mendigos e ladrões.

— Por que você faz isso, então?

— Porque eu amo. Porque isso é o que eu sou. E eles não são tão ruins. É você que é diferente. Você deveria ser meu consolo, a parte fácil do meu coração. Talvez seja porque eu digo tanto a você. Eu provavelmente não devesse.

— Eu não entendo porque eu deva ser qualquer coisa —, eu disse, sentindo-me tocada, mas também cansada com suas suposições. — Você disse que me trouxe aqui. Diga-me por que.

— É uma longa história, querida. Porque você não se despe e entra na cama, e eu direi a você enquanto você cai no sono? Talvez eu possa chatear você até a terra do sonho.

Sorrindo, ele deslizou para fora da porta e a fechou, e eu ouvi seus passos rangendo ao outro lado do vagão. Eu cacei através do armário até eu encontrar uma longa camisola branca. Então eu percebi que eu não

conseguiria me despir sozinha. Mas eu chegaria tão longe quanto eu poderia.

Eu desfiz o laço do pescoço primeiro, e pareceu maravilhoso. Depois os pulsos. Depois eu fui capaz de afrouxar os vários laços o suficiente para mexer o vestido sobre minha cabeça. Me remexendo e virando para desamarrar o espartilho, eu captei a mim mesma no espelho de pesada maquiagem, espartilho preto, anáguas pretas, e botas negras. Eu parecia como uma dançarina de cancan detestável. Mas sem importar o quanto forte eu tentasse, eu não podia afrouxar o espartilho o suficiente para tirá-lo.

Que conveniente.

— Criminy, eu preciso de ajuda —, eu disse suavemente para a porta. Sua voz veio do outro lado, dizendo —, Fale.

— Eu não posso desamarrar o maldito espartilho —, eu disse. — Você pode arrancar os laços? Ou você pode chegar perto assim de tanta carne? Talvez seu macaco possa ajudar?

Uau. Isso não soou nada bom. Eu senti minhas bochechas ficarem escarlates e virei de costas para a porta.

Eu o ouvi deslizar para dentro do quarto atrás de mim. — Você se esqueceu que eu encontrei você completamente sem roupa essa manhã e consegui trazer você aqui em uma única peça? Eu disse a você, querida. Você é diferente. Para mim.

Sem outra palavra, ele começou a puxar o espartilho mais rudemente do que eu teria preferido. Eu me concentrei em não tropeçar, e enquanto eu o senti afrouxar, eu coloquei uma mão no meu peito para segurá-lo ali quando Criminy terminasse.

Eu podia ouvir a respiração de Criminy, sentir seus olhos na minha pele nua. O banho de Nana revelava mais pele do que ele estava vendo. Mas eu não podia me esquecer que tinha se passado três anos desde que qualquer homem além de Jeff tinha me visto nua. Bem, se você se esquecesse sobre essa manhã.

Em um mundo onde as pessoas eram forçadas a cobrir tudo, eu estava imaginando que um pouco das costas era considerado o auge da ousadia. Eu ainda estava tentando regenerar minha auto confiança, depois da constante reclamação de Jeff que eu estava cinco quilos acima do meu peso. Mas sua respiração irregular no pequeno espaço dizia-me que Criminy Stain não tinha quaisquer reclamações sobre meu corpo.

— Obrigada —, eu disse. — Um, você pode ir agora.

— Eu irei quando eu estiver pronto —, ele respirou, sua voz baixa.

Eu rodopiei, apertando o espartilho sobre meu peito. Eu dei um passo na direção dele, tentando enxotá-lo em direção à porta. Ele não se mexeu. Ele pareceu faminto. Eu dei um passo para trás. Depois outro. As mãos dele estavam em punhos. Ele lambeu seus lábios. Se havia um cavaleiro ali, eu estava perdendo-o.

— Não dessa maneira, Criminy —, eu sussurrei. — Por favor.

Seus olhos se espremeram fechados, e ele se sacudiu, depois pisou para fora da porta e a fechou. Eu não percebi até aquele momento que eu estava assustada. E excitada. Mas eu não iria admitir nada mais do que isso, nem mesmo para mim mesma.

Tão rapidamente quanto eu podia, eu me encolhi para dentro da camisola, não largando nem o espartilho nem a anágua até que eu estivesse coberta. Mesmo assim, eu me senti exposta e vulnerável, e eu desamarrei minhas botas tão rapidamente quanto possível e procurei a proteção das cobertas da cama. Era mais frio em Sang do que eu estava acostumada.

Parte de mim não confiava nele, não queria deixá-lo entrar no quarto. A outra parte sabia que havia coisas piores do que Criminy Stain no mundo e que ele era uma proteção melhor do que duas portas de madeira e quatro trancas.

— Você pode entrar agora —, eu chamei, e a porta abriu apenas o bastante para me mostrar seu rosto, o qual estava cuidadosamente em branco. Reservado.

— Bem, você parece confortável —, ele disse educadamente. — Você

está pronta para a estória de ninar?

— Eu acho que sim —, eu disse. Eu me senti muito como uma criança, pequena e frágil, com o decote da camisola amarrado inocentemente sob meu pescoço. — Eu vou gostar dela?

— Provavelmente não —, ele disse com um encolher de ombros. — Não muda nada.

— Onde ela começa?

Ele sentou-se na beirada da cama. — Há muito tempo atrás, eu parti meu coração por uma Blutwoman na caravana. Seu nome era Merissa, e ela fazia truques nas costas de umas duas éguas-blud brancas. Ela era uma moça perversa, e ela me usou e me deixou por um necromante. Eu era apenas um simples mágico naquele momento, nada mais, e eu fiquei louco. A caravana estava estacionada perto de uma densa mata, e eu fugi para encontrar consolo na selva.

Seus olhos estavam distantes, e eu estendi uma mão para ele. Ele a pegou distraidamente e a segurou na sua luva, sem perceber que a pele estava descoberta.

— Uma manhã, eu acordei com o som de grito, e eu encontrei um homem, nu, sendo atacado por um cervo-blud. Eu o persegui, claro, e quase fiz dele uma refeição para mim, mas eu estava muito curioso. Ele tinha o corte de cabelo mais peculiar. Nós viemos a nos falar, e ele me disse que ele estava sob os cuidados de um tipo de cirurgião do seu mundo, e eles o colocaram para dormir, e depois ele se encontrou aqui, em Sang. Eu estava fascinado. Eu tinha ouvido falar sobre Forasteiros antes, mas eu pensei que fosse apenas um truque dos Policiais, e uma desculpa para prender qualquer um suspeito.

— Quando foi isso?

— Oh, talvez cinquenta anos atrás. Forasteiros eram mais raros naquela época. Ele começou a me contar sobre seu mundo, mas então ele desapareceu no meio da explicação. Eu sempre imaginei que eles o acordaram de volta. Isso é normal?

— Sim, cirurgiões colocam as pessoas para dormir e as acordam todos os dias no hospital. Eu me pergunto quantos deles terminam aqui por um tempo. E eles nunca se lembram disso ou apenas assumem que foi um sonho?

E então eu tinha que me perguntar sobre todas as pessoas que morriam misteriosamente durante cirurgias, seus pulsos caindo por nenhuma boa razão. Teriam eles encontrado seus próprios cervos-blud nos pântanos abandonados de Sang?

— De qualquer forma, eu não tinha ideia do que tinha acontecido. Mas eu estava muito curioso, então eu andei fazendo perguntas, fazendo pesquisas. Eu finalmente encontrei uma bruxa que queria ser uma Bludwonam, e nós fizemos uma troca. Eu dava a ela o que ela queria, e ela me dava um feitiço chamado Drawing*²⁴. Eu não vou chatear você com todos os detalhes, mas eu enfeitei o amuleto e o enviei para longe para encontrar você em qualquer que fosse o mundo que você esperava.

— Eu?

— Parte do feitiço envolvia em descrever exatamente o que eu queria, mas uma medida de mistério estava envolvida também. O Drawing deve atrair a outra metade da sua alma, onde quer que ela esteja. Mas é um truque. Você podia ter chegado a qualquer época e em qualquer lugar. Eu estive procurando por você por muito tempo, veja você.

— Como você sabe que sou eu? Que não há outra Forasteira ali fora, trabalhando o seu caminho em direção a você? — eu perguntei. — E se eu fui feita para... um outro alguém?

— Isso não é possível —, ele disse sombriamente, e eu soube que ele sabia o que eu estava pensando. Ele sorriu com escárnio para a porta, mostrando presas. Nós dois podíamos ouvir as delicadas notas do cravo vindo do lado de fora. Apenas eu sabia que era uma nocturne de Debussy, as notas cheias de saudade, uma canção de ninar apenas para mim.

— Mas e se —

²⁴ Traduzindo para o inglês seria Atração.

— Não seja ridícula —, ele disse. — Olhe dentro dos meus olhos novamente.

Eu não queria, porque eu sabia o que iria acontecer. Mas eu fiz mesmo assim.

Seus olhos me deram a mesma sensação que eu tinha em montanhas russas, descendo o primeiro declive. Como se meu estômago estivesse sendo virado de dentro para fora, mas de uma maneira boa. Mesmo embora eu soubesse que ele fosse de uma espécie diferente, descaradamente perverso, e aparentemente muito mais velho do que ele aparentava, eu não podia evitar além de sentir o puxão.

— Como ímã —, ele disse.

— Algo assim —, eu tive que admitir. — Mas você está dizendo que me trouxe aqui com magia porque você foi desprezado?

— Não exatamente. Ela apenas me fez perceber que o que eu pensei querer não era necessariamente o que eu precisava. Eu não queria gastar o resto da minha vida perseguindo sombras, esperando por alguém para amar.

— Porque, Criminy Stain —, eu disse. — Você é um romântico.

— Oh, não —, ele disse com um sorriso. — Eu sou demoníaco e inescrupuloso, um perverso assassino e um ladrão e um monstro sanguinário. E talvez um pouco romântico. Mas não conte a ninguém, ou minha reputação está detonada.

— Mas e sobre mim? — Eu disse. — Não incomoda você ter atingido outra dimensão e ter puxado uma mulher débil apenas tentando ter sua vida de volta? Eu fui fraca por tanto tempo que eu mal sequer sei mais quem eu sou. Eu me sinto tão sem graça comparada a você. Eu não entendo o que você vê em mim.

— Eu vejo você em si —, ele disse, traçando meu rosto. — E como nós já aprendemos, quem quer que você seja no seu mundo, você é algo inteiramente diferente aqui. Agora, se eu posso apenas fazer você desistir dessa sua outra vida e me amar, eu serei uma criatura muito contente.

— Você pede muito —, eu disse incomodada.

— Eu não estou acostumado à frustração.

Ele sorriu calorosamente, gentilmente, e se inclinou para beijar minha testa.

— Mas é hora de você dormir, amor —, ele disse. — E nós veremos como você se sente quando você acordar.

10



Eu deitei de bruços e me aconcheguei no travesseiro baixo. Criminy desligou a luz e deixou o quarto, e eu o ouvi fazendo barulho na outra metade do vagão. O escuro pressionou sobre mim, tão opressor quanto o céu da manhã de Sang, e antes que eu pudesse sequer pensar sobre a confissão dele ou sonhar acordada com Casper, eu estava dormindo.

Um alarme estava saindo de algum lugar distante. O insistente berro era irritante, e eu tive uma visão de um coelho-blud com números grandes e vermelhos na sua lateral, saltitando e bipando, tentando me atrair para mais perto para que ele pudesse me morder. Eu queria encontrá-lo e arremessá-lo pelo rabo em um campo aberto até que o bipe acabasse.

— Cale a boca, seu estúpido coelho —, eu murmurei.

Então algo roçou no meu rosto, e eu estava certa de que o numérico

coelho-blud estava ronronando. Eu abri meus olhos e vi os olhos azuis de Sr. Surly a meros centímetros de distância. A cor era estranhamente familiar àquela dos olhos de Casper, e eu sorri. Sonho ou não, eu tinha que admitir que havia dois caras ridiculamente bonitos em Sang.

De volta à realidade. Eu saí da cama para desligar o alarme e coçar meu tornozelo, o qual coçava como louco. Bem ali onde o coelho-blud me beliscou, havia duas mordidas de inseto rosadas e inchadas. Era isso uma evidência de que Sang era real, ou Sr. Surly tinha pulgas?

Eu imaginei que finalmente eu saberia com certeza, da próxima vez que eu fosse dormir. O alarme do relógio, o qual não era realmente um coelho-blud, disse 7:32, então eu tinha um pouco mais de doze horas antes que eu soubesse da verdade. Eu definitivamente estava indo para cama mais cedo. Eu odiava admitir isso, mas seria um dia realmente longo, apenas esperando ir dormir novamente.

Tudo o que eu podia pensar era sobre Sang. E Criminy. E Casper.

Eu não podia esperar para visitá-lo nas minhas rondas. Claro, seu corpo no meu mundo estava definhado, a mente vazia. Mas eu podia olhar pela sua casa com novos olhos, aprender mais sobre ele. Quando eu pensei no seu piano e seus dedos ágeis acariciando para cima e para baixo no teclado, eu tive alguns pensamentos muito anti-profissionais.

Enquanto eu tomava um banho e me aprontava para o trabalho, eu pensei sobre a maneira pela qual eu me aparetei no espelho depois dos cuidados de Sra. Cleavers, com a pintura e o cabelo e as pesadas camadas de roupa. Apenas o amuleto permaneceu, e ele não brilhava mais. Mas eu podia abri-lo, sempre que eu quisesse e estudar o rosto de Criminy e pensar no seu cheiro de vinho tinto e videiras. Eu inalei o meu perfume usual, mas ele pareceu viçoso e falso, então eu não o coloquei.

Enquanto eu me vestia, eu me senti exposta na minha T-shirt e jaleco. Eu fiquei impressionada em perceber que eu senti falta do meu espartilho, o qual moldava a parte menos favorita do meu corpo em um formato agradável. Eu me senti francamente deselegante, de fato.

Enquanto eu avançava para um armário cheio de cereais tentando decidir entre Whesty-O e Oatey-Squares*²⁵, eu parei. Qual era a diferença? Era tudo porcaria embalada, nada disso era de verdade. Minha vida parecia ociosa, fácil, amena, segura, um apartamento de coloração neutra chorando para ser bonito e interessante. E isso me fez lembrar da venda de bens onde eu tinha encontrado o colar. Eu tinha que voltar à casa da Sra. Stein e ver o que estava naquele livro vermelho-sangue.

Quando eu apareci às 8:30, Nana estava no seu usual modo alegre, seu pesadelo da madrugada e subsequente telefonema esquecido. Eu não trouxe isso à tona. Eu sempre cuidava muito bem dela, mas hoje eu cuidei super-extra-muito bem dela, me certificando que ela estivesse na sua melhor saúde possível.

— Docinho, você parece mais doce do que o normal. Há algo que você não esteja me contando? — ela perguntou em sua mais inocente voz do Sul.

— Não, Nana —, eu disse exatamente tão docemente. — Apenas fazendo meu trabalho para a avó que eu amo. — E eu planejei dar a ela uma metade extra de Ambien essa noite, esperando manter esses pesadelos distantes.

Quando ela estava completamente em ordem pelo dia, eu recuei à venda de bens. Sem placas, sem carros na entrada da garagem, sem luzes na casa. A venda estava evidentemente encerrada. Mas eu tinha que conseguir aquele livro e ver se ele tinha as respostas para minha vida dupla em Sang.

Eu andei pelas pontas dos pés até a casa e espiei através da janela ao lado da porta da frente. Muito do material no interior se foi. A mesa onde as pessoas pagaram pelas suas compras ainda estava ali, mas a caixa registradora e caderno estavam faltando. Eu me perguntei o que aconteceu com todas as coisas que não tinham sido vendidas, se elas tinham sido jogadas no lixo ou dadas aos gananciosos filhos da Sra. Stein ou vendidas ao lixeiro. Certamente ninguém iria sentir a falta de um velho livro sujo, se ele

²⁵ Tipo de cereais.

ainda estivesse ali.

Espera, eu pensei. Você já roubou um colar. Agora você está tentando justificar um arrombamento de casa e roubo de um livro. O que você está se tornando?

Eu não sou uma ladra, eu disse para mim mesma severamente como resposta.

Você já é uma ladra. O que é mais uma coisa que ninguém quer?

Pare de falar sozinha, eu pensei, tentando sacudir as vozes para fora da minha cabeça.

Eu dei a volta pela lateral da casa, esperando parecer imperceptível. Quando eu olhei para cima e para baixo na rua, eu não podia ver um único vizinho. O bairro da Sra. Stein sempre foi silencioso. Eu senti como se eu estivesse sozinha em um mundo enorme. E eu senti como se a casa estivesse esperando por mim.

Infelizmente, eu já tinha entregue a minha chave. Eu corri pela parte de trás e tentei a porta, a qual tinha um buraco de chave antiquado. Eu mexi na maçaneta, mas estava trancada. Debaixo do velho capacho de boas vindas, eu encontrei uma chave. Eu não podia acreditar que uma bruxa velha desconfiada como Sra. Stein realmente mantinha uma chave em tal lugar óbvio.

A casa estava silenciosa, exceto pelas tábuas rangendo sob meus tamancos de trabalho e meu coração martelando nos meus ouvidos.

Eu corri passando a porta fechada do seu quarto e subi as escadas, verificando cada janela que eu passava pelo movimento lá fora. Eu podia sentir a adrenalina pulsando através do meu corpo, e eu podia ouvir cada suspiro de poeira e minúsculo gemido na antiga casa. Enquanto eu me debatia nos escuros, degraus vacilantes ao sótão, eu percebi que eu seria encurralada ali se alguém aparecesse. E eu nunca fui uma boa mentirosa.

O vermelho livro brilhante foi fácil de localizar. Eu nem sequer parei para abri-lo, apenas corri de volta escada abaixo e saí pela porta de trás, virando a tranca e batendo a porta fechada. Uma vez que eu estava de pé na

grama, eu me permiti respirar novamente.

Apenas então, eu ouvi pneus mastigando o cascalho, e eu joguei o livro atrás de algum grande arbusto de hortênsia lutando por espaço contra a parte de trás da casa. Eu dei a volta na casa, fingindo inspecionar a grama.

— Com licença, juvenzinha —, veio uma irritada fala pausada Sulista. — Eu posso ajudá-la? — Ela era constituída como um navio, em um poderoso terno lavanda e calça estreita preta. A julgar pela sua maquiagem, ela gastou seus dias advogando e seus finais de semanas colocando Avon.

— Oh, eu espero que sim —, eu disse, minha voz mais firme do que eu esperava. — Eu estava na venda de bens ontem, e eu acho que eu deixei minha carteira cair aqui fora.

— Ninguém entregou uma carteira —, ela disse, seu astutos pequenos olhos errantes sobre mim com suspeita. — Você pode descrevê-la?

— Claro. É uma azul clara com flores e um zíper.

Minha carteira realmente era de couro escuro. Eu nem sequer soube por que eu menti para ela, de onde a imagem mental da carteira inexistente tinha vindo. Veio para mim tão facilmente. As mentiras estavam apenas florescendo, uma atrás da outra.

— Você comprou algo com o seu cartão de crédito? Eu posso ter os registros —, ela disse com uma enjoativa doçura que me disse que ela estava com pressa. — Qual o seu nome, docinho?

— Valerie Taylor —, eu disse. — Mas eu realmente não comprei nada.

Ela folheou através do seu caderno rosa mesmo assim, murmurando. “Valerie Taylor, Valerie Taylor”, sob sua respiração. Como se realmente isso pudesse estar ali em algum lugar.

— Não, não há registros de nada. Desculpe por eu não poder ajudar você. Talvez você devesse levar esse problema à polícia? — Ela esticou seu braço em direção aos nossos carros e vestiu o seu mais quente sorriso. Eu não vacilei.

— Eu gostaria de continuar procurando pela grama, se você não se

importar —, eu disse. — Eu tenho certeza que está aqui fora em algum lugar.

— Eu não sei se isso é apropriado. Propriedade privada e tudo isso.

— Oh, me desculpe —, Eu disse com um sorriso caloroso. — Mas eu prometo não mais incomodar. A casa está vazia, certo?

Ela se atrapalhou na fala e ficou vermelha bem abaixo de onde as pérolas se enrolavam no seu pescoço. — Sim, bem, um, mas sim, bem, veja você... direitos de patrimônio e tudo... transferência de posse...ações...

— Ótimo. Não me deixe ficar no seu caminho. Eu apenas estarei bisbilhotando os arbustos. Muito obrigada pela sua ajuda, senhora.

Eu me virei de costas para ela. Ela seguiu para a porta, ainda corada, e a abriu com sua própria chave. Ela tinha que virar de lado para passar pela porta estreita, e no segundo que ela desapareceu, eu mergulhei para o livro e o larguei dentro do cóis do meu jaleco. Eu bisbilhotei nos arbustos por um minuto antes de calmamente andar de volta ao meu carro e dirigir para longe com a chave extra da Sra. Stein ainda no meu bolso.

Isso foi tão fácil, eu pensei. Eu coloquei minha mão no livro e sorri de orelha a orelha.

Mas então minha breve presunção foi substituída por horror.

Eu era uma ladra agora, e uma mentirosa, também.

Mentir tinha sido tão... natural. E tão completamente nada como eu. A Tish normal teria estado aterrorizada com o agressivo velho machado de batalha e fugiria até o seu carro, e ela estaria preocupada pelo resto do dia, esperando problemas.

Letícia, por outro lado, nasceu atriz.

Isso me incomodou todo o caminho até a casa de Sr. Rathbin. Eu estava adiantada, então eu estacionei meu carro em um local sombreado descendo a rua e peguei o livro. Era muito velho, mas estava em bom estado, com páginas com bordas douradas e uma capa brilhosa de couro vermelho-sangue de anos de manipulação. Não havia título na lombada, e uma bússola dourada cercada de videiras estava em relevo na frente, apenas

como aquela no amuleto.

Ele se abriu a uma página aleatória, e eu não vi... nada.

O livro estava vazio. Apenas páginas manchadas com centenas de anos de idade com nada nelas.

Eu virei na parte interna da capa da frente. Havia uma longa lista de nomes escrita em tinta gasta na cor de sangue seco. O que provavelmente era, de fato. Nomes e datas e anotações. De poucas em poucas inscrições, a letra manual mudava, embora todas as letras fossem pouco claras e ornamentadas, com muito floreio.

A primeira inscrição liasse *Vetivern Stain c. Isly Tatters, 1281*. A seguir vinha *Crumm Stain, n. 1283*. Nascimentos, casamentos, e mortes, tudo linha abaixo. Nomes estranhos, todos parecendo nada comum ao meu mundo. E eles viviam muito mais tempo do que qualquer um no meu mundo, também. Jerebiah Stain aparentemente tinha durado 343 anos antes m. por drenagem.

Eca.

Mas a última inscrição captou minha atenção. *Criminy Stain, n. 1793*.

Os nomes dos seus pais estavam bem acima, *Angero Stain c. Frey Pallor, 1793*.

Mesmo ano, interessante.

Eu estiquei a mão para tocar as antigas palavras, e no momento em que minha mão se conectou com a página, eu senti a alegre eletricidade familiar e vi novas palavras escritas ali em fresco, vermelho brilhante.

Criminy Stain c. Letícia Paisley, 1905.

Eu arranquei minha mão, e as palavras se foram.

Eu teria esperado tal coisa em Sang, mas nenhum vislumbre no meu mundo, no meu carro, no meu traje de trabalho, isso era realmente assustador. E se acontecesse toda vez que eu tocasse um paciente? Luvas preveniriam isso, como elas preveniam em Sang? Graças a Deus eu nunca ia a lugar algum sem uma grande caixa de luvas de látex.

Por curiosidade, eu coloquei minha palma em outra página, mas nada

aconteceu. Eu bati o livro fechado e o deslizei sob meu assento.

Eu bati na porta do Sr. Rathbin e entrei com um rosto sorridente. Assim começava meu habitual turno de seis horas de trabalho que eu podia fazer com meus olhos fechados, rituais habituais de limpeza e cura. Mas hoje tudo o que eu podia pensar era sobre Sang e Criminy e Casper. Em cada cômodo, eu verificava o relógio. O tempo passava mais lentamente do que o normal.

Finalmente, eu me encontrei na minha próxima penúltima parada. A bonita casa de estilo histórico do extinto pianista Jason Sterling. Eu bati e fui recebida pelo seu primo, um silencioso aluno de música que estava sendo pago para viver no seu apartamento. Ele voltou ao seu quarto, e assim que eu ouvi seu teclado, eu caminhei lentamente sobre o chão de madeira para pegar a mão oca do homem que eu conheci como Casper. Ela caiu flácida e pálida na minha luva, os longos dedos cobertos com unhas que precisavam de corte. Suas várias máquinas soando suavemente em segundo plano, sobrepondo-se ao CD dos seus próprios concertos.

Embora eu nunca tivesse feito isso antes, eu gentilmente desfiz a gaze ao redor dos seus olhos e ergui uma pálpebra. Azul brilhante, sem foco, morto. Mas tão bonito, como uma borboleta preservada sob vidro. Eu fechei o olho e recoloquei o invólucro, brevemente correndo minha mão através do cabelo três centímetros mais comprido e me perguntando como se pareceria se ele fosse mais longo e solto. Enquanto eu trocava sua IV, eu estudei a tatuagem pela primeira vez, um círculo preto contendo um corvo segurando uma chave com uma fita. Estava um pouco levantada, como uma marca. Eu teria que perguntá-lo sobre isso em Sang. Isso se, Criminy me deixasse chegar perto dele novamente.

Sua casa era limpa e arejada. Havia fotografias dos seus familiares, uma dele em uma Harley*²⁶ preta, uma dele de smoking preto, sorrindo em um piano de cauda no Carnegie Hall. Em cada uma delas, ele estava deslumbrante, cheio de vida, exatamente o tipo de homem que eu amaria

²⁶ Marca de moto.

levar para casa da Nana. Sua estante carregada de livros – uma respeitável coleção de clássicos, teoria da música, poesia, e alguma ficção científica. Em um pequeno vidro parecendo uma caixa, ele tinha o que aparentava ser a primeira edição de Folhas de Relva, em verde desbotado com borda dourada. Eu quase desmaiei.

Se ele estivesse consciente e eu tivesse vindo aqui após um primeiro encontro, eu muito provavelmente teria consentido uma transa no sofá por um tempo baseado estritamente no seu bom gosto.

Uma vez que meus afazeres estavam terminados, eu relutantemente deixei essa versão do Sr. Sterling na sua confortável, morte lenta. Ele podia durar trinta anos, se ele não pegasse qualquer infecção. E eu não tinha visto uma única escara ainda. Mas eu não pude evitar além de sofrer um pequeno calafrio, pensando no seu corpo, apenas deitado ali na casa silenciosa, morrendo lentamente enquanto seu primo praticava música corredor abaixo.

— Onde você está, docinho? — Nana me perguntou enquanto eu lavava seus pratos aquela noite. Eu estava sonhando acordada sobre Sang enquanto eu esfregava o seu já esganiçadamente-limpo prato.

— Eu estou aqui —, eu disse. — Apenas pensando.

— Você encontrou para si um namorado? — ela perguntou. — Eu posso detectar o olhar de uma mulher sonhadora, sabe.

— Talvez —, Eu disse. Eu podia mentir para funcionários de venda de bens, mas eu não ia tentar mentir para Nana.

— Bem, se ele é bom o bastante para você, você se certifique de trazê-lo aqui —, ela disse, balançando seu velho espanador de penas para mim. — Um bom sujeito sempre visita os parentes. Isso são boas maneiras.

— Eu não sei se isso vai funcionar —, Eu disse pensativamente. — É uma longa distância.

E era verdade. Ambos estavam longe.

— Eu comprarei para o rapaz uma passagem de avião, se ele vale o seu tempo. — ela disse. — Você sabe como foi com o seu avô e eu. Me atingiu como um caminhão de melancias, a primeira vez que eu o vi. Cinquenta anos de casamento, e nós ainda estávamos apaixonados quando eu o perdi. — Ela suspirou e olhou para a pintura na cornija de Vovô em sua toga de juiz. — Me escute, docinho. Você irá sentir com suas vísceras.

— Sim, senhora —, eu disse automaticamente, e ela assentiu sabiamente. Ela não tinha ideia do que estava acontecendo com minhas vísceras, e nem eu.

Todas as minhas escolhas eram bem difíceis de digerir.

11



Naquela noite, eu fui para a cama cedo. Apenas por questão de importância, eu escovei meu cabelo, lavei meu rosto, e passei fio dental nos dentes. Depois eu rastejei para cima da cama, enrosquei minha mão em torno do amuleto, e fechei meus olhos. Eu estava nervosa e excitada, e se eu tivesse algo mais, eu provavelmente teria problemas em dormir.

Mas eu sou eu, então dormi imediatamente. Eu pisquei e me encontrei na escuridão total. Eu arfei com medo. Nada era familiar. E eu estava exausta.

Depois uma emenda de luz laranja apareceu, e uma voz suave chamou —, Letícia, é você, amor?

— Crimimy? — eu disse, esfregando meus olhos e sentando.

A porta se abriu, e eu fui banhada com um brilho caloroso de algo-

como-lâmpada elétrica de um cômodo principal. Uma sombra com formato-Criminy bloqueou o brilho, e meus olhos se ajustaram, eu vi preocupação e alívio no seu rosto. Ele sentou na lateral da cama e estendeu uma mão enluvada como se me tocando, mas então ele parou no último momento.

— Você está bem? — ele perguntou gentilmente.

— Eu acho que sim —, eu disse. — Mas eu estou tão sonolenta. — Minhas pálpebras começaram a cair.

— Fique comigo, querida —, ele disse. — Fique nesse mundo por um tempo. É minha vez de ter você. — Ele alisou o cabelo para fora do meu rosto e disse —, Como foi? — Apenas aquele pequeno toque me deu formigamentos. Eu me perguntei se eu tinha mau hálito matinal e mergulhei minha cabeça.

— Foi... totalmente normal. Eu acordei na minha cama, cuidei da minha avó, fui trabalhar. Pareceu como se eu nem tivesse dormido, mas estava tudo bem. — Então me ocorreu que ele parecia exausto, também. — Espere. Você dormiu?

— Não muito —, ele disse ironicamente enquanto ele esfregava a parte de trás do seu pescoço. — Eu vou admitir que eu tirei um breve cochilo na madrugada, mas a porta estava trancada e Pem estava de guarda. Tive um sonho estranho. Eu estava observando você através dessa grande janela de vidro, e você estava em um castelo gigante completamente cercado por gramas verdes curtas, como se alguém tivesse cortado com tesouras e régua, e estava chovendo. E eu estava ensopado ao osso, água caindo da minha gola, pelo meu cabelo. E você sentada do lado de dentro em algum tipo de vestido azul feio em um sofá xadrez, observando uma caixa brilhante. Eu gritei e bati na janela repetidamente, mas você não olhava para mim.

— Soa como um pesadelo —, eu disse, mas isso me atingiu no coração. Ele estava descrevendo minha antiga casa, a casa de Jeff, o cuidadoso jardim podado, e meu roupão favorito.

— Foi —, ele disse. Depois, com um sorriso, como se não importasse,

ele adicionou —, Se você alguma vez me ouvir chamando você na chuva, me deixe entrar, tá?

— Claro —, eu disse.

Mas eu podia dizer que algo nele estava perturbado pelo sonho, e eu não queria falar sobre isso, também. Eu poderia parecer um pouco estranha no mundo dele, mas ele estaria inteiramente fora de lugar no meu.

— Oh, e eu voltei à venda de bens onde eu encontrei o amuleto. Eu peguei o livro onde ele estava.

— Oh? — Ele disse despreocupadamente. — E que tipo de livro ele era?

— Um vazio —, eu disse. — Couro vermelho, sem título, sem palavras nas páginas. Apenas um registro familiar na capa da frente. Sua família.

— Jura?

— Sim, de mil e duzentos até agora. Em que ano estamos?

— É primavera de 1904 —, ele disse. — E você está dizendo que os nomes estão ali, mas as páginas estão em branco? — Ele se inclinou na minha direção, concentrado nas minhas palavras.

— É.

— Que bizarro —, ele disse para si próprio. — Quando eu o despachei para encontrar você, era o grimório de família, minha posse mais valiosa, cheia de muitos feitiços, encantamentos, receitas, maldições, cambalacho, e piadas na família. E no seu mundo, são apenas páginas vazias. Eu me pergunto se você pode trazê-lo de volta com você de alguma maneira.

— Mas o amuleto é a única coisa que se transfere. Eu quero dizer, eu estou usando as mesmas roupas e penteado que eu tinha quando dormi aqui. A maquiagem nem sequer atravessou.

— Sim, mas o grimório estava encantado junto com o amuleto. Há um feitiço nele, um forte. Ele quis encontrar você, e ele quer voltar para casa para mim. Ele pertence à Sang.

— Bem —, eu disse pensando. — Ele está debaixo do assento do meu carro agora, mas eu posso tentar cair no sono com ele em meus braços

amanhã à noite. Embora isso irá parecer um pouco bobo.

— Obrigado, amor. Eu não barganharia com você, mas eu fico contente em ter ambos os prêmios.

Nossos olhos se encontraram, e nós dois sorrimos um pouco timidamente. Ele começou a se mover na minha direção, inclinando-se por um beijo, mas eu coloquei uma mão contra seu peito para pará-lo, prestando muita atenção em ter certeza que eu tocasse apenas sua camisa. Meu estômago revirou, mas eu não ia ceder.

— Pare bem aí —, eu disse.

— Por quê? — ele respirou.

— Porque eu não posso —, eu disse. — Eu acabei de acordar em outro mundo. Eu não posso sair beijando homens estranhos antes do café da manhã.

— Eu sou um homem estranho agora? — ele disse, recuando para me segurar com seus olhos aguçados.

— Eu conheço você por um dia —, eu disse, empurrando-o mais para trás para que eu pudesse sair da cama. Eu fui para o lavatório e olhei para meu rosto e cabelo amarrotado pela cama no espelho. Com a maquiagem preta manchada, eu parecia um pouco como uma Vitoriana depravada. Que não era inteiramente impróprio.

— Um dia, e ainda um estranho. Quantos dias até eu deixar de ser estranho? — ele perguntou brincalhão, espiando sobre meu ombro à sua própria imagem cansada, mas bem arrumada. Apesar de ter gasto toda a noite no meu vagão, ele não tinha nenhum um pouco de barba por fazer. Seu cabelo estava puxado para trás em um baixo rabo de cavalo, e isso o fez parecer um pouco menos rebelde, um pouco mais adequado. Ao passo que eu estava uma bagunça, mas ele não pareceu se importar.

Eu podia sentir a presa interior me instando a ficar longe do seu sorriso predatório. Mas ele era apenas uma pessoa. Ele podia andar a luz do dia, ele aparecia em espelhos, ele não dormia em um caixão. Ele não estava morto. Mas eu de alguma forma continuava esperando que ele fosse mais do que

um monstro.

— Eu acho que você sempre será um estranho —, eu disse suavemente, olhando abaixo para as flores vermelhas pintadas em uma vasilha chinesa. — Onde está o jarro de água?

— Jarro de água? — ele gargalhou. — O que você pensa que isso é — mil e seiscentos?

Ele alcançou um pequeno interruptor na lateral do lavatório e o ligou, e água começou a derramar da boca do querubim de cerâmica disposto na madeira sob o espelho.

— Nós ligamos a bomba da caravana a um aquífero sempre que nós estacionamos, veja você —, ele disse. Quando a tigela estava cheia, ele desligou o interruptor, e a água parou. — Quando você estiver terminado, o dreno está debaixo da tigela. Apenas a erga e o bombeie. É um pouco fora de moda, mas é melhor do que meias contra uma pedra. — Vendo o olhar do meu rosto, ele gargalhou. — Você não tem água corrente no seu mundo?

— Sim —, eu disse. — Eu imagino ter pensado que as coisas eram menos modernas aqui.

— Menos modernas? Você nem sequer tem mecanismos robotizados de onde você veio, você disse.

— Tudo bem, tudo bem. Você venceu. Você é mais moderno. — Eu disse. — Eu posso me vestir agora?

— Claro. Você precisa de alguma ajuda com seus laços? — Ele disse casualmente, mas havia faminta curiosidade na sua voz que me divertiu.

— Provavelmente —, eu disse. — Mas eu preciso de ajuda com tudo. Você pode enviar Sra. Cleavers aqui?

Ele gargalhou aquela alta, selvagem gargalhada dele e disse —, Sra. Cleavers não faz atendimentos domiciliares, querida. Ela é uma dama muito importante. Mas eu enviarei a você uma garota. Eu sou melhor em desmanchar os laços, de qualquer forma.

Ele passou tranquilamente para fora da porta com um sorriso no seu rosto e seu macaco de cobre no seu ombro, chamando —, E venha ao carro

de refeição para o café da manhã quando você estiver pronta, amor. Muito a se fazer.

Momentos mais tarde, alguém bateu na minha porta, e quando eu a abri um centímetro, eu vi a parte de trás de uma cabeça emplastrada com cachos loiro-morango e uma profusão de couro roxo e amarelo. Um pequeno morcego mecânico apertado no seu ombro, asas de borracha dobradas e olhos vermelhos piscando brilhantes. Era a garota que eu tinha visto na corda bamba ontem.

— Oi? — eu disse.

Ela se girou e me deu um brilhante, mas fingido sorriso. Relembrou-me do olhar que uma garota popular me deu uma vez na escola, bem antes dela pedir emprestado meu dever de casa.

— Oi, boneca —, ela disse com algo como um sotaque londrino. — Mestre Grim disse que você precisava de ajuda com laços e outros enfeites, então eu estou aqui.

Ela pisou passando por mim para dentro do meu carro e olhou ao redor, avaliando. Eu quase podia ver cífrões nos seus olhos azuis.

— Isso foi arrumado rápido para você, não foi, amor? Sofá fino, refez o chaise, comprou um novo espelho. Consertou todos os arranhões que Pietro deixou para trás, pobre rapaz. Você deve ser muito chique!

— Oh, não muito —, eu consegui guinchar antes que ela empurrasse a porta do quarto aberta.

— Veja —, ela disse. — Roupa de cama de seda, também! Eu sei o que o Mestre está pensando aqui, hein? Adorável ninhozinho para os pombinhos. Onde estão seus espartilhos e anáguas, agora, amor? Nós ainda temos o café da manhã.

Ela era como um pardal, afiado e rápido, e suas palavras fluíam em córrego musical. Se foi o olhar entediado que eu tinha visto ontem, substituído por olhos astutos de um batedor de carteiras.

— Eu sou Emerlie —, ela disse. — Emerlie Fetching. Originalmente de Blackchapel, claro, o qual você irá notar pelo sotaque, hein? Aprendi a

corda bamba e manobras do meu papai, ele era um veterano na caravana. Eu faço o monociclo, dança da corda, aros de fogo, muitos. Estando com esse show por três anos agora, e é bem legal, hein?

— Hein —, eu disse, entregando-a o espartilho preto e entrando nas anáguas antes de puxar a camisola da minha cabeça. Seu falatório tornava difícil me concentrar em algo.

— Oh, são coisas adoráveis, ora. Finos laços esses, devem ser de Franchia. Agora, esse waspie*²⁷ é bom, material grosso. Sra. Cleavers sabe o que fazer em um armário, hein? Costurou esse traje para mim, disse que se eu não me vestisse como uma dama, eu não me vestiria como um homem, também. — Ela riu e mostrou covinhas, como se nós fôssemos melhores amigas compartilhando um segredo. — Coloque um para que eu prepare enquanto eu destaco seus olhos, com todo o cal e carmesim. Agora, agarre a moldura da porta enquanto eu começo a puxar, e prenda seu fôlego, como uma boa moça.

Eu obedeci, e ela começou puxar, quase tão cruelmente quanto Sra. Cleavers. Quando ela finalmente amarrou os laços e eu exalei, eu me senti estranhamente em casa no vestuário apertado. Era desconfortável, mas tudo estava no lugar, bem onde deveria estar. Emerlie abriu o armário e assobiou.

— Quando é o grande dia, hein, amor? É o mais caro danado vestido de noiva que eu já vi.

— Vestido de noiva? — eu engasguei.

— Certamente, moça, você notou, como há uma confecção branca e espumosa aqui no seu armário? Ou ele ficou escondido à noite, quando você estava dormindo?

— Eu o vi —, eu disse. — Mas eu não sabia que era um vestido de noiva. Eu só pensei que era branco.

— E por que outra razão uma dama usa branco? — ela zombou. — É uma danada vida suja, é isso com certeza. Então o mestre não fez o pedido a você, então, hein? — Eu podia ver cálculos por trás dos seus olhos. Eu

²⁷ É um tipo de espartilho, mas que abrange somente a metade do que um espartilho abrange, e é utilizado na região da cintura.

imaginei que essa fofoca era corriqueira dentro da pequena família do carnaval.

— Não —, eu guinchei.

— Oh, bem, é apenas uma questão de tempo, então, que com ele dando a você esse adorável vagão e uma caixa cheia de vestidos caros. Agora, vamos ver, qual vestido? Deve ser esse aqui. O Borgonha. Combina com você. Vamos colocar isso sobre sua cabeça, então.

Ela estendeu o vestido para mim, e eu mergulhei dentro dele, apenas como eu tinha feito no dia anterior. Ela continuou falando enquanto laçava todos os laços e alisava o vestido sobre mim, mas eu estava gritando silenciosamente no canto interno da minha mente. Por que aquele lascivo presunçoso instalou um vestido de noiva no meu armário? Eu ia acordar um dia da minha outra vida já vestida e de pé em um altar? Apenas como no meu vislumbre no livro?

Ela encontrou alguns potezinhos de maquiagem em uma gaveta e foi trabalhar no meu rosto. Pareceu que Emerlie nunca parava para respirar, suas palavras apenas tropeçando uma atrás da outra como uma caixa de filhotes enquanto ela trabalhava.

— Eu consegui para mim um esperançoso Bluddy, isso sim. E agora ele até mesmo espera que eu o ame, eu nunca vou compreender, o estranho sujeito. Fica por perto devaneando para mim todo o dia, esperando por uma palavra, e o que eu digo? *Vá embora, seu monstro pervertido sanguínário?* Eu não sou como você, moça, eu fui criada para ser contra esse tipo de coisa, e o pensamento em beijá-lo, e dele querendo me comer todo o tempo, é só infeliz, hein? Eu não sei como fazer isso, senhorita, e eu não tenho certeza.

— Como fazer o que?

— Amar um Bludman —, ela disse, seu nariz se enrugou. — Com os olhos estranhos e o cheiro e a pele e o sangue.

— O que está errado com os olhos e o cheiro e... tudo que você disse? — eu perguntei.

— Bem, você não sente o cheiro dele? O sangue e morte, todo de carne e cobre?

— Criminy não cheira assim —, eu disse, confusa. — Ele cheira como... amoras. Vinho. Algo como ervas e verde. Talvez sua colônia?

— Os Bludmen não usam uma essência falsa —, ela disse. — E isso não ajudaria, tão forte quanto eles cheiram. E os olhos, sempre parecendo como se houvesse uma chama ali, fogo e sombras. Eles parecem como o inferno para mim, senhorita, e sem ofensa. Como os olhos do demônio.

— Eu acho que é bonito —, eu admiti timidamente.

Ela olhou para mim, duvidosa, e disse —, Bem, ao menos você deve concordar que é difícil observá-los bebendo sangue. Vendo a coloração dos seus dentes, transformando seus lábios em vermelho?

Eu encolhi de ombros. Ela estava segurando um pequeno pote de rouge*²⁸ vermelho brilhante e um pequeno pincel, e aparentemente ela não tinha notado a ironia.

— Comida é comida —, eu disse. — Não é como se eles estivessem matando alguém.

Ela estremeceu. — Eles estão a um batimento cardíaco disso cada segundo. Como um rato-blud roendo a carcaça e observando você, e você sabe no que ele está pensando.

— Aquele garoto, aquele que gosta de você. Qual o nome dele?

— Charlie Dregs —, ela disse com um exasperado suspiro. — E ele não é tão ruim, para um Bludman. Melhor show de Punch e Judy*²⁹ que você já viu, a maneira como ele trabalha com seus fantoches e mecanismos. Mas mesmo assim. Como poderia funcionar? Meus pais me matariam. Meu avô viria atrás dele com uma tocha. As crianças seriam metade-blud, e ninguém gosta delas. Porque comprar problema para nós?

— E sobre Casper? — eu perguntei com cuidado.

— O musicista? — Ela encolheu de ombros. — Bem bonito, se ele não fosse um Forasteiro, e sem ofensa.

²⁸ É o nosso blush, para corar as bochechas.

²⁹ São um casal de fantoches populares na cultura Inglesa.

Eu não sabia como perguntar mais sem parecer intrometida, e eu senti que qualquer coisa que eu dissesse estaria em breve nos lábios e ouvidos de todos os outros na caravana. Ela caducou em um muito bem vindo silêncio enquanto ela terminava de pintar meus olhos. Seu preconceito me confundiu. Eu supus que se alguém fosse criado para odiar e temer Bludmen, esse alguém não podia evitar em sentir-se dessa forma. Mas eu apenas não sentia tal repulsa por Criminy, e por Sang, eu imaginei que isso me tornava muito estranha.

— Aqui, agora, senhorita. Você parece adorável, se eu mesma posso dizer.

Eu considerei meu reflexo no espelho, e eu parecia a mesma que eu parecia ontem. Aparentemente, ter grossos círculos negros ao redor dos seus olhos era a eminência da moda em Sang. Ela tinha pintado um pequeno contorno nos meus lábios para fazer um arco de um gordo cupido, e ela enfiou o fascinator em cima da minha cabeça, e eu me senti ridícula.

— Isso é como maquiagem e cabelo normalmente são feitos aqui? — Eu perguntei tão gentilmente como possível.

— Oh, veja, sim. Eu esqueci que o Mestre disse que você era de longe —, ela disse. — Todas as jovens damas usam seus prumos de cabelo na frente agora – Sra. Cleavers está um pouco desatualiza em Citydom. E os lábios têm que ser pintados dessa maneira, se você quiser que qualquer rapaz olhe duas vezes.

Seu rosto estava perto do meu no espelho, e ela tinha feito seus lábios da mesma maneira. Ela tinha uma minúscula cartola marrom cercada por penas de faisões situada em seus cachos, e ela sorriu para mim, mostrando dentes amarelos.

— Viu agora? O Mestre estará satisfeito —, ela disse. — E se você puder colocar uma palavra extra sobre meu vagão, eu estaria muito satisfeita.

— O que há de errado com o seu vagão? — eu perguntei.

— Nada. — Ela fungou. — Exceto que eu não gosto de dividi-lo com

aquela Abissínia. Ela é uma garota adorável, mas há sempre tantas cobras, e o vagão sempre tem cheiro de fumaça. Eu tinha esperado... — Ela parou, olhando tristemente ao redor do meu trailer, depois olhou para mim e sorriu aquele brilhante sorriso, completamente fingido. — Mas isso é tudo, bem e bom. Videntes vêm antes de andadores na corda bamba, e esse é sempre o jeito das coisas. Vamos pegar o café da manhã, então?

Andar de braços dados com Emerlie foi árduo. Ela nunca parou de falar, e a maior parte do que saía da sua boca era queixa em uma voz alegre. Ela sussurrou sobre todos que nós passamos, apenas alto o bastante para deixar claro que ela estava fofocando. Eu estava envergonhada e esperançosa que ser vista com ela não ia tornar ninguém contra mim.

A maior parte do tempo, eu apenas a desliguei. Eu tinha muito a pensar sobre mim mesma.

Ela lançou a porta aberta do vagão de refeição e guinchou quando ela viu as outras garotas sentadas em um canto.

— Mais tarde, amor! — ela gritou sobre seu ombro enquanto nós trotamos para as suas amigas, uma das quais tinha uma espetacular barba longa, mas ainda era um tanto bonita. A outra era magérrima, com dentes salientes, e ela me lançou um olhar diabólico enquanto eu verificava o lugar. Criminy ergueu uma sobancelha da sua cabine, onde ele estava esperando por mim. Não havia sinal de Casper. Eu estava mais do que um pouco desapontada.

Depois de eu ter reunido meu café da manhã de mingau quente, algumas frutas cítricas, e um estranho líquido de coloração âmbar, ele me introduziu para a cabine e fechou as cortinas.

— Por que as cortinas? — Eu disse. — Não parece estranho — a gente comendo no mesmo lugar de todos os outros, mas escondidos em uma tenda?

— A maior parte do que nós falamos é segredo, amor —, ele disse, sorvendo seu sangue. — E não é saudável que eu fique muito perto dos outros. Eu tenho que manter o controle. Uma vez que eles me vejam

gorjeando canções de amor para você, eu estou acabado.

Ele piscou para mim um sorriso ensanguentado, o tipo de coisa que provavelmente faria Emerlie querer vomitar, mas isso não me incomodava mais.

— Então sobre a noite passada? — ele disse, fazendo disso uma pergunta.

— Eu estava de volta ao meu mundo real. Meu relógio estava tocando, meu gato estava ronronando. Era como acordar de um sonho normal em uma manhã usual.

— Mas você estava cansada?

— Sim, exausta. Ainda estou. Eu provavelmente irei começar a ficar louca logo.

Ele acenou. Eu soprei minha colher e mordisquei uma colherada.

— Nós temos que descobrir uma forma de você dormir sem voltar ao seu outro mundo —, ele disse para si. — Talvez um sono encantado?

— Vale uma tentativa —, eu disse. — Enquanto você souber o que está fazendo.

— Eu sei exatamente o que estou fazendo —, ele disse com um olhar latente que me perturbou.

Eu me atrapalhei enquanto pegava uma das pequenas frutas cítricas, a qual era lisa e dourada. Eu a espremi com meus polegares, e o suco vermelho brotou e manchou minhas luvas, pingando na mesa.

— Ugh, o que é isso? — Eu chorei, procurando um guardanapo.

— É tangerina, amor —, ele disse. — Eu pensei que você soubesse disso.

— Mas é todo vermelho por dentro —, eu disse, enxugando na minha manga. — No meu mundo, elas não são todas escuras e pegajosas. — Eu suspirei. — Como sangue.

— Você está metade certa —, ele disse, removendo suas luvas e tirando a fruta de mim.

Eu vi suas mãos pela primeira vez, negras e com escamas como a da

Sra. Cleavers, com garras recortadas a meio caminho entre as unhas e talões. Eu deveria ter estado enojada, mas eu não estava. Elas eram bastante bonitas, e eficientes, também, enquanto ele descascava e removia pedaços da rica, fruta vermelha com bem menos do que teria feito.

Ele disparou um pedaço dentro da sua boca e a chupou, dizendo —, Tangerina é a única coisa além de sangue que eu gosto de comer. Tem um pouco de gosto de sangue, porém mais doce. Não tão nutritivo, veja bem, mas melhor do que nada.

— Como bala —, eu disse com um sorriso.

Ele retornou o sorriso, engolindo a fruta e estendendo outro pedaço para mim. — Um pouco como bala, sim. Tente.

Eu podia ver o desafio nos seus olhos, então eu disparei a fruta dentro da minha boca. Preparada pelo pior, eu achei que era realmente adorável, como uma mistura entre cereja madura e uma clementine.*³⁰

— É deliciosa —, Eu disse —, com um pouco de coloração. Minhas luvas estão arruinadas.

— Você é um pouco de tangerina por si só, Letícia. — ele meditou, brincando com a casca enrolada. — Doce, intrigante, madura, e succulenta. Mas não é bem o que parece. Ainda envolta por uma parte de concha.

— Você está dizendo que eu sou uma casca? — Eu disse, e depois eu comecei a rir, e ele se uniu a mim.

— Sim, minha doce tangerina. Muito atraente*³¹. Mas é hora de largar a concha —, ele disse. — O show abre essa noite, e nós temos que aprontar você para a apresentação. Você precisa estabelecer seu jargão, praticar vidência com os canivalleros. E minha esperança é que você tenha vislumbre da pessoa que tentou envenenar Sra. Cleavers. Esteja pronta para isso. Aprenda a manter seu rosto fechado, revelando apenas o que você deve. Fique confortável em mentir, e faça isso rápido. Você acha que pode?

— É muito a se aprender em um dia —, eu disse. — Eu não sou como você. Eu não sou uma boa artista.

³⁰ É uma fruta cruzamento entre a laranja e o mandarin.

³¹ Aqui o livro faz uma analogia com a palavra peeling que é descascar com appealing que é atraente.

— Eu estou apostando que você é, querida —, ele disse. — Eu posso ver isso em você, esperando por vir à tona.

— Eu farei o meu melhor —, Eu disse. Eu subitamente me senti muito pequena e inútil. Não que eu estivesse tão preocupada sobre os vislumbres, porque parecia como se eu não pudesse impedi-los se eu tentasse. Eu só não queria desapontá-lo.

— Você será ótima —, ele disse. — E eu estarei com você para ajudar. Eu suspirei. — É isso que me assusta.

12



Minha primeira vítima foi Torno, o homem forte.

— Minha sorte, nunca foi lida —, ele disse com um galopante tipo de sotaque. — Eu espero que minha sorte, aquela que você verá, seja uma boa. — Um pequeno cão mecânico sentado sob suas ancas nos pés dele, imóvel como uma estátua exceto por um estranho arquejo robótico.

Eu sorri. Eu não tinha ideia do que dizer.

Eu estava sentada atrás de uma bola de cristal em uma pequena tenda colorida do lado de fora do meu vagão. Letras curvas em negrito e em dourado brilhante me proclamavam uma cigana advinha, então definitivamente era muito tarde para recuar. Eu estava vestindo o grande ofensivo turbante de cor malva, um xale de malha, e um cachecol salpicado de moedas ao redor dos meus quadris.

Eu me sentia como uma grande e velha falsificação.

Criminy estava de pé atrás de mim nas sombras. Ele deveria estar me guarnecendo. Mas ele estava esperando silenciosamente, me dando a chance de tentar primeiro, eu imagino. Antes de nós nos sentarmos, ele me disse —, Seu sotaque é muito estrangeiro e excitante, então isso irá ajudar. Mas você deve aprender a dramatizar, fazê-lo parecer mais importante do que ele é. A maior parte do povo nunca viu um vidente de verdade, e eles estão esperando magia.

Isso não me ajudou nenhum um pouco. Eu estava sorrindo para Torno, e ele estava sorrindo para mim. Seu cão mecânico latiu e eu pulei. Minha mente estava totalmente em branco.

— *Eu vejo que você é muito forte* —, Criminy sussurrou na minha orelha. — *E você é um lutador. Você lutou na guerra?*

Claro, ele era forte, e ele tinha cicatrizes no seu rosto, incluindo um grande rasgo sob seu olho esquerdo. Mas eu repeti as palavras de Criminy, tentando injetar autoridade e estranheza na minha voz.

— Sim —, Torno disse. — Mas essas coisas, elas são conhecidas. Elas estão no passado. O que mais você pode dizer para mim? O que do futuro?

Novamente, silêncio.

— Toque-o —, Criminy sussurrou.

— Se você for tão gentil em remover a luva da sua mão direita —, eu disse enquanto eu removia a minha e estendia minha mão desnuda para ele.

Torno ficou surpreso e encarou minha mão como se fosse algo fascinante e assustador. Depois ele corou. Mas ele removeu sua luva e estendeu sua mão.

Eu a agarrei. O solavanco não foi tão ruim quanto eu estava esperando. Torno não pareceu senti-lo, entretanto, ele apenas ficou sentado ali, me encarando, seu rosto vermelho beterraba. Eu imaginei que em Sang, ele pode não ter tocado a pele de nenhum outro humano em anos.

Veio a mim em seguida, e as palavras se ergueram da minha boca, espontâneas, profundas, e roucas. — Os meninos irão lhe trair —, eu disse.

— Não por sangue, mas por dinheiro. Eles conhecem o lugar escondido. Se você começar com punhos, irá terminar em dentes. Apenas o mestre pode limitá-los.

Seus ombros abaulados curvaram-se dentro do terno de couro cheio de marcas. — Mestre? — ele disse, sua voz profunda trêmula com fúria.

— Isso será feito —, Criminy disse suavemente por detrás de mim.

— Obrigado, Lady Letícia —, Torno disse. Ele retirou uma moeda dourada de algum lugar do seu terno e a colocou na mesa diante de mim, depois caminhou de volta em direção ao seu trailer, fechando e abrindo seus punhos enluvados. O cão mecânico trotou no seu rastro, fazendo um ocasional sobressalto para trás.

— Vê? — Criminy disse, pegando a moeda. — Eu sabia. Você é natural.

— Eu mal entendi o que eu disse. Mas eu imagino que ele saiba o que signifique? — eu perguntei.

— Ele sabe. E eu sei, também. Catarrh e Quincy tem sempre erguido os olhos para ele, mas aparentemente, eles vão roubar algo valioso dele. Eu terei uma conversa firme com eles. Problema resolvido.

— Você não se importa em ter projetos de ladrões aqui? — Eu perguntei, depois eu gargalhei. — Oh.

— Sim. Oh —, ele disse. — Eu mesmo os treinei. Mas nós não roubamos dos nossos. Eles são jovens. Eles irão aprender.

A próxima pessoa apareceu. Era o garoto lagarto, Eblick. Eu nunca realmente o vi na vertical, até agora – apenas desmaiado nos raios de sol. Ele era magro e de aparência doentia, com pálidas escamas verdes e negros olhos úmidos, e ele vestia apenas um terno marrom e calças. Ele era uma das poucas pessoas que eu conheci que deixava qualquer parte do seu corpo à mostra, mas ele certamente não parecia muito apetitoso.

— Mestre —, ele disse, fazendo reverência respeitosamente. — Lady.

— Oi —, Eu disse, e Criminy negou com sua cabeça.

— *Oi*, realmente não define o estágio, amor. Tente algo mais

ameaçador, como *Saudações do além ou Seu futuro espera* ou algo dramático. Ou apenas pule isso e olhe-os de cima a baixo.

Eu prendi Eblick com meu olhar mais feroz, e ele tremeu e engoliu. — Se você for tão gentil para me dar sua mão direita —, eu disse —, Eu irei olhar seu futuro.

Ele estendeu uma mão escamosa e com ponta de garra. A palma era branca acinzentada, com longas escamas como a da barriga de uma cobra. Eu a agarrei com minha própria mão e esperei pelo solavanco, mas nada aconteceu. Eu olhei para Eblick, e ele estava apoiado como se estivesse sendo eletrocutado, seus olhos fechados apertados.

Hora de dar asas.

— Ah, sim —, Eu disse. — Você é temeroso, mas você deve suprimir esse medo para alcançar o seu completo potencial. Clame seu poder no mundo ao ganhar força e... comer saudavelmente e... usar um óleo mágico. Veja o mestre mais tarde —, eu disse, tentando imitar a mesma voz rouca que tinha vindo a mim para Torno.

— Obrigado a você, lady —, Eblick disse, respeito em seus olhos. Ele colocou uma escama prateada transparente na mesa diante de mim. — Eu farei como você diz.

Quando ele partiu, encarando sua mão como se segredos estivessem sido escritos ali, Criminy disse —, Isso não foi um vislumbre, foi?

— Não, eu inventei esse —, Eu disse. — Apenas dê a ele algum tipo de óleo com essência agradável para que ele não pareça tão manchado. Ele precisa ganhar peso e fazer algum exercício.

— Muito bem, amor —, Criminy disse com um rir entre dentes. — Agora você está pegando o jeito.

— O que é com essa escama? As pessoas podem pagar com partes do corpo agora?

— Elas podem sempre pagar com sangue, mas ninguém quer sangue de garoto lagarto —, ele disse. — Essa escama é praticamente um dom, de fato. Grandes propriedades de cura ali. Ou ela pode ser pulverizada e

adicionada a jogo de damas e feitiços. Garota esperta, ao ver que esse poder era o que ele mais precisava.

— Você estava certo —, eu disse. — É bastante óbvio quando você apenas os olha.

O próximo cliente apareceu, a magra, dentuça garota que eu tinha visto com Emerlie no vagão restaurante. Ela estava usando um ridículo chapéu mole que mal cabia na minha tenda. Ela debateu-se na cadeira e disse —, Eu desejo saber como resolver meu... problema.

— Se você remover sua luva direita —, eu disse, e estendi minha própria mão desnuda.

— Nada feito. Eu sou uma dama —, ela disse com um fungar.

— Você gostaria de ser uma dama com ou sem emprego? — Criminy rosnou sobre meu ombro.

— Mestre, eu tenho vinte e dois, eu nunca toquei ninguém fora a minha família —, ela disse, enojada. — E com o seu perdão, senhor, mas eu não conheço essa... pessoa.

— Eu conheço —, Criminy disse. — E eu a deixo me tocar. Isso deveria ser o bastante bom para gente como você.

Eu quase pude vê-la guardando aquela fofocazinha para mais tarde, mas ela sabia que ela não tinha uma escolha. Ela delicadamente removeu a luva e estendeu uma mão com unhas mastigadas até o sabugo. Ela bufou e encarou o ar sobre minha cabeça.

Eu agarrei sua mão e esperei pelo solavanco.

Ali.

— A resposta encontra-se na cidade de Bixby. Há um *chirurgeon*³² lá. — Eu tropecei nas estranhas palavras na placa da minha visão. — Ele é um pioneiro. Mas o preço será muito alto. Pense cuidadosamente antes de aceitar o negócio.

— Quanto? — ela disse com um suspiro chocado.

Eu a preendi com meus olhos. — Alto —, eu disse. — Os espíritos não

³² Cirurgião em Alemão.

permitirão que eu diga mais.

— Obrigada, lady. — Ela distraidamente depositou uma moeda na mesa e se afastou, afagando seu chapéu ridículo. A pobre garota tinha orelhas de abano escondidas debaixo dele, e todo feitiço que ela usou para tentar removê-las tinha saído pela culatra. O chirurgion aparentemente tinha um tipo de cirurgia mágica e podia consertá-la. Mas ela era pobre, e isso era dispendioso. No final, ela teria que concordar em se casar com ele, e ele era velho e feio. Era fascinante, minha pequena janela sobre a vida dessas pessoas bizarras.

— Você está indo maravilhosamente, amor —, Criminy disse.

— Quantos mais existem? — Eu perguntei. — É um pouco cansativo.

— Eu necessito que cada carnivallero venha —, ele disse. — Haverá ainda mais vislumbres essa noite, então é melhor você se acostumar com a tensão. Relaxe mais. Beba algum vinho. Eu posso ver a preocupação nas linhas dos seus ombros.

Ele massageou meus ombros comprimidos por um momento. Eu me foquei em relaxar e dei um sorvo de vinho do cantil escondido sob minha pequena mesa. O vislumbre não era tão difícil quanto eu o estava tornando. Depois eu senti as mãos de Criminy deslizarem dos meus ombros descendo para meus braços, e seu queixo disposto possessivamente no meu ombro. Quando eu olhei para cima, eu vi Casper esperando, até mesmo mais impressionante do que ontem, seus olhos cautelosos, mas esperançosos. Ele estava feliz em me ver quanto eu estava em vê-lo?

— Como isso funciona, exatamente? — ele perguntou com um sorriso educado.

— Você toca a mão dela —, Criminy vociferou. — Apenas sua mão. Ela diz seu futuro. Você a paga.

Casper estendeu sua mão. Eu fui atraída pelos seus olhos, mas ele estava tendo um olhar combinado com o de Criminy sob meu ombro.

— Eu não posso de fato trabalhar com você em empoleirado em cima de mim —, Eu disse em um tom brincalhão.

Ele me soltou, mas não antes da sua mão com luva negra acariciar meu rosto. Eu podia senti-lo nas sombras da minha tenda, tenso e à espreita atrás de mim. — Comece logo com isso, amor —, ele sussurrou.

Eu me foquei em Casper. Sua blusa de poeta estava aberta, revelando um peito bronzeado com alguns cabelos dourados esparsos. Seu cabelo estava escovado a um brilho dourado e puxado para trás, e ele tinha argolas de prata em uma das suas orelhas, como um pirata. Aqueles longos, bonitos dedos estavam esticados para mim como se nós fôssemos sair em um piquenique em uma clareira mágica. Por apenas um momento, eu me esqueci completamente sobre o possessivo Bludman atrás de mim. Eu peguei a mão esticada de Casper.

Ali. O solavanco, como raio do sol perfurando as nuvens.

Interessante. Que segredo ele tinha, esse garoto. E agora eu tinha um também.

Eu tinha que manter o controle. Eu lutei para manter minha voz estável. Eu lutei para sorrir, me impressionando que saísse mais como uma careta.

— Você encontrou o que estava procurando —, eu disse. — Seu futuro é longo e cheio com nobreza. Você encontrará um anseio do seu coração e perderá outro. A perda será a sua salvação. Felicidade se encontra sobre o arco-íris.

— Interessante —, ele disse.

— Uma mística, maravilha desconcertante —, eu respondi suavemente.

— Todas as verdades esperam em todas as coisas, e você é como Whitman. Conte-me mais —, ele disse, se inclinando mais perto, olhos azuis brilhantes. Sua outra mão agarrada às nossas mãos já unidas, pele desnuda envolvendo meus dedos, e isso pareceu tão íntimo, um abraço que eu corei e deixei meus olhos caírem.

— Pague-a e saia —, Criminy rosnou. — Sua sorte foi lida, garoto.

Casper gargalhou suavemente, seus dedos sutilmente acariciando os

meus enquanto ele me soltava. — Ela foi, Mestre Stain —, ele disse enquanto se levantava e largava uma moeda em cima da mesa. — Mas as coisas sempre podem mudar.

— Não em vislumbres, rapaz —, Crimimy disse da escuridão.

— Eu espero que nós possamos conversar mais em breve. Quando nós estivermos sozinhos —, Casper disse com um olhar penetrante e um sorriso desarmado antes de se esquivar para fora da tenda.

Eu o assisti se afastar, costas orgulhosas e cabelo soprando suavemente na brisa. Eu guardaria seu segredo, e ele nunca saberia o meu. Eu peguei sua moeda, um simples cobre, esfregando-a entre minhas mãos desnudas antes de enfiá-la na minha blusa. Era a mesma que eu tinha visto dançando sob seus nódulos. Aquela que eu queria guardar para mim.

Depois a mulher barbada apareceu, bloqueando minha visão. Eu coleí meu sorriso de volta e alcancei a sua mão. Na distância nebulosa, eu ouvi alguém tocando “Somewhere over the Raibow³³” carinhosamente em um cravo.

Uma hora mais tarde, eu quase estava no limite. Eu tinha visto segredos, esperanças, sonhos, crises, tragédias, e umas poucas comédias estranhas. A maior parte das pessoas pareceu querer as mesmas coisas – amor, sexo, poder, riqueza, beleza. Eu imaginei que isso era o mesmo em qualquer mundo.

A próxima pessoa na fila era Veruca, a Abissínia. A maior parte das pessoas tinha se aproximado de mim ou com medo ou com desdém, mas ela pareceu completamente ambígua. Eu não podia ler por que. Eu esperava que um vislumbre real viesse, porque por outro lado, a única coisa que eu saberia o que dizer era que ela era corajosa e única, o qual eu estava apostando que ela já soubesse.

³³ Música tema do filme O Mágico de Oz

Ela não estava usando luvas, e foi difícil não encarar a escura, oleosa pele do seu corpo exposto. Ela estendeu a mão sem uma palavra. Eu a peguei.

Ali.

Isso foi estranho.

— Você tem tudo o que deseja —, Eu disse calmamente. — Mas mesmo assim você terá mais. Você sempre encontrará o que você busca, e você irá cumprir um grande feito. Mas seu fim será terrível.

— Conte-me algo que eu não saiba —, ela exigiu. Sua voz estava alta e gutural, e sua língua era perfurada.

— Haverá um alto, sombrio desconhecido —, eu disse. — E algo envolvendo uma abelha.

Ela riu. — Isso é enigmático —, ela disse. Depois ela olhou sobre meu ombro para Criminy e disse —, Eu gosto dela.

Ela lançou uma moeda em cima da mesa e partiu.

Enquanto eu considerava o estranho e colorido futuro que eu tinha vislumbrado para Veruca, eu senti Criminy tenso atrás de mim. Um pequeno, severo homem hesitou diante da minha tenda. Seu rosto estava franzido com desgosto sob um chapéu-coco de veludo verde que se estendia em couro desbotado abaixo na sua garganta e afivelava sob seu queixo com bronze brilhante. Era muito apertado, e seu queixo se arqueava com rugas por baixo dele.

Embora todo Pinky que eu tivesse visto exceto Casper mantinha sua pele coberta, esse homem levava isso ao extremo, com tiras, fivelas, e retalhos entrecruzando seu corpo. Eu imaginei que se ele fosse fatiado, ele teria anéis concêntricos de couro como uma árvore.

— Eu falho em entender porque essa loucura profana é necessária —, o homem disse.

— Porque eu disse que é —, Criminy disse sombriamente. — Perca as luvas.

— Sem ofensa, lady —, ele disse, falhando completamente em

encontrar meus olhos. — Mas eu fui criado para acreditar que vislumbre era disparate religioso. Eu acho que você é uma charlatã e uma noiva do diabo. Eu não desejo participar.

— Você me deve um débito, Elvis —, Criminy rosnou. — E eu não me importo se você acredita nela ou não, mas você irá entrar no jogo, apenas como todos os outros.

O homem soltou fumaça, e eu podia ouvir seus dentes rangendo. Com bruscos e zangados movimentos, ele removeu o fino tecido da luva. Debaixo dela estava uma luva de couro, e quando ele finalmente conseguiu puxá-la da sua mão, eu podia sentir o cheiro de sua pele. Eu realmente não queria tocar aquela mão suada e imunda.

Mas se ele tinha cedido, eu tinha que ceder.

Enquanto eu alcançava, ele se recuou e afastou o olhar como se eu fosse esbofeteá-lo no rosto. No segundo que nossas peles se tocaram, eu senti o solavanco.

Oh, isso ia ser ruim.

Agora eu me lembrei de onde eu tinha ouvido seu nome antes.

Ao invés de deixar o vislumbre falar por mim dessa vez, eu lutei com ele. Agora meus próprios dentes estavam rangendo, e minha mão se fechou na dele em um aperto mortal.

— Diga, amor —, Criminy sussurrou. — Não lute com o vislumbre.

— Você a matou —, eu disse suavemente. — Enquanto ela estava dançando na floresta. Mas ela não podia evitar em ser o que era. Você acha que é sua missão sagrada, mas você é apenas um covarde de mente pequena. Você quer matar Criminy, também. Há uma dívida.

— Você é uma vadia mentirosa! — ele gritou, cuspe voando dos seus lábios secos.

— Você é um assassino —, eu disse.

Criminy como um raio passou por mim. Sua mão disposta ao redor da garganta do homem, seu braço rígido e seu rosto feroz enquanto ele erguia o corpo envolto de couro do chão com mais força do que eu teria imaginado.

Minha mão abriu livre do seu aperto, e eu a enxuguei na minha saia.

Eu não tinha visto essa parte, apenas a consequência.

— Diga o nome dela —, ele rosnou.

— Quem, eu? — Eu guinchei.

— Não. Ele. Eu quero que ele diga o nome dela.

— Nunca —, Elvis disse. — Ela era impura. Ela mereceu o pior de tudo que eu podia ter feito.

A mão apertou mais intensamente. — Diga.

O rosto de Elvis estava ficando roxo. Eu me senti imparcial da violência, tão distante e descompromissada como alguém assistindo um leão matando um antílope na TV. Eu tinha visto o que aconteceria, e eu calmamente aceitei esse fato. Ele merecia isso, e a única justiça a ser feita em Sang era a do tipo justiceira.

— Belleen —, Elvis sussurrou.

Criminy o largou, e o homem sufocou e gorgolejou enquanto ele lutava para ficar de pé, procurando freneticamente pela sua luva. Enquanto ele empurrava sua mão de volta para dentro da segurança do couro, as palavras tropeçaram da sua boca, interrompidas e cruéis.

— Belleen a imortal sedutora, a diaba do mau. Ela predava a alma dos homens, ostentando seu corpo vil em rotações depravadas. E depois ela bebia dos seus sangues. E eles gostavam disso, pagavam-na pelo privilégio. Eu a peguei na floresta, dançando nua para a lua, e eu cortei fora seu coração e o queimei. Eu lancei seu corpo no pântano, assisti os crocodilos se acotovelarem pela sua carne fresca até ela afundar sob a superfície.

Criminy observou a confissão, em silêncio, sua expressão ilegível.

Desde que Criminy não fez um movimento contra ele, Elvis começou a gritar, sua voz cheia com um feio, orgulho da justiça. — Os deuses falam através de mim. Eu sou instrumento deles. Os Policiais estão demorando muito. Os Bludmen devem ser destruídos, a terra desengordurada da presença deles. Apenas o homem é puro, apenas o homem pode retornar à Sang para a glória da eternidade.

— Você já acabou? — Criminy perguntou.

Todos próximos tinham parado para encarar, se aglomerando ao redor do meu vagão. Eu podia ouvir sussurros e o bater entre dentes, mas eu não podia dizer se a multidão estava faminta por sangue ou apenas por entretenimento.

— Eu nunca irei terminar —, Elvis disse, sua voz se levantando e ganhando força como aquela de um pregador em um sermão. — Meu caminho é a justiça, e eu sou protegido por um poder maior do que seus espíritos vis de sangue. E você não pode me matar porque há testemunhas.

— Ótimo. Você é justiceiro e especial e está em uma missão —, Criminy disse, um sorriso cruel e doce espalhando de um lado ao outro do seu rosto. Ele tirou Pemberly do seu ombro e sussurrou no ouvido brilhante do macaco. Ela olhou para baixo ao chão e trotou ao longo da fila de vagões.

Elvis não sabia como responder a isso. Ele apenas assentiu uma vez como se aceitando lealdade.

Criminy cruzou seus braços e balançou para trás nas suas botas, cantarolando consigo mesmo. — Oh, irá levar apenas um momento —, ele disse. — Mas por favor acredite que eu compreendo completamente. Seus sentimentos devem ser levados em conta, e seu trajeto é perfeitamente razoável.

A multidão gorjeou. Houve uns poucos risos. Elvis deflacionou um pouco e começou a procurar ao redor por apoio.

Houve um cintilar de cobre, e Pemberly estava novamente no ombro de Criminy, sua cauda envolta ao redor do seu braço. Criminy pegou algo da sua pequena mão negra.

Era o frasco de pó do trailer de Sra. Cleavers, embrulhado em seu lenço de bolso. O veneno.

— A coisa é essa, entretanto, Elvis —, Criminy disse. — Eu estive pensando que você merece uma promoção na caravana. Você esteve tirando a poeira dos mecanismos e dirigindo a locomotiva por anos, e é sua

vez de tomar o palco central.

— Eu não acredito—

— Eu tenho certeza você que você não acredita —, Criminy disse, cortando Elvis. — Mas você irá. Veja você, eu estive pensando que nós precisamos de um palhaço. Um bom, antiquado Pierro. E você irá fazer sua maquiagem, completamente sozinho. Nós vamos começar com branco puro, apenas como sua alma.

Elvis deu um passo para trás, e a cor drenou do seu rosto. Sua boca abriu e fechou, mas nada saiu.

Criminy desatarraxou o topo do frasco de vidro e o estendeu para Elvis. O terrível homem se virou para correr, mas Catarrh e Quincy apareceram e o seguraram pelos braços. Eles eram mais fortes do que eles aparentavam. A multidão se aproximou, uma sólida parede de corpos. Metade deles estava zangada, metade estava curiosa, mas ninguém mostrou sequer uma sugestão de simpatia.

— Como você pode fazer isso! — Elvis berrou. — É assassinato! É contra as leis! Você irá perder sua licença! Meus irmãos humanos verão você ser castigado!

— Assassinato? — Criminy disse, recuando em confusão fingida. — Meu caro senhor, eu estou dando a você uma promoção. É apenas pó. Um simples bocado de maquiagem. Sra. Cleavers a usa em todos. Porque na terra você se assustaria com pó?

A multidão tinha feito um círculo estreito ao redor deles agora, e eu tinha um assento na primeira fila por detrás da minha bola de cristal. Sra. Cleavers prendeu Elvis com seu olhar mais sombrio e arreganhou seus dentes.

— Eu mesma uso isso, seu homem bobo —, ela disse. — Não há nada a temer do pó.

Elvis lutou, mas não havia escapatória.

Criminy estendeu o frasco novamente e disse —, Vá. Pinte seu rosto, palhaço. Ao menos que você gostaria de contar aos seus amigos e colegas de

trabalho algo especial?

Elvis olhou para o pó, depois para a multidão. Ele suspendeu sua cabeça, aparentemente percebendo que os Bludmen iriam terminar com ele, de uma maneira ou de outra, agora que eles sabiam o que ele tinha feito.

Ele mergulhou o dedo enluvado dentro do pó e olhou para isso tristemente. Ele desenhou uma listra da sua testa até seu queixo, depois alcançou por outro dedo cheio e desenhou uma linha da bochecha a bochecha. Com uma cruz desenhada no seu rosto pálido, ele olhou para a multidão.

— Eu não me arrependo de nada —, ele disse, e sangue derramou da sua boca. Ele caiu no chão, olhos abertos. Morto.

Emerlie gritou, mas uma das suas amigas fechou uma mão sobre sua boca. A moça barbada desmaiou nos braços de Torno. Um homem pequeno apenas tão coriáceo como Elvis rastejou-se adiante para fechar os olhos do homem morto com um aceno de desculpa para Criminy. Sussurros chocados e olhares furiosos dispararam do outro lado pela multidão, ainda assim ninguém pareceu completamente surpreso. Eu não podia dizer se isso foi devido a eles saberem que Elvis era uma semente ruim ou porque a palavra de Criminy era aceita como lei.

Criminy puxou um longo lençol negro de seda de dentro do seu casaco tão facilmente como se fosse um lenço de bolso. Ele pisou adiante para armá-lo sobre a forma imóvel na poeira, e o cochicho alcançou um frenesi.

— Todos parem! — Criminy gritou.

Os canivalleros imediatamente silenciaram-se e ficaram imóveis.

— Isso é uma família, e nós cuidamos dos nossos. Crimes serão punidos consequentemente. Bellen foi vingada. Agora, vamos em frente. — Sua voz soou com confiança e finalidade.

Os canivalleros se dispersaram. O show tinha terminado.

B



Um pálido sol cítrico permaneceu no horizonte enquanto eu observava a caravana tomar vida pela primeira vez. Escassamente refrescada de umas silenciosas horas no meu vagão, eu estava agora de volta à minha tenda falsa com a minha bola de cristal falsa vestindo meu turbante falso enquanto provendo cem por cento de verdadeira adivinhação.

Estranhos veículos de dois andares apareceram, primeiro como três pontos distantes lançando fumaça. Depois seus pesados comboios transportados sobre as colinas, e finalmente eles chegaram, estacionando em uma respeitosa distância. Eles eram como um cruzamento entre ônibus de excursões Ingleses e tanques, e seus trilhos deixavam feias cicatrizes cruzando o sereno verde dos pântanos. Pessoas da cidade aparentemente levavam muito seriamente excursões em seu país.

Cada ônibus estava acompanhado por dois Policiais, que galoparam à frente em mau humoradas éguas-blud para verificar nossa papelada com Sra. Cleavers. Além da licença da caravana e certificados, era requerido que cada canivallero tivesse documentos, e os meus tinham sido recém-forjados e magicamente envelhecidos no início da manhã. Eu era oficialmente Lady Letícia Paisley. Eu tinha argumentado a favor do meu último nome, mas Criminy explicou que aquele Everett não era nem sobrenome nem uma palavra em Sang e poderia atrair perguntas, então nós ficamos com o muito mais comum Paisley. Eu não podia pensar em um único argumento que não exporia o que eu tinha visto quando vislumbrei o livro dele, então ficou Paisley.

Eu tentei focar na minha respiração e ambiente. Minha maior crítica do dia dos clientes tinha sido que eu pareci desenvolta, mas tímida até que eu os tocasse, quando eu instantaneamente me tornei sombria e misteriosa. Eu precisava manter essa mesma exótica aura consistentemente ao invés de depender da visão.

Meu carro estava entre os de Emerlie e Veruca e Torno, e os vagões tinham formado um círculo para separar o público e os espaços privados da caravana. Mecanismos habitavam os espaços entre os vagões, fazendo seus truques e assegurando que nenhum dos estranhos se aventurasse no círculo interno. O urso panda malabarista e o leopardo dançarino de cada lado do meu vagão eram mais do que um pouco assustadores.

À minha esquerda, Emerlie dirigia seu monociclo e fazia malabarismos com pratos, parecendo mais entediada do que nunca. Suas acrobacias verdadeiramente perigosas não começariam até que a multidão estivesse excitada e reunida como um rebanho de ovelhas de couro pelo pigarro de Criminy. Um pouco além dela, Veruca em uma tenda pintada parecendo um pouco como uma selva exuberante e praticando em engolir uma espada. Na minha direita, Torno ergueu grandes blocos de pedra e gigantes halteres, também se preparando para o seu mais impressionante show mais tarde.

Eu tinha perguntado à Criminy porque não havia um grande palco,

uma tenda gigante com arquibancadas para o show principal.

— Eles costumavam ter esses —, ele disse, pensativo — Algumas centenas de anos atrás, antes de muitos serem bludificados. Mas no mundo dos dias atuais, agrupar um monte de Pinkies dentro de um lugar com apenas uma saída seria como convidar um bando de gansos dentro de uma gaiola com o leopardo. Mesmo se você mantivê-los seguros, eles nunca relaxariam. As pessoas em Sang precisam ver o que está por vir, se certificar que nada está se esgueirando por detrás deles.

Era essa também a razão por trás dos nossos vagões em círculo. Era como lutar para voltar para trás, ter certeza que todos nós estávamos em vigia pelo que quer que pudesse surgir. Nós precisávamos de espaço para nós mesmos. Eles estavam um pouco assustados por nós, mas nós também estávamos um pouco assustados por eles. Eu tive que admitir que a estrutura do meu próprio vagão atrás de mim era reconfortante. Eu fechei meus olhos e me inclinei contra ele, desejando que o vislumbre já estivesse terminado e que eu pudesse tentar o encantamento para dormir que Criminy tinha me prometido.

— Pronta para seu primeiro show, minha dama?

Eu me assustei. Enquanto eu empurrava meu turbante escorregando, eu encontrei Casper de pé diante de mim em um espetacular traje, sorrindo. Ele vestia uma camisa branca esvoaçante que estava laçada ao seu queixo, e sobre isso um colete de lantejoulas azul celeste dançando com negras notas musicais. Seus bermudões eram pretos, suas botas estavam polidas, e seu cabelo estava trançado e amarrado com um laço.

— Você se parece como Sr. Knightley³⁴ —, Eu disse. — Com talvez um pouco de Elton John interpondo.

— Esse talvez seja o elogio mais gentil que eu já recebi, e isso inclui o momento em que a rainha da Inglaterra disse-me que eu tocava como um anjo —, ele respondeu, piscando até mesmo mais covinhas.

Tão difícil como era olhar para outro lugar, eu espiei sobre seu ombro,

34 George Knightley é o principal personagem representado por Jane Austen em seu romance Emma

para onde os tanques estavam estacionados. Eu me inquietei com meu turbante mais uma vez.

— Você está assustada, não está? — ele disse. — Não acostumada com apresentações?

— Nenhum pouco —, Eu admiti. — E eu estou assustada com o que eu verei, também.

— Ah, sim. O vislumbre. — Ele sentou-se no tamborete diante de mim, aquele reservado aos clientes, e olhou ao redor para verificar que nós estivéssemos sozinhos. — Falando nisso, você sabe o meu segredo agora, não sabe?

— É realmente esperto —, Eu tive que admitir. — Beber sangue de cada Bludman que você conhece para que eles não queiram se alimentar de você. Criminy nunca mencionou que seus blud podem fazer isso. Mas porque você começaria?

— Eu não podia suportar as luvas —, ele disse, flexionando suas mãos desnudas. — Tocar o cravo com luvas... é como fazer amor com as roupas postas. Você não pode sentir a pele debaixo das suas mãos, a eletricidade. Não há magia ali. Qual é o ponto?

Visões de pianos e mãos e corpos à luz de velas tropeçaram através da minha mente, e eu tive que morder meu lábio. Ele definitivamente tinha jeito com as palavras. Era estranho, estar um pouco enfeitiçada por ele. Já sabendo que ele me queria, tendo visto isso na visão. Querendo-o, também.

— Você deveria tomar algum blud —, ele disse. — É importante se manter segura aqui.

— Eu acho que não —, eu disse. Eu já tinha pensado sobre isso, claro. — Eu preferiria estar livre a segura, e bebendo o sangue de alguém e se tornando algo que eu não... — Eu neguei com minha cabeça. — Não é um compromisso que eu estou ansiosa em fazer.

— Não, não — é tudo sobre ser livre —, ele argumentou. Vendo-o animado e apaixonado me deixou um pouco sem fôlego, mesmo se eu discordasse com ele. — Esse é o ponto. Você conhece algum outro humano

andando de pés descalços e sem luvas por aqui? — Ele olhou para baixo às suas botas e puxou seu colarinho com um encolher de ombros. — Eu estou vestido agora para o show, mas na maior parte do tempo, eu sou a única pessoa que não está embrulhada em medo e roupa.

Seus lábios se curvaram para cima, e suas mãos estavam em punhos. A antiga Tish teria pedido desculpas e iria adiante, mudando o assunto. Mas Letícia estava mais ansiosa em argumentar pelo que ela acreditava.

— Mas quanto tempo você é um humano, enquanto você está bebendo de Bludmen? Eu não tenho nada contra eles, obviamente, mas quando você começar a almejar por sangue? Quando isso tomar conta de você completamente? Você pode ser livre para se vestir diferentemente, mas você se torna um escravo das suas escolhas todo o tempo.

— Eu escolho em discordar —, ele disse calmamente. — Mas novamente, você nunca morreu. Eu sim. E eu não quero fazer isso novamente. E eu não quero que você faça, também.

Nós ficamos em silêncio por um momento, observando os Pinkies desembarcarem e se agrupar em um amontoado. Eu subitamente o estudei. Ele era apenas tão bonito quando ele estava zangado. Criminy estava certo em chamá-lo de carrancudo, mas isso combinava com ele. Era estranho sentir-se atraída em direção a dois homens tão diferentes ao mesmo tempo quando eu não estava sequer certa de como eu me encaixava em seus mundos. Amar qualquer um deles seria fácil, se eu me permitisse. Escolher entre eles seria a parte difícil. Eu teria que ignorar o vislumbre e escutar minhas entranhas. Eu confiava na sabedoria de Nana mais do que na magia.

Ele prendeu meu olhar, e eu fiquei perdida por um momento no azul surpreendente. Apesar de sua bravata, havia medo ali, e eu desejei que eu tivesse algum consolo para oferecê-lo. Mas eu não tinha.

— Foi isso que você viu para mim, então? — ele perguntou, quase suplicante. — É essa a grande perda – minha humanidade?

— Eu não posso dizer.

Ou eu não iria dizer.

Ele colocou sua cabeça para baixo e riu tristemente. — Você pode ver, mas você não irá me contar.

— Eu não falo sobre o começo do fim —, eu citei com um triste sorriso.

— Você pode parar de citar ‘Song of Myself³⁵,’ — ele disse amargamente. — Isso é Sang. As palavras nunca foram escritas aqui.

Ele levantou e se afastou.

Quando ele estava fora de alcance, eu murmurei para mim mesma —, Isso não quer dizer que elas nunca serão.

Os Pinkies cortaram caminho pela grama, movendo-se na nossa direção em um rebanho vertiginoso, mas arisco. Minha pele coçou enquanto uma onda de magia rolou sobre mim. Eu olhei para cima e sorri. Tudo pareceu mais brilhante, mais nítido, mais fascinante. Glitter dançava no ar, e um calíope começou a tocar. Eu me perguntei se isso era Criminy fazendo, também, ou se os dedos de Casper eram a magia por trás dos tubos alegres. O sorriso de Emerlie se tornou genuíno, os músculos de Torno pareceram inchar um pouco mais através do seu terno de couro, o leopardo dançarino soltou um muito genuíno som de rosnado. Eu procurei Criminy na multidão e o vi na frente do seu vagão, suas mãos tocando no ar enquanto ele sorria. Apenas outro dos seus talentos, seu glamour.

A multidão fluiu em pequenos grupos, e eu podia sentir seus medos e excitação. Um amontoado de Pinkies se aproximou de mim em um farfalhar de saias e cochichos, minhas primeiras clientes da noite.

Oh, ótimo. Adolescentes.

Elas pareciam como adolescentes do meu próprio tempo, exceto pelas suas pesadas e sufocantes roupas. Afetadas, bobas, maliciosas, fofoqueiras,

³⁵ É um poema escrito por Walt Whitman que está incluído no seu trabalho Folhas de Grama.

assustadas, mas escondendo isso com bravata. A mais ousada delas irrompeu do grupo e se apressou para mim com um movimento brusco e escárnio enquanto suas amigas riam atrás dela.

— Você pode mesmo ler a sorte? — ela disse. — Meu pai diz que é um truque.

Eu abaixei minha cabeça e olhei acima para ela através dos meus cílios pintados, tentando parecer misteriosa. — Não é um truque, senhorita —, eu disse, minha voz rouca. — Toque minha mão e veja.

— Quanto é isso, então? — ela disse como se entediada, mas eu podia dizer que ela tinha sido pega.

— O quanto você ache que vale —, eu disse. — Para saber seu futuro.

Eu estendi minha mão, com a luva já removida. Sra. Cleavers tinha preenchido minhas unhas com talões e as pintado, vermelho brilhante como cerejas. Quando a garota viu isso, ela arfou.

— Remova sua luva —, eu disse com um sorriso esperto.

Ela olhou de volta para suas amigas. Elas instigaram-na, e ela sabia que não podia voltar atrás. Ela removeu sua luva com uma saborosa, relutante delicadeza. Ela provavelmente não tinha mostrado sua mão para ninguém além de seus pais em toda a sua vida.

Quando eu toquei sua pele, o solavanco foi rápido.

— O rapaz que você ama não retribui o sentimento —, eu disse, minha voz baixa. — Mas outro sim. Tenha cuidado com aquela com olhos dourados, pois ela irá lhe trair. Diga ao seu pai para não apostar na égua negra. Escute sua mãe, e não se case com o primeiro que pedir, e você encontrará felicidade.

Eu deixei a mão cair. Seus olhos saltaram inconvenientemente, mostrando-me quão jovem verdadeiramente era. — Obrigada, lady.

Ela deslizou sua luva de volta e soltou algumas moedas em cima da mesa. Eu as levei para dentro da pequena bolsa ao meu pé, conforme Criminy me disse para nunca deixarem que eles vissem o dinheiro. Seu círculo de amigas a enveloparam, mas ela negou com sua cabeça para suas

perguntas.

— Ela vê a verdade —, ela disse. — É tudo o que eu posso dizer.

Claro, suas seis amigas caíram em fila diante de mim, e minha bolsa de moedas ficou mais pesada. Toda a vez que eu apertava uma mão, eu ficava aterrorizada que eu fosse ver algo horrível, algum final hediondo que eu não poderia prevenir com algumas palavras bem escolhidas. Ou até mesmo pior, que eu não visse nada e teria que inventar algo do ar. Mas a vida na cidade, pelo o que eu vislumbrei, era enfadonha e na maior parte segura. Apenas a palma de uma garota guardava uma tragédia, e eu fui capaz em ajudar com isso.

— Sem importar o que o seu namorado diga, nunca esperteite noite a fora —, eu disse, meu tom sombrio e com agouro. — Ou então sua morte virá das sombras dos becos, e sua mãe encontrará seus ossos mordiscados por ratos-blud.

Isso soou ruim, bem, era ruim. Mas facilmente podia ser evitado. *Fique do lado de dentro, estúpida.* Eu esperava que eu tivesse assustado-a o suficiente.

Felizmente para os negócios, nada espalhava a notícia melhor do que um grupo de impressionadas e aterrorizadas adolescentes. Logo eu tinha uma fila, e a macaca mecânica de Criminy apareceu para fazer truques por trocados, o qual ela reunia em seu pequeno barrete árabe. Depois de dar várias cambalhotas, ela me trouxe um bilhete em elegantes letras escritas à mão assinada com um C.

Muito bom, amor, você é uma estrela era tudo o que dizia, mas minha máscara misteriosa rachou em um sorriso afetado de uma criança recebendo um bilhete de amor na escola.

— Senhorita? — disse o próximo cliente. — Nós podemos fazer isso rápido?

Eu olhei acima ao rosto ansioso de um Policial. Eu reconheci a barba em forma de pá e bigode. Era Ferling, o mais gentil dos dois que eu tinha visto na minha primeira manhã em Sang enquanto eu estava invisível.

Eu discretamente enfiei o bilhete na minha manga.

Sua nervosa inquietação me disse que mesmo que os Policiais fossem permitidos estar no carnaval, adivinhação não estava na lista. Com olhos inquietos, ele arrancou sua luva de couro, a qual já estava desabotoada. Ele estava pronto. E ele estava preocupado.

— Eu preciso saber se minha esposa está certa —, ele disse rapidamente. — Rápido.

Eu apertei sua mão, e o solavanco foi poderoso.

Oh, misericórdioso. Isso não era nada bom.

— Sua esposa está certa, mas ela está sendo forçada —, eu disse. — A Prova recai no baú das especiarias. O bebê é seu. Permaneça fiel, e tudo ficará bem. Os ossos podem se integrar. Procure vingança, e tudo será perdido em sangue. Quando chegar a hora de escolher, se lembre disso.

Seu rosto estava arrasado, sua mão tremendo na minha.

— Sinto muito —, eu disse em minha voz normal.

— Obrigada, lady —, ele disse, lançando um frasco de sangue em cima da mesa e desaparecendo na multidão.

Era uma sorte difícil, e eu senti pena do homem. O que eu não disse a ele foi que sua esposa estava sendo chantageada pelo seu parceiro, Rodvey. Foi uma rápida, desordem confusa de visões, mas eu podia ver que se ele confrontasse Rodvey, o resultado do duelo deixaria os dois mortos. No fundo do baú de especiarias, ele encontraria os documentos que sua esposa estava ganhando de Rodvey com o seu corpo, uma página de cada vez, uma declamação falsa de prováveis negociações ilegais com a Associação dos Bludman. Ela estava fazendo isso para protegê-lo de uma falsa acusação e execução certa.

Como eu tinha deduzido de início, Rodvey era um homem muito mau.

Eu tinha visto algo mais quando eu toquei a mão de Ferling, algo até mesmo mais assustador que eu tive certeza absoluta em não mencionar. Era uma reunião secreta de figuras encapuzadas, todos em mantas de veludo de cor de cobre e cercados por velas em uma câmara de pedra. No centro do

seu círculo jazia um Bludman, mais branco que o branco, seu blud drenado em estranhas canaletas no chão. Os rostos dos homens encapuzados estavam nas sombras, e eu não reconheci a voz que falou.

— Outro demônio drenado. Mas ele tem muitos irmãos, e nós iremos trazer uma praga para sua espécie, mandada dos deuses para purgar a maldade de Sang —, a voz cresceu. — Nós iremos destruir todas as criaturas de blud uma vez por todas. Os Forasteiros virão para fazer nosso mundo puro novamente.

— Amém —, veio o cântico de resposta.

Os Policiais estavam planejando um genocídio secreto, e eu não tinha uma pista de como impedir isso.

Minha mente estava em outro lugar, o que fez o vislumbre até mesmo mais fácil. Tudo pareceu tão bobo depois da revelação de Ferling, e eu não tive nenhum problema em parecer misteriosa e distante.

Era impressionante quantas pessoas precisavam que se dissesse para não saírem sozinhas no escuro da noite. Apenas parecia tão óbvio, como dizer as pessoas para não pularem na frente dos carros. Mas estando confinados em suas roupas e suas casas, pareceu ludibriar os Pinkies em uma falsa sensação de segurança. Não eram nem os Bludmen com quem eles tinham que se preocupar, atacando violentamente como anjos negros para drená-los nas sombras. Não, eram os estúpidos ratos-blud.

Rostos se derretiam, e vislumbres fluíam em vislumbres. Eu me esquecia da maior parte deles quase que imediatamente, como rostos passando em uma calçada movimentada. Eu apenas estive vislumbrando por algumas horas, mas eu estava começando a ficar sonolenta. Deveria ser hora de acordar, no meu outro mundo.

— Boa noite, madame —, veio uma profunda, paternal voz com um sotaque cultivado na Inglaterra.

Eu estava me desviando. *Oops.*

Com minha cabeça ainda pendida baixo, eu olhei para cima através dos meus cílios. Um velho de aparência gentil com um grande, bigode de morsa sorriu para mim e estendeu sua mão.

— Eu ouvi bastante sobre seu talento —, ele disse. — Eu gostaria de saber meu futuro.

— Como você deseja —, eu disse, e agarrei sua mão.

Apesar de mim mesma, eu ofeguei. Seu vislumbre era apenas tão atrapalhado e rápido e confuso quanto o de Ferling, mas o segredo era até mesmo mais profundo.

Primeiro, eu vi esse homem na cidade, em um escritório, falando para um espaço cheio de Policiais. Ele era rico e poderoso, algo como um prefeito. Do lado externo da sua janela, eu vi uma crescente igreja branca com janelas quebradas e uma estranha torre com formato de um X.

A seguir, eu o vi escondido no capuz da sua manta de coloração cobre em um ritual vazio na câmara e chutando o corpo do Bludman.

— Um caído, um milhão para cair —, ele disse a si mesmo.

Mais tarde, e mais assustadoramente, eu vi o velho homem adormecido.

Mas na visão, ele não estava usando essa alta cartola, abotoada abaixo da sua garganta. Ele não estava vestindo luvas ou botas ou uma manta de coloração cobre, manchada de sangue.

Não, ele estava reclinado em uma cama cara, enfiado em ricos, fofos cobertores. Na sua direita estava uma pequena mesa com um telefone e um rádio relógio. Na sua esquerda estava um suporte de IV. Uma mulher mais velha em aventais de enfermeira trocava sua bolsa de IV, dizendo —, Bem, então, Sr. Grove. Assim tá melhor, não tá? Cê tá sentindo falta de um bonito dia de primavera, sabe.

Ela olhou para fora da janela para uma magnólia magnífica em

completa florescência dentro de um muro alto de tijolos. Em uma cara entrada de garagem estava uma minivan com *Mãos Prestativas Cuidados Domiciliares* na lateral perto de duas mãos roxas formando um coração.

Eu me assustei quando o velho perguntou —, Você pode ver alguma coisa? — em um tom brincalhão, padronizado.

O sotaque Britânico soou falso para mim, e eu me perguntei como o seu verdadeiro seria. Eu sabia que eu tinha que mentir, mas eu tinha apenas uma fração de segundo para decidir se parecer genuína ou dramatizar. Eu fui para o falso e lancei várias das frases corriqueiras que Criminy tinha me ensinado.

— Oh, senhor. Você é um homem muito importante, um grande líder. Você irá viver uma longa e realizada vida. Seu destino é nebuloso. Os espíritos cuidam de você. Tenha cuidado com uma estranha de cabelos escuros.

Eu foquei no seu bigode quando eu terminei, e ele se contorceu. Seus olhos se estreitaram. Se ele acreditou em mim ou não, eu não podia dizer. A maioria das pessoas não estava preparada para uma verdadeira advinha que fala a verdade.

— Eu vejo —, ele disse. — Eu vejo. — Depois seus olhos viajaram sobre meu rosto e abaixo para meu peito. Eu recuei.

— É uma adorável corrente —, ele disse. — Você é corajosa, minha cara, para usar tão poucas roupas ao redor desses monstros.

Criminy e Sra. Cleavers tinham decidido me vestir em uma blusa de Bludman para a multidão presente, uma vez que todos eles seriam Pinkies. Aumentava o fator exótico e iria ajudar a atrair atenção deles para longe do meu tropeço ocasional. A parte de cima do amuleto, mal saía do meu colo, o rubi brilhando na luz cintilante.

Eu envolvi minha mão no amuleto defensivamente. —
Obrigada, senhor.

Seus olhos vagaram sobre mim. Eu me desloquei e puxei o xale sobre minha pele, limpando minha garganta e olhando para o chão. Com esse

sinal, Pemberly parou seu pinote e correu para puxar a garganta do homem.

— Nosso tempo parece ter terminado —, ele disse com a mesma voz agradável. — Muito obrigado por compartilhar seus talentos, minha cara.

Ele largou uma moeda de ouro em cima da mesa e andou propositadamente de volta para dentro da multidão. O próximo cliente apareceu, uma mulher de meia-idade com olhos desesperados.

— Um momento, senhora —, eu disse.

Felizmente, havia uma pena na mesa, junto com a bola de cristal, crânio, e outros adereços. Eu rabisquei na parte de trás do bilhete de Criminy, *Velho com grande bigode e chefe dos Policiais que quer matar Bludmen, é realmente um Forasteiro!* Eu o dobrei e dei para Pemberly.

— Leve isso a Criminy —, eu disse a ela.

Seus olhos clicaram abertos e fechados novamente em conhecimento, e ela saiu em disparada dentro da multidão. Eu coloquei um sorriso profissional para a cliente esperando e estendi minha mão.

Depois eu fiquei inconsciente.

14



Antes mesmo de meus olhos se abrirem, eu fui sobrecarregada. A cacofonia era atordoante. Meu alarme estava zumbindo, meu telefone celular estava tinindo, e meu gato estava miando.

9:47. *Droga.*

Primeiro o alarme. Dormi em mais do que duas horas. Oops.

Depois o telefone celular.

— Nana, eu sinto, sinto muito —, eu comecei.

— Bem, docinho, você é aquela que tem que fazer a limpeza se eu me molhar —, ela disse em seu tom mais impertinente, — Entretanto, café da manhã seria bom, também.

— Eu estou a caminho, e eu estou levando donuts —, eu disse.

— Eu talvez perdoe você então —, ela disse.

Eu estava tão exausta que eu mal me levantava. Eu fiz um caminho mais curto para a máquina de café.

Minha manhã estava embaçada e pesada, como estando bêbada sem a diversão. Eu apareci na Nana bem a tempo de evitar uma crise de lavagem de roupas e mortificação mútua, servindo-a com donuts quentes e café mais quente ainda, e caminhei sonambulamente entre minhas tarefas ali, mal capaz de me focar no que ela dizia. Eu estava tão cansada que eu estava com medo de dirigir até meu próximo cliente.

Eu atravessei um sinal vermelho e por pouco virei uma bisteca no meu caminho para o Sr. Rathbin. Quando eu estacionei na entrada da garagem, eu mal registrei que dois pneus estavam na grama. Eu não me incomodei em re-estacionar.

— Tendo um bom dia, Sr. Rathbin? — eu perguntei com um bocejo.

Ele era muito bem disposto para um paciente terminal – salvo quando eu estava atrasada. Com sorte, eu tinha trazido para ele um donuts extra da Nana, então ele estava de ótimo humor. Eu organizei sua medicação e o ajudei a escovar seus dentes. Depois, enquanto eu estava carregando seu urinol para o banheiro, eu desmaiei e bati no chão na poça de urina do Sr. Rathbin.

Enquanto eu lentamente me erguia da inconsciência, eu tive a maravilhosa, dolorosa, sem fôlego sensação que eu só tinha depois de várias horas de sono ininterrupta. Era completamente deliciosa. Eu mexi meus dedos dos pés e estiquei meus braços e pernas e bocejei. Era tão bom me sentir descansada novamente. Eu abri meus olhos para a completa escuridão.

Eu sabia imediatamente que algo não estava certo.

Eu senti ao redor cegamente, até eu encontrar uma mesa lateral com

um botão. Eu o empurrei, e uma luz laranja encheu o quarto. Era meu vagão.

— Criminy? — Eu chamei. Houve uma resposta sussurrada na outra parte do vagão, e a porta se abriu. Ele pareceu confuso. E sonolento.

— Você está bem, amor? — ele disse, esfregando seus olhos. — Mal amanheceu.

— Eu não sei —, eu disse. — Eu estava no trabalho, e depois eu acordei aqui. O que aconteceu?

Ele entrou e se sentou na cama, sua mão quente na minha bochecha. Eu ainda estava com a blusa e saia da minha fantasia, com meu espartilho de laços misericordiosamente afrouxado. E eu fiquei assustada.

— Você caiu depois das nove —, ele disse. — No meio de um vislumbre. Foi muito dramático, e eu suspeito que sua fila será longa em dobro essa noite. Eu carreguei você aqui e a coloquei na cama. Mas você não deveria estar acordada agora, eu não acho. Ao menos que você tenha caído de sono no seu jantar.

— Foi logo depois do almoço —, eu disse. — Eu estava ajudando um paciente, e...

— E o que?

— Eu não sei. Eu só abri meus olhos, e eu estava aqui. Mas eu me sinto descansada. Como isso é possível?

Eu tentei olhar nos olhos de Criminy, mas eles estavam focados no meu decote exposto.

— Aqui em cima, senhor —, eu disse com um sorriso brincalhão.

— Meu amuleto —, ele disse simplesmente. — Se foi.

Eu estendi a mão para baixo, e ele estava certo. Ambos, amuleto e corrente se foram.

— Onde? Como? — eu disse.

— Eu não sei —, ele respondeu, zangado. — Eu estava bem ao lado de fora. Eu só caí no sono por um momento. Ninguém chegou perto da porta. Pemberly ficou de guarda. Não houve um som. É impossível.

— Isso significa que eu estou presa aqui? É por isso que eu não estou exausta – porque eu estava realmente dormindo? Em Sang?

— Isso pode ser possível —, ele disse lentamente.

— Então o que eu estou fazendo no meu outro mundo? Eu estou dormindo ali? Eu estou morta? — eu disse, voz trêmula, assustada. — Quem vai cuidar da minha avó? Eu estou no chão do Sr. Rathbin? Oh, meu Deus. O que está acontecendo comigo?

Lágrimas corriam quentes nas minhas bochechas. Criminy envolveu seus braços ao meu redor e acariciou minha cabeça.

— Eu não sei, amor —, ele disse. — Eu apenas não sei.

— O que nós vamos fazer? — eu perguntei. Meu nariz estava enterrado no seu pescoço, e o cheiro era calmante e poderoso. Eu de alguma forma não tinha imaginado-o sendo tão caloroso e reconfortante.

— Eu não sei isso também —, ele disse. — Mas nós vamos descobrir como isso aconteceu.

Ele se levantou e assobiou, e Pemberly saltou pela porta.

— Pem, alguém entrou nesse quarto. Vasculhe. Encontre um buraco, um alçapão, qualquer coisa.

O pequeno macaco começou a patinar junto das paredes. Feixes vermelhos piscando dos seus olhos, escaneando. Criminy a observou, e eu não podia lê-lo. Ele deveria ter parecido mais preocupado, mais zangado. Mas ele não estava. Ele quase pareceu relaxado. Eu estava perdendo algo.

Então eu percebi por que. Se a perda do amuleto significava que eu estava presa aqui, então ele não tinha que me compartilhar.

Isso significava que eu estava presa aqui. Eu não poderia deixá-lo.

— Criminy —, eu disse, baixo e insípido.

— Sim, amor? — ele respondeu calmamente.

— Você pegou o amuleto?

— Claro que não. Por que você pergunta isso?

— Eu sei o que isso significa, se você não encontrá-lo —, eu disse. — Não pense que eu não possa ver. E eu não estou compactuando com isso. Se

você não encontrar o amuleto, eu não vou apenas desistir, e viver aqui como seu brinquedo pessoal. É tudo ou nada. Se eu estou presa aqui, eu estou partindo. Eu nunca irei amar você. Eu irei viver na cidade. Você não pode me manter aqui contra a minha vontade. Ou eu tenho os dois mundos, ou eu não tenho nenhum.

— Então é assim —, ele disse suavemente.

— Sim —, eu disse. — É assim.

— Eu imagino que deveria ter esperado por isso —, ele disse. — Se você não fosse uma criatura de um tipo selvagem, eu não teria amado você. Seria fácil se você apenas desistisse, mas fácil não vale a pena em nada, vale?

— Você diz por si mesmo —, eu admiti.

— Nós vamos encontrá-lo, então —, ele disse. — Eu prometo.

Uma vez que Pemberly nos mostrou o perfeito buraco redondo do tamanho de um rato junto do rodapé, a estória foi bastante fácil de juntar os pedaços. O réu tinha sido uma engenhoca, e ele sabia exatamente o que estava procurando.

— Mordiscou pelos elos da corrente com dentes de titânio, mais provavelmente —, disse Criminy. — Quem quer que tenha levado deve ser poderoso e rico. É determinado.

— Determinado? — eu disse. — Isso vale muito?

— Depende de quanto o seu outro mundo vale para você, querida —, ele disse, pensativamente enquanto ele sorvia seu café da manhã de uma xícara delicadamente pintada com amor-perfeito. — O rubi é grande o bastante, mas não vale tal trabalho. Ele deve saber que é encantado. Digame – alguém falou com você sobre o amuleto?

Oh.

Subitamente, tudo fez sentido. O velho homem, o Forasteiro, interessado no meu bonito amuleto. Um Forasteiro que queria destruir todos os Bludmen. Um Forasteiro que poderia querer um caminho de volta ao meu mundo. Entre conhecê-lo e desmaiar, eu não tinha tido tempo para juntar os pedaços. Eu contei tudo a Criminy, desde a visão sobre Ferling à curiosidade do velho homem sobre o colar.

Ele ficou bastante imóvel enquanto escutava, seus lábios comprimidos em uma fina linha branca e seus olhos ficando duros. — Eu nunca recebi aquele bilhete —, ele disse. — Alguém está adulterando minhas engenhocas. E planejando um genocídio secreto. Você sabe o nome?

— Não —, eu disse. — Mas ele é o chefe dos dois que nós vimos no brejo. Rodvey e Ferling. Ele é um velho com um grande, bigode branco. E ele é tipo um líder – de uma cidade e de todos os Policiais. Como um prefeito. E ele trabalha no alto, perto de uma grande igreja arruinada com um X no topo.

— Essa é Manchester —, Criminy disse. — Catedral da Santa Ermenegilda. Ele deve ser o Magistrado.

— Por que ninguém o reconheceu, entretanto? — eu perguntei. — Ele não é importante?

— Não para mim, não até agora. Eu vivo do lado de fora das suas leis. Não é uma situação de eleição, vê? Ele está no poder, ele faz as regras, e todos na cidade têm que viver por elas. Mas ele não faz publicidade. Mesmo assim, ele não deve ser difícil de encontrar, e eu tenho amigos ali. O mais sábio curso de ação seria derrotá-lo no seu próprio jogo. Roubar o amuleto de volta.

Nós planejamos partir depois do café da manhã, viajando pela estrada a pé. Havia muito a se fazer antes de partir, desde instruir Sra. Cleavers nos negócios da caravana até juntar comida e sangue. Nós pegamos um pouco de dinheiro, mas não muito. Não valeria parecer suspeito ou remotamente como um alvo. Além disso, nós sempre podíamos ganhar nossos suprimentos nas ruas com a magia de Criminy ou minhas visões.

Enquanto Criminy estava falando com Sra. Cleavers, eu me sentei nos degraus do seu vagão, olhando para a bruma da manhã saindo do brejo e pensando sobre minha avó. Eu nunca tinha me sentido tão distante do conforto e segurança.

— Pronta para a busca nas suas cidades maravilhosas? — alguém perguntou, e eu olhei para cima e encontrei Casper inclinado contra o vagão, seu sorriso brincalhão. Como se ele estivesse se esquecido do nosso desentendimento anterior. Então eu entrei no jogo.

— Talvez, Sr. Whitman —, eu disse timidamente. — Mas eu estou um pouco assustada pelas partes dos sonhos desprezíveis.

— Eu sei como isso parece —, ele disse. — Eu estou preocupado com seus sonhos, também. E eu não gosto de pensar em você sozinha no pântano com *ele*. — Ele pareceu pensativamente e convidativo, cabelo caído e sorriso caloroso. Estar perto dele me fazia sentir nova e especial e cheia de esperança, e eu gostava disso. Com um rápido, pensamento culpado por Criminy, eu dei um tapinha na placa de madeira ao meu lado.

Ele se sentou perto de mim no degrau, e eu fiquei hiper-consciente do seu quadril tocando o meu. O vento soprava seu cabelo no meu rosto, e ele tinha cheiro de sabonete. Não de cerejas e vinhas e escuridão, mas de bom, limpo sabonete. E sua pele cheirava tão humana, tão viril, de uma vida vivida no sol.

— Criminy diz que videntes podem ver o futuro de qualquer um menos os seus próprios —, eu disse, sentindo um rubor rastejar nas minhas bochechas. — Mas eu de fato acredito que no final, você terá o que você quer.

— Tudo o que eu sempre quis antes de agora era a música —, ele disse. Seu ombro pressionado contra mim, e eu inconscientemente me inclinei contra ele. — Eu estava tão ocupado praticando e viajando e escrevendo. Eu nunca tive tempo para as pessoas. E agora eu tenho tanto tempo e ninguém com quem compartilhá-lo.

Uma brisa subiu, e uma mecha do meu cabelo bateu sobre meu rosto.

Ele gentilmente á colocou atrás da minha orelha, e seus dedos deixaram uma trilha de veludo na minha pele. Eu fechei meus olhos, perdida no momento, e seus lábios pressionaram contra os meus quentes, suaves e gentis. Eu me senti como uma adolescente tendo seu primeiro beijo na soleira, um momento roubado onde tudo é áureo e brilhante e dolorosamente bonito. E tão, tão fugaz.

Apenas quando eu esperava que o beijo se aprofundasse mais, ele se afastou e acariciou meu rosto. — Você é tão adorável —, ele disse. — Gentil e cheia de curvas e bonita, como uma mulher deve ser.

Minhas sobrancelhas se ergueram com a palavra *deve*, e eu tive que perguntar —, O que mais você acha que eu sou?

— Vamos ver —, ele disse com um sorriso. — Você é uma enfermeira, então você deve ser amável e de bom coração. Você conhece *Leaves of Grass*, então você deve ser educada e poética. Você é bonita, mas todos podem ver isso. E você tem esse monstro Stain ao redor do seu mindinho, o que é muito esperto. As garotas o bajulam todos os dias, e ele as ignora, e aqui ele já deu a você o seu próprio vagão. Mas ser minha garota não irá mantê-la no lado bom dele, sinto muito em dizer.

— Eu não sou a garota de ninguém —, eu disse, me afastando e retirando meu ombro do dele.

— Então por que você me beijou? — ele perguntou, lindos olhos azuis suplicando de uma maneira que de alguma forma me fazia gostar menos dele. — Você se parece certa para mim. Eu sinto tão perto de você, como se você fosse o lar. E eu acho que você se sente dessa forma por mim, também.

Eu não podia responder. Eu me sentia dessa forma por ele, e eu ansiava por proximidade e paz. Ele era meu único link ao meu mundo, o futuro que eu sempre quis. Mas eu não estava certa se essa era a maneira certa de conseguir isso. Havia algo no seu desespero que me lembrava de Jeff. E não era da conta dele como eu me sentia sobre Criminy. Eu afastei meu rosto e suspirei. A brisa se tornou um vento gelado, e uma nuvem passou na frente do sol. Ele alcançou a minha mão, mas eu me encolhi de

ombros me afastando, enfiando minhas mãos no tecido esvoaçante da minha saia. O momento acabou.

— Você viu seu próprio futuro, não viu? E você acha que não pode mudá-lo. Você não está disposta a se arriscar comigo. — Ele abaixou sua cabeça e riu. — É um pouco assustador, o que você faz.

Suas palavras me feriram mais profundo do que eu teria imaginado. Enquanto eu tentava descobrir como responder, a porta da Sra. Cleavers gentilmente se fechou, e com palavras tão afiadas e frias como a lâmina de uma faca, Criminy disse —, Se você está assustado pelo talento dela, então você não sabe de verdade como é o medo.

— Eu só quis desejar a você sorte —, Casper disse rigidamente. Ele se levantou e ergueu minha mão flácida do meu colo, beijando minha luva com aquele mesmo olhar suplicante nos seus olhos. — Vamos continuar essa discussão algum momento, Letícia. Sob circunstâncias mais prazerosas. — Ele acenou secamente e adicionou —, Cuide dela, Stain. — Ele se afastou dentro do capim, brilhando no raio de sol, e eu me perguntei se nós alguma vez encontraríamos nosso lugar áureo novamente.

— É *Mestre Stain* para você, maestro —, Criminy rosnou de costas. — E nunca tema; eu irei mantê-la perto o bastante.

Ele me puxou aos meus pés trêmulos e gentilmente retirou minhas luvas, jogando-as na grama. O vento parecia estranho e selvagem nos meus dedos. Com um olhar sentido em seus olhos tempestuosos, Criminy trouxe minha mão ao seu rosto e beijou a palma.

— Eu nunca temerei você —, ele disse suavemente. — O maestro é um tolo. — Depois ele bateu na porta da Sra. Cleavers e gritou —, Cleavers! Traga para minha dama um par de luvas limpas.

Eu escorreguei as novas luvas, as quais eram negras como as de Criminy. Seu beijo, tão leve e suave, ainda queimava contra minha palma. Era bom saber que ao menos um homem não estava intimidado pelos meus dons, mas eu tinha que admitir que eu talvez estivesse um pouco preocupada pelos próprios talentos dele. E seus dentes.

— Nós vamos sozinhos? — Eu perguntei.

— Eu assumo que sim —, Criminy disse. — A não ser que você tenha um amigo especial além do maestro? Ele não se sairia tão bem ao retirar os coelhos-blud de você, mas ele estaria bem para tiro ao alvo.

Ele piscou, e eu soprei uma framboesa. — Não seja bobo —, eu disse. — Pela segurança, eu estava pensando. Ou para ajudar quando nós chegarmos onde nós estamos indo.

A boca de Criminy contorceu-se, e ele disse —, Amor, você está viajando com uma pessoa muito perigosa. Eu tenho dentes afiados como navalha, eu sou difícil de matar, e então há toda a coisa da mágica. Você acha que Licky o Preguiçoso Garoto Lagarto seria de muita ajuda?

— Não —, eu disse, sentindo-me teimosa. — Mas não é estranho — um Bludman e uma mulher viajando sozinhos?

— De acordo com nossos documentos de viagem, os quais Sra. Cleavers está fabricando agora, nós somos marido e mulher. Eu sou Ecrivan Paisley, e você é minha esposa, Petula. Eu escolhi seu nome —, ele disse com um sorriso. — Eu espero que você não se importe.

— E se eu me importar?

— Honestamente, meu ouriço pouco espinhoso, é a coisa mais segura para nós dois —, ele disse. — Viajar juntos sem um relacionamento apropriado me faz um predador e você uma rameira. Será bastante ruim quando eles acharem que nós somos casados. E ainda há a caravana essa noite, então todos os outros estão ocupados. Foi sorte, você ter desmaiado na frente da multidão na noite passada. Nós vamos dizer que você está em comunhão com os espíritos, e ninguém ousará bater na sua porta.

Apenas quando nós estávamos saindo, Vil galopou a vista. —

Murdoch diz que está pronto, senhor —, ele disse, e ele estendeu uma pequena caixa de madeira, com cerca de cinco centímetros quadrados.

— Já era hora —, Criminy disse, apanhando a caixa e abrindo-a. Ele a estendeu para mim e disse —, Presente de casamento, Petula. Experimente.

Aninhado dentro de uma cama de um suave tecido estava um bracelete com formato de uma cobra. Pedras de diamantes em cobre dentro das escamas, e olhos de rubis apagados estavam dispostos na cabeça.

— Eu só pego e o coloco? — eu perguntei.

Vil piscou para mim, seus enormes olhos inquietos por de trás das órbitas. — Nunca teve uma geringonça antes? — ele perguntou. — De onde você disse que era?

— Ela é de Bruzzles —, Criminy vociferou. — Do povo bom do país. Não a faça se sentir constrangida, seu besta. — Ele pegou o bracelete e o entregou para mim. Eu não sabia o que esperar enquanto eu o deslizava sobre minha luva e em direção ao meu pulso.

Nada aconteceu. Eu olhei para ela como se ela fosse me morder.

— Ele tem que marcar você, amor —, Criminy disse, alcançando para pressionar uma jóia saliente entre os olhos, o qual se acendeu. Eu devo ter parecido descrente, porque ele sorriu maliciosamente e adicionou —, Não vai doer.

Ele moveu meu pulso na frente do meu rosto. Com um estranho chiado, a pequena cabeça da cobra se virou na minha direção, cegando-me com luz vermelha.

— Ele está escaneando você —, Criminy disse suavemente. — Não pisque.

Eu mantive meus olhos escancarados enquanto a luz ia para frente e para trás, acendendo e apagando. A cobra fez um barulho de trituração, e depois a boca abriu e soltou a cauda. Eu sustentei minha mão por baixo, com medo de derrubá-la, e ela escorregou em direção a minha luva. Era impressionante quanto ágil o pequeno robô era, como as escamas flexionavam como aquelas de uma cobra verdadeira.

— Ele é um pequeno Ouroboro³⁶ —, eu disse.

— Então conte a ele —, Vil disse, perdendo a paciência.

— Conte a ele o que?

— Diga a ele o seu nome, moça, para que ele saiba.

— Uroboros —, eu disse, colocando minha boca perto da sua cabeça.

— Uro é como eu irei lhe chamar.

Outro barulho de trituração, depois um clique, e os olhos piscaram vermelhos mais uma vez. Depois a língua preta feito de grosso arame tremeu para fora e de volta para dentro.

— Ele está completamente acionado, então —, Vil disse. Ele puxou uma pequena tira de papel e leu —, *Pressione a cabeça escamosa para acionar de modo de descanso para ativo e de volta. Todos os comandos habituais. Em guarda, esconder, encontrar, e afins. Ele não é de perto tão complexo e útil quanto um macaco, mas honestamente, eu só tinha dois dias. Oh, e para propósitos defensivos, ele está programado para morder, e ele está carregado com duas doses. Assinado, o elusivo, Sr. Murdoch.*

— Duas doses do que? — eu perguntei.

Vil sorriu. — Algo que eu cozinho para mim mesmo. Vômito instantâneo e profuso, seguido por inconsciência.

— Parece efetivo —, eu disse. — Obrigada.

Ele sorriu.

Eu observei a pequena cobra espalhada na minha palma, olhos vermelhos piscando ocasionalmente e pequena língua cutucando para fora e para dentro. Eu pressionei a cabeça escamosa, e ele se curvou em um aro, mordendo sua própria cauda, e se transformou de volta em uma peça de jóia bastante peculiar. Eu o deslizei sobre meu pulso e peguei o braço de Criminy.

Nós partimos.

³⁶ Ouroboros (ou *oroboro* ou ainda *uróboro*) é um símbolo representado por uma serpente, ou um dragão, que morde a própria cauda.

15



Nós seguimos as profundas marcas dos ônibus tanques que tinham carregado o pessoal da cidade para a caravana. As cicatrizes marrons serpenteavam pelos morros e desapareciam na névoa distante. Enquanto nós caminhávamos em silêncio, eu observei a zona rural, comparando-a com o meu mundo. Era um estranho lugar, e eu nunca tinha visto tanto espaço escancarado na minha vida. Sem casas ou fazendas ou até mesmo ruínas. Apenas quilômetros de gramas, pequenos arbustos, e os ocasionais coelhinhos-blud.

Quando nós vimos um cervo espiando por detrás de um arbusto, eu parei para encarar os amplos, olhos castanhos líquidos. Depois uma chuva de folhas explodiu por de trás dele, e uma corça ergueu-se sobre a pequena forma marrom, largando um cadáver de coelho espancado para silvar para

mim com presas manchadas de sangue. O sereno cervo copiou sua mãe, o silvo perverso ridículo vindo da minúscula boca sem dentes.

— Para trás, amor —, Criminy disse. — Se você acha que os coelhos são ruins, você não conhece uma corça-blud. Elas são bastante protetoras.

Eu recuei, e eu continuei andando para trás até que o cervo fechou sua boca e cheirou a corça docemente. Criminy gargalhou para mim, mas meus olhos estavam um pouco mais nítidos por eles, contemplando as possibilidades sombrias da floresta onde a Branca de Neve tinha mais a temer dos seus amigos animais do que qualquer rainha perversa.

Criminy carregou a maior parte das nossas coisas em uma mochila de couro velha, e ele pareceu vistoso com sua cartola e capa de viagem. Eu vestia um xale de lã e um pesado gorro preto que abotoava sob meu queixo. Com minha mão enluvada na curva do braço de Criminy, atravessando os pântanos, me fez sentir como se eu tivesse saído afetadamente de um livro de Jane Austen ou de uma pintura Impressionista. Mas eu apostava que até mesmo Elizabeth Bennet nunca tinha empurrado com uma vara um coelho antes, e minha contagem atual era 137.

— O quanto longe é? — Eu finalmente perguntei, mastigando uma maçã da minha bolsa.

Ele tinha várias correntes enlaçadas no seu colete, e ele parou para puxar uma para fora. Era uma grande bússola de bronze, mas ela marcava como um relógio à corda. — Andando, eu diria que nós estamos a meio dia de distância.

— Há uma Manchester em meu mundo também, sabia —, Eu disse pensativamente. — Eu me pergunto por que alguns dos lugares aqui têm umas duas letras diferentes do que eu conheço? Bruzzles parece como Bruxelas. Franchia soa como França. E Manchester é o mesmo.

— Mundos diferentes funcionam dessa forma, eu imagino —, ele respondeu. — Eu li o bastante deles, e há sempre similaridades. Eu imagino que seja como uma ligeira distorção em um espelho. Você ainda é você, apenas um pouco mais gordo ou mais magro ou mais hesitante. Apenas uma

minúscula mudança com grandes repercussões.

E então eu lembrei.

— Stein. Eu encontrei o amuleto na casa da Sra. Stein. E é apenas uma letra de diferença de Stain. Talvez você dois estejam relacionados?

— Não ao menos que ela beba sangue, querida —, ele disse com uma risada.

Eu não pude evitar além de me perguntar que minúsculo catalisador tinha causado a divisão dos nossos mundos, se essa suposição estivesse correta. Se voltasse ao Big Bang ou se algo tivesse saído errado com um paramecium excessivamente agressivo na sopa primordial. — Engraçado como as coisas são —, ele continuou —, Manchester costumava se chamar Bludchester. Era uma velha cidade construída por Bludmen, e eles tomaram-na de nós em uma grande matança séculos atrás. A catedral originalmente era dedicada à Aztarte, a deusa dos Bludmen. Mas agora eles dizem que ela pertence a Pinky Santa Ermenegilda.

— Você está preocupado? — Eu perguntei. — Sobre ir ali?

— Talvez —, ele disse com um sorriso severo. — Mas eu estou indo de qualquer forma. Levará uma boa dose de ação, mas eu gosto de ação.

— Por que você não pode apenas me tornar invisível de novo? — Eu perguntei.

— Lá vai você, pensando que as coisas devem ser fáceis —, ele disse com uma carinhosa risada. — É fácil ficar invisível lá fora no pântano com bastante espaço e silêncio. Mas na cidade, as pessoas irão trombar em você, carruagens podem bater em você, e ratos-blud podem sentir seu cheiro ali, de qualquer forma. E se algo acontecer com você, se nós formos separados ou você se machucar, eu não serei capaz de encontrar você novamente. Você ficará presa dessa forma para sempre, morta ou viva.

— Oh —, eu disse com um estremecer. — Mas por que você apenas não finge ser humano, então?

Ele olhou para mim, seus olhos duros e impiedosos. — Eu não me importo em fingir ser inferior a você pessoalmente, e eu com certeza não me

importo em fingir o casamento —, ele disse, — mas eu nunca trairei o que eu sou. As pessoas chiques de Manchester podem pensar em mim como demônio, mas prejuízo corre em ambos os lados. Eu tenho bastante orgulho sobre o que eu sou, caso você não tenha notado.

— Eu não acho que haja nada errado com o que você seja —, eu disse timidamente. — Eu só não quero estragar as coisas, e você é muito melhor nesse tipo de coisa do que eu sou.

— Não se preocupe. Você irá gostar de entrar no jogo. Você terá que ser arrogante, e eu terei que agir como um derrotado, quando nós estivermos em público.

— Isso soa bastante divertido —, eu disse.

— Só não se esqueça que isso é uma artimanha, amor —, ele disse. — Porque uma vez que nós estivermos do lado de fora das paredes novamente, você estará inteiramente ao meu poder. E eu odiaria ter que espancar você.

Eu engasguei com a maçã que eu estava mastigando e não podia muito descobrir o quanto sério ele estava. Ou o quanto sério eu queria que ele estivesse.

Algumas horas mais tarde, uma gigante forma começou a brilhar à distância. Enquanto nós nos aproximávamos, eu podia ver, mas isso não fazia sentido. A gravidade não deveria permitir que tal lugar existisse.

— Ali está —, Criminy disse, entregando-me um binóculo de bronze. — Manchester.

Eu tive que piscar. O binóculo era incrível. Eu podia ver tudo com detalhe impressionante. Não que eu realmente quisesse.

A cidade se erguia como um tumor na paisagem, como a concha de um caranguejo ermitão com extremo mau gosto e um poderoso pote de cola. Era muito maior do que eu teria pensado ser possível, uma enorme montanha coberta de pedra e tijolo e madeira. Ao redor da base, no vale, eu podia ver campos e minas e pedreiras e refinarias e fábricas arrotando fumaça. Uma alta, medonha parede de pedra cinza suja cercava tudo. Cercas de arame farpado davam a volta na borda superior como glacê de

bolo mortal.

Os pântanos vazios pareciam calorosos e pacíficos em comparação.

Dentro das paredes, os prédios oscilavam da montanha e de um ao outro em ângulos estranhos, escorados por cabos e mastros e vigas de metal. Um ar oleoso e cinza pendia sobre tudo. Possivelmente era o lugar mais deprimente que eu já tinha visto.

No topo superior da montanha empoleirava uma gigante igreja branca de tema Gótico, com suportes suspensos e vitrais quebrados. No pináculo estava o grande X da minha visão, como uma cruz caída em tempos difíceis.

— É onde nosso rapaz estará —, Criminy disse, lendo minha mente. — Bem no lugar ‘mais santo que tu’, na pontinha do topo da cidade partida, estagnado nos fundos do sofrimento.

Eu tinha uma forte sensação que ele estava certo. E eu realmente não queria estar dentro daquelas paredes.

— Nós teremos que entrar pelo portão da frente —, Criminy disse, pegando de volta o binóculo. — E há apenas dois portões, então nós teremos que partir pelo outro bem rápido, porque eles estarão procurando por nós depois que o ato estiver feito. Então tente esconder seu rosto e aja tão normal quanto possível. — Ele alcançou o meu gorro e abaixou um delicado véu preto que me fazia sentir como um apicultor gótico. Ele sorriu para o efeito e perguntou —, Você pode simular um sotaque? Tente soar mais como eu?

— Como isso irá servir, então? — Eu disse, bastante orgulhosa de mim mesma.

Ele riu. — Bela tentativa, amor, mas é um Timbre um pouco mais baixo.

— A chuva na Espanha aterrissa sobretudo na planície —, eu disse cuidadosamente.

— A chuva em Vane nunca toca a planície —, ele disse com uma gargalhada. — Vane é sobretudo floresta. Você tem qualquer outro sotaque?

— *Irritada*, é um sotaque? — Eu disse.

— Vamos apenas fingir que você é muda.

Eu mostrei minha língua para ele, e ele gargalhou aquela selvagem gargalhada dele. Apenas por um segundo, eu me esqueci das dificuldades insuperáveis e minha preocupação por Nana. Eu gargalhei daquela maneira, também, e parecia tão bom.

Naquele momento, as amplas marcas dos ônibus tanques tinham se transformado em uma estrada de lama. O chão estava começando a ficar lamacento enquanto as gramíneas diminuía, uns poucos tufo se estrangulavam pela estrada atrofiada e marrom. Coelhos-blud eram mais escassos e escassos.

E então eu aprendi por que.

16



Eu vi a coisa na estrada antes de eu sentir seu cheiro, mas o cheiro foi seguido de perto. Eu não podia dizer o que era. Somente um pouco de carne tinha sido mordiscada dos ossos para remover o cabelo e obscurecer os detalhes. Mas definitivamente era uma carcaça. E bem acima dela estava o maior rato que eu já tinha visto, aproximadamente do tamanho de um gato doméstico e coberto com pêlos com coloração ferrugem, ouriçado.

Criminy nem sequer reduziu, mas eu me amontoei ao seu lado enquanto nós nos aproximávamos. O rato nem sequer se preocupou conosco, não até nós estarmos cerca de seis metros de distância. Em seguida ele olhou para cima, vasos e tendões pingando da sua boca, e sibilou. O efeito dos seus olhos manchados de sangue na pelagem marrom era perturbador.

Criminy continuou andando, arrastando-me junto a ele em direção ao perverso monstro rato. A coisa engoliu o que quer que ele estivesse mastigando e saltou da carcaça, pulando na nossa direção com os pêlos do pescoço erguidos. Com a pelagem espetada em lombadas atrás do seu pescoço, ele gritou para nós. O grito soou justo como aquele de uma criança humana.

Sem romper sua passada larga ou soltar meu braço, Criminy tirou algo da sua bota e o arremessou. Eu mal vi o borrão negro disparar da sua mão esquerda, e depois o rato estava se contorcendo de lado, com uma faca preta saindo da sua testa.

Nós continuamos andando, e apenas quando nós alcançamos o rato morto, Criminy retirou sua faca com um puxão. Enquanto ele limpava com um lenço de mão, eu ponderei a pilha de carne.

— Isso era uma ovelha, se você está se perguntando —, ele murmurou.

E eu podia ver isso agora sobre meu ombro, a felpuda lã branca pendurada da forma genérica de uma ovelha mastigada.

— Como isso possivelmente saiu do muro? — eu perguntei.

— Eles têm que trazer os herbívoros para o exterior para grama fresca. Eles não podem produzir o bastante no interior do muro para alimentar os animais. Então eles trazem um grupo de pastores eriçados com armas. Mas se há um enxame de criaturas blod, eles apenas deixam um dos animais para trás, um sacrifício para o resto do bando. Se encaixa na filosofia genérica deles.

A faca desapareceu dentro da sua bota. Nós não rompemos com nossa caminhada. Eu olhei para trás ao rato gigante e disse, — Então esse é o rato-blod. E a cidade é cheia dessas coisas?

— Oh, eles tentaram matar todos. Mas eles são malditos astutos. Fortes e espertos. Sem importar o que os Policiais façam, sempre encontram uma maneira de voltar. Se eu não odiasse tanto essas coisas, eu estaria impressionado.

A cidade assomava maior e maior enquanto nós aproximávamos. O muro tinha parecido alto à distância, mas ficar na frente da gigantesca porta me fez sentir inútil e minúscula. Eu não podia começar a imaginar como os dois guardas podiam abrir a monstruosidade de dois andares de metal. Cada um deles ficava em pequenas construções com cerca do tamanho de um armário, em cada um dos lados da porta. E eles mal pareciam humanos, cartolas de couro amarradas embaixo do pescoço, golas altas enfiadas dentro dos seus queixos, e óculos com olhos esbugalhados obscurecendo seus olhos.

— Documentos —, latiu o guarda na direita através de algum tipo de alto falante, e Criminy me conduziu para a parede de vidro da cabine. Ele deslizou nossos dobrados, desbotados documentos de viagens dentro de uma caixa de metal e retirou sua mão antes que o guarda puxasse a caixa para dentro da sua cabine com um tinido.

Criminy sorriu e fez seu melhor para aparentar inofensivo e fraco. Eu estiquei meu nariz no ar e rolei meus olhos.

— Declare sua atividade.

— Nós estamos visitando parentes, senhor —, Criminy disse, sua voz submissa e servil. Eu sabia que ele era um ator, mas eu ainda estava chocada que ele soava nada como si mesmo. — A esposa e eu. Meu primo Anders e sua família querem conhecer a noiva. Ele é um relojoeiro, senhor e—

— Pedágio! — o guarda gritou. — Cinco moedas de cobre ou um frasco cada.

A caixa de metal estourou violentamente de volta para fora da cabine, e Criminy apanhou nossos documentos e largou uma mão cheia de moedas. A caixa disparou de volta para dentro da cabine.

— Fique para trás —, o homem disse, e Criminy me arrastou para trás.

O guarda puxou uma alavanca, e com um alto zumbido e vários barulhos, uma das gigantes portas começou a balançar para fora. Eu olhei para o guarda e rapidamente olhei para longe. Nada além do seu nariz e lábios estavam visíveis debaixo do seu uniforme, mas eu podia ler seu nojo por mim em seu escárnio. Eu endireitei meus ombros e aninhei minha

cabeça no ombro de Criminy, dando ao guarda um olhar de desdenhosa rebeldia. Criminy me beijou na testa e riu, e o guarda cuspiu no chão e negou com sua cabeça.

— Isso vai piorar —, Criminy murmurou no meu ouvido enquanto nós atravessávamos a porta. — Não se preocupe, querida. Todos vão nos odiar.

Enquanto a porta se fechava atrás de nós, minha garganta se contraiu. Eu não estava certa do que eu esperava encontrar dentro do alto muro, mas era pior do que eu poderia ter imaginado. As ruas de paralelepípedos eram estreitas e sujas, numerosas com poças d'água. Os prédios elevavam-se, bloqueando o céu. Todas as janelas tinham um filme sujo nelas, e as pessoas corriam de lugar para lugar como se elas estivessem sendo perseguidas. Todas elas olharam para mim com nojo, apenas como o guarda tinha feito.

De cabeça erguida, Criminy me conduziu pelas ruas. Nós estávamos na via pública principal, uma rua sinuosa enfileirada com restaurantes, pousadas, armarinhos, e chapelarias, todos com placas pintadas balançando acima das suas portas. Criminy não sabia onde ele estava, mas ele sabia o que ele estava procurando.

Nós mergulhamos em um beco. Luzes vermelhas brilhavam das sombras, e eu ouvi um sibilo familiar. Todos os cabelos da parte de trás do meu pescoço levantaram. Estava mais escuro aqui e mais estreito, e eu tive que correr para continuar com ele, minhas botas com salto ecoando de uma maneira que me fez pensar em ossos em uma masmorra. Finalmente, nós paramos diante de uma placa mostrando um frasco de sangue e um par de tesouras, com as palavras *Arven Ariel, Barbeiro e Escritor* sob caligrafia.

Nós atravessamos a porta e passamos por pesadas cortinas mofadas. Eu estava esperando um cruzamento entre um necrotério e um barbeiro

medieval, escuro e com teias de aranhas e o cheiro de carne. Mas parecia mais como um restaurante Mexicano. Cores brilhantes, falsas palmeiras, ventiladores e cortinas estampadas. As paredes eram de um vivo laranja, e o piso era um brilhante, mosaico estampado de azul e verde limão. Três cadeiras felpudas de veludo marrons esperavam em fila, cada uma com pufes ornamentados. Um papagaio roxo em um suporte grasnou, — Mestre Arven, cê tem clientes!

Criminy estava sorrindo para mim —, Não o que aparentava, né? — ele disse. — É sempre assim na cidade.

Um homem de aparência muito normal em um chapéu-coco passou por uma cortina frizada e se aproximou de nós com um sorriso profissional em branco.

— Eu posso lhe ajudar, senhor? Carta, barba, ou corte de cabelo? — ele perguntou, esfregando suas mãos juntas em luvas cor de borgonha.

— Uma carta —, Criminy disse alegremente. — E informação, por favor.

— Não se sentaria madame? — o homem perguntou, me guiando para a cadeira do meio. Em uma bandeja ao lado, dispunha uma variedade de tesouras, navalhas, tubos de vidros, e antiguidades parecendo agulhas hipodérmicas. Elas não pareciam inteiramente limpas.

— Desculpe, *o que?* — eu disse, plantando meus pés.

— Seu sangue, querida —, Criminy disse. — Três frascos, eu acho.

O homem puxou minha mão. Eu não vacilei.

— Querido —, eu disse docemente através de dentes cerrados —, Eu não estava consciente que eu estaria doando sangue hoje.

— Querida —, Criminy me respondeu —, nós levamos presentes diferentes ao casamento, e agora, nós precisamos do seu sangue. Então você não se sentaria e relaxaria? Eu ouvi falar que isso não dói nada. Apenas uma picada.

Eu olhei com raiva para ele. Ele sorriu. Eu mergulhei na cadeira e agarrei os apoios de braços. Meus dedos enluvados tamborilaram. Eu não

estava assustada por fazer a coleta de sangue, e especialmente não por coletá-lo eu mesma. Mas eu não confiava naqueles instrumentos primitivos, mesmo em um mundo sem infecção ou enfermidades.

— Agora o que? — eu rosnei.

— Se a madame desabotoasse sua gola? Eu asseguro a você, meu profissionalismo é inigualável. — Ele sorriu como um ginecologista.

Eu alcancei e lutei com os botões, e o homem gentilmente enrolou o pescoço do meu vestido.

— Apenas uma picada, se você ficar imóvel, madame —, ele murmurou, e eu virei minha cabeça e fechei meus olhos.

Algo frio e anestesiado passou na minha pele, e depois eu senti apenas um leve beliscão. Eu ouvi os passos de Criminy se afastarem para o outro lado da sala, e ele fingiu estar interessado em uma pintura na parede. Eu tentei ficar sentada bem imóvel e esqueci que um estranho estava coletando meu sangue através do meu pescoço. Eu fazia a mesma coisa todo dia com meus pacientes, embora pelo braço. Isso era completamente diferente, apenas porque alguém ia bebê-lo ao invés de testá-lo?

Sr. Ariel segurou um suave pano na minha pele, passou algo gelado sobre ela novamente, e aplicou algo grudento. —Nós terminamos, madame —, ele disse, e com meus olhos ainda fechados, eu lutei para re-abotoar meu vestido.

Criminy apareceu ao meu lado, seus dedos ágeis nos botões enquanto ele acariciava minha mão.

— Eu me pergunto, senhor —, ele perguntou —, onde nós poderíamos encontrar Antonin Scabrous.

O homem estava mexendo nos seus instrumentos, e Criminy escolheu um dos três frascos de sangue na bandeja e subitamente cutucou-o na sua direção perto de uma moeda de prata. Ambos os itens desapareceram dentro do colete do homem, e ele não se virou para nós enquanto ele murmurou —, Alfaiataria, a Oeste da Darkside. Procure pelo Velho Cachorro Negro. Tenha cuidado quando você cruzar a High Street. Eles

não irão gostar de vocês dois. Policiais aqui são mais durões do que em qualquer outro lugar.

— E o Magistrado?

O homem grunhiu. Criminy empurrou outro frasco.

— Jonah Goodwill. Mora no convento ao lado da igreja. Ele é bem protegido e perigoso.

— Muito obrigado —, Criminy disse.

Eu tentei me levantar da cadeira, mas o homem me impediu com uma mão condescendente no meu ombro. — Você irá querer se sentar por um momento, madame. Eu tenho um biscoito.

Foi difícil não dar a ele uma bronca sobre flebotomia, mas eu mantive minha boca fechada e peguei um dos biscoitos de uma lata em sua mão. Eu suspirei, e o homem olhou para Criminy com grande curiosidade.

— Sua dama não conhece muito para uma esposa de Bludman —, ele disse.

Criminy me levantou sobre meus pés e disse —, Ela é de temperamento delicado, e nós somos apenas recém-casados.

Pegando o frasco de sangue restante, Criminy me guiou para fora da porta e meio que me arrastou através do labirinto de ruas novamente. Eu agarrei sua mão, forçando-o a reduzir.

— O que você pensa que eu sou, sua fábrica ambulante de sangue? — Eu sussurrei pelo canto da minha boca. — Você podia ao menos ter me avisado. Aquilo era ao menos higiênico?

Ele colocou um braço ao meu redor, e eu senti sua respiração na minha orelha enquanto ele sussurrou —, Nós precisamos de informação e garantia adicional, e nós conseguimos os dois. E claro, é higiênico. Você sentiu o álcool? Ele entorpece e limpa de uma vez só. Nós não somos aborígenes.

— Aonde nós vamos agora? Nós vamos oferecer meu cabelo a seguir?

— Santo Deus, por que alguém iria querer seu cabelo? Não que ele não seja adorável —, ele disse. — Você ouviu o homem. Nós vamos ao

distrito dos Blutmen falar com um velho associado meu.

— Eu só não quero ser surpreendida novamente —, eu disse, sentindo-me um pouco irritadiça.

— Você será, não importa o que —, ele disse. — Pode muito bem esperar isso.

Ignorando minha reticência, ele me puxou junto dele a um passo cortado, meus saltos escorregando na sujeira dos paralelepípedos. De tempos em tempos, ele me abraçava contra a parede enquanto uma carruagem sem cavalos passava, deixando apenas centímetros de espaço entre nós e a babaca máquina. Os motoristas, empoleirados em bancos vacilantes superiores e alavancas de propulsão, todos usando chapéus de aviação e máscaras, navegavam pelas ruas estreitas com pouca consideração aos pedestres.

Sem impressionar que o ar era tão poluído – os motores sopravam vapor esverdeado para um lado e fumaça cinza para o outro. A falta de estrume de cavalo era um bônus, mas havia também um certo nível de desdém inferido pelas máquinas. Se um cavalo pisasse em você, era pessoal. Mas se uma carruagem sem cavalos tombasse em você, era indiferente e cruel, e o motorista apenas continuava dirigindo enquanto os rostos esnobes por de trás da janela viravam para longe.

Nós estávamos trotando junto de uma ampla avenida quando nós passamos por duas damas em vestidos caros usando botas com plataformas altas e estranhos óculos de coloração rosada. Seus olhos tingidos de rosa dispararam adagas para mim, e a mais velha sibilou, ‘Namorada-Blud’. Eu senti Criminy ficar tenso e rosnar, mas eu continuei andando para frente, puxando-o para mim antes que ele tentasse defender minha honra.

No próximo cruzamento mais largo da rua do que um fosso de esgoto, ele pegou à direita, murmurando —, É o suficiente da High Street.

Nós viramos em direção a um beco especializado em comestíveis. Açougueiros e padeiros e lojas de vinho estavam abertas, enquanto carrinhos ocasionais ofereciam frutas sem brilhos e vegetais. Sem

impressionar que todos parecessem ou doentes ou rosados – até mesmo as coisas verdes não eram verdes. O brócolis era cinza, e as maçãs eram do dourado de urina velha. Todo o arco-íris de plantas corria do amarelo-esbranquiçado ao amarelo-amarronzado.

Mas o pão tinha o cheiro do paraíso, eu admitiria isso. E o café. E algo emanando de uma loja rotulada *Chocovaneria*. Eu desacelerei para fungar.

— Você não quer fazer isso, querida —, Criminy disse, arrastando-me para longe. — Espere até nós chegarmos a algum lugar higiênico. Essa coisa é toda sucedânea.

— O que é sucedânea?

— Falso —, ele disse secamente. — Sem valor nutritivo. Feita de comida moída e sabores, algumas vezes até mesmo serragem. É tudo o que o pobre pode permitir-se. Aqueles vegetais estão meio-podres.

E então eu pude sentir o cheiro, o súbito mal emanando das cestas. Eu esfreguei meu nariz no ombro de Criminy, tentando retirar o fedor com as amoras.

No próximo grande cruzamento, ele começou a virar à esquerda e depois voltou quando ele viu um Policial em uma égua-blud parado como sentinela. — Residencial —, ele disse. — Eu irei apenas deixá-los nervosos.

Então nos fomos, passamos livrarias e tecelões e lojas de animais lotadas com gralhas caídas e pequenos cães com latidos agudos. Nós costuramos através de ruas pobres e ruas ricas, passamos por mendigos e duques e Policiais. Eu estava ficando com dor de cabeça da fome e sede e dos cheiros esmagadores, e meus olhos estavam tão cheios de coisas novas que eles estavam quase aflitos.

— Sr. Paisley —, eu murmurei —, não se esqueça de alimentar sua Pinky de estimação.

Ele parou para olhar para mim carinhosamente e murmurou —, Desculpe, amor. Eu estava tão ocupado tentando manter você em segurança que eu me esqueci como sua espécie murcha sem comida e bebida.

Ele cheirou o ar e deu várias voltas até nós estarmos em uma brilhante e de um modo geral a mais rica parte da cidade. Quando ele parou em um brilhante carrinho verde com detectáveis vapores erguendo-se de uma arca fechada, eu comecei a babar um pouco.

— Um enrolado e um espremido —, ele disse, lançando ao homem uma moeda.

— Vai tentar alguma comida de verdade , hein, Bluddy? — o homem disse acidamente, mas ele entregou uma xícara feita de grosso, polido jornal dobrado em estilo de origami e cheia com um líquido dourado. Com sua outra mão, ele usou uma pinça para selecionar um alongado embrulho envolto no mesmo jornal polido. Ele largou na mão de Criminy com um sorriso afetado, e nós partimos rapidamente sem agradecê-lo. Eu podia dizer que Criminy estava furioso. Que parecia acontecer bastante na cidade.

— Isso é para mim, certo? — Eu disse. O que quer que fosse, tinha um bom cheiro. Como fast food.

— É para você, mas está fumegante. O Boêmio bastardo estava na esperança de queimar um de nós. Eu irei entregar a você assim que esfriar o bastante para se comer, eu prometo.

Ele colocou a xícara na minha mão, dizendo —, Beba rápido. Essas xícaras não duram muito.

Depois de um momento de exame, eu virei a xícara e derramei a coisa dourada pelo lado da minha boca.

— Suco de uva?

— É por isso que eles chamam de espremido —, ele disse ironicamente. — Mas uvas da cidade não crescem roxas ou vermelhas – apenas amarelas.

Eu engoli o suco, e ele jogou minha xícara no chão e me entregou a coisa que ele tinha chamado de enrolado. Era como um burrito, cheio de lava fervente que tinha gosto bastante como torta de carneiro. Era cartilaginoso e pesado com batatas e feijões, mas tinha uma perfeita e satisfatória proporção óleo-e-sal. Eu agradeci e lambi o molho das minhas

luvas enquanto nós andávamos.

Ao fim, ele virou em um beco escuro debaixo de uma placa cravada onde lia *Darkside*. Eu podia ter jurado que a temperatura estava dez graus mais baixo do que do outro lado dessa placa. A estrada era mal conservada, com paralelepípedos faltando e grafite em giz branco.

Drenar Vc, uma dizia.

Bluddy vão para casa sob a terra, dizia outra.

Era uma área residencial, mas as janelas eram escurecidas ou cobertas com tábuas perfeitamente pregadas. As portas estavam todas pintadas de vermelho sangue. Não havia floreiras nas janelas ou decorações. Ninguém viveria dessa forma de propósito, não ao menos que eles fossem forçados. As ruas sinistras e a tensão silenciosa de Criminy falavam claramente sobre a opressão da espécie dele pela minha.

A próxima travessia estava mais aberta, com placas de madeiras penduradas justo como aquelas na High Street – porém mais escuras. Eu vi uma joalheria, uma loja de penhores, um boticário. Em seguida, à frente, uma placa com um cachorro negro de costas, a metros no ar, com um X de um olho. Essa tinha que ser a pousada do Velho Cachorro Negro. Na porta ao lado, um carretel com uma agulha – o amigo de Criminy, o alfaiate.

Nós mergulhamos pela porta de cor Borgonha para dentro de uma brilhante sala pintada com losangos em azul claro e violeta. Era apenas como o vagão de Sra. Cleavers porém mais limpo, com manequins e espelhos abundantes e peças de tecidos empilhados ordenadamente em prateleiras. Diretamente nos encarando, de cabeça baixa sobre a mesa costurando em uma máquina de costura de bronze e ferro negro, estava o primeiro Bludman que eu tinha visto na cidade.

Ele olhou acima para nós com uma boca cheia de alfinetes e sorriu como uma boneca vodu. Sua pele era castanha clara, o que contrastava estranhamente com o cabelo dourado e olhos azuis penetrantes. Mas seu rosto estava alegre, e ele pareceu feliz em nos ver. Isso realmente estava começando a significar algo.

Juntando os alfinetes em uma jarra, ele se levantou para esticar suas costas com uma série de estalos. Ele trancou a porta da frente, depois encarou Criminy com braços abertos, dizendo, — Crim! Quanto tempo faz?

— Muito tempo, Antonin. Muito tempo. Como está indo?

Eles se abraçaram bateram um no outro nas costas. Aparentemente, aquele gesto masculino atravessava mundos e espécies como a única maneira aceitável de mostrar amizade masculina.

— Manchester não é o que costumava ser —, Antonin disse, correndo uma das mãos pelo seu cacheado cabelo dourado e fazendo-a ficar no final. — Os Policiais ficam mais ásperos a cada ano. Você alguma vez pensou que veria um dia onde eu ficaria preso costurando na Darkside? Mas o Magistrado arquitetou novas restrições, e aqui estou eu.

— Eu percebi —, Criminy disse, assimilando o lugar. — Lugar legal, entretanto. Eu imagino que as damas chiques e os mestres da High Street secretamente enviam seus lacaios a você com as medidas?

— Eles mandam. — Antonin riu. — Nenhum Pinky pode fazer uma costura mais fina do que a minha. O negócio está bom, se a sociedade não está. E quem é essa adorável criatura?

Quando seus olhos se viraram para mim, eu podia sentir a latente, mas educada fome por baixo. O braço de Criminy enroscou na minha cintura, e ele me atraiu para perto, dizendo —, Minha esposa, realmente. Letícia, esse é Antonin Scabrous, a princípio de Scarborough e o melhor alfaiate em Sang. Nós começamos na mesma caravana quando rapazes e fugimos juntos para nossos anos de aprendiz.

— Ah, sim. O conto dos dois filhos de alfaiate que fugiram para se unir ao circo. Você conseguiu a emoção final da barganha, e eu ainda terminei com uma agulha na minha boca —, Antonin disse com uma gargalhada. — Como está a caravana, de qualquer forma?

— Bem, no geral —, Criminy disse. — Foi assim, até algum bastardo ladrão roubar o presente de casamento da minha dama, um elegante

amuleto de rubi. Nós achamos que ele está aqui na cidade. — Sua voz caiu. — E nós achamos que você pode saber dele.

Antonin piscou. — Não quer se sentar na sala de estar, ter algo para beber? Eu posso ter um biscoito para a sua dama em algum lugar, também.

Nós o seguimos através da cortina de miçangas tintilando e descemos um estreito corredor alegremente decorado com centenas de carretéis de linhas pintados, guarnecidos em agulhas. Nós nos esgueiramos por uma alta porta no final do corredor, e eu tive que piscar. Era uma estreita sala de estar tão brilhante e amarela que era como sentar em um limão. A chaise de veludo era amarela, as cadeiras eram brancas com pontos amarelos, e as paredes eram amarelas e brancas com estampas adamascadas. Era tão brilhante que meus dentes doíam.

Criminy retirou Pemberly do seu ombro e murmurou —, Pem, guarde o corredor. — Ela correu rapidamente ao centro do corredor e ficou em suas patas traseiras, e sua cabeça começou a girar lentamente, seus olhos lançando luzes vermelhas na parede, dançando sobre um arco-íris de carretéis. Ela tinha se tornado uma bola de discoteca de cobre. Eu tinha me esquecido completamente da cobra dormente no meu próprio braço.

— Macaco legal —, Antonin disse. — Mas não se preocupe. Owlice está sempre observando pelas vigas da porta da frente.

— Você nunca pode ser muito cauteloso —, Criminy murmurou. — Não nesses dias.

Antonin pressionou um botão em um pequeno cubo branco esmaltado que parecia como um cofre. A porta estourou aberta, e um bufo de ar quente soprou. No lado interior estavam filas de fracos de sangues em caixas, muito como os contêineres que guardavam ovos no meu mundo. Ele pegou um frasco, verificou a data rabiscada no vidro, e derramou o conteúdo entre duas xícaras de café. Ele entregou uma à Criminy, que tomou um delicado sorvo e suspirou.

— Refrescante —, ele disse. — Obrigado.

Os dois homens sorveram seus sangues, me ignorando. Eles

começaram falando sobre dezoito-e-uma-coisa-ou-outra e pessoas com nomes estranhos que fizeram coisas estranhas. Eu bocejei. Eu li as lombadas dos livros na prateleira amarela e olhei para as pinturas nas molduras amarelas. Aqui estava eu, presa em um mundo fantasioso, preocupada sobre minha avó e meu mundo real, tamborilando meus dedos dos pés enquanto perversos bebedores de sangue aproveitavam a hora do chá.

— Criminy? — Eu perguntei.

— Hmm?

— O que nós estamos fazendo?

— Eu estou fazendo uma refeição com um amigo enquanto você se contorce como uma criança —, ele disse serenamente.

Eu encarei.

Antonin gargalhou e disse algo em uma linguagem estrangeira cheia de s's e z's.

Criminy gargalhou, também. Na sala amarela, seus dentes manchados de vermelhos me deram arrepios.

— Você está gargalhando de mim? — Eu disse. — Você me sangra e depois ri de mim?

— Sinto muito, amor —, Criminy disse tentando não rir em silêncio. — É apenas um antigo ditado *Humanos são como gatinhos seus dentes fazem cócegas quando zangados*. Você parece muito como um gatinho zangado.

Era uma horrível posição a se estar. Eu não podia sair correndo; eu não tinha nenhum outro lugar para ir. Em Sang, era muito perigoso para arriscar até mesmo um momento fora da sua visão. Mas sozinha com dois predadores, eu me sentia menos como um gatinho e mais como uma lição prática esperando para acontecer.

Eu não tinha me sentido dessa forma com Criminy antes. Inferior, e boba. Eu odiava isso, ter alguém do lado externo do seu pequeno círculo de amizade rindo de mim. Eu lutei com as lágrimas. Lutar com lágrimas me fez pensar no meu outro mundo, meu corpo caído, e minha avó sofredora. Eu a

veria novamente algum dia? E então eu estava fungando na minha manga.

Antonin pareceu envergonhado e estudou a parede. Criminy abaixou sua xícara e se moveu mais perto para colocar seu braço ao meu redor.

— Lá, lá, agora —, ele murmurou. — Até mesmo gatinhos zangados têm suas garras. Nós não queríamos ser rudes. Velhos amigos compartilhando uma piada, isso é tudo. Nós vamos pegar seu medalhão de volta.

— Eu não sou uma piada. — Eu funguei. — Eu sinto falta de casa. Da minha avó.

Antonin limpou sua garganta e estava quase para dizer algo quando uma campainha soou, seguida pelo inconfundível grito de uma coruja. Os olhos de Antonin ficaram arredondados, e ele sussurrou —, Policiais —, e chutou para trás o amarelo tapete de pano nos nossos pés, revelando um alçapão. Criminy agarrou a argola de metal e o abriu enquanto Antonin chacoalhava xícaras de chá e fechava armários, gritando —, Eu estarei aí logo.

Eu ergui meu vestido enquanto eu tropecei para descer os degraus de pedra, para dentro de uma adega não iluminada que cheirava como terra e coisa velha. Criminy estava atrás de mim. Ele fechou o alçapão, embebendo-nos na escuridão. Eu ouvi o som embaralhado do tapete por acima e suspirei, pressionando as costas contra Criminy.

Foi quando eu senti algo pesado e quente na minha bota.

17



O *que quer* que fosse, eu pulei para cima e para baixo até aquilo sair. Eu queria chutá-lo, mas eu não tinha ideia de que tipo de vassouras ou frascos de vidros ou órgão de tubos estava ao redor, esperando para fazer barulho que iriam denunciar nosso esconderijo aos Policiais lá em cima.

Eu coloquei minha mão onde eu esperava que a orelha do Criminy estivesse e sussurrei —, Há algo aqui conosco. Está nos meus pés. Mate isso!

Seus lábios se moveram contra minha bochecha, sua respiração quente contra minha pele enquanto ele dizia —, Você acabou de chutar uma gata doméstica muito bonita, querida. E uma implorando perdão. Você não consegue ouvi-la ronronar?

Quando eu reduzi minha própria respiração e parei de ouvir meu coração martelando, eu ouvi. Um suave, baixo ronco do chão.

— Por que Antonin tem um gato no subsolo? — eu sussurrei.

— Para mantê-la segura, eu imagino —, ele disse. — Não há nada que os ratos-blud amariam tanto quanto um bonito, suculento gato. Provavelmente a deixa subir à noite, quando a porta da frente está trancada.

Eu o senti se dobrar graciosamente no chão aos meus pés, e o ronronado se intensificou. O bebedor de sangue estava acariciando um gato. E cantarolando.

— Que lugar é esse? — eu sussurrei.

— Uma adega —, ele disse. — Certamente você sabe o que é uma adega?

— Claro que eu sei o que é uma adega. — eu sibilei. — O que mais tem aqui?

Ele se levantou e sussurrou uma palavra, e uma minúscula chama azul acendeu na escuridão. A primeira coisa que eu vi foi o seu rosto. A próxima coisa que eu vi foi um crânio pairando ligeiramente atrás dele. Enquanto eu abria minha boca para gritar, sua mão enluvada selou meus lábios.

— Shh —, ele disse.

— Mmph-mm-hm-mp!

Seus olhos foram para trás. — Sim, é um esqueleto. Está acorrentado à parede. Provavelmente era um homem muito mal. Antonin faz parte de um movimento de resistência clandestino contra os Policiais. Você sabia que algumas vezes eles roubam nossas crianças da rua e as drenam diante de multidões como abominações? Eles fazem. E esse companheiro está morto por algum tempo, e ele mereceu isso, então não se preocupe tanto.

Eu tentei tirar o esqueleto da minha mente ao olhar ao redor para o restante da adega. Tinha cerca de três metros quadrados, com paredes de pedra com argamassa como uma cripta. Teias de aranha e poeira estavam por toda a parte. Se eu não soubesse mais agora, eu teria procurado por um caixão.

No chão perto do esqueleto, eu vi alguns instrumentos que me fizeram

afastar o olhar. Coisas com pinças e coisas estreitas e algo que parecia como uma bateria de carrinho de golfe.

E então a porta abriu-se acima de nós, e a luz inundou. O rosto de Antonin apareceu.

— Vamos subir. Eles se foram.

Eu quase pulei para fora da adega. Criminy seguindo a um local mais seguro.

— Eu vejo que você conheceu Anabella e Sr. Raptor —, disse Antonin.

— Um pequeno aviso teria sido legal —, eu respondi.

— Achei que você preferiria o Policial morto aos vivos aqui de cima —, ele disse com um encolher de ombros. — Eles estão procurando por você. Agora, porque isso?

— Você primeiro —, Criminy disse, afundando-se em uma cadeira.

— Há um preço pela cabeça dela —, Antonin disse. — Uma fêmea Forasteira com más intenções em um vestido cor de borgonha da última moda acompanhada por um Bludman em uma casaca preta e cartola com um macaco de cobre. Vistos por último no ofício da Fleet Street.

— Você quer dizer o *recentemente falecido* ofício na Fleet Street? — Criminy disse.

— Eu acredito que algo infeliz está nas cartas para Sr. Ariel, de fato —, Antonin disse com um sorriso perverso. Seu potencial congênito para violência lampejou apenas por um momento, como uma barbatana de tubarão rasgando na água, mas então ele era apenas um alfaiate novamente, despenteando seu cabelo cacheado na sala amarelo-limão.

Pemberly apareceu, e Criminy a colocou de volta em direção ao seu ombro. — Nós deveríamos ir antes de nós colocarmos você em qualquer problema adicional.

— Vocês precisam de informação? — Antonin pressionou.

— Ah, sim. Tanto para uma conversa fiada durante um amistoso frasco de sangue. O que você pode nos contar sobre o Magistrado?

— Jonah Goodwill. Velho bastardo com um grande bigode e um ódio maior por qualquer coisa inumana. Vive na propriedade ao lado da catedral no topo da montanha, tem seu pequeno paraíso cheio de jardins e árvores frutíferas. Casa do Éden. Todas as coisas que seus gratos cidadãos nunca terão. Nós tentamos ter acesso por anos, mas ninguém consegue se aproximar. Todos eles desaparecem.

— É desse que nós estamos atrás —, Criminy disse. — Ele é um Forasteiro. E ele aparentemente sabe que nós estamos chegando.

— Eu o conheci na caravana, mas eu ainda não entendo como ele sabia que eu era uma Forasteira também —, eu disse melancolicamente.

A mão de Antonin disparou na minha direção, mas Criminy a interceptou. Antonin o despachou com um bufar e gentilmente acariciou o lóbulo da minha orelha.

— Você acha que alguém nesse mundo abandonado por Deus iria propositadamente fazer furos na sua pele? — ele disse gentilmente.

Eu alcancei meu lóbulo, sentindo o buraco que estive lá desde o meu aniversário de dezoito anos.

Com sorte, quando você está precisando de um disfarce, a alfaiataria é um dos melhores lugares para se estar. Foi-se o meu lindo vestido de cor borgonha. Agora eu estava em um tafetá azul marinho com brilhantes babados farfalhando sempre que eu me movia. Minha boina preta se foi, também, substituída por um amplo chapéu de palha com uma pulverização de penas. O chapéu tinha vindo de uma velhinha muito nervosa, então minhas orelhas traidoras estavam perfeitamente cobertas por um véu de renda negra que faziam meu pescoço coçar terrivelmente.

Criminy estava resplandecente de verde esmeralda, sua cartola

favorita tinha de alguma forma se escondido na manga do seu novo terno. Ao invés disso, ele vestia um chapéu coco de lã, o que o fez parecer mais perigoso e desonroso que o normal. Seu casaco favorito, aquele com os bolsos mágicos escondidos, estava pendurado na adega perto do esqueleto. A maior parte dos acessórios e bugigangas estava enfiada no seu colete, e eu não podia entender porque ele não se avolumava mais. Pemberly tinha sido enviada de volta à caravana com mensagens cuidadosamente codificadas para Sra. Cleavers, e o ombro de Criminy pareceu um pouco vazio sem ela. Nós estávamos prontos.

— Você não pode dar a ela algum blod? — Antonin perguntou, se inclinando mais perto para olhar no meu rosto. — Apenas para colocar cor nos seus olhos, dar a ela alguma histamina?

— Agora não é a hora —, Criminy disse rispidamente. — E ela não está pronta ainda.

— Ela é a esposa de um Blutman, não é? Ou ela está com medo?

— Eu não vou beber blod algum —, eu disse. — Mas o fato de eu estar aqui deveria dizer a você sobre como eu me sinto.

— O fato de que você está atrás de Goodwill é bom o bastante para mim —, Antonin respondeu. — Se você está contra ele, você está do meu lado.

Nós partimos com mais cumprimento masculino nas costas, um beijo casto na minha luva, e um mapa desenhado à mão mostrando uma rota sombria para a casa de Goodwill no antigo monastério. Agora que os Policiais estavam procurando por nós, nós precisamos nos mover rápido.

— Ele não estará esperando nós irmos atrás dele —, Criminy justificou. — Um homem poderoso como ele. Não irá esperar que nós levemos a luta para a porta dele. Provavelmente muito ocupado em procurar por nós para cuidar das suas próprias costas.

— Mas e se ele estiver? — Eu pressionei.

— Que escolha nós temos, amor? — ele vociferou. — Você quer seu amuleto. Eu estou tentando pegar o amuleto. Nós seguiremos esse plano até

as coisas mudarem, depois nós seguiremos um novo plano. Se você precisa mais do que uma resposta além dessa, eu não posso dá-la a você. Você é aquela que prevê o futuro, não eu.

Nós seguimos os becos da Darkside tão longe quanto poderíamos subir o morro. Quando nós reingressamos nas ruas mais brilhantes dos Pinkies, nós nos agarrávamos às sombras e tentávamos não atrair atenção para nós. A um ponto, um Policial se virou para olhar para nós, e Criminy rodopiou, colocando suas costas contra a parede de tijolo cheia de limo do beco e usando meu enorme chapéu para proteger nós dois em uma mímica selvagem de paixão que conseguiu me deixar sem fôlego. Eu não pude evitar – lábios ainda eram lábios, e quadris ainda eram quadris, mesmo se nós estávamos apenas fingindo. Atrás de mim, eu ouvi o Policial cuspir com nojo. Na hora em que ele se virou novamente, nós já tínhamos ido.

Perto da catedral, a vizinhança ficou mais enegrecida e opaca, e as pessoas pareceram mais oprimidas e deploráveis. Suas roupas estavam esfarrapadas e remendadas, seus rostos ociosos e sem esperança.

Nós nos encolhemos na sombra do alto teto da igreja. Acima do nosso nicho estava um vitral quebrado de uma figura com uma cruz sangrando em uma taça. Estranhamente, não era Jesus. Era uma mulher com cabelo vermelho. E ela parecia irritada.

— Quem é essa? — eu perguntei.

— Depende de quem você pergunta. Para mim, é a deusa Aztarte, a primeira Blutmulher —, Criminy disse. — Para os Pinkies que agora seguem para Sangland, é Santa Ermenegilda. Ela morreu guiando os demônios sanguinários da região, para torná-la segura para o segundo reinado da humanidade. — Ele examinou seu mapa por um momento e murmurou —, Ela era uma bruxa e uma víbora, mas a igreja tenta acobertar isso um pouco e apenas recorda a todos sobre o seu sacrifício. Pela humanidade.

Ele puxou o mapa de Antonin. — A casa de Goodwill é no outro lado do monastério, atrás dos altos muros. O lado de dentro da catedral é

protegido, e os muros são patrulhados por Policiais com cães que podem farejar através das ilusões. Eu não tenho ideia de como nós vamos entrar sem que ele não saiba sobre isso ontem.

Nós ouvimos vozes vindo da esquina, e eu congelei. Criminy me puxou para o seu lado.

— Fique imóvel —, ele disse, e ele lançou algum pó de um dos seus bolsos sobre nós dois. Eu subitamente me senti muito poeirenta e seca, semelhante à sensação de uma máscara de argila, bem antes dela começar a descamar.

— Não se mova —, Criminy disse pelo canto da sua boca. E era muito difícil se mover, mesmo se eu quisesse. Meu rosto e corpo estavam completamente presos, e o único canto da minha mão enluvada que eu ainda podia ver era da cor cinza das pedras velhas. Ele tinha nos transformado em estátuas.

Movendo apenas minhas pálpebras, eu observei um bando de pequenas crianças imundas correrem na esquina, rindo. Seus pescoços expostos me disseram que elas eram Bludmen – ou Bludcrianças. Todas elas reunidas em torno de um objeto marrom exceto por uma que estava agachada no canto, fingindo defecar.

— Ele viu você, Les? — disse uma. Eu não podia dizer pela aparência ou voz que gênero ou idade a criança poderia ter. Todas elas pareciam as mesmas, sério – olhos enormes em rostos magros envoltos em trapos cobertos de sujeira.

— Não, o magrelo estava muito ocupado chamando Bertie, um fedorento saco de sangue com cara de morcego, para me notar erguendo a carteira do gordão. Estúpidos Policiais. — A criança esvaziou a bolsa e dividiu as moedas entre eles, depois prendeu a carteira debaixo da minha saia de pedra.

— Como você acha que é o gosto daqueles Policias? — perguntou um terceiro garoto de rua melancolicamente.

— Eu aposto que eles têm gosto de coco —, disse o menor deles todos.

— Calem a boca — aqui vem o Rudy! — o vigia sibilou. Todos eles fugiram, se derretendo nas sombras.

Mesmo congelado ao meu lado, preso na sua própria magia, eu podia sentir a fúria de Criminy. A condição de fome, e sujeira das Bludcrianças o toucou profundamente. Se ele pudesse ter raios disparados dos seus olhos, as pessoas dando a volta na esquina teriam sido incineradas.

Dois Policiais jovens apareceram, seus uniformes brilhantes estalando enquanto eles andavam atrás de um gigante cão com uma correia de chumbo. O cão era da coloração de cobre, também, como um cruzamento entre um pastor Alemão e um mastife, sua cabeça quadrada tão elevada quanto minha cintura. Ele estava babando e choramingando, baba gotejando dos seus beiços. Os Policiais ignoraram-no.

— Alguém deveria drenar esses pirralhos —, disse o mais brilhante. — Porcaria, eu odeio as obrigações da igreja.

— Eu também —, disse o menor e gordo Policial segurando a guia do cão. — Francamente assustador, mesmo à luz do dia. Ninguém acredita mais na Ermenegilda, de qualquer forma, acredita?

— Maldição se eu sei —, disse o mais magricelo. — Minha mãe sempre me disse que ela era apenas uma linda história sobre ajudar outros humanos. Sobre fazer auto-sacrifícios. Voltando quando as pessoas se importavam.

O cão farejou Criminy e a mim energeticamente. Eu segurei minha respiração. O gordo puxou o cão para trás, sibilando —, É apenas uma estátua, Rudy. Algum cachorro provavelmente urinou nela. Deixe isso para lá. — Depois ele olhou acima para a santa nua na janela e sorriu, mostrando dentes como lápides tortas. — Eu deixaria aquela pequena ameixa madura me fazer um bom sacrifício, hein, Gerren?

— Isso é blasfêmia, isso sim —, disse Gerren. — Mas tá.

Ele olhou para baixo da Santa Ermenegilda, me olhou diretamente nos olhos, e começou a desfazer os laços de couro das suas calças, se minha audição estava correta. Depois eu ouvi seu jato, e ele suspirou enquanto ele

urinava em nós.

Falando sobre blasfêmia.

Pelo menos eu não senti nenhuma umidade. Graças aos céus pela magia.

— Sei lá porque nós não conseguimos ir para a ilha como todos os outros —, o gordo choramingou. — Não há nada aqui para proteger, de qualquer modo. O que, as pessoas pobres e os Bludmen vão nos superar por um barril de maçãs e uma velha vaca agressiva que não dá nem ao menos mais leite?

— Você é novo, então você ainda não sabe. Tem que manter a imagem —, disse Gerren, limpando seu peito pomposo enquanto ele subia sua braguilha. — Faz parecer como se houvesse algo que valesse a pena proteger, mesmo se não há. É engraçado, todos os segredos que você aprende uma vez que você é um Policial.

Ele suspirou e se endireitou, o couro do seu novo uniforme guinchando. O cão dançou a nossa volta, se esforçando na minha direção e na de Criminy. Gerren o bateu no nariz, e ele se sentou, abatido.

— Você acha que o que eles dizem sobre Goodwill é verdade? — o gordo perguntou.

— Que, que ele é de fato um Forasteiro? — Gerren disse sarcasticamente. — A sociedade secreta e o covil secreto e tudo aquilo?

— É.

— Isso é ridículo, isso sim —, Gerren disse enquanto eles saíam caminhando, arrastando o enorme cão atrás deles. — Ele é apenas um velho hipócrita indo ver uma concubina na sua ilha mágica ou agenciando o problema em Brighton. Manchester é tão enfadonha e horrível que todo mundo acha que todo mundo faz algo errado e que existe algum lugar melhor. Mas não existe. Todas as cidades são assim, Joff, meu menino, e eles nunca terão a oportunidade. Não com relação aos seus Bludmen. Você tem muito que aprender, rapaz.

— Sangrentos, Bludmen —, concordou o gordo enquanto eles viraram

a esquina e saíram de vista.

Eu estava petrificada, mas eu estava tão tensa com choque que teria sido difícil me mover, de qualquer jeito. Jonah Goodwill não estava aqui – ele estava em uma ilha em algum lugar distante. Nós não tínhamos ideia para onde o amuleto tinha ido, e o baixo céu estava aumentando com estrias roxas da noite. Eu senti uma lágrima escorrer no lado interno da estranha crosta sobre minha pele, e depois eu caí de joelhos, o feitiço se desfez.

— Você está bem, amor? — Criminy perguntou, se agachando ao meu lado e buscando meu rosto.

Eu não estava bem, nem de longe. Eu coloquei uma mão na minha bochecha, mas estava limpa e normal. Eu esperava sentir a pasta fluida de lama e lágrimas ou algum resíduo mágico. Mas não havia nada.

— Eu quero ir para casa —, eu disse, minha voz rachando. — Eu quero meu amuleto.

— E eu vou encontrá-lo, sem importar o custo. Tanto por mim quanto por você e por aquelas crianças, para parar o que quer que seja que Goodwill esteja planejando. Mas agora, nós temos que sair da rua. Nós vamos falar com Antonin de novo pela manhã —, ele disse. Ele espanou seu colete e sorriu para mim. — Nós tivemos sorte que aqueles bastardos pararam para urinar em uma relíquia sagrada. Ao menos agora nós sabemos onde procurar.

— Onde?

— De acordo com a fofoca, há uma ilha secreta onde animais inocentes ainda ruminam, um paraíso livre de criaturas de blod. Se eles dizem que ele está em uma ilha, tem que ser essa.

— Mas como nós vamos encontrá-la? Uma ilha, em todo o mundo, com nada para seguir além de rumores? É desanimador. — Eu joguei meus

braços ao redor do pescoço dele e enterrei minha cabeça no seu ombro.

Ele envolveu seus braços ao meu redor. — Doce, gatinha —, ele disse enquanto eu enxugava minhas lágrimas contra o seu terno. — Você não sabe que esses rumores são quase sempre verdade?

Eu funguei, olhando para a cidade como um labirinto desdobrado abaixo de nós. Todo o caminho lá em baixo para a base do alto muro, um bando de ovelhas acinzentadas, doentias estava amontoadas como formigas. Elas deveriam estar pastando, mas o chão era apenas uma massa suja de lama. Seus berros soavam como choros.

— Tudo está tão errado —, eu disse.

— Nem tudo —, Criminy disse, acariciando meu cabelo. — Mas parece que Sr. Goodwill não é completamente como ele aparenta. Eu não posso esperar para eu mesmo confrontá-lo.

Graças ao meu preconceito com a cidade, nós estávamos confinados ao Darkside pela noite. Nenhuma pousada Pinky iria abrir suas portas a um Bludman. Nós paramos na pousada de Magi no lado oposto da montanha da loja de Antonin. Ao entrar na porta vermelho sangue sob uma placa de madeira mostrando três homens em turbantes, eu senti Criminy relaxar um pouco. A porta de frente era muito elegante, e uma graciosa adolescente Bludmulher estava em pé atrás do balcão, vestindo uma cartola bem alta.

— Boa noite —, ela disse com o mesmo sotaque saltitante londrino que eu ouvi por toda a cidade. — Como eu posso ajudá-los?

— Nós gostaríamos de um quarto, por favor, senhorita. Minha esposa e eu —, Criminy disse com uma baixa reverência.

— Daggern e Fevrier Blur.

— Há um com duas camas de solteiro disponível no segundo andar, senhor, ou a suíte presidencial —, ela disse, sacudindo uma reverência. — Cinco moedas de cobre pelo quarto, dez pela suíte presidencial.

— Nós vamos ficar com o quarto, obrigado —, ele disse, produzindo várias moedas do seu colete e deslizando-as ao outro lado do balcão. Ele sorriu tenramente e se inclinou para frente para arrancar outra moeda da

orelha dela. — E olhe para isso! Senhorita, você deveria se lavar com mais cuidado.

Ela riu, e eu pude ver que ela era mais nova do que ela aparentava apesar do seu vestido de corte curto. Quando nós reverenciamos e partimos com a nossa chave, ela rabiscou em um enorme livro preto, sua língua de fora em concentração.

O quarto era pequeno, mas claro e aconchegante. Delicadas placas de padrões coloridos penduradas com fitas entravam em choque com o papel de parede, o qual era branco com cipós verdes. Criminy tirou seu novo casaco e estendeu sua mão para mim. Eu não sabia o que ele queria, mas eu estendi a minha mão mesmo assim, com um pouco de agitação no meu estômago. Ele me surpreendeu alcançando a cobra ao redor do meu pulso.

— Hora de ver o que o seu pequeno Uro pode fazer —, ele disse.

Ele apertou o botão, e Uro ganhou vida, se achatando na mesa. A cabeça dele girou até me encontrar, e depois as luzes piscaram, e a língua preta disparou para fora no que pareceu como satisfação.

— Diga a ele para ficar de guarda. — Criminy disse.

— Uro, de guarda —, eu disse.

Os olhos vermelhos piscaram mais uma vez, e a cabeça da cobra se ergueu enquanto seu corpo ficava rígido e sua cauda se dividia em três seções separadas. Ele era agora algum tipo de tripé, e sua cabeça lentamente girou, assimilando tudo. Que dispositivo prático.

— Eu acho que nós estamos seguros aqui —, Criminy disse. — Roupas novas, nomes diferentes. E eu aposto que aquela mocinha no balcão da frente não irá nos entregar para todo o mundo. Vamos dormir, e nós começaremos pela manhã. Eu fico com a cama mais perto da porta.

Eu desapareci dentro do banheiro para me trocar. Felizmente, o novo vestido se desfazia de uma forma que eu conseguia sair dele sozinha, e agora e tinha bastante experiência com um espartilho para conseguir sozinha, também. Eu borrifei água no meu rosto e usei a toalha para esfregar a maquiagem, depois timidamente emergi na minha camisola branca.

Para minha profunda surpresa, Ciminy já estava na cama, respirando profundamente sob as cobertas. Eu tinha me esquecido que ele gastou as noites anteriores cuidando do meu corpo enquanto eu dormia – ele tinha que estar exausto.

Suas costas estavam para mim, e eu inegavelmente fui atraída a ele. Era raro vê-lo quando ele estava imóvel, quando ele já não estava me observando ou tomando controle firme da situação com uma mão. Seu ombro nu espiou por debaixo do cobertor, liso e branco, seu cabelo escuro caindo para os dois lados. Havia uma pequena cicatriz ali, rosada como uma queimadura, e eu inconscientemente a alcancei para traçá-la com um dedo, me perguntando que tipo de criatura ou arma teria de verdade o ferido.

Enquanto eu tocava sua pele, surpresa como nunca por achá-lo tão quente, a mão dele se fechou ao redor do meu pulso. Eu arfei enquanto ele rolava de costas, me puxando para baixo para ficar em cima dele na cama estreita.

Seus olhos arderam nos meus, escuros e dançantes.

— Certamente isso é um sonho. Minha leal Letícia, vindo até mim na noite.

— Eu achei que você estivesse dormindo —, eu disse. Eu tentei me afastar, mas suas mãos sem luvas se firmaram nos meus quadris. Apesar dos cobertores e da minha camisola, eu pude sentir os contornos do seu corpo e a sugestão de garras espetando minha pele.

— Dormindo? Com você perto assim e observando? Um predador como eu? Nunca —, ele disse, voz rouca.

— Você deve estar cansado. Eu sinto muito em lhe incomodar.

Eu estava afobada, e eu tentei me pressionar para cima com meus braços. Aquilo só fixou meus quadris mais firmemente contra os dele. Um lento sorriso se espalhou no seu rosto.

— Continue tentando escapar, amor. É prazeroso. Não se incomode absolutamente.

Ele se deslocou sinuosamente debaixo de mim como se fazendo uma

pergunta que eu não estava pronta para responder. Eu me deixei cair para frente, enfiando meu rosto enrubescido no seu pescoço antes que ele pudesse ver minha vergonha. Eu não podia ignorar seu corpo e minha resposta a ele, mas eu podia evitar seus olhos. Eu suspirei no seu cabelo, me lavando com seu cheiro. Com uma resposta suspirada, ele me deslocou para a cama para que eu estivesse aninhada contra a sua lateral, seu braço ao meu redor. Nós mal cabíamos no colchão, mas não me ocorreu partir dali.

— Você ainda está nervosa, amorzinho. Agora, porque isso? — ele sussurrou na minha orelha. Arrepios ondularam nas minhas costas, e ele resmungou enquanto eu me deslocava contra ele.

— Eu estou com medo —, eu sussurrei de volta na escuridão do seu cabelo.

Ele firmemente ergueu meu rosto, seus olhos prendendo os meus.

— De que?

— Eu...

Seus lábios fixaram-se nos meus, interrompendo a lista de tudo que eu temia. A cidade, o Magistrado, os ratos-blud, os Policiais, pessoas como Elvis, meu mundo, minha avó, minha própria sanidade, minha liberdade. Tudo isso desapareceu quando sua mão gentilmente cobriu meu rosto, seu polegar acariciando minha bochecha como um sussurro. Não havia nada naquele mundo além dele e de mim e do local onde nós nos encontrávamos, boca com boca e coração com coração. O beijo foi suave e caloroso, contido e gentil. Uma resposta e uma clemência. Um conforto. Eu relaxei contra ele, meus dedos se emaranhando no seu cabelo.

Ele se afastou primeiro e olhou dentro dos meus olhos. O fogo no seu olhar tinha fugido, deixando um infinito azul nebuloso.

— Desde que você não tenha medo de mim, eu acho que nós estaremos bem —, ele sussurrou. — Agora, vá dormir.

Eu aceitei minha dica e rastejei até a minha própria cama, a qual estava fresca e fria e cheirava deliciosamente a sálvia. Estranhamente, o beijo me acalmou. Eu sabia que ele podia ter me mantido ali, quer por força

ou apenas com o simples magnetismo que me puxava para ele repetidamente. Mas ele não fez, ele me deu exatamente o que eu precisava. Não o fogo. Não as chamas. Apenas calor.

— Obrigada —, eu murmurei, apenas alto o bastante para ele ouvir há alguns centímetros de distância.

— A qualquer hora —, ele sussurrou de volta.

Em momentos, eu estava dormindo.

Eu acordei na manhã seguinte sentindo-me um pouco sonolenta. Parte de mim ainda esperava acordar no meu mundo. Parte de mim também esperava que um certo sombrio lindo mágico deslizasse da cama ao meu lado e reiniciasse a paixão rigidamente contida no beijo. Eu não podia decidir se eu estava grata ou desapontada por ele ter mantido a distância. O beijo pareceu como uma promessa de coisas por vir, e agora que eu estava acordada e descansada, eu não estava certa se eu as queria. Eu me sentei e olhei ao redor enquanto o fraco sol se infiltrava pelas cortinas.

Criminy estava sentado na sua cama, pernas cruzadas, completamente vestido, mas sem botas. Ele estava usando meias cor de argila que não combinavam. Na frente dele estava um mapa antigo. Eu me inclinei para perto para examinar as imagens pintadas tão similares à Europa, parte da Ásia, e a parte superior da África. Mas as fronteiras estavam todas erradas, e os nomes eram peculiares, e eu tive a impressão que as pequenas criaturas perto do ‘Aqui existem dragões’ eram uma ameaça real.

Eu me sentei na borda da cama, comedida, mas perto o bastante para ver o mapa. Havia também algumas estranhas quinquilharias espalhadas pelo papel – jóias e ossos e rochas. Criminy arrastou essas para dentro de uma bolsa de veludo, na qual ele arrumou no seu colete.

— Então, aqui estamos —, ele disse, apontando para o que teria sido a

Bretanha.

Manchester estava no centro, bem onde Manchester estaria no meu próprio mapa. Mas vários outros nomes de lugares estavam ausentes. França era Franchia, bem ao lado de Vane. Havia Bruzzles – na Bélgica. Londres ainda era Londres, contudo, eu notei com um sorriso.

— E aqui é onde eu acho que a ilha de Goodwill está, de acordo com os ossos —, ele disse, apontando para uma coleção de manchas no mar bem ao sul de Brighton. — Em algum lugar perto da Ilha da Branca. Não deverá ser difícil de encontrar.

— Porque isso? — eu perguntei.

— A dele será aquela com o muro cercando —, ele disse com um sorriso. — O terrível homem é amante de muros.

— Mas como nós chegamos lá? — Eu perguntei. — Eu não posso caminhar longe assim. Não nessas botas, não com coelhinhos-blud me perseguindo.

— É uma pergunta difícil —, ele disse. — Eu não quero envolver a caravana, então isso está fora de cogitação. Nós não temos dinheiro o bastante para um transporte, e eles estarão esperando que nós façamos isso, de qualquer modo. E nós não podemos confiar nos bancos, claro.

— O que há de errado com os bancos? — eu perguntei, completamente confusa.

— Eles se movem muito lentamente, e nós seremos fáceis de alcançar —, ele explicou.

— De onde eu venho, bancos são prédios que guardam dinheiro para você —, eu disse.

— Quem na terra confiaria em alguém para guardar seu dinheiro? — Criminy disse, horrorizado com a ideia. — Bancos são aqueles transportes gigantes que você viu na noite de estréia. Ônibus bancos, veja você. Mas nós não podemos pegar essa rota.

— Mas nós não podemos caminhar —, eu disse novamente. — Isso levaria dias. Nós temos que nos mover mais rápido. Nós podemos

roubar alguma coisa?

— Já se virando a uma vida de crimes, querida? — ele disse com uma carícia carinhosa no meu cabelo. — Mas não. Isso seria muito fácil de ser rastreado. Nós precisamos de algo rápido e livre que ninguém mais quer. E há apenas uma resposta.

— Isso soa ameaçador —, eu disse.

Ele sorriu, mostrando seus dentes pontiagudos. — E é.

18



Uma vez que eu ouvi os detalhes do seu plano, eu gostei dele menos ainda. Eu mantive um terrível silêncio enquanto nós partimos da pousada, deixando a garota do balcão com outra moeda retirada da sua orelha. Criminy deu uma sequência de passos, confiante que nós estávamos no caminho certo. Mas eu estava determinada a pensar em uma alternativa que não me assustasse até a morte.

De cabeças baixas, nós aceleramos em direção aos portões no lado oposto da cidade daqueles que nós tínhamos entrado no dia anterior. No caminho, ele comprou um enrolado repleto de ovos e queijo branco e cogumelos de cor lavanda. Nós paramos em uma estranha loja chamada *Loja Tudo do Apolinário*, a qual de fato parecia ter tudo. Era como um cruzamento de cinco-e-dez centavos e o sótão da minha avó e uma loja de

mágica. Eu me maravilhei com a peculiar ostentação de produtos que Criminy enfiou na sua embalagem. Sua mochila de couro batia contra suas costas na saída com um tinir metálico.

Quando nós nos aproximamos do portão, Criminy me puxou para um beco escuro e soprou pó no meu rosto, murmurando um feitiço. Eu não senti nada, então eu dei de ombros. Ele se afastou e gargalhou, dizendo —, Esse não irá durar muito, graças aos céus. Vamos nos apressar.

Os guardas no portão traseiro eram apenas tão hostis quanto àqueles do outro portão. Quando o guarda olhou para mim, e depois para baixo ao meu conjunto de documentos até mesmo mais novos, ele zombou de nojo e, estranhamente, pena. Mas ele gesticulou para nós prosseguirmos, e o gigante portão guinchou aberto apenas o suficiente para nós atravessarmos.

Uma vez que nós estávamos fora do alcance da voz, eu alcancei meu rosto e perguntei —, O que você fez comigo?

Criminy puxou um pequeno espelho de bronze do seu colete, dizendo —, É apenas glamour, não algo que você possa sentir com suas mãos. Eu estava tentando transformá-la tão diferente quanto possível do que você realmente é. Já está desaparecendo.

No espelho, eu vi a mulher mais hedionda que eu já tinha visto. Verrugas, bigodes no buço, um nariz cobertos de veias com formato como uma abóbora.

— Uau, é como ter treze anos de novo —, eu disse. Eu tive que rir, também. Era horrível, mas era muito melhor do que ser capturada.

Criminy puxou seu binóculo e verificou o pântano. Com um irritado *humf*, ele retirou uma bússola diferente, uma que eu não tinha visto antes. Ao invés de ter três setas, essa tinha minúsculas figuras por todo o interior do círculo. Criminy virou o mostrador e remexeu no mecanismo, depois avistou a seta e começou a andar. eu segui, nervosa.

Nós andamos pelos pântanos vazios por algum momento antes dele estender uma mão para me parar, bem no limite de um pomar abandonado. Nós estávamos no meio de lugar nenhum e não tínhamos visto uma coisa

viva além de coelhinhos-blud desde quando o portão da cidade se fechou atrás de nós.

— Provavelmente está bem ali depois daquele morro. Agora, desamarre suas luvas e pescoço, e fique bem aqui, muito imóvel. Você tem que confiar em mim. — Ele beijou minha testa e desapareceu árvore acima.

Eu estava sozinha. Com um fôlego fraco, eu comecei lentamente a desamarrear as coisas timidamente, liberando o cheiro da minha carne de propósito pela primeira vez nesse mundo perigoso. Eu fiquei ali sentindo a brisa na minha pele, mas incapaz de aproveitar isso, imaginando-me como Andrômeda, acorrentada à rocha e ignorando o mar. Ao menos nós estávamos caçando algo um bocado mais esperto do que um kraken.

Os coelhinhos-blud foram os primeiros a chegar, pulando inocentemente para fora da fria manhã e saltitando aos meus pés, onde Criminy os despachou um por um com um estilingue. Eu mal podia vê-lo através das folhas, empoleirado em um galho com seu terno nitidamente dobrado ao seu lado.

Logo o chão ao redor das minhas botas estava cheio com fofinhos, corpos peludos em branco e suave marrom e salpicado com cinza. Eles me lembraram de um casaco de peles que eu recebi de Natal quando eu tinha oito, exceto que meu casaco não quis me comer.

A seguir veio uma raposa, a qual estava mais do que feliz em abocanhar alguns coelhinhos-blud e correr, nenhum pouco seletiva. Depois uma corça emergiu dos arbustos, seus passos hesitantes. Criminy atingiu-a no traseiro com uma pedra, e ela sibilou e fugiu.

Ao fim, nós ouvimos nossa vítima trovejando sobre o morro, e meu coração bateu rápido na minha garganta.

Era tão difícil não sair correndo. Como se isso teria ajudado.

Ela era uma enorme, e ela estava vindo bem para mim.

No meu mundo, ela teria sido um Percheron³⁷, provavelmente. Mas nesse mundo, ela era uma égua-blud e constituída para matar. Pés do

³⁷ Raça de cavalo proveniente da província Francesa; La Perche.

tamanho de pratos, crina e cauda longa e fluida, boca espumosa cheia de dentes pontiagudos. Seus enormes olhos vermelhos estavam fixos em mim. E ela estava babando.

Ela parou para cheirar o ar. Suas negras laterais brilhantes se contraindo enquanto ela inalava profundamente. Com um relincho de triunfo, a égua-blud empinou e galopou direto para mim. Eu fiquei tensa. Ela pesava tanto quanto uma van VW, e ela estava vindo para matar.

O chão tremeu debaixo das minhas botas enquanto ela martelava na minha direção. Eu me endureci para ficar imóvel. Eu fui contra todo instinto, apenas esperando pela morte galopar. Mas não é como se eu pudesse fugir dela, de qualquer forma. Eu tinha que confiar em Criminy.

Quando a égua-blud estava tão perto que eu podia ver o lado interno das suas narinas rosadas ofegantes, algo voou aos seus pés. Ela gritou e caiu, destruindo o chão com três das suas pernas presas em boleadeiras³⁸. A corda tinha se enrolado várias vezes ao redor dos seus grossos tornozelos, ela não estava feliz sobre isso.

Eu estava congelada no lugar, em choque, mas fascinada. Criminy apareceu em um borrão de verde esmeralda e um clarão de prata. Em suas mãos estava um cabresto que ele tinha trazido da *Loja Tudo do Apolinário*. Ele o ajustou sobre a narina da égua-blud e da boca, e seus gritos pararam, substituídos por bufadas furiosas. Ele correu a rédea de couro por trás das orelhas dela e a afivelou sob sua mandíbula. Ela estava efetivamente amordaçada.

Ele se levantou para sorrir para a égua-blud. Seus olhos incharam com raiva e reprovação. Eu quase a ouvi pensar, *Nós somos criaturas de blud, você e eu. Como você pode abusar de mim assim?* e eu tive um momento de pena.

Mas então eu me lembrei dos dentes e disse —, Talvez você devesse apertar aquele encaixe?

Ele tinha apertado, e a égua-blud suspirou novamente contra o metal.

³⁸ Aparelho composto de três bolas presas entre si por cordas de couro, usada por vaqueiros para laçar seu gado.

Ele cortou as boleadeiras das suas pernas e se afastou, segurando as rédeas de couro apertadamente enquanto ela tirava sua grande massa do chão e se erguia. Ele se aproximou, acariciando seu grosso, elegante pescoço.

— Ela é linda —, ele disse. — Como nós devemos chamá-la?

Eu estava assustada, mas eu pisei adiante, contudo. Enquanto seus olhos rolaram para baixo para me encarar, a presa virou captora, eu tentativamente pus para fora uma mão ainda sem a luva, a fim de acariciar o seu pescoço. Sua pele tremeu contra meu toque, como se ela estivesse espantando uma mosca.

— Seu nome é Erris —, eu disse gentilmente.

Criminy olhou para mim, pensativamente. — Não sabia que isso funcionava com animais.

— Nem eu —, eu disse.

Tal escrutínio de perto estava me deixando nervosa, e a gigante égua-blud negra saltitou no lugar, sacudindo sua cabeça e bufando. Apenas como eu tinha visto as éguas dos Policiais, espuma começando a escorrer da tampa de metal.

— Você já cavalgou antes? — Criminy me perguntou.

— Um pouco no acampamento de verão —, eu disse olhando dentro do seu olho vermelho inteligente e me encontrando desconfortável com sua medição de mim. — Eu gosto de passeios a cavalo. Na teoria. Ela é tão grande. E selvagem.

— A jornada que nos levará dois dias a pé leva meio dia nas costas dela —, ele respondeu. — Mas eu imagino que será um pouco difícil no seu traseiro. Especialmente sem uma sela. Eu sinto muito sobre isso.

— Se eu me lembro dos meus dias no dorso de um cavalo —, eu disse com um sorriso perverso —, será ainda mais difícil para você.

— Eu acho que não —, Criminy disse, afagando suas costas amplas. — Ela é uma moça selvagem. Bem alimentada. E eu gosto de um belo, traseiro gordo. Eu só preciso fazê-la ceder para selá-la primeiro.

Enquanto eu colocava minhas luvas e re-abotoava meu vestido, eu o

observei rápido, o lindo homem trabalhar no cavalo. A égua tentou se afastar dele, dando patadas e relinchando. Ele soltou a guia de couro um pouco, dando espaço a ela, correndo no seu flanco, ele rodou a correia de couro, chicoteando seu quadril. Ela pulou para longe, tentando manter seus quartos traseiros longe dele. Mas ele continuou instigando-a, fazendo-a se mover. E ela continuou se movendo. Eu observei, paralisada pelo dar e receber do homem e da besta, pelo seu elegante equilíbrio entre agressividade e paciência. Ele me pegou encarando-o e piscou. Eu tive que olhar para baixo a fim de esconder meu rubor.

Depois de alguns minutos, ela abaixou sua cabeça e piscou, parte arfando. Eu podia ouvi-la lambe seus lábios dentro da tampa. Criminy sorriu e esticou a mão para acariciar seu pescoço.

— Eu nunca iria querê-la submissa, um espírito selvagem como esse —, ele murmurou. — Apenas obrigação. Ela e eu temos muito em comum.

Eu sorri para mim mesma, pensando sobre meus próprios anos de submissão com Jeff. Ele provavelmente teria colocado um colar de choque em mim se isso fosse permitido por lei. Mesmo assustada, me sentia bem em ser livre agora.

O cavalo o seguiu de bom grado até uma árvore caída enquanto ele me ajudava a suspender minha pesada e farfalhante saia sobre as costas dela. Ela deu um pinote, e eu agarrei sua crina com minhas mãos enluvadas. Eu consegui permanecer, e Criminy subiu atrás de mim graciosamente. Era um choque sentir o corpo dele se moldar ao redor do meu, suas coxas rígidas contra as minhas, e seus braços envoltos em mim. Eu não teria imaginado que cavalgar um monstro podia parecer tão íntimo e elétrico. Pegando as rédeas em ambas as mãos, ele murmurou —, Segure-se, querida —, e a chutou nas costelas.

Erris recuou em suas ancas antes de saltar no ar. Eu apertei com meus joelhos e segurei a crina para salvar a vida, e ela atingiu o chão correndo. Desde que ela estava apontada na direção certa, não era uma coisa ruim, e Criminy apenas me reuniu mais perto dele e a deixou galopar.

Ela era grande, mas ágil e muito rápida. Uma vez que eu fiquei acostumada ao ritmo, permanecer nela não foi nada difícil. Lembrou-me como dirigir veloz em uma ponte na auto-estrada, o carro parecendo planar entre as saliências de metal. *Ka-thunk, kA-thunk*. Por horas.

Nós não falamos. O ar teria sugado nossas palavras para longe. O pesado corpo debaixo de nós estava quente e suado, e eu estava mais do que consciente das duras coxas de Criminy atrás de mim, pressionadas na carne do cavalo. Seus braços seguravam a rédea, me prendendo no interior dela, e eu podia sentir seus olhos e pensamentos flutuando perto, mas milhas de distância.

Meus próprios pensamentos teciam para dentro e para fora da realidade de galopar um cavalo sanguinário, cruzando um estranho mundo, para o medo do que aconteceria quando nós parássemos de galopar, com a constante dor do meu coração pela minha outra vida. Tão refrescante quanto a noite de sono passada tinha sido, parte de mim estava horrorizada em não acordar no meu próprio mundo, levemente louca e muito sonolenta. Apenas como quando você está tendo um pesadelo e continua esperando acordar, mas você não acorda. Eu teria aceitado a magia do amuleto como certa.

Se minha suposição estivesse correta, meu corpo estava inconsciente e sem resposta. Eu estava enganchada em monitores, e uma enfermeira que eu nunca tinha conhecido estava me virando e me banhando, mantendo-me limpa e sem escaras. A imagem mental me fez estremecer. Sabendo o que eu fiz por Casper e minha breve olhadela em Jonah Goodwill no meu mundo, pareceu ser a única resposta. Se você estivesse em coma no meu mundo, eu estava apostando que você estava em Sang.

Eu me sentia nua sem meu amuleto. Nua e presa. Pouco a pouco, Criminy estava se tornando uma âncora, a coisa mais familiar em Sang. E ele era cheio de surpresas. Quando eu o tinha visto pela primeira vez e pensei nele como o maldoso Sr. Darcy, eu estava perto da verdade. Ele se auto-rotulava como perverso, e eu o tinha visto matar. Mas eu também o

tinha visto ser justo, amável, misericordioso, e leal. Para um monstro, havia muito para se admirar nele, e isso antes que você chegasse à sua presença física, a qual estava pressionada contra mim de uma maneira adorável.

Por um tempo, eu até mesmo vaguei a um pequeno cochilo, segura em seus braços e embalada pela monotonia do bater de cascos nos intermináveis morros gramados. Eu não sonhei, e meu sono foi inquieto. Eu lutei para abrir meus olhos quando o galope suavizou a um passo largo, e depois meus dentes bateram juntos e nossa montaria caiu a um trote. O braço de Criminy ao redor da minha cintura era a única coisa que me mantinha no dorso do cavalo.

— Nós já estamos lá? — Eu perguntei aturdidamente.

Criminy riu. — Nem mesmo perto —, ele disse.

19



Uma vez que eu limpei o sono e a poeira dos meus olhos, eu fiquei surpreendida em ver uma pequena vila aparecendo em cada lado da suja estrada. Pareceu como um set de filmagem de uma cidade fantasma no Velho Oeste. Prédios com fachadas falsas encarando a rua, pintados em estranhos tons sem graça. Malva, azul claro, amarelo mostarda. Algumas pessoas se movimentavam furtivamente entre os prédios, mas não de perto tantas quanto eu teria esperado. Todas elas estavam usando tons de cinza e preto, o que era incomum em Sang, do que eu tinha visto.

Criminy guiou nossa montaria entre dois postes resistentes que estavam cravados ao chão no limite da cidade. Ela balançou sua cauda e dançou, parecendo esperançosa de mim para Criminy, provavelmente esperando que seu mestre indesejado lhe desse um dos meus rosados dedos

do pé como uma recompensa pela boa obediência. Ele desmontou e me ajudou a descer. Um juvenzinho disparou do prédio mais próximo e amarrou a mordaga de Erri aos postes com um cadeado. O grande cavalo lançou sua cabeça, bufou, e tentou se erguer, mas ela estava seguramente presa.

Acariciando seu pescoço, Criminy disse —, Desculpe, moça. É apenas por um curto período. Eu a libertarei logo —, e então ele lançou ao garoto uma moeda.

Quando ele olhou para cima ansiosamente para pegar a moeda, o colarinho aberto do garoto e o sorriso excessivamente pontiagudo me disseram que ele, como os moleques na catedral, era um Bludman. Com uma vida útil de filmes e livros firmemente martelados na minha cabeça, eu ainda não acreditava que Bludmen podiam ter filhos nesse mundo. Que esse rapazinho iria crescer não conhecendo nada além de sangue – sem biscoitos, sem sorvete, sem bolos. Mesmo assim, seu sorriso era brilhante e inocente, mesmo que ele não estivesse sonhando com doces em abundância.

— Agradecemos gentilmente, senhor —, ele disse. — Você irá querer a pousada, então?

Criminy olhou para o sol. Era fim de tarde, e o céu estava o enfadonho, moído lavanda do leite na tigela de cereal depois que todos os marshmallows se acabam.

— Há apenas uma? — Criminy perguntou ao menino. — E onde estão os Policiais?

— Feverish é uma pequena cidade, senhor. Os Policiais vêm apenas para o dízimo mensal de Brighton. Nós temos apenas uma pousada. E essa é nossa única parada.

Com um sorriso entendedor, Criminy deu ao garoto outra moeda.

— Eu vou levá-lo lá, senhor.

O garoto trotou à nossa frente para dentro da cidade, e eu percebi que suas roupas tinham sido consertadas muitas vezes, os bermudões remendados em uma coloração similar aos sapatos usados no calcanhar. Os prédios estavam precisando de pintura – era por isso que eles eram de cores

tão estranhas. Eles estavam desbotados. Era uma cidade pobre, um posto avançado solitário antes da cidade grande ao mar.

Parando na frente do único prédio de três andares, o garoto disse —, Aqui estamos, senhor. E por favor, não mencione os Policiais ao Mestre Haggard. Eles drenaram sua esposa no ano passado, e isso o deixa de mau humor. — E então ele saiu correndo.

Nós olhamos acima para a loja de cor verde-marinho. A placa mostrava um diamante preto, delineado em branco, com as palavras *Pousada Haggard* abaixo em caligrafia pesada e séria. Não o nome mais promissor para um hotel.

Criminy segurou a porta aberta para mim, e a campainha soou enquanto nós entrávamos. Um gato branco peludo estava sentado no balcão, olhando para nós desdenhosamente. Criatura de sorte – sem Pinkies ao redor, os ratos-blud devem ter deixado Feverish em paz. A sala era esparsa, mas bem cuidada, as flores imaculadas e os pesados vidros verde brilhando nas janelas. Um velho gramofone se assemelhando a um gigante lírio de cobre estava tocando uma canção triste. Parecia como um salão de funeral.

Um homem em um terno cinza empoeirado apareceu da sala traseira, seus tristes, olhos anciãos cheios de orgulho e dignidade sobre uma camisa de babados manchada de chá de outra época.

— Você tem uma vaga, Mestre Haggard? — Criminy perguntou com uma reverência pomposa. Eu nunca o tinha visto ser tão atencioso.

— Nós temos, rapaz —, o homem disse, sua voz sonora e grave. — Um quarto ou dois?

Era como escutar uma estátua, testemunhando algo tão velho que tinha começado a corroer, observando pedaços de si ser levado pela chuva. Apenas estando próximo dele me fazia sentir sem esperança.

— Um, por favor, senhor. Para minha esposa e para mim —, Criminy disse.

— Hmph —, Mestre Haggard disse, colocando seus olhos emotivos

em mim. — Essa criatura não é sua esposa. Mas um quarto tereis, não obstante, porque eu não julgo aqueles que sucumbem às tendências pagãs.

Criminy reverenciou novamente, murmurando —, Me perdoe, senhor.

O velho Blutman assentiu. — A vida nos dias de hoje deve ser cheia de mentiras, criança. Mas eu vejo que você me lembra de um tempo quando não era assim. Nascido ou criado?

— Nascido, senhor, em 1793.

— Você é mais novo do que aparenta —, Mestre Haggard disse. — Eu nasci também, 1438. Bem aqui, quando a sede do conselho era Blutshire. Você se lembra como era, rapaz, antes de Brighton pertencer à depredação?

— Eu me recordo, senhor. Um lugar adorável, todos os parques e fontes e jardins. E a opera e o baile toda noite.

— E o que eles fizeram? — o velho homem lamentou. — É um lugar escuro agora. Imundo, perigoso, poluído. Governado pelo monstro dos Pinkies. Nosso pessoal está faminto. Os trabalhadores das fábricas estão na eminência dos tumultos. Os capatazes ameaçam lançá-los ao mar. E o que todos esperam, quando os Policiais têm influência? Nenhum Blutman pode viver de duas gotas por dia. É loucura.

— Nós estávamos seguindo para Brighton, senhor —, Criminy disse com cuidado. — Nós temos negócios nas ilhas.

— Então é melhor você correr, rapaz —, Mestre Haggard disse. — Mas e a sua dama? Como você veio a amar uma *deles*?

— Eu a chamei, senhor —, Criminy disse. — Ela é uma Forasteira.

Mestre Haggard me olhou e bufou. Depois riu. Depois soltou uma grande gargalhada.

— Oh, isso é sublime. É apenas adorável. Ela é especial, não é?

— Ela é uma vidente —, Criminy disse. — Mas ela é minha.

— Pegue minha mão, mulher —, Mestre Haggard disse para mim, e ele removeu sua luva. Sua mão negra e escamosa era velha e enrugada, as unhas torcidas em talões brancos. Eu sabia como me comportar para não mostrar qualquer repugnância enquanto eu removia minha luva e alcançava

a mão dele. Ele pode ter parecido lento e melancólico como um veterano bassê-hound, mas eu podia sentir seu poder à espreita por baixo. Esperando.

Sua mão era fria na minha. O solavanco foi gentil, e eu fui surpreendida.

— Mas porque você quer morrer? — eu disse. — As coisas podem mudar. Elas podem melhorar.

Ele soltou minha mão e abanou sua cabeça. — As coisas que eu amo se foram. Mas você viu as chamas?

— Sim, senhor —, eu disse solenemente. Depois me virei para Criminy e disse —, Nós temos que ir. Agora.

20



Ao agarrar a mão do velho Bludman, eu vi Brighton em chamas debaixo de escuras nuvens ameaçadoras baixas o bastante para raspar o topo dos prédios queimando. Gritos encheram o ar, e o trovão era roxo e perverso. Eu não queria fazer parte do, uma vez adorável resort à beira-mar.

— Se nós formos lá, nós morremos —, eu disse novamente para Criminy enquanto Erris descia a suja estrada em direção à Brighton, aquecendo seus músculos. — Eu sei que nós temos que nos apressarmos, mas tem que haver outro caminho para as ilhas. Nós não podemos apenas passar por uma desordem. Ou um incêndio.

— Não há outro caminho —, ele disse. — Nós precisamos de um barco. Você ouviu Mestre Haggard dizer que eles estavam ameaçando jogar os Bludmen ao mar? É porque o mar é mortal para nós. O sal nos deixa

doentes, e nós somos muito pesados. Nós afundamos e nos afogamos. Eu vi isso. E Brighton é o único lugar com barcos por centenas de milhas.

Eu suspirei profundamente, inclinando de costas contra ele.

— Eu não gosto disso —, ele murmurou.

— Mas se você visse isso —, eu disse. — Será horrível. Chamas e raios, mas sem chuva.

— Nós vamos contornar a cidade, seguir direto para as docas. Com todo o bafafá, ninguém irá nos notar, especialmente não os Policiais. Será ainda mais fácil roubar um barco e nos afastar.

Eu senti suas pernas atrás de mim, incitando nossa égua a um galope. Nós subimos um morro, e a cidade apareceu abaixo de nós, um borrão cinza na paisagem. Ela se espalhava como Manchester achatada na horizontal e tão feia quanto. Fumaça pairava miseravelmente suspensa. Trovões rolavam no pesado céu, e raios violetas deflagravam entre nervosas nuvens negras.

— Realmente —, ele meditou —, é uma desordem bem cronometrada, para nosso propósito. Deveria ser fácil chegar ao porto.

Fazendo sentinela em uma formação rochosa estava um farol com faixas pretas e brancas, sua lâmpada em um movimento giratório lento e piscando de um lado ao outro da cidade e do mar. Abaixo dele, navios balançavam em um porto cinza escuro. Impressionante, a estranha mistura de tecnologia e anacronismo nesse mundo. Gigantescos, navios de piratas de três mastros de madeira empurravam o cais atracado com bolas de futebol de bronze brilhantes de *20.000 Léguas Submarinas*.

— Que tipo de navio você planeja roubar? — Eu perguntei.

— Algo mais largo do que um bote, mas pequeno o bastante para pilotar com apenas nós dois —, ele disse. — Eu não acho que você estará subindo no cordame nesse vestido. Um submarino seria o ideal.

— Você pode dirigir um submarino? — Até então, eu não sabia por que eu estava surpresa.

— Quão difícil pode ser? — ele disse. — Eu posso dirigir o mecanismo da caravana. Não pode ser muito diferente. Não é como se fosse um

sangrento zepelim.

Nós estávamos próximos o bastante para ver as portas gigantes dispostas no muro de Brighton. Elas tinham uma ponte levadiça cheia de espinhos e de aparência medieval, eu estava mais do que feliz em dar a volta.

— Espere, querida —, Criminy disse, e ele puxou o nariz de Erris para a direita. Ela jogou sua cabeça, mas obedeceu, cambaleando para fora da terra batida e buscando nova velocidade nas suaves gramas do brejo. Uma reunião com a imagem perfeita de coelhinhos-blud sibilou e gritou de terror, mergulhando para se esconder quando os imensos cascos rasgavam faixas de gramas na bucólica clareira deles. Eu gargalhei.

Nós estávamos seguindo em direção ao porto. Mas havia um problema. O alto muro, coberto com arame liso apenas como aquele em Manchester, estendia-se ao mar há pelo menos centenas de metros. Todos os barcos estavam do outro lado do muro.

— Hum, Criminy? Como nós contornamos o muro? — eu perguntei.

— Eu vou escalá-lo —, ele disse. — E você irá nadar. Você pode nadar, não pode, querida? Foi-me dito que é tão fácil como boiar, para sua espécie.

— Eu não acho que tenha uma escolha —, eu disse.

Eu queria aquele medalhão, mais do que eu alguma vez quis algo. Sem ele, minha antiga vida desapareceu. Eu nunca veria minha avó novamente. E de acordo com minha antiga promessa, eu tinha que deixar Criminy para trás, também, talvez terminar vivendo em uma daquelas cidades infelizes, governadas por Policiais e seu líder, um homem que tinha tirado tudo o que eu amava. Além do mais, aquele mesmo homem quis usar meu medalhão para matar milhares de pessoas que ele erradamente considerava monstros, pessoas que tinham sido gentis comigo. Pessoas como Criminy. Eu observei as ondas escuras batendo contra o muro e respirei o vento salgado.

— Eu posso fazer isso —, eu disse.

— Você pode fazer isso —, ele concordou.

Uma pequena bola de sólido pavor começou a ser formar na minha barriga apertada pelo espartilho. Eu mal podia caminhar nessas roupas, e agora eu tinha que nadar. E as ondas, a correnteza, os destroços, os refugos, as pedras, o relâmpago, o muro? Que tipos de animais espreitavam sob a salmoura espumosa? As baleias assassinas realmente matavam aqui?

Não importava. Eu ia fazer mesmo assim.

Criminy chutou Erris. Enquanto nós galopamos em direção ao muro, seu braço ao redor da minha cintura pareceu me ancorar ao mundo. Certamente, ele podia sentir meu pânico. Como ele parecia tão tranquilo e calmo? Meu nado não ia ser fácil, mas ele tinha que escalar uma parede lisa expressamente designada para evitar a dita escalada. Eu sabia que ele queria o medalhão para evitar um genocídio, mas o fogo nos seus olhos me dizia que parte da sua luta era somente para mim, e eu gostei dele mais por isso.

O tranquilo galope estremeceu a um trote e depois para uma caminhada saltitante, e depois Erris estava soprando contra seu focinho diante do muro. Eu olhei para cima. Bem para cima. Tinha dois andares de altura e liso, sem uma única maçaneta que eu pudesse ver.

Criminy saiu da égua-blud e me ajudou a descer. Minhas pernas quase desabaram, mas ele me pegou e me atraiu para perto. Depois eu senti um rude empurrão por trás, do focinho de Erris.

— Ótimo, moça —, Criminy disse, colocando-me atrás dele e acariciando o pescoço do cavalo. — Você merece sua liberdade.

Em um movimento, ele tirou o cabresto e o boçal da égua selvagem e usou as rédeas de couro para bater nas suas ancas. Ela jogou seu nariz e disparou correndo para as montanhas, aparentemente decidindo que liberdade era melhor do que uma mordida sólida no mísero antigo eu.

Criminy a observou ir com sorriso torto. Meu coração nas minhas orelhas, e minha boca tinha ficado completamente seca pelo medo. Ele estendeu a mão e acariciou meu rosto, enfiando um errante cacho atrás da minha orelha. Eu olhei dentro dos seus olhos e vi o mar atrás de mim refletido ali, as ondas incessantes cobertas com espuma. Calma desceu sobre

mim. O bater das ondas se tornou enfadonho. Eu sabia que ele estava usando algum tipo de magia em mim, mas eu não me incomodei. Eu precisava do que quer que fosse que ele estivesse dando a mim.

— Olhe, amor —, ele disse. — Você pode fazer isso. Você terá que lutar para sair, usar toda a sua energia para contornar o muro. Uma vez que você esteja do outro lado, simplesmente bóie na costa. Eu estarei lá, esperando por você.

— Você faz isso parecer tão fácil —, eu disse.

— É fácil —, ele disse. — Um ato simples. E depois nós estamos quase acabando.

— Eu posso fazer isso —, eu respirei.

— Sim, você pode —, ele disse.

E então ele me beijou, gentilmente, e seus lábios eram molhados contra os meus. Eu deveria ter resistido, mas eu não podia. Eu queria isso tanto, queria me certificar que se eu morresse no mar, eu teria essa última memória queimando no meu sangue. Sem importar o que eu disse para mim mesma, eu fui atraída para ele mais do que eu queria acreditar ser possível. E ele beijava muito bem.

Minha boca formigou, todo o meu corpo impregnado com calor e fome. Por ele. Eu retornei o seu beijo, minha língua passando seus lábios, surpreendendo a nós dois. Ele mudou seu ângulo, movendo-se comigo, certo e poderoso, mas gentil. O beijo se aprofundou. Eu percebi que eu estava me esticando contra ele, faminta, ardendo. Um relâmpago formou um arco no pântano, a luz piscando violeta contra seu cabelo escuro. Enquanto o trovão trovejava, eu me afastei, minha visão aguçada novamente. Eu senti inconscientemente forte e confiante, como um animal.

E, finalmente, eu sabia que eu podia fazer isso.

Ele colocou sua cabeça contra a minha por apenas um segundo e murmurou algo que soou como ‘Lembre-se que eu fiz isso a você,’ e depois ele estava subindo o muro como uma aranha, suas mãos negras rígidas contra a pedra.

Eu me virei para encarar o mar.

Eu estava quase pronta. Eu abri minha pequena bolsa e encontrei a faca dobrada no interior. Criminy não tinha me ensinado como usá-la ainda. Mas eu não precisava de instruções para o que eu estava para fazer.

O vestido tinha uma sobressaia amontoada e avolumada, e a primeira coisa que eu fiz foi arrancar a pesada anquinha na cintura para revelar a mais leve, mais reta saia por baixo. Eu recolhi uma mão cheia da minha saia e depois a cortei até o joelho, bem acima da parte superior das minhas botas. Eu saí da minha anágua e joguei meu chapéu ao chão, também. E depois eu percebi que eu tinha que entrar na água antes que algo faminto sentisse meu cheiro.

Eu coloquei a faca de volta na bolsa e a amarrei ao redor da minha cintura. Com um profundo fôlego, eu avancei. As pesadas nuvens cinza pareciam tão sólidas quanto o muro de pedra ao meu lado, empurrando o céu contra o mar, e eu imaginei que em Sang, provavelmente era possível navegar para o fim do globo, apenas como os antigos marinheiros no meu mundo temeram. O horizonte era uma linha horizontal rompida apenas por ilhas irregulares ao longe, um objetivo tão inalcançável quanto a cozinha da minha avó.

Quando as primeiras ondas lamberam a minha bota, eu estremeci. A água estava gélida, e eu podia senti-la através do couro. Eu avancei mais fundo. Depois eu senti o frio lambendo contra meus joelhos com meias finas, e arfei. Isso ia ser muito pior do que pular dentro de uma piscina de biquíni em um dia de verão, com espartilho ou não. E eu tinha me esquecido de afrouxar meu espartilho.

Droga.

Era muito tarde agora. Eu estava coberta de água até a cintura, e os laços estavam molhados. Os restos do meu vestido estavam amarrados a minha volta. Eu tive que usar meus braços para me manter firme, para impedir que a correnteza me derrubasse nas ondas, sem controle.

Eu nunca temi água antes, mas o mar de Sang era tão sanguinário

quanto a terra.

E depois eu estava coberta até meus ombros, nadando cachorrinho, o pano irregular do meu vestido me puxando para baixo em direção à escuridão. As ondas se esmagavam contra mim, frias e impessoais, e eu me encontrei me debatendo, lutando. Criminy disse que Bludmen apenas podiam afundar, mas eu mal podia me manter acima da água. O sal ardia meus olhos, e eu podia prová-lo no fundo da minha garganta.

Eu me debatia paralelamente junto ao muro, mais perto e mais perto do meu objetivo, o mar aberto. Eu estava há seis metros de distância, e depois três, e depois eu podia ver as cracas penduradas nas pedras em degradação no final do muro, suas famintas bocas roxas ávidas na água. Os pequenos bastardos provavelmente eram afiados como navalha. Eu remei para longe deles, dando a mim mesma, espaço para me atrapalhar. Eu estava quase lá.

E então eu senti algo que fez meu sangue gelar.

Enquanto eu contornava o muro há três metros de distância, algo cutucou minha perna. Algo grande e liso e duro, apenas roçando. Quase impessoal, como estranhos batendo com o ombro na multidão.

Mas estava frio.

Meu primeiro pensamento foi *Tubarão*, e meu segundo pensamento foi *Monstro Marinho*.

Em seguida meu cérebro troglodita engatilhou, e meu terceiro pensamento foi *Nade, corra, escape, chute, nade mais forte, vá, vá, vá!*

E eu fiz. Eu comecei a chutar como um sapo, colocando poder atrás dos saltos afiados das minhas botas. Meus braços estavam cortando através da água em um nado de costas, e a correnteza finalmente estava ao meu favor. Eu contornei o muro, e as ondas começaram a me empurrar em direção à costa.

Então eu senti novamente. O cutucão.

Mais insistentemente dessa vez. Contra minha coxa.

Apesar de mim mesma, eu olhei para baixo. A água estava muito

escura e turva para eu ver algo, até mesmo meu próprio corpo. Eu chutei mais forte, freneticamente, com cada bocado de força que eu tinha. Meus pés estavam dormentes agora, minhas pernas queimando. Eu me foquei na costa, noventa metros de distância. Eu senti como se fosse uma eternidade. Impossível. Mas então eu pensei em Nana lutando para ficar viva cada dia e percebi que eu não podia fazer menos. Eu respirei fundo, determinada a alcançar a terra novamente.

Depois eu senti dentes ao redor da minha panturrilha, quase gentis. Provocando. Como um cão testando um bastão para ver se ele iria quebrar ou ficar firme com uma pequena brincadeira bruta.

Eu arfei e engoli uma boca cheia de água. Com minha outra bota, eu mirei um chute para o lado de onde eu tinha sentido os dentes, e meu salto conectou-se com algo mais grosso do que um peixe. Algo emborrachado.

Tubarão! Meu cérebro gritou. *NADE AGORA!*

Eu chutei novamente, e os dentes sacudiram-se um pouco e soltaram, e depois eu estava me debatendo, chutando, me debulhando, disposta em direção à costa.

Algo cutucou minha barriga por baixo. Pareceu levemente pontiagudo, como a extremidade de um nariz. Porém maior.

Um soluço se ergueu, me engasgando.

Eu estava tão perto.

Meus dedos buscaram os pontos sensíveis do que quer que estivesse me cutucando por baixo. Parecia como um réptil comum, um jacaré coberto com uma toalhinha de babados. Eu estremeci e me afastei.

E então eu senti dentes. Rápidos como raios, eles agarraram meu braço e me arrastaram para baixo, e eu inalei água, e tudo se perdeu na escuridão.

21



- *Você tem que* abrir seus olhos —, eu ouvi na minha mente enquanto eu flutuava na fria escuridão. — *Você tem que nadar.*

Eu obedeci. Eu abri meus olhos para a misteriosa, turva, escuridão cinza-esverdeada. Eu podia ver cachos de algo na frente dos meus olhos, e depois de um momento, eu vi minha mão, à direita manchada com sangue, a luva tinha rasgado.

Eu estava submersa.

E havia um brilho frio gentil radiando do outro lado da minha mão.

Uma garota.

Mas ela era feita de luz, flutuando sem peso na água, seu cabelo cortado curto e longo vestido intocado pelas correntezas em deslocamento. Eu estava suspensa, meus pulmões frios. Eu não estava respirando.

Eu não deveria estar viva.

Sua boca se moveu.

— *Você tem que nadar para a costa* —, ela disse na minha mente, sua voz musical e doce. — *Bata a perna, fique acima das ondas. Você está tão perto.*

Eu estou morta? Eu pensei.

— *Quase* —, ela disse. — *Mas você tem que conseguir chegar ao farol. Você tem que me libertar.*

Como?

— *Abra a porta superior. Encontre meus ossos e os queime. Eu estive esperando por anos. Ajude-me, e eu irei salvar você. Você fará isso?*

Eu tentarei.

— *Prometa!*

Eu prometo. Apenas me ajude.

— *Então bata a perna. Rompa a superfície. Respire. Nade. Vá agora!*
— ela chorou.

Uma explosão de iluminação incandescente disparou através dos meus músculos, me sobressaltando para a ação. Eu dei um poderoso chute, e minha cabeça rompeu na superfície. Água correu da minha boca, e então eu estava arfando por respirar, faminta por ar. Meus braços se agitaram na água, minhas pernas chutaram, e as ondas pareceram me ajudar, empurrando-me em direção à costa.

Eu atingi a areia com força, as ondas me conduzindo para cima das pedras na praia. Eu tossi e me arrastei para frente com meus cotovelos, até Criminy me erguer da água. Ele sentou-se na praia comigo desmaiada sobre seu corpo, seus braços me segurando apertado.

— Eu sabia que você podia fazer isso, amor —, ele disse ferozmente.
— Eu sabia que você poderia.

— Eu não fiz —, eu disse, segurando minha luva esfarrapada e manga rasgada. Quando ele viu o sangue saindo do meu braço branco, ele lambeu seus lábios e estremeceu, e eu o enfiei debaixo da minha axila e deslizei para

longe a uma distância segura. — Algo me arrastou para baixo. Mas então ali estava uma garota, e ela me ajudou.

— Uma garota? — Criminy perguntou, olhos aguçados.

— Eu acho que ela era um fantasma —, Eu disse, me abraçando apertado e tremendo, o medo finalmente me alcançando. — Ou minha mente está pregando peças comigo. Ela me fez prometer ir ao farol e encontrar seus ossos e queimá-los. Ela disse que ela estava esperando.

— Então nós devemos ir —, Criminy disse, me dando tapinhas a uma distância maior do que nós dois teríamos preferido. — Maldições de fantasmas são difíceis de quebrar. Mas primeiro você precisa enfaixar essa ferida. Eu posso ser bom, mas não bom assim.

Ele olhou na direção do farol, e eu segui seu olhar até o alto prédio, o andar superior perdido nas densas nuvens. Mais perda de tempo.

Enquanto nós escolhíamos nosso caminho junto das grandes rochas e piscinas das marés, eu perguntei —, Fantasmas são reais aqui? — Eu não estava surpresa, não mesmo. Mas eu queria saber mais. Eu ia ver fantasmas por todo o lugar agora?

— Tão reais como em qualquer outro lugar, eu suspeito —, ele disse. — Eu nunca vi um, apenas os resultados dos seus trabalhos manuais. É apenas natural que uma vidente veja tais coisas. Você caminha na linha entre os mundos de mais do que uma maneira, sabe.

Ele estava tentando muito mesmo não olhar para mim, não me cheirar. Apesar do seu auto-controle, ainda era difícil para ele ignorar meu braço com sangramento fresco. Na praia, ele tinha me jogado um lenço de mão e mantido sua distância enquanto eu amarrava-o na ferida. E depois ele encontrou um frasco de sangue na sua mochila e o bebeu, seus olhos brilhantes nunca me deixando. Eu por um momento me perguntei se foi tirado das minhas próprias veias em Manchester.

O farol agigantava-se sobre nós, uma torre curva de tábuas frouxas e pintura descascando. As listras tinham sido tão recentes e novas do morro, preto piche e branco neve, estavam desbotadas a um cinza claro e cinza

escuro, tristes e reprovadores. Eu não queria chegar perto dele, mas eu estava atada à minha promessa para a garota morta. Criminy disse que ela tinha o poder de me amaldiçoar, e eu acreditei nele. Eu não queria outro inimigo em Sang, especialmente não um paranormal.

Criminy chutou a porta abrindo-a. Ela se esmagou contra a parede, fazendo todo o prédio tremer. O espaço austero interno estava coberto com poeira, a mobília inclinada e lascada.

— O que aconteceu? — eu perguntei.

— Ninguém vem aqui, há anos —, Criminy disse. — Os navios têm instrumentos suficientes e engenhocas para dizer aos navegantes onde as rochas estão. É uma tecnologia imperfeita e desatualizada, brilhar uma luz ao redor da escuridão.

— Mas eu vi —, eu disse, intrigada. — Mais cedo, quando nós olhamos para baixo do morro. Era laranja, e girava lentamente e atingia a água.

Ele se virou para me olhar, incomodado. — Você viu uma luz? Aqui? Nesse farol?

— Sim —, eu disse. — Você não viu?

— Não —, ele disse calmamente.

Eu não sabia o que dizer. Por que eu estava vendo coisas que não estavam ali?

Criminy apontou para a escada em espiral. — Se você deve fazer isso, é o único jeito para subir —, ele disse. — Mas eu não lhe repreenderia se você quisesse voltar lá para fora e amaldiçoar o fantasma. Há maneiras de contornar maldições, embora elas não sejam bonitas.

— Nós já estamos aqui —, eu disse. — Vamos acabar logo com isso.

Ele suspirou e se curvou. — Depois de você, amor.

Minhas botas esmagaram a estreita curva das escadas, e a madeira antiga estalou ameaçadoramente sob meus saltos. Eu acelerei o passo, ansiosa em terminar com essa incumbência e ir à caça do meu próprio tesouro. A cidade, a tempestade, o mar, o fantasma – era hora de ir embora

de Brighton.

Girando, e girando nós fomos, o passo de Criminy leve atrás de mim. Eu não tinha perguntado para ele muito sobre a sua jornada sobre o muro, mas ele parecia tão novo em folha e vivo como se ele tivesse acabado de sair do seu vagão. Mas estava se esquecendo da sua mochila.

Finalmente, a escada se abriu em uma sala menor, escassa. Era os alojamentos, com uma cama de metal estreita contra a parede, um minúsculo fogão à lenha, e dezenas de ganchos de metal afiados pendurados vazios na madeira branca desbotada. Eu senti como se estivesse sendo observada, mas não havia lugar para um observador se esconder.

— Aqui é onde o encarregado do farol vivia —, Criminy disse suavemente. — Uma pessoa solitária, encarregado da chama acima.

— Eu não acho que ela estava aqui, entretanto.

— Eu não vejo nenhum osso —, ele disse. — Nem mesmo um baú ou uma caixa ou um armário.

— Ela disse que havia uma porta no andar superior —, eu ofereci.

— Apenas uma maneira para chegar, amor —, ele disse, apontando seu queixo para a escada. — Você não tem medo de altura, tem?

— Por quê?

— Porque eu acho que a maior parte dos vidros estourou, e vai ventar aqui em cima.

Eu recuei cautelosamente em direção às escadas e me agarrei ao parapeito no meu caminho. A curva estreita abria-se a uma apertada passagem com um parapeito de madeira na altura da cintura. Ele estava certo. Era um longo, longo caminho abaixo, e a maior parte dos vidros se foi. Os restos irregulares das janelas que uma vez abrigaram a chama convidavam o vento a chicotear-nos com uma violência impessoal, aleatória. Trovão explodiu, fazendo o farol tremer e balançar abaixo de nós.

Havia um pequeno, espaço cilíndrico bem no centro do telhado, cerca de cinco passos de distância. Um argola de metal que me lembrou de um gigante acendedor de cigarro, estava fixa em cima do espaço. Ela tinha que

estar ali, no armário de metal sob a chama. Era o único lugar que nós tínhamos visto onde ossos poderiam ser encontrados, e um lugar sinistro que era para o descanso eterno de uma juvenzinha.

Eu me afastei em direção à porta. Eu me senti cega e minúscula, com nada para me segurar, e o vento brincou comigo como um gato brincando com um rato. Eu tentei o puxador, e estava destrancado. Eu olhei atrás de mim para me certificar que Criminy estava perto. Ele ergueu suas sobancelhas para mim, mas não disse nada. Quando eu abri a porta para olhar dentro do pequeno espaço, sua mão estava no meu ombro.

O espaço tinha rebites em paredes de metal, e tinha cerca de dois metros quadrados. O ar quente nos atingiu como uma lufada de vento, carregando o cheiro rançoso da morte. A luz da noite da porta aberta mostrava uma cena macabra.

Manchas de sangue enferrujadas permaneceram onde dedos uma vez arranharam inutilmente as paredes. Uma figura amontoada no canto, na maior parte preservada pelo ar salgado e seco selado no interior. Uma múmia. O cabelo negro curto estava intacto, e o crânio estava coberto com pele negra esticada. Seu vestido era tão fino agora como se fosse transparente, branco com um alto, colarinho de renda.

— A pobre garota —, eu sussurrei.

Antes que Criminy pudesse falar, a porta bateu fechada atrás de nós.

E nós estávamos presos na escuridão com um fantasma.

22



-Aquela vadiazinha! — Criminy gritou.

Eu encontrei suas mãos. — Ela está aqui, sabe —, eu sussurrei.

Em resposta, uma estranha gargalhada feminina ecoou das paredes de metal. — Três fantasmas no farol —, ela sussurrou, e a voz estava diferente da calma, prazerosa doçura que eu tinha ouvido debaixo d'água. Aqui em cima, a voz estava cheia de maldade.

Ela riu, e Criminy rosnou —, Eu estaria amaldiçoado se eu tivesse que passar a eternidade com uma rameirazinha como você. — Ele bateu na porta. Ela não cedeu. Era hermético, claro.

— Você nunca sairá —, ela cantou. — Eu não consegui. E você não irá.

Houve uma pausa, e eu pude me ouvir e ao Criminy respirar.

E em seguida veio o macabro arranhar de unhas no quadro-negro.

Ou ossos em paredes de metal.

— O que aconteceu a você? — eu perguntei, minha voz insípida, cautelosa.

— Ele era uma Blutman, e eu era uma empregada —, ela sussurrou. — Nós nos apaixonamos. Mas eu estava desposada ao melhor amigo do meu irmão. Meu amor e eu íamos nos transportar em um navio, ir para a Alemanha e começar nova vida, onde as pessoas não nos odiariam por amar um ao outro. Mas meu irmão encontrou nossas cartas. Ele sabia onde nós estávamos nos encontrando. Quando eu vim aqui, ele e meu noivo me encontraram, trancafiaram-me para morrer sozinha. Me disseram que eu merecia isso por amar um Blutman imoral. Me chamaram de uma abominação.

Ela riu no meu ouvido. — Justo como você.

— O que aconteceu ao Blutman? — eu perguntei suavemente.

— Eu nunca o encontrei —, a voz ecoou. — Eu morri aqui. E eu fiquei sozinha.

Eu senti a mão de Criminy no meu braço, e ela viajou para baixo ao meu pulso. Eu podia sentir a sua urgência, então eu tossi, tentando encobrir os barulhos furtivos enquanto ele pressionava a cabeça de Uro e a pequena cobra zumbia com engrenagens. Eu esperei para ver luzes vermelhas, mas Criminy dever ter previsto e encobriu os olhos de rubi.

— Seu Blutman – qual era o nome dele? — Eu perguntei, minha voz alta no minúsculo espaço.

— Seu nome era Scarab Crumbly —, a voz disse, sonhadora. — Nós nos conhecemos no mercado. Seu cabelo era dourado e ondulado, como um leão. Ele tinha olhos tão profundos como o mar. E ele me amava.

— Eu conheci Rab Crumbly —, Criminy interrompeu, sua voz em franca expansão no minúsculo espaço. Debaixo das suas palavras, eu ouvi metal com metal, arranhando. — Ele foi drenado há vinte anos atrás pelos Policiais. Eles colocaram sua cabeça em uma lança por matar uma garota

chamada Evangel. Essa era você, por acaso?

Um estrangulado choro reverberou para fora das paredes. — Drenado! Oh, Rab, meu amor! Você sempre foi verdadeiro!

Um pesadelo de aparição apareceu centímetros do meu rosto, a garota fantasma com o cabelo curto, sua boca agora um buraco enorme no inferno. Seu gemido estrangulado se transformou em um berro, e aquilo me fez gritar, e nossas vozes fundiram-se e ecoaram na escuridão. Eu imaginei o metal empenando, pressionando para fora, pronto para explodir. Meus tímpanos doeram com a pressão, e dor disparou pela minha cabeça em explosões de vermelho.

Mas através dela, iluminado por ela, eu vi as costas de Criminy, e ele estava fazendo algo na porta, e então eu gritei mais alto. O que não foi forte, porque eu estava aterrorizada. Eu não tinha temido o calmo fantasma sob as ondas, mas essa coisa era perversa.

Enquanto o fantasma se expandia, suas mãos se tornaram garras, e seus olhos afundaram-se de volta para dentro das vazias piscinas negras. Eu fui forçada a recuar até que eu senti ossos arranhando contra os saltos das minhas botas, agarrando meus tornozelos. Eu ainda estava gritando, não podia parar se eu tentasse. Ela pairou sobre mim, de boca aberta, e algo no fundo do meu cérebro estranhamente se perguntou se havia tal coisa como uma alma, e onde a dela estava, e para onde a minha iria quando os lábios fantasmagóricos a sugasse para fora através das minhas órbitas.

E então a porta voou aberta, e o grito fantasmagórico parou subitamente, deixando apenas silêncio e o paladar do vento salgado para trás. Eu pisquei, e lá estava Criminy, sorrindo, estendendo sua luva.

— Eu acho que você manteve sua promessa, amor —, ele disse, entregando Uro de volta para mim. — Graças a Deusa por engenhocas e suas ferramentas, hein? Vamos partir desse lugar.

— Ainda não —, eu disse. — Segure a porta aberta.

Eu olhei para trás de mim, onde o pôr do sol deixou entrar apenas a luz suficiente para ver o triste esqueleto mofado de uma garota louca com

um coração partido. Eu estiquei a mão para alisar o cabelo negro, e o solavanco veio, suave como folhas dançando na brisa da noite do verão.

— Meu D-deus —, eu consegui gaguejar.

— O que você vê, amor?

— Tudo que ela disse era verdade. Mas seu noivo era o próprio Jonah Goodwill, e Rab Crumbly era o Bludman que incitou a cruzada de Goodwill contra sua espécie. E contra mulheres como eu. Goodwill ainda usa o anel de noivado de Evangel em uma corrente ao redor do seu pescoço. Tudo isso, tudo que ele fez. Todos os horrores que ele cometeu. É por causa dela. — Eu pausei, estudando o vestido branco. Um vestido de noiva. — Porque ele a amava, e ela escolheu um Bludman ao invés dele.

— Eu não achava que fosse possível odiá-lo mais ainda —, Criminy disse, oferecendo um dos seus muitos lenços de mão, um grande quadrado de seda verde-marinho. — Mas eu odeio.

Tão tenramente quanto eu podia, eu envolvi o corpo no tecido e o ergui. Avançando em direção ao parapeito, eu o joguei no oceano.

— Você está livre —, eu disse em uma bênção enquanto eu observava os ossos tinirem contra as rochas.

23



A cidade estava em chamas, e as docas estavam em silêncio. Eu ainda estava em choque. Eu também estava metade-nua e ensopada e começando a me irritar com a água marinha. Mesmo assim, havia muito que eu não entendia. E eu estava com pressa.

— A cidade está em chamas, porque ninguém está correndo para as docas? — Eu perguntei. — Barcos são melhores apostas que os portões da cidade, certo?

— Ah, mas você não conhece as políticas aqui. Brighton é uma cidade governada por poucos Pinkies ricos. Abaixo deles estão os pobres Pinkies, os serviçais, e os Bludmen que trabalham nas fábricas. As pessoas têm sido oprimidas por décadas. Eles não estão acostumados a luta ou ao pensamento tático. Eles provavelmente não planejaram muito bem.

— Mesmo assim, até do farol, nós não vimos uma única pessoa —, eu disse.

— Eu tenho uma teoria —, ele disse. — Mas não é bonita.

Eu parei de andar para olhar para ele. Ele estava incomodado, mais do que eu jamais vi.

— As engenhocas estão ficando muito boas, veja você. Os mecanismos estão alcançando um novo nível de talento e sutileza. Diga-me, se você pudesse usar máquinas ao invés de perigosos, funcionários pouco contidos, o que você faria com os trabalhadores? Você não poderia deixá-los ir – com sede de sangue, sem recursos, e com rancor.

Eu apenas o encarei, minha mandíbula travada.

Ele olhou acima para a fumaça embarricando profundamente a cidade e disse mais suavemente —, Você sente esse cheiro? Isso não cheira como carne?

— Você está dizendo que as pessoas no comando trancaram os trabalhadores e atearam fogo neles? — eu disse, incrédula.

— No final, o vencedor reescreve a história. Chame isso de uma revolução sangrenta, se torne o herói que tornou a cidade segura para os inocentes, inofensivos Pinkies. E que pena que o lado-negro de Brighton se perdeu nas chamas dos trabalhadores desenfreados.

— Nós podemos ajudá-los? — eu disse. — Nós podemos fazer algo?

Criminy se virou para mim, os músculos do seu rosto tensos com fúria e preocupação. — Nós estamos fazendo algo —, ele disse. — O homem que tem o seu medalhão é o mentor por trás de qualquer atrocidade contra os Bludmen hoje em dia. Ele provavelmente planejou esse motim. Ele é o líder, e ele está há apenas um pouco mais longe, preso em uma ilha. Obter o seu medalhão de volta é minha única meta.

Havia uma feroz beleza na sua determinação, uma força de propósito que falava por si só. Possivelmente pela primeira vez, eu olhei para ele e não vi um vislumbre do monstro ou charlatão ou trapaceiro – apenas o homem, e um poderoso. Naquele momento, eu teria seguido-o para qualquer lugar.

Mas ele se virou em direção ao mar.

Nosso passeio junto da doca nos fez passar iates a vela e remos para um elegante submarino de bronze, cerca de doze metros de comprimento. Ele ainda brilhava com cera e não tinha uma única craca pendurada no casco.

— Essa é a nossa garota —, Criminy disse. — O modelo mais novo, o mais fácil de pilotar.

— Mas e se houver alguém lá dentro? — eu perguntei.

— Então eles nos ajudarão ou morrerão —, ele disse alegremente e eu me surpreendi por concordar com ele. Sang não era um mundo para meio termo.

O submarino estava na sua maior parte submerso, deixando apenas setenta centímetros de metal curvado acima das ondas cinza escuras. Ele tinha o formato de uma pílula, com a hélice nos fundos e um brilhante periscópio na frente. Apenas visível debaixo das ondas estava uma janela de vidro com bancos de instrumentos, sombrios e a espera. O navio parecia vazio. E o céu estava ficando mais escuro.

Criminy saltou em cima do telhado e começou a girar uma roda de bronze. Ela rangeu e rangeu, e depois, com um estalo, a porta se abriu. Eu podia ver uma faixa de veludo carmesim ao redor da borda, e isso me fez pensar na boca de um gato.

Eu não queria descer ali, ser engolida pelo navio, e navegar por debaixo da água, onde nós éramos vulneráveis e estávamos presos. Eu queria pegar um bonito, navio arejado com velas e bote salva-vidas e coletes de emergência. Mas para alguém que não podia nadar no mar, como Criminy, eu imaginei que esse veículo fosse mais seguro. Nós dois tínhamos que nos arriscar.

Ele desapareceu escada abaixo, e eu verifiquei as docas até ele retornar. Nervosamente, eu pisei em direção ao casco de bronze e depois o segui abaixo, para dentro do navio. O veludo carmesim continuou no interior e acolchoou as paredes e teto. O piso era madeira escura, com

tapetes Turcos correndo pelo centro.

— Eu não cheiro uma coisa viva no navio —, Criminy me assegurou —, mas mantenha sua sagacidade com você, como sempre. Não se pode ser muito cuidadoso sobre passageiros clandestinos em um submarino.

O submarino era mais como um apartamento do que um barco. As paredes tinham quadros, fotografias com estranha cor sépia, e molduras tipo caixas com insetos bizarros, tudo firmemente preso às paredes de veludo. Nós estávamos na sala de estar, e um pequeno sofá de arabesco com almofadas franjadas era um convite à minha bunda dolorida. As horas de equitação sem sela estavam cobrando seu preço em um corpo que tinha atravessado mais do que sua meta de medo e dor nos últimos dias.

Antes de eu desabar no sofá, eu parei. A Nana na minha cabeça me repreendeu, e eu suspirei. Eu estava ensopada. Eu não podia deixar uma marca na boa mobília de outra pessoa.

— Criminy? — eu chamei. Ele tinha desaparecido dentro do navio. — Eu preciso trocar de roupa.

Sua cabeça apareceu na esquina. — Eu estou posicionando nosso curso, amor —, ele disse. — Espie por aí e veja o que você consegue encontrar. Eu temo ter perdido nossa mala ultrapassando o muro quando eles começaram a atirar em mim. Minhas desculpas. O quarto é descendo na outra direção.

Eu chapinhei o estreito corredor abaixo, passando a minúscula cozinha e banheiro. O quarto estava nos fundos, na extremidade arredondada da pílula. A cama tinha aproximadamente dois metros quadrados, e o quarto não era muito maior. Eu deslizei para o lado um painel na parede de madeira escura para encontrar um guarda-roupa de cavalheiro. Era caro e novo e um pouco grande. Mas serviria.

Eu deslizei a porta do quarto fechada atrás de mim, curiosa para saber se o cheiro da minha pele nua atrairia Criminy. Eu me perguntei se isso o incomodava absolutamente, se era inoportuno, como cheirar um hambúrguer quando você está faminta. Ou se era mais como mostrar a um

garoto adolescente uma mulher meio-nua. Era fome, luxúria, ou curiosidade? Um instinto animal ou um desejo humano?

Isso não importava realmente. Ele estava na extremidade oposta do navio, ocupado, e eu tinha que me trocar. Eu não podia me infiltrar no covil de Jonah Goodwill meio-nua.

Eu me sentei na beirada da cama e ouvi um zumbido ronronado atrás de mim enquanto o motor ligava. Era surpreendentemente silencioso, nenhum pouco com o sofisticado ronco que eu esperava. O navio tremeu e começou a se mover. Eu escorreguei um pouco lateralmente enquanto ele mudava de curso. Nós estávamos em curso.

As botas molhadas foram as primeiras que eu tirei, embora fosse difícil desfazer os laços úmidos. Depois as meias ensopadas, graças à Deus. Em seguida os farrapos do vestido, descascados como uma segunda pele. Em seguida o espartilho, depois de eu ter usado minha faca para cortar os laços, o que envolveu mais do que uma satisfeita vingancazinha. Depois Uro e as luvas, frias e úmidas como os dedos de um sapo, uma inteira e uma picada e ensanguentada. Finalmente, eu estava completamente nua.

Eu me deitei de costas e expirei, meus olhos fechados em êxtase. Quando eu os abri novamente, eu estava olhando diretamente para cima ao espelho fixo no teto acima da cama. Ao ver-me ali, deitada nua na colcha de veludo vermelho de um estranho homem rico, eu soltei um pequeno berro e tropecei de volta para os pés da cama, longe do espelho e em direção às roupas secas no armário. Eu não pude evitar a não ser olhar novamente e foi quando eu notei as argolas de bronze fixas no teto ao redor do espelho. E um chicote de couro em ganchos fixos na parede.

Quem quer que fosse o dono dessa cama era um viciado em sexo. Nós tínhamos roubado um *Barco do Amor* verdadeiro. O veludo vermelho em todos os lugares subitamente fez sentido.

— Letícia! Amor, você está bem? — Criminy chamou do outro lado da superficial porta de madeira. Em pânico, eu me envolvi na colcha vermelha, as franjas fazendo cócegas na minha pele úmida.

— Eu estou bem —, eu disse. — Eu só me assustei.

— O que aconteceu? — ele disse, e o ar de repente pareceu espesso e muito imóvel. O fino painel deslizante entre nós inclinou-se um pouquinho, e eu pude imaginar Criminy do outro lado da porta, sua mão e rosto pressionados contra a madeira preta, suas sobrancelhas perspicazes retraídas em preocupação. Suas narinas alargadas, captando meu cheiro.

Eu o ouvi inalar e suspirar.

Eu apertei a colcha mais firme ao meu redor.

— Nada aconteceu —, eu disse nervosamente. — Eu só vi algo que me surpreendeu. E você não deveria estar guiando o barco?

— Eu já o programei —, ele disse, sua voz baixa e suave. — Ele irá nos levar ao mar aberto beirando às ilhas e parará. Se algo aparecer no sonar, nós escutaremos um alarme.

Ele inalou novamente, depois exalou com um suave sussurro.

— Então nós estamos sozinhos. Amor.

Apesar de mim mesma, eu me senti atraída para a porta. Minha determinação para resistir a Criminy e ao próprio Sang estava desmoronando.

Eu senti como se ele estivesse puxando uma corda invisível, como se houvesse um anzol dourado ao redor da minha coluna me conduzindo para frente. Eu saí ligeiramente da cama, arrastando a colcha vermelha atrás de mim. Ela estava sobre meus ombros e cruzada na minha frente com ambos os braços, como asas amarradas possessivamente ao redor da minha frágil pele.

Eu me pressionei contra a porta, sentindo a tensão do corpo dele pressionando de volta através da madeira superficial. Eu inspirei. Eu pude sentir seu cheiro, também, seu cheiro ficando mais forte acima dos odores de bronze e roupa nova do submarino. Cerejas e Amoras, doce e sol morno, mas com uma feroz conotação de ervas, ervas daninhas esmagadas e espinhos. Vinho Borgonha e o verde das sombras. De olhos fechados, o veludo vermelho envolto até o meu queixo, eu estava assimilando o cheiro

com essas respirações profundas que eu estava começando a ficar um pouco tonta.

A madeira inclinou-se contra mim um pouco mais. Eu dei um passo para trás.

A porta deslizou para o lado, e ali estava ele.

Nós estudamos um ao outro em silêncio. Ele inclinado contra a moldura da porta, tranquilo, mas focado. Ele não era muito maior do que eu, mas eu subitamente me senti muito menor. A pintura dele no medalhão tinha capturado tão astuciosamente a intensidade do seu olhar e o único intuito da sua vontade.

Seus olhos estavam escuros agora, tão cinzas e tempestuosos quanto o mar através das escotilhas, capturado e infinito de uma só vez. As sobrancelhas que tinham ao início pareciam cruéis, agora pareciam elegantes volumes de linguagem com o menor ângulo. Sua boca estava apenas um pouco aberta, e eu queria beijá-la.

Não, eu queria mordê-la, afligi-la.

Eu queria mordê-la? Isso foi estranho.

Mas não importava. Eu inalei profundamente, assimilando mais do seu cheiro. Meus olhos se arrastaram para o pescoço aberto da sua camisa, tanta rebeldia naquele descuido. Seu cabelo flutuava solto, caindo sobre seus ombros. Era liso e fino e escuro, e minha mão se abriu do cobertor para alcançar e arrastá-lo para trás. Ele fechou seus olhos quando minha pele nua roçou sua mandíbula.

Eu meio que esperava um solavanco, mas nenhum veio. A eletricidade entre nós não tinha nada a ver com providência. Eu não precisava de um vislumbre para me dizer o que aconteceria a seguir.

Minha respiração ficou presa na minha garganta enquanto o cobertor caiu ao meu redor, e a mão dele o apanhou bem a tempo. Nós dois paramos, minha mão mal tocando o seu rosto, sua mão segurando o cobertor, o ar entre nós zumbindo como uma corda dedilhada.

Eu olhei para baixo e o alcancei para tomar o cobertor de volta dele.

Ele não soltou. Eu puxei um pouco, ainda me recusando a encontrar seus olhos. E então ele puxou de volta, puxando-me ao seu peito enquanto ele largava o cobertor e envolvia seus braços ao meu redor. Eu estava presa.

Minha cabeça estava enfiada debaixo do seu queixo, e enquanto meu nariz roçava sua garganta, eu me encontrei me aconchegando no seu pescoço. Eu me senti bêbada, tonta, quase desmaiando. Enquanto eu esfregava minha bochecha na sua clavícula em transe, ele engoliu forte, e eu senti seus músculos retesarem. Ele era como um animal em cheque, mal contido.

Em seguida ele recuou um pouco, suas mãos enluvadas erguendo meu rosto ao dele, embalando minha mandíbula. Eu estremeci, mas eu mantive meus olhos fechados.

— Olhe para mim —, ele disse, sua voz rouca e baixa, convincente.

Eu exalei, me preparei, e abri meus olhos.

Ele estava olhando abaixo para mim, e seus olhos eram profundas, piscinas infinitas de súplica e fogo e algo mal contido ou outro, e eles eram magnetizados, como buracos negros, mas cheios de chamas, e ainda assim cinzas, e ainda cheios de cores e transparentes e dançando com pequenas manchas de glitter, e eu não pude olhar para longe, e que lindos cílios ele tinha, tão longos e escuros quanto os de uma mulher, como os de uma gatinha, com os de uma pantera, e o cheiro, oh, o cheiro, como urze³⁹ esmagadas e cerejas e primavera pela manhã e corpos rolando e rolando na grama e tudo coberto com orvalho como teias de aranha fazendo mandalas de pingos de chuva, e eu não pude suportar, não pude me conter por mais um segundo.

Mas eu tinha que saber primeiro.

— Você está fazendo isso comigo? — eu sussurrei, cabeça erguida e lábios tão próximos para roçar os dele que eu imaginei nossas moléculas dançando no ar juntas. — Você está fazendo algo comigo? É um feitiço ou algum tipo de glamour?

³⁹ Urze é o nome comum de diversas plantas da família Ericaceae.

— Eu não tenho esse tipo de poder sozinho —, ele sussurrou de volta.
— É inevitável?

Minhas palavras ficaram ali, suspensas, presas no reluzente âmbar do momento. Eu não pude ver, mas de alguma forma eu soube que ele sorriu, dentes afiados brilhando.

— Apenas se você quiser que seja —, ele disse.

E então a fria camurça da sua luva acariciou meus lábios, e elas pareciam cheias de pressão e explosão, e eu estremeci e expirei, e o cobertor escorregou dos meus ombros e se amontoou no piso nos meus pés enquanto seus lábios esmagavam os meus.

Eu envolvi meus braços ao redor do seu pescoço, minha pele ondulando com arrepios enquanto seu cabelo roçava na minha clavícula. O beijo era faminto e determinado, e eu mal registrei o calor da sua pele enquanto sua língua passava meus lábios. Ele inclinou sua cabeça, e um minúsculo suspiro escapou de mim quando o beijo se aprofundou. Como eu tinha confiado, como eu tinha esperado, ele tinha gosto de cerejas, como vinho, escuro e intenso.

Suas luvas acariciaram abaixo dos meus ombros e costas como o pincel de um artista, roçando cada osso e curva com sensível força. Eu me pressionei contra ele sem vergonha, e o linho suave da sua camisa esfregou-se sobre meus mamilos, fazendo meus olhos rolarem para trás. Ele tirou seu pesado paletó, e eu pude sentir a impressão das suas mãos onde elas tinham me tocado.

Eu as queria de volta. Eu as queria mais para baixo.

Eu me contorci mais perto, esfregando-me contra ele, implorando pelo seu toque, e ele se retirou do beijo, lambendo meus lábios e rindo baixo no fundo da sua garganta. Ele lançou seu colete ao chão e retirou a camisa sobre sua cabeça, dizendo, — Muito justo. Agora, venha de volta para mim, perfeição.

Meu corpo estava desolado sem seu toque, e eu subitamente percebi que eu estava completamente nua. Eu fui dominada com a timidez. Eu

nunca tinha sido agressiva no quarto, e não tinha estado com ninguém além de Jeff em anos. Eu nunca senti essa paixão, esse fogo – nem com Jeff, nem com ninguém.

O que ele queria de mim? O que ele esperava?

— Venha aqui —, ele sussurrou.

Eu cruzei meus braços na frente do meu estômago e murmurei —, Por que eu deveria?

Ele sorriu para mim, o canto da sua boca arqueando-se de uma forma que me fez derreter. — Porque você quer —, ele disse. — Porque você deve.

— Eu não tenho que fazer coisa alguma —, eu disse, teimosa até o fim.

— Claro que não —, ele disse, e ele esticou a mão para cobrir meu rosto tenramente. Eu olhei para baixo, porque eu não podia encontrar seus olhos. Agora eu estava encarando a elegante, pele musculosa do seu peito e, até mesmo mais abaixo, as lindas curvas sobressalentes onde o estômago liso encontrava os ossos dos quadris. O cheiro em ascensão da sua pele quente estava fazendo coisas estranhas comigo.

Ele ergueu meu rosto, prendeu meus olhos com os seus. Eu estava presa, golpeada, hipnotizada. De novo, seu polegar esfregou meus lábios, que estavam inchados e sensíveis dos seus beijos. Em seguida ele se moveu para baixo, traçando minha bochecha e descendo para minha garganta, onde ele descansou por um momento no oco.

— Seu coração está batendo rápido —, eu disse. — Eu posso senti-lo, bem aqui.

Eu não pude negar. Eu não podia impedir meu coração de bater mais do que eu podia firmar minha respiração ou me fazer parar de doer pelo seu toque.

A mão viajou mais para baixo, se espalhando sobre meu peito e levemente roçando sobre um seio, pressionando gentilmente sobre o mamilo. Meu corpo se impulsionou em direção àquela mão sem pensar, e eu ofeguei e pisquei e me afastei, incerta. Seus olhos pareciam ir a uma

tonalidade mais escura, e sua cabeça se inclinou enquanto ele lambia os lábios.

Ainda mais para baixo a mão viajou, muito lentamente para meu gosto. Quando ela encontrou meus braços cruzados intensamente sobre meu estômago, pulso com pulso, ela parou, e ele ergueu suas sobrancelhas e esperou. Eu não cedi. Eu neguei com minha cabeça, apenas o menor gesto. Eu sorri timidamente.

Então, rapidamente, mas gentilmente, suas mãos afastaram meus braços e me viraram de costas. Eu terminei encarando a cama, meus pulsos bem contidos atrás das minhas costas com uma mão enluvada enquanto a outra continuava bem onde ele a tinha deixado, acariciando meu quadril, provocando arrepios que corriam sobre minha pele nua.

Eu respirei fundo e puxei meus braços, mas ele se aproximou, prendendo-os entre nós. Minhas mãos capturadas estavam pressionadas entre nossos corpos, e uma pequena excitação desceu na minha coluna quando eu percebi o quanto desesperadamente ele me queria. Eu senti o calor da sua respiração na sensível cavidade da parte de trás da minha orelha.

— Eu não me importo se você quer bancar a recatada, Letícia —, ele sussurrou, seus lábios roçando minha pele apenas o bastante para me fazer pular. Ele lambeu uma linha da curva da minha orelha para baixo do meu pescoço, e eu estremeci. — Mas eu tenho a intenção em fazer você se render.

Seus lábios mordiscaram meu pescoço enquanto sua mão acariciava implacavelmente abaixo para a dobra da minha coxa. Sem pensar, eu arqueei apenas um pouquinho na direção daquela mão, me esforçando em direção do toque que eu ansiava. Ele riu novamente, e eu pude sentir seus dentes arranharem contra a minha nuca. Meus sentidos estavam gritando diferentes mensagens *Corra e Fique* e *Não, toque aqui, maldito*. Eu nunca tinha me sentido tão viva, como se cada célula do meu corpo estivesse focada e entorpecida e sensível e faminta.

A mão provocadora mudou de direção, traçando as linhas do meu corpo de volta para cima com deliberada lentidão. Quando ela alcançou meu seio, eu segurei minha respiração. A camurça do seu polegar esfregou meu mamilo, circulando-o, e eu gemi um pouco.

— Por favor —, eu implorei.

— Renda-se —, ele disse.

O polegar circulou levemente, preguiçoso e enlouquecedor. Eu pensei que poderia explodir.

Eu virei minha cabeça e mordisquei o lóbulo da sua orelha, sussurrando —, Eu já não me rendi?

A mão ergueu do meu seio para pegar meu rosto ali, e sua boca selou sobre a minha, outra promessa, sua língua buscando e esfomeada. Eu nunca tinha beijado ninguém assim, imprudente e lambão e ofegante. Ele soltou meus pulsos e me rodopiou para encará-lo, e então eu senti ambas as suas mãos na minha bunda, me pressionando contra ele. Eu estava me forçando em direção ao seu corpo tentando esfregar cada centímetro da minha pele contra o que eu pudesse alcançar.

Minha boca estava em frenesi contra ele, mas sua língua estava lenta, deliberada. Eu estava ficando desesperada. Ele estava se detendo, me provocando, se divertindo. Brincando comigo, prolongando a tortura agora, ele teria a redenção que ele queria. Ele estava me tratando como uma gatinha novamente.

Eu mostraria a ele a gatinha.

Minhas mãos se moveram para suas costas quando o beijo ficou mais feroz, e eu levemente tracei minhas unhas para cima e para baixo na sua pele. Elas ainda estavam vermelho sangue da manicure da Sra. Cleavers ainda lixadas pontiagudas para impressionar os Pinkies da caravana. Ele murmurou com aprovação no beijo, e eu murmurei de volta enquanto suavemente e sensualmente desenhava uma única unha sempre muito gentil subindo as suas costas.

E então eu transformei minha mão em uma garra e rasguei meus talões

nas suas costas.

Ele se afastou do beijo e sibilou para mim, dentes descobertos. Eu sorri presunçosamente.

— Miau —, eu sussurrei.

— Naturalmente —, ele rosnou, sua voz gotejando com ferocidade.

Por apenas um segundo, eu registrei que eu podia sentir o cheiro do sangue nas suas costas, e eu fui preenchida com um selvagem desejo de correr minha língua nas feridas que eu tinha feito. E em seguida a força plena do seu corpo me levando para a cama e me prendendo ali, me pressionando nos lençóis frios.

A calculada tensão do seu beijo se foi, todos os véus da brincadeira dissolveram-se no sangue em minhas mãos. Quando ele me beijou dessa vez ele deixou bem claro.

Eu também deixei. Eu o queria, mais do que qualquer coisa que eu jamais quis na minha vida. Minhas mãos seguraram seu rosto bem ali, desafiando-o a parar de me beijar por sequer um segundo. Em algum lugar na extremidade final da cama, ele estava tirando suas botas e meias com uma mão, mas sua língua continuava me lambendo, me provocando. Eu ouvi coisas atingindo o chão, e depois ele se pressionou de volta sobre mim, e eu suspirei contra seus lábios, arqueando minhas costas e encontrando o grosso tecido do seu bermudão ainda ali, entre nós. Entre mim e o que eu precisava.

Eu não queria esperar outro segundo para sentir a completa, quente extensão da sua pele junto ao meu corpo, para encontrá-lo colocado à beira de mim. Eu fechei minhas pernas ao redor dele e encaixei meu corpo contra a dureza ali, choramingando, todo o orgulho e modéstia esquecido.

Ele se afastou para sussurrar entrecortado no meu ouvido, — Precisa de duas mãos para fazer isso, amor —, e eu entendi.

Minhas mãos se atrapalharam nas amarras do seu bermudão enquanto ele lambia minha garganta e descia entre meus seios, e eu resmunguei —, Eles não têm kilts no seu mundo?

Finalmente, os laços se soltaram, e eu tentei puxar a roupa para baixo com dedos desajeitados. Apenas então, ele começou a circundar um seio com sua língua, e eu larguei os laços para apertar o lençol debaixo de mim, arfando quando ele colocou meu mamilo dentro da sua boca e sugou. Eu lancei minha cabeça para trás e gemi, entrelaçando meus dedos no seu cabelo.

Ele me beijou enquanto ele se desfazia do seu bermudão, e o beijo aumentou em intensidade até o peso completo dele finalmente me cobrir, pele encontrando pele até que não houvesse restado nada entre nós. Eu pude me ouvir choramingando novamente, me sentir remexendo, mas ainda assim ele se deteve.

— Você é minha? — ele sussurrou no meu ouvido, e seus joelhos afastaram minhas pernas. Sua mão enluvada me provocou, acariciando, mergulhando e acarinhando. Eu estava tão perto. Tão perto.

Seus dedos trabalharam mais rápido, e ele lambeu a cavidade atrás da minha orelha. Eu joguei minha cabeça para trás e olhei acima para o espelho em seguida, para o escuro caimento do seu cabelo e das pálidas e poderosas ondulações das suas costas. Eu vi as quatro retas linhas vermelhas onde eu o tinha arranhado, já curando. Foi apenas um segundo que minha atenção vagou, mas então o dedo se foi, e ele estava se empurrando contra mim, posicionado na minha última barreira, esperando pela minha palavra.

— Você é?

Eu estava arquejando, querendo, rosnando, uma besta de emoção e ardente em desejo que não podia ser negado. E ele queria palavras de mim, queria que eu pensasse. Queria que eu fizesse uma escolha.

— Algumas vezes —, eu sussurrei de volta no seu ouvido.

Em seguida, tão silenciosamente —, Agora.

E com uma risada de feroz triunfo, ele se introduziu em mim, de novo e de novo, e eu já estava lá de alguma forma. Eu chorei na liberação, fogos de artifícios florescendo atrás dos meus olhos fechados enquanto ele tocava algo dentro de mim que eu não sabia que existia. Ele acariciou de novo, e de

novo, e eu continuei esperando que ele me mordesse ou extraísse sangue ou fizesse algo definitivamente inumano. Mas ao invés disso, ele apenas me beijou enquanto eu vim, sua língua provando cada centímetro da minha boca com a mesma gostosura que queimava embaixo.

— Pare, pare, eu estou morrendo —, eu disse. Dentro de mim, tudo parecia inchado, barulhento, super sensível, sensibilizado além da crença. — Por favor.

Mas ele rolou de lado, me levando com ele, e suas mãos se moveram para baixo para me acariciar mesmo enquanto ele continuava se mexendo. Testa pressionada na minha, ele disse, — Você não quer dizer isso. Você não quer que eu pare.

— Eu não aguento mais —, eu disse. — Uma vez, é o máximo que eu posso ir. Isso é muito.

— Nunca é muito. — ele riu, seu dedo se movendo mais rápido novamente.

E então eu senti, profundamente em mim, florescendo como uma flor brilhante na escuridão, algo novo e estranho. E eu estava sendo cavalgada por isso, consumida por isso, um prazer doce e cortante como uma nota de violino, me embalando ao meu núcleo. E nós dois choramos na liberação grasnando juntos antes de desabarmos em um monte, rindo.

24



Algun momento mais tarde, eu acordei enrolada contra ele debaixo da colcha de veludo vermelha, minha cabeça no seu peito. E bastante surpresa comigo mesma. Seu braço estava ao meu redor, sua luva de coloração cinza escura distraidamente acariciando meu pulso. Suas luvas eram as únicas coisas que ele ainda estava vestindo. Eu, lógico, não usava nada.

— Bom dia, boneca —, ele disse com um sorriso sonolento.

— Boneca?

— Eu acredito que nós tecnicamente somos piratas agora. E você sorriu no seu sonho. Eu provavelmente sorri, também.

Aquecida e descansada e satisfeita pelo que pareceu como a primeira vez na vida, eu me estiquei, meus nódulos e dedos dos pés arranhando as

paredes. Para alguém em uma busca impossível, naquele momento, eu me sentia maravilhosa.

— Você vai ter que lavar essa luva —, eu observei —, Ou jogá-la fora.

Ele examinou sua mão, sorrindo, e disse —, Talvez eu a emoldure ao invés disso.

— Eu não vislumbrei, sabe —, Eu disse. — Quando nós nos tocamos.

— Eu sei —, ele disse. — E eu fico feliz. Eu não quero que você veja o que está na minha cabeça quando eu estou tocando você. Isso acabaria com toda a diversão.

— Isso funciona uma vez só? — eu perguntei. — O vislumbre?

— Talvez —, ele disse. — Cada dom é diferente.

Eu deveria ter me sentido tímida, e pareceu estranho que eu não me sentia. Mas eu estava confortável ali, em uma cama opulenta e depravada em um submarino, embalada por um bebedor de sangue que inexplicavelmente me adorava.

— Por que você me ama? — eu perguntei, atraída para a sinceridade pela estranheza da situação.

— Hmm?

— Eu só estou curiosa. Eu apareci do nada, e você praticamente prometeu o seu amor para mim, mesmo embora você realmente não me conhecesse. Apenas por causa de um coração partido e um feitiço. Isso não faz sentido.

— Não, eu suponho que não faça —, ele disse, rindo. Eu sorri, ao sentir o seu peito ressoar com o riso. — Mas você não acredita em amor à primeira vista?

— Eu acredito que outras pessoas acreditam nisso —, eu disse. — Mas eu sou apenas muito prática para esse tipo de coisa. Há muitas variáveis, muita química e gostos e desgostos e interesses a se compartilhar e o momento perfeito e tudo isso.

— Ah, uma romântica —, ele disse ironicamente. — Mas você está errada.

— Eu estou?

— E se você pudesse colocar tudo o que você estivesse procurando em uma pessoa e sussurrar no ouvido de alguém, e ele trouxesse aquela pessoa até você? E em seguida, quando você a visse pela primeira vez, mesmo se você não soubesse que ela é a pessoa para você, você subitamente soubesse mesmo assim? — Seus dedos traçaram minhas sobrancelhas, as maçãs do meu rosto, enquanto ele pensava um momento. — E se seu coração parasse quando você visse essa pessoa, e apenas depois disso você percebesse que ela era de verdade tudo o que você sempre quis?

— Tudo bem, isso seria legal —, eu tive que admitir.

— Isso foi o que aconteceu comigo —, ele disse gentilmente.

— O que você pediu? — eu precisava saber. Era uma exigência absurda viver à altura da impressão que ele tinha descrito.

— Inteligência, coragem, beleza, humor, força, astúcia, curvas, magia, talento, entendimento. Em pé de igualdade.

— Você não pediu por alguém... você sabe... como você?

— Eu pedi.

— Mas eu não sou o que você é.

— Oh, isso —, ele disse, considerando. — Isso não é problema. Se alguma vez vier a precisar, eu posso transformar você no que eu sou.

— Isso dói?

— Eu não sei realmente —, ele disse. — Eu só fiz isso uma vez. O que quer que tenha sido, para ela, era melhor do que nada. Perguntar a outro Bludman qualquer coisa sobre o processo é considerado terrivelmente inapropriado. Mas como você pode ver, há vantagens.

— Como quais?

— Força aperfeiçoada e cura, uma vida mais longa. E com tudo isso, lógico, vem a coragem e humor, porque você não tem que se preocupar tanto. Quando você tem menos probabilidade de morrer e você não tem que lutar por comida, a preocupação principal é manter aqueles que você ama em segurança.

— Oh, isso é tudo, não é?

— Bem, sim, isso pode ser uma exigência absurda. — Ele riu de novo.

— Eu tenho outra pergunta —, eu disse, tentando parecer desinteressada.

— Hmm?

— O que impede você de me drenar? Eu quero dizer, você quer, não quer?

— Talvez um pouco. Não tanto quanto eu queria.

— Explique.

— Eu tomei precauções —, ele disse, de alguma forma defensivamente.

— Como quais? — eu podia me ouvir soando como uma professora, mas eu tinha a impressão que havia um segredo em algum lugar iludindo-me, nadando sob as águas lamacentas do nosso relacionamento. Lá no fundo, eu sabia que ele estava mentindo para mim de alguma forma.

Ele gentilmente me ergueu do seu peito e me virou para encará-lo. Ele pareceu sério, mas esperançoso. — Quando eu contar isso a você, não exagere. É importante que você ouça toda a história.

Eu me estiquei, puxando o cobertor de veludo para me cobrir. — Eu estou ouvindo.

Ele olhou abaixo, pensando. Depois ele encontrou meus olhos e disse —, Eu dei a você um pouco do meu sangue.

— Você o que? — eu disse, me afastando um pouco. — Por quê? Por que você não me perguntou? E sobre o consentimento?

Lógico, eu não mencionei o meu inexplicável interesse em lambar suas costas feridas no meio-coito. Isso não contava.

— Eu não pedi o seu consentimento por nada mais e eu não pedi por nenhum dos seus fluidos corporais recentemente —, ele disse com um sorriso cruel. — E dar meu blud para você provavelmente já salvou sua vida várias vezes mais.

— Você terá que explicar isso —, eu disse através de dentes cerrados.

— Porque eu não entendo e eu estou bastante irritada.

— É simples —, ele disse, mas antes que ele pudesse explicar o que exatamente era simples sobre secretamente me alimentar à força o seu blod mágico e me transformar em uma enorme hipócrita, um alarme de sirene explodiu da outra extremidade do navio. Ele saltou para empurrar seus pés pelos seus bermudões e cambaleou descendo o corredor de veludo vermelho, deixando-me nua e sem fala na cama de um homem rico.

— O que é? — Eu perguntei da porta do quarto do prático, alguns momentos mais tarde.

As sirenes ainda estavam berrando, e uma luz vermelha piscava acendendo e apagando do teto. Tudo o que eu pude ver sobre seu ombro foram centenas de instrumentos piscando e água cinza através da janela de visualização – nenhuma emergência óbvia.

Ele pausou de pressionar freneticamente o seu botão para olhar para mim e deu uma segunda olhada.

— Eu tenho visto um monte de coisas estranhas, mas eu nunca vi uma mulher em roupas masculinas antes —, ele disse com um bufar de diversão antes de virar de volta para o painel de luzes. — Não que você não pareça vistosa.

Eu ri.

Vistosa não era a palavra que eu usaria. Os bermudões estavam largos, os suspensórios não funcionavam com o peito de tamanho B, e a camisa de babado era ridícula. E eu ainda estava irritada sobre o compartilhamento de sangue. Mas eu não queria interromper uma emergência com algo trivial.

Eu interrompi mesmo assim.

— Então sobre o sangue —, eu disse, odiando a mim mesma um pouco.

— Isso não pode esperar até que eu salve você desse kraken? — ele perguntou, olhos nunca deixando a tela.

Eu me aproximei do painel de instrumento, inconscientemente colocando minha mão no seu ombro. Se havia um monstro do mar, eu queria vê-lo. Como era de se esperar, havia uma tela de sonar preta e redonda com uma cruz nela. E o objeto bastante evidente no meio dela era um grande pontinho com formato de lula. E em seguida houve uma alta campainha e um rangido, e nós fomos arremessados de lado.

— Sangrento inferno! — ele gritou. — Onde está o atordoador? Ele vai afogar logo!

— O que você está procurando? — eu perguntei segurando o seu ombro com uma mão e a cadeira do capitão com a outra, tentando ficar ereta enquanto o navio tremia e se lançava e piscava vermelho à nossa volta. Eu me senti como um extra em *Star Trek*. O navio sacudiu para o lado, e minha garganta se constringiu enquanto eu percebia que isso não era absolutamente um set de filmagem. Esse monstro de conto de fadas era real.

— O atordoador —, ele disse, seus dedos dançando sobre os controles. — Para, hum, atordoar. A maioria dos navios tem um, disseram-me.

Ele correu seus dedos sobre os interruptores e botões no console, e eu comecei a investigar os instrumentos ao alto. O nariz do navio deu uma guinada para baixo, e eu fui lançada contra o teto. Depois de bater minha cabeça em algo, eu olhei mais perto.

— Essa coisa tem uma figura de raio nela —, eu disse. — Isso ajuda?

Sua mão curvou-se sobre a minha na alça de bronze, e ele piscou para mim enquanto nós a puxávamos juntos. Houve um zumbido em algum lugar abaixo de nós, depois um zumbido de algo sendo montado, e nosso cabelo ficou em pé. Um audível estalo e um súbito impacto bateu nossos crânios juntos, e nós ficamos completamente emaranhados enquanto o submarino tremia e se endireitava. Depois as luzes vermelhas pararam de piscar, e tudo estava de volta ao normal.

Nós observamos o sonar, e a mancha de lula verde reduziu-se a um

pontinho, o qual desapareceu ao nada. Eu suspirei com alívio. Estar em um submarino sob o ataque de uma lula gigante era uma das coisas tão fora da realidade que eu não podia digerir. Assemelhava-se a um passeio na Disney World.

— Ocorreu tudo bem —, Criminy disse, caindo na cadeira de bronze e couro do capitão. — Estamos próximos, apesar dos monstros marinhos. Eu suponho que nós estaremos lá, dentro de uma hora.

— Espere. Se o navio estava se movendo todo o tempo que nós estávamos dormindo, como nós estamos apenas agora chegando perto da ilha? Deveria ser apenas algumas horas, certo?

Ele sorriu afetadamente. — Eu nunca disse que ele estava se movendo todo o tempo. Eu posso ter reduzido a um arrastar-se por um tempo. Havia negócios a se tratar.

— Como qualquer coisa poderia ser mais importante do que encontrar Goodwill e pegar meu medalhão?

Eu estava exasperada. Depois de tudo que nós passamos para chegar aqui, nós tínhamos perdido um tempo valioso. Ainda assim, seus olhos estavam suaves e bondosos, e ele esticou a mão para dar tapinhas debaixo do meu queixo.

— Olhe, amorzinho. Eu admiro sua determinação e tenacidade, mas você não pode se pressionar para sempre. Se nós estivéssemos invadido a ilha na madrugada, você teria sucumbido da exaustão e fome. Você precisava de uma pausa e descanso. Você precisava ser paparicada, nem por apenas algumas horas. Mesmo se você não soubesse disso por conta própria.

— Mas nós poderíamos estar lá. Nós poderíamos já ter vencido. Nós poderíamos ter evitado aquele kraken!

— Não importa o quanto você goste do controle, algumas coisas estão simplesmente fora das nossas mãos —, ele disse. — Ainda assim, foi excitante, não foi?

— Sim, foi divertido zapear aquela lula com você —, eu disse, inclinando de costas contra a parede para prendê-lo com meu olhar. —

Agora pare de mudar de assunto. Sobre o sangue.

Criminy inclinou-se de costas e esfregou seus olhos. Eu tentei não comer seu peito com os olhos e ao invés disso mostrei interesse em uma preservada borboleta em uma caixa na parede.

— A coisa é essa —, ele disse. — Meu blud salvou sua vida. Não apenas porque ele me torna menos propenso a ferir você, mas porque ele dá a você força e resiliência⁴⁰. Você quase se afogou, você sabe. Ou talvez você não saiba. Mas você quase.

— Eu imagino que eu fiquei um pouco confusa, por quase ter sido assassinada pelo fantasma.

— Uma vez que você já tenha tido até mesmo uma gota do meu blud, você não vai mais me enlouquecer com a fome —, ele disse. E então ele sorriu, cintilando seus dentes. — Ao menos, não de uma maneira que termine com você sendo drenada. A outra forma... bem, não há esperanças aí.

Eu corei e limpei minha garganta enquanto ele continuou.

— Você sempre irá me atrair, assim como meu cheiro irá atrair você, porque isso é parte da barganha. Mas ao menos que eu sinta o cheiro do seu sangue real, eu não serei um perigo para você. Meu blud é como um antídoto. Eu imagino que o maestro disse isso a você – ele tem um tipo estranho de inteligência, aquele lá. As gotículas na sua pele do medalhão ajudaram um pouco, o qual foi como nós conseguimos chegar à caravana com você praticamente descoberta. — Ele se deslocou um pouco. Eu acho que um homem mais fraco teria corado.

— Mas ainda é tentador —, ele admitiu. — Então eu imaginei que quanto mais rápido eu colocasse algumas gotas para dentro de você, melhor. E mais, dessa forma, se algo acontecesse com você aqui, você teria melhor chance de sobrevivência. De lutar com ratos-blud ou nadar uma milha no oceano, ou algo até mesmo pior.

Eu bati levemente meus dedos no painel de instrumentos,

⁴⁰ A resiliência é um conceito psicológico emprestado da física, definido como a capacidade de o indivíduo lidar com problemas, superar obstáculos ou resistir à pressão de situações adversas - choque, estresse etc. - sem entrar em surto psicológico.

sobrancelhas erguidas, esperando.

— Mas sim, eu imagino que teria sido distinto se eu perguntasse primeiro. Eu me desculpo.

— Quando você fez isso?

— Naquela primeira refeição, no vagão refeição. No seu vinho.

— Por que você não me perguntou?

— Honestamente —, ele disse com um sorriso —, como isso teria funcionado? *Oh, oi, amor ideal. Você beberia um pouco do meu blod para que eu não assassine você na frente de todas essas pessoas gentis?* — Ele riu. — Então eu aproveitei a oportunidade. E eu acho que isso está liquidado, você não concorda?

— De má vontade.

— E um pouco mais no muro em Brighton —, ele admitiu. — No beijo.

— Eu achei que algo estava acontecendo ali —, eu disse. — E foi por isso que você disse algo sobre *Lembre-se, eu fiz isso por você*, não é? Você estava tentando me dar força.

— Você me perdoa, então, Letícia?

Ele não estava mais brincando. Ele precisava do meu perdão.

— Eu perdôo você —, eu murmurei, olhando abaixo para minha calça folgada e ajustando meus suspensórios. — Mas eu gostaria que você tivesse me perguntado. — Eu olhei acima para ele. — E não faça isso novamente sem me contar.

— Se eu lhe der mais blod —, ele disse —, você saberá malditamente bem.

Ele acariciou meu rosto e retornou ao painel de instrumentos e começou a apertar botões. Eu voltei ao quarto e peguei sua camisa e paletó e dobrei tudo e levei a pilha para a sala de controle. E eu admito que eu me senti tonta com o cheiro, também, porque tudo que permanecia perto da sua pele cheirava maravilhosamente bem, tudo graças àquele blod não desejado mas útil.

Era desagradável saber que no momento que eu condenei Casper de beber do Blutmen, eu mesma já tinha provado. Lógico, eu não sabia disso naquela época. Mas como eu poderia encará-lo agora? Eu era uma hipócrita. O blod salvou minha vida, como provavelmente salvou a vida dele, mesmo se ele tivesse feito isso pelo que eu considerava serem as razões erradas. Eu provei blod, e eu queria mais. Sem meu consentimento, estar em Sang me mudou.

Quando eu retornei à sala de instrumentos, meu amante inumano estava inclinado atentamente sobre um grosso livro de couro, espiando os mapas. Sem olhar para cima, ele me entregou uma lata de biscoitos. Muito esfomeada para perguntar onde ele tinha encontrado-os, eu comecei a enfiá-los na minha boca enquanto eu examinava o mapa. Havia várias ilhas agrupadas um pouco fora da costa de Brighton, cercando a Ilha do Branco. Elas eram muito pequenas para terem nomes, e havia ao menos uma dúzia. E nós não tínhamos sequer discutido o que fazer quando nós encontrássemos o maldito lugar.

Algo me atordoou acima da minha cabeça, e Criminy apertou o botão para parar o barulho. O submarino estremeceu a uma parada, e nós estávamos balançando, flutuando, uma diferente sensação de um suave movimento para frente pelo o qual eu não estava acostumada. Eu comecei a me sentir um pouco nauseada, realmente.

Criminy abaixou um tipo de engenhoca com óculos de proteção pendurado no teto e olhou através dele, depois o estendeu para mim, dizendo —, Ali estão elas. As menores Ilhas do Branco.

Eu coloquei meus olhos nos óculos de proteção do periscópio e pisquei com a relativa claridade da manhã do lado de fora. Através do vidro respingado de água, eu pude ver uma grande ilha que me lembrou da Grécia. Era estável, com uma cidade branca velha e desbotada ao redor de uma igreja. À direita estavam três ilhas menores. Uma delas tinha uma fita branca brilhosa ao redor da beirada. Brilhos ofuscantes garantiam arame farpado ao longo do topo. *Que acolhedor.*

— Imagina qual delas nós estamos mirando —, ele disse.

— Aquela com o muro? — eu perguntei.

— Claro.

— Eu gostaria de saber se o medalhão funcionou para ele —, eu disse.

— Se ele pode voltar ao meu mundo com ele. — Depois um terrível pensamento me atingiu. — Oh, Deus, Criminy! E se ele o quebrou? E se eu nunca puder voltar? — Eu me arremessei contra ele, e ele me pegou e acariciou meu cabelo, o qual eu tinha tentado amarrar em uma fita.

— Ele não tem razão para quebrá-lo, mesmo se não funcionar para ele —, ele disse. — E se não funcionou, talvez ele não esteja guardando-o tão bem. Nós encontraremos, amorzinho. Não se preocupe.

— E se não estiver com ele? E se ele deixou em Manchester?

— Impossível. Um homem como ele que mantém suas armas próximas e à mão. Como o anel de Evangel. Ele não confiará em ninguém.

— Você acha que ele sabe que nós estamos chegando? — eu perguntei.

— Ele está procurando por você, nós sabemos disso —, Criminy disse.

— Espere —, eu disse, olhando ao redor. — Como nós saímos dessa coisa em direção às ilhas?

A boca de Criminy se comprimiu em uma linha fina. Depois seus lábios começaram a se contorcer. Depois ele começou a tremer. E depois ele cacarejou, cabeça lançada para trás, como se essa fosse a piada mais engraçada que ele já ouviu.

— Querida, eu não tenho ideia nenhuma —, ele disse. — Eu não pensei muito à frente.

— Para alguém que não pode nadar, você é péssimo em improvisação —, eu disse.

— Você tem que admitir que é engraçado —, ele disse. — E você tem que saber que eu encontrarei uma maneira.

Com o submarino balançando alegremente no lugar, Criminy me deixou com o periscópio para procurar no resto do navio por ideias. Eu

adivinhaei que nós estávamos a meia milha de distância da ilha. Eu podia ver os telhados de telhas vermelhas e palmeiras erguendo-se por de trás do muro, mas isso era tudo. Não havia Policiais ou torres de vigilância ou metralhadoras, mas eu nem sabia se essas coisas existiam nesse mundo. Ainda.

Metal e madeira e corpo colidiram no corredor. Criminy amaldiçoou e apareceu com um rolo de corda suja em volta de um braço e uma bolsa de lona grande arrastando atrás dele. Ele estava explodindo com energia, como um garotinho em uma viagem de Escoteiro.

— Encontrei uma balsa —, ele disse. — E uma corda.

— Por favor, me diga que eu não vou rebocar você até a ilha —, eu disse.

— Oh, isso poderia ser divertido —, ele disse com um sorriso. — Mas não é a década de 1600, querida. Ela vem com um propulsor.

— E as armas? — eu perguntei.

— Você acha que nós vamos invadir a ilha, hein?

— Bem, para raciocinar. Se há algo de valor para ser guardado, eles estarão ... você sabe. Guardando.

Ele olhou pelo periscópio. — Eu não vejo guardas. Ou armas. Nem mesmo a sugestão de uma engenhoca.

— Para mim, isso parece como uma armadilha. Como se eles estivessem esperando por nós.

— Então como você propõe que nós saltemos essa armadilha, querida?

— Eu não sei —, eu disse, exasperada. — O que mais você tem no seu mundo maluco? Sensores de calor? Campos minados? Dirigíveis? Armadilhas de Atobás? Metralhadoras? Raios encolhedores? O que?

— À parte dos dirigíveis, que são muito caros e raramente usados para rotas comerciais no exterior, a maioria do que você acabou de dizer não faz sentido algum —, ele disse, tão encantado quanto uma criança ouvindo uma língua estrangeira pela primeira vez. — Mas tudo isso soa bastante perigoso. Especialmente a parte sobre os atobás.

Eu esperei, sobrancelhas erguidas.

Ele suspirou. — Olhe, amor, eu sei que eu pareço como um gênio habilidoso, mas de fato, eu sou apenas um mágico que ocasionalmente mata um coelhinho e conduz um trem.

— Então nós vamos apenas nos arremessarmos para a praia em nossa balsa e caminharmos até o portão e gentilmente solicitarmos uma entrevista com Jonah Goodwill? — eu perguntei.

— Você continua se esquecendo de nossas duas grandes forças —, Criminy disse.

— Quais são?

— Minha magia e esses arpões.

25



Nós ainda estávamos dentro do submarino quando Criminy fez seu feitiço de invencibilidade em nós dois. Justo como eu me lembrava do campo na minha primeira manhã em Sang, eu senti um gotejamento frio que se espalhou até que eu pudesse ver através de mim mesma, minhas roupas masculinas, e até mesmo Uro no meu pulso. Era muito estranho, ver uma moldura de mariposa luna⁴¹ pendurada na parede de veludo vermelho através da metade visível do rosto sorridente de Criminy, como se ele fosse feito de vidro. Com outra manobra dos seus dedos, a balsa e os arpões se uniram a nós em semelhante transparência.

Em seguida nós subimos a escada e saímos no telhado do submarino. Criminy jogou a balsa quase transparente no ar, e ela explodiu à forma e

⁴¹ É uma espécie de mariposa, de cor esverdeada com manchas em formato de lua nas quatro asas.

aterrissou na água com um golpe. Eu estava satisfeita que nós pudéssemos parcialmente ver um ao outro e nosso equipamento, porque saltar em uma balsa verdadeiramente invisível teria sido impossível.

Criminy saltou com o seu arpão e me ajudou a descer. Com o toque do botão de propulsão, nós fomos zumbindo em direção à bonita, porém, mais provavelmente, ilha mortal. Foi uma viagem curta, e Criminy usou seu tempo para me mostrar o simples mecanismo de disparo do arpão.

— Nós temos um disparo cada, amor, ele disse, deslizando meu dedo ao redor do gatilho de uma maneira muito íntima. — Então faça valer à pena. E não se esqueça que nós estamos invisíveis. Uma bela ponta de arpão no rosto fará maravilhas. E em seguida nós roubamos suas armas.

— Mas o que nós fazemos? — eu perguntei. — Além de quebrar dentes e roubar coisas? Como nós sabemos para onde ir?

— Nós vamos nos esgueirar pelas redondezas até nós descobrirmos essa parte —, ele disse. — Apenas me siga. Vai ser divertido.

Quando a balsa estava quase na areia, eu pulei na água na profundidade do tornozelo para arrastá-la. Eu esperava Criminy ao meu lado, mas ele ainda estava sentado na balsa com um sorriso engraçado no seu rosto meio-invisível.

— Desculpe, querida —, ele disse —, mas você terá que me arrastar. Eu toco nessa coisa salgada, e eu não vou ser de muita ajuda a você. Pode até fazer a magia vacilar.

Então eu arrastei a balsa sozinha e a encalhei, marcando-a no lugar com um grande aglomerado de madeira flutuante. Criminy pisou em cima da areia, seco e animado. Eu agora tinha botas encharcadas, meias flácidas, e ásperos e úmidos bermudões. Mas isso valia ao saber que meu medalhão estava finalmente dentro do alcance.

Com um alegre “Podemos?” ele correu em direção ao mato, mais rápido do que eu podia acompanhar. Nós mergulhamos nas sombras, esquivando as árvores tropicais caídas e arbustos floridos. De perto, cerca de seis metros no nosso esconderijo na mata, o paredão era realmente bastante

bonito, com conchas brilhosas e ouriços e pedaços de areia e mica misturados. Estava morno e arejado e absolutamente nada como alguma ilha que já existiu perto da Bretanha. Teria feito maravilhas para a atividade turística no meu mundo.

Mas o feito foi arruinado pelos crânios enfileirados em cima do paredão ameaçador, bem embaixo do arame farpado.

Criminy exalou pelo seu nariz da maneira que os homens faziam quando eles estavam prestes a retornar às suas raízes das cavernas e bater em algo até a inconsciência. — Eles são todos Bludmen —, ele disse. — E mulheres. E crianças.

Eu não podia dizer a diferença ao início. Mas então eu vi os dentes. Ao menos os crânios eram velhos, amarelados no sol. Nada fresco.

— Aquele miserável vai pagar —, ele rosnou debaixo da sua respiração.

Sob o abrigo da mata, nós corremos junto do paredão, procurando por uma forma de entrar. Não havia janelas, sem entalhes, sem pessoas. Nada. Não durante muito tempo. Apenas barulhos estranhos no interior, de colisões e fungar e os sons de movimentos. Finalmente, quando pareceu como se nós tivéssemos corrido todo o caminho dando a volta na ilha, nós nos deparamos com um conjunto de portas duplas amarradas com pesadas, correntes enferrujadas e um enorme cadeado.

Criminy olhou para isso e gargalhou.

— Tudo isso, velho? Tudo isso, e é apenas um cadeado?

— Mas talvez haja guardas no lado de dentro —, eu disse. — Talvez ele esteja trancado?

— Apenas uma maneira de descobrir —, ele respondeu, e ele me entregou seu arpão.

Antes que eu pudesse perguntá-lo como ele esperava que eu disparasse dois arpões invisíveis de uma só vez, ele tinha corrido todo o paredão e deslizado como um gato escalando uma árvore. Eu larguei seu arpão e coloquei o meu no meu ombro, esperando por algo horrível acontecer, para

a armadilha brotar finalmente.

Ele olhou rapidamente sobre o paredão para dentro do complexo e mergulhou de volta. Depois ele lentamente olhou para trás e inclinou sua cabeça em um ângulo estranho. Ele deslizou embaixo de um arame farpado e desapareceu. Eu estava quase hiperventilando com preocupação e curiosidade, e meu dedo estava instável no gatilho do meu arpão.

Algo explodiu no interior. As correntes caíram para longe, e a porta guinchou aberta. Criminy saiu, não mais transparente, com o sorriso mais estranho no seu rosto, incrédulo, mas divertido.

— Acompanhe-me, Letícia —, ele chamou. — Não há ninguém aqui.

Ainda nervosa e desconfiada, eu ergui seu arpão e saí na ponta dos pés da sombra e para dentro do olhar brilhante do sol. Eu não podia entender que a ilha estava vazia, que ninguém estava esperando para me machucar. Criminy estendeu sua mão enluvada. Eu a peguei, e ele meio que me arrastou pela porta e além do paredão branco.

Estava totalmente deserto.

Nós tínhamos encontrado a ilha de fábula de Goodwill, isso com certeza. Mas ele não estava ali, e nem estava qualquer outra pessoa. Apenas vários e vários animais, uma autêntica arca de Noé que explicava todos os barulhos estranhos que eu estive ouvindo. Alguns deles eram criaturas que eu nunca tinha visto antes, e nenhum sequer era um predador.

Criminy fechou a porta suavemente atrás de nós, murmurando —, Nós não queremos essas pobres criaturas vagando dentro da selva ou no mar. Poderia muito bem amarrar placas ao redor dos seus pescoços com ‘Me coma’ neles.

Eu sorri para mim mesma com a ironia de um perverso predador e

degolador preocupado sobre a segurança de suaves e macios inocentes do mundo animal. Ele estava certo, contudo. Os animais não tinham medo. Assim que ele me tornou visível novamente, veados e girafas e vacas e um estranho tipo de porco-espinho de cauda comprida estavam todos farejando e fungando esperançosamente para mim, e me senti um pouco culpada que eu não tivesse trazido uma bolsa de pão ou bananas para eles. Todos eles se esquivaram de Criminy, contudo, e uma lhama até mesmo cuspiu nele.

— Não se pode esconder o blud —, ele disse com um dar de ombros.

Eu me empurrei passando pelos animais famintos, e nós seguimos direto para cima ao prédio principal, uma mansão de dois andares que parecia como se tivesse sido erguida saído de uma versão Americana do pitoresco México. Paredes brancas, telhas de telhado laranja escuro, uma fonte em um pátio. Era lindo, do lado de dentro e do de fora. Mas sem humanos absolutamente. Apenas ecos e bizarrice. Alguém tinha estado ali recentemente, visto que a fruteira na mesa estava cheia com mangas frescas e abacaxis. Eu estava muito ansiosa para comer, mas eu recolhi água de uma fonte com minha mão depois de subitamente perceber que eu estava seca.

Nós verificamos cada quarto, arpões a postos. E nós não encontramos ninguém.

Criminy fez uma busca nos armários e verificou debaixo das camas. Eu peneirei pelos baús e cômodas e tudo que poderia de uma maneira concebível esconder tesouros. Meu medalhão não estava em nenhum lugar que pudesse ser encontrado.

Nós tentamos o refeitório depois. As cinzas no fogo ainda estavam mornas e sob o espeto, o qual segurava um abandonado pernil de carne, queimado ao osso.

Além disso, nós encontramos um campo de areia com uma alta torre, várias argolas de metal cavadas no chão, e uma biruta⁴².

— O miserável tem um revestimento de metal —, Criminy disse sobriamente. — Sem impressionar que ele continue nos derrotando. É

⁴² É um instrumento que serve para mostrar a direção do vento.

apenas duas horas até Manchester de dirigível.

Pareceu que o ar tivesse sido retirado de mim.

— Daqui para Manchester? — eu balbuciei. — Meu medalhão está a todo o caminho de volta a Manchester agora?

— Sem choradeira, amorzinho —, ele disse suavemente. — Nós vamos consegui-lo de volta.

Ele me dobrou em seus braços, arpão e tudo, e eu comecei a fungar, depois chorar completamente. Se o velho tinha nos trapaceado, nos ultrapassado, ou apenas coincidentemente partido da sua ilha não estava claro, mas ele estava sem sombra de dúvidas muito distante, como estava meu medalhão.

Eu me agarrei a Criminy como se ele fosse a única coisa entre mim e a loucura. Talvez ele fosse. Ele me segurou, me afagando, e murmurando gentilezas no meu ouvido. Eu não pude evitar em pensar sobre meu outro mundo, me perguntando se meu corpo já estava em um hospital, se sim, quanto tempo demorou para minha avó orgulhosa ceder e contratar uma nova enfermeira para cuidar dela. E se ela tentou sair da cama sozinha e quebrou um quadril? E quem estava alimentando Sr.Surly? Mas eu não ia ficar sentada, inutilmente me entregando a minha própria frustração. Eu precisava agir. Eu peguei o lenço de mão que ele ofereceu e assoei meu nariz.

— Tem que haver alguma pista aqui em algum lugar —, ele disse. — Porque para onde quer que ele tenha ido, nós não vamos alcançá-lo hoje. Poderemos muito bem nos secar e descansar. — Ele deu tapinhas debaixo do meu queixo. — E deixar seu traseiro descansar depois daquela cavalgada, hein?

Mas eu não tinha terminado. Eu vi uma outra construção no outro lado da pista de pouso, e eu esmaguei a areia, deixando pegadas de botas molhadas atrás de mim. Criminy me alcançou, segurando seu arpão a postos.

A última construção se assemelhava a um barracão de depósito, uma

simples cabana sem janelas com a mesma parede lisa branca e telhas laranja no telhado. No meu mundo, teria guardado alguns enferrujados, cortadores de grama sem uso e lâminas de cortar grama do vizinho há tempos esquecido.

Quando nós nos aproximamos, eu senti Criminy ficar tenso, e ele mirou seu arpão para a porta.

— O que é? — eu sussurrei, chicoteando meu próprio arpão no lugar contra meu ombro muito menos graciosamente e quase me golpeando no nariz.

— Há alguém no lado de dentro —, ele disse. — Uma Bludwoman. Eu posso cheirá-la.

A ilha estava silenciosa enquanto nós nos arrastamos em direção à cabana. Bem, exceto pelo mugido aleatório e ocasionais chifradas, pelo confronto de animais, mas aqueles barulhos eram normais e reconfortantes. Nenhum som veio de dentro do anexo.

Quando nós estávamos bem do lado de fora da porta, Criminy latiu — , Quem está aí? — na mais terrível voz.

Houve um pequeno barulho no lado de dentro, um som de raspagem. Depois uma tossida. Depois uma palavra, quase um sussurro áspero.

— Socorro.

— Nós estamos entrando! — Criminy gritou, e ele chutou a porta.

Estava escuro como piche no lado de dentro, exceto pelo perfeito retângulo de raio de sol radiando através da moldura da porta. Ciscos minúsculos de poeira e areia dançavam no ar, e nós esperamos.

A tossida veio novamente, seguida pelo arrastão e ruído. Correntes.

— Criminy? — ela sussurrou da escuridão.

— Tab? — ele disse, correndo para dentro da sala. — O que eles fizeram com você, moça?

Eu fiquei bem do lado de fora da porta, desejando que eu pudesse ver o que estava acontecendo no interior, mas com medo de chegar mais perto. Eu ouvi um alto tinido e um ofego, e eu me inclinei na porta.

Da escuridão, algo voou para mim muito rápido para ver. Eu tentei gritar, mas o som foi sufocado enquanto eu colidia na areia com um corpo me conduzindo ao chão. Garras pousaram ao redor da minha garganta, pressionando na minha traqueia.

Então eu fiz o que qualquer mulher sensível faria.

Eu desmaiei.

26



- *Leticia*, amor, volte para mim.

A voz desesperada de Criminy zumbiu à distância, irritada.

Em seguida eu ouvi um sussurro estranho —, O que você vê nessa coisa? É anormal.

Eu ouvi um engolir e um suspiro melancólico.

Eu não conhecia a voz, mas o tom era muito familiar, me chamando de volta da inconsciência. Havia algo a se temer ali. Eu mantive minha respiração uniforme, meus olhos fechados.

— Não há nada anormal em amar alguém —, Criminy disse. — Você só acha que é anormal, pois eu não amo você.

— Deveria ter sido eu —, ela disse. — Trinta anos atrás, quando Marissa lhe deixou, eu estava ali. E você me ensinou truques básicos, e você

me deu tapinhas debaixo do queixo. Eu estive ali todo o tempo, esperando. E então ela apareceu e começou a pairar sobre aquela estúpida bola de cristal, e você insistiu em agir como uma criança apaixonada. É nojento.

— Você é uma garota doce, Tab, mas é apenas para não ser —, Criminy disse, então fez um som de sorver e limpou sua garganta. Eu estava tocada com a sua devoção, mas me ocorreu que houve apenas uma coisa que ele comeu, e ele tinha deixado seus frascos de sangue na sacola perdida.

O que na terra eles estavam sorvendo?

— Não é muito tarde, sabe —, a fêmea disse, sua voz assumindo um alegre, mas sedutor aspecto.

Oh, por favor, eu pensei, inconscientemente rolando meus olhos.

— Foi muito tarde o dia que ela chegou —, Criminy disse. — Olhe, Tab, você é bonita e adorável e inteligente e tudo, mas nunca houve uma faísca aqui. Você vai fazer algum Bludman muito feliz um dia, mas nunca serei eu. Você tem que superar isso, garota. Você tem que seguir em frente.

— Oh, como você seguiu? — ela ronronou. — Eu me lembro de você, nos dias que Marissa partiu. Eu me lembro daquelas noites nos pântanos. Apenas você e eu no altar blud sob a lua. Aquelas foram noites boas, Crim.

— Sim, foi divertido —, Criminy disse, e eu pude ouvir irritação rastejando na sua voz. — Mas não foi nada além disso.

— Poderia ser. Eu poderia terminar com isso agora. Nós dois podemos tomar dela.

Rápida como uma cobra, houve um estranho tapa de uma grande mão enluvada em um rosto duro.

— Nunca fale isso —, ele rosnou. — Ou *eu irei* terminar com *você*.

— Falando nisso, Tab, eu estou curioso. Como você chegou aqui?

— Você nunca sequer soube que eu estava ausente, soube? — ela chorou. — Seu miserável auto-centrado! Que rei cigano você é, nem sequer sabendo quando um dos seus se foi!

— Ermelie disse que você teve um difícil caso de problemas femininos —, ele disse, soando estranhamente puritano.

— E você não sabia que ela estava mentindo? Ela sempre mente!

— O que acontece entre as suas pernas não é da minha maldita conta —, ela vociferou. — Eu tinha outras preocupações.

— Eu fugi, se você quer saber. — Ela fungou. — Bem depois de eu ouvir que ela ia ler a sorte dos carnivalleros. Eu não queria que ela me tocasse, o que é vil.

Criminy riu. — Não queria que ela visse seus sentimentos verdadeiros por mim, hein? É compreensível. Mas eu tenho certeza que você não fugiu para essa ilha encantadora por vontade própria.

— Eu peguei minha bolsa de viagem e segui as trilhas de volta para Wolvenhampton. Eu descobri que eu podia começar do zero por algumas décadas, esperar pela sua concubina morrer ou envelhecer e ficar feia. Mas os Policiais me encontraram, justo do lado de fora da caravana. Dois deles e um homem velho.

Ela ficou em silêncio. Criminy esperou. Eu quase abri meus olhos e disse a ela para ir logo com isso, já.

— Ele tem um caráter desagradável, aquele Jonah Goodwill. Quase me drenou, como você pode ver. Pareceu terrivelmente interessado em você e na sua dama. — Ela pausou, e eu ouvi algo estalar. Soou como um osso. — Não tive a intenção de contar tudo para eles, mas eu contei.

— Tortura e drenagem não é o seu caso, gatinha? — Criminy perguntou, e eu imaginei a peculiaridade em seus lábios, o humor nos seus olhos.

— Não ao menos que eu esteja do outro lado do chicote —, ela sussurrou, um ronronar sedutor na sua voz. Eu tinha acabado de ter o suficiente da sirigaita, e eu nunca sequer a tinha visto.

Eu me sentei. Mas quando eu abri meus olhos, eu percebi que a *tinha* visto antes, embora ela tivesse parecido muito diferente na época. Era Sirena, a sereia da caravana, mas ela tinha pernas. Um bocado de pernas, espiando do seu vestido em meias arrastão rasgadas e saltos altíssimos. E, lógico, ela estava esparramada na areia, dando a Criminy muito o que olhar.

Até mesmo mais perturbador, contudo, eram as coisas mortas espalhadas ao redor e na frente da choupana. Vacas, veados, ovelha, uma girafa com um pescoço dobrado estranhamente. Nenhuma gota de sangue podia ser vista, e os corpos esvaziados estavam todos colocados calmamente, lado a lado. Era como uma horrível festa do pijama no Zoológico de San Diego. Eu me encolhi.

— Letícia, amor, como você está? — Criminy perguntou, esticando a mão para acariciar meu rosto.

A recentemente torturada, mas deslumbrante loira Blutmulher riu afetadamente para mim ao lado de Criminy. Lendo meu rosto, ela sorriu, mostrando-me todos os seus pequenos dentes brancos afiados coloridos com sangue animal. Ela me lembrou de um arminho⁴³, algo pequeno e macio que iria silenciosamente se dobrar ao redor do seu pescoço por anos e então um dia arrancar sua órbita por nenhuma boa razão.

— Não tão bem —, eu disse, me puxando para levantar e recuando deles em direção à sombra formada pela cabana. Eu senti meu pescoço, o qual tinha um dos lenços de Criminy amarrado confortavelmente ao seu redor. — Ela me mordeu?

— Não, querida, ou ela estaria morta. Ela feriu você, e eu adicionei o lenço de mão para que ela não tentasse novamente. — Ele olhou furioso para ela, e ela riu.

— Primeiro de tudo, eu ouvi toda a sua conversa. Segundo de tudo, como a sereia está andando? — Parecia uma pergunta ridícula, mas isso iria me corroer até que eu soubesse.

— Ela não é uma sereia de verdade —, Criminy disse, evitando ambos os nossos olhares. — Mas a pequena Tabitha Scowl não tem uma aptidão para nada mais na caravana. Ela não tinha mais nenhum lugar para ir, então eu dei a ela uma cauda falsa e um feitiço de respiração e a joguei em um tanque de água da lagoa para enganar os Pinkies.

— Eu tinha uma aptidão, mas você ainda não teria me usado como

⁴³ É um carnívoro mustelídeo de pequeno porte pertencente ao grupo das doninhas.

uma aprendiz —, ela disse furiosa, curvando suas mãos com luvas lavandas em garras.

— Sim —, Criminy disse, sorrindo. — De alguma forma eu senti que não podia confiar em você.

— Imaginei isso —, eu disse, recuando. Eu tropecei sobre a perna de uma gazela morta. Criminy me pegou e me arrastou para baixo na areia, me aconchegando ao seu lado e colocando seu braço ao meu redor.

Do nosso outro lado, Tabitha se levantou e espanou a areia do tafetá ameixa do seu vestido rasgado. Ele estava rasgado na coxa e queimado em lugares, e o efeito era bastante sedutor. Eu me senti plana e sem graça nas minhas roupas masculinas e eu senti falta do meu vestido de cor borgonha mais do que nunca.

Ela entrou na cabana, chutando areia. Ela foi diminuída pela entrada da porta, minúscula, provavelmente nem mesmo um metro e cinquenta de altura.

— Criminy, ela é—

— Uma criança? — ele perguntou, adivinhando minha pergunta. — Ela tem mais de cem anos de idade. Mas ela tinha apenas quatorze quando ela foi transformada. Aparentemente, ela não tinha uma vidente para dizer-lhe para ficar fora dos becos escuros à noite.

Ela saiu como um furacão, segurando uma pequena bolsa frisada e um dramático, molengo chapéu coberto de plumas negras. Largando no chão, ela puxou um pó compacto da bolsa e começou a fazer sua maquiagem.

— Goodwill e seus homens partiram para lidarem com a Brighton em chamuscas —, ela disse sem olhar para cima. — Então quando nós partimos?

A balsa estava terrivelmente cheia na viagem de volta ao submarino. Para uma criatura minúscula, Tabitha Scowl ocupava bastante espaço.

Antes de partir, nós saqueamos a casa e encontramos algumas pratarias de valor e bugigangas para roubar, mas infelizmente, nenhum diário secreto descrevendo os planos diabólicos de Goodwill. Nós nem sequer encontramos uma porta secreta, e, lógico, uma ilha rasa não podia ter um porão. Meu vislumbre da quadrilha na adega tinha definitivamente sido na cidade.

Criminy abriu o alçapão do submarino, e Tabitha foi a primeira a descer a escada. Pessoalmente, eu tinha meio interesse em trancá-la e pegar a balsa de volta à civilização.

— Quando nós chegarmos em Brighton —, Criminy disse, — você está por sua conta.

— Ótimo —, ela disse. — Eu tive que ser um peixe falante, de qualquer forma. — Em seguida ela sorriu timidamente e disse —, E quem sabe? Você pode mudar de ideia. Eu posso ser útil.

Em seguida ela voltou ao quarto com um safanão e bateu a porta tão alto quanto possível, o que não foi nenhum pouco alto. Criminy e eu, ambos, suspiramos de alívio e escorregamos pelo chão. O corredor era tão estreito que nós sentamos em lados opostos, joelhos se encontrando pelo caminho. Eu o preendi com meu olhar, e ele rolou seus olhos dramaticamente.

— Eu posso evitar que todas as potranças jovens se apaixonem por mim? — ele disse. — É provavelmente o sotaque.

— Todos aqui têm o sotaque —, eu resmunguei. — É provavelmente o cabelo.

Ele se moveu para minha parede e colocou seu braço ao redor dos meus ombros. — Honestamente, amor, eu estive rechaçando aquela pequena sirigaita por anos. Não tinha ideia que ela era tão diabólica. Se eu tivesse, eu poderia ter gostado mais dela. Ou estalado seu pescoço. Poderia

ter terminado de uma maneira ou de outra.

— Nem sequer comece —, eu disse, cutucando-o. — Ela disse tudo a Goodwill. Ela nos traiu.

— Realmente, ela traiu *você* porque ela me *ama* —, ele provocou. — É muito cativante.

— Ela fica em Brighton —, eu disse. — Ou eu vou jogar você no farol, e você pode se divertir com aquele fantasma por um tempo.

— Mas ela pode provar ser de utilidade —, ele disse.

— Ela. Fica. Em. Brighton.

— Tá bom, tá bom. Ela fica em Brighton —, ele disse, beijando minha testa antes de se levantar e se mover ao painel de instrumentos. — Então vamos chegar lá e largá-la aos pobres e desavisados inocentes.

A viagem de volta foi rotineira, especialmente comparada com nossas horas anteriores no submarinho. Eu me senti um pouco ansiosa sobre o que tinha passado entre nós, e por mais que eu não gostasse da nossa nova passageira, eu estava satisfeita em evitar horas ociosas em um quarto visivelmente útil. Meus sentimentos sobre ele estavam até mesmo mais complicados depois de ceder ao seu impulso magnético e minha própria luxúria. Eu me sentia mais próxima dele, mas eu também me sentia menos como mim mesma. Eu não sabia o que eu mais precisava: tempo para pensar, tempo para dormir, ou tempo para explorar meus sentimentos. Ou o coração de Criminy. Ou o seu corpo.

Criminy estava excepcionalmente quieto. Eu não sei se isso era porque ele estava preocupado comigo, sobre encontrar Goodwill, sobre como lidar com Tabitha, ou todas as anteriores. Eu não queria perguntar.

Eu sabia que Criminy tinha explorado o navio, mas a única porta que

eu abri tinha sido o quarto. Ocorreu-me que eu não tinha comido nada além de biscoitos nas últimas vinte e quatro horas. Sem impressionar que eu estivesse tão trêmula e emocionalmente exausta. Eu fui direto para a cozinha do navio.

Um pequeno cubo esmaltado como aquele no apartamento de Antonin estava preso na parede. O ar no interior estava frio, contudo, não o sangue-morno. O interior tinha latas geladas de estranho, leite grosso e algumas frutas murchas. Atrás das portas deslizantes dos armários, eu encontrei latas de sopa e várias embalagens de biscoitos de navio, os quais eram aparentemente uma forma antiga do Pop-Tart ⁴⁴ construídos inteiramente de cimento.

Eu terminei com uma tigela de sopa fria e transparente, um copo de creme grosso, e tépida salada de frutas. A maçã era rosa por dentro, e a tangerina estava na sua maior parte seca. Eu não ia tentar os biscoitos de pedra. Eu me sentei no banquinho preso no chão e olhei para o meu almoço. Meu pensamento principal foi *eca*. Provavelmente a mesma coisa que Criminy pensou quando ele e Tabitha tinham se deleitado no zoológico de Goodwill. Tinha gosto de lixo, mas você podia viver com isso.

Depois de forçar o almoço abaixo e encontrar o banheiro, eu me enrosquei no chão do corredor e cai no sono. Eu estava apenas vagamente consciente de Criminy me recolhendo, depositando-me no pequeno sofá, e deslizando outra porta-painel fechada, deixando-me na sala de estar do gentil submarino ronronando. O beijo que eu esperava na minha testa nunca veio. Eu dormi inquieta, todo o caminho para Brighton.

⁴⁴ É um biscoito pré-cozido recheado feito pela Kelloggs, possuem uma massa fina e uma cobertura açucarada, e é recheada por duas camadas de recheios variados.

Eu acordei várias horas mais tarde quando o submarino estabeleceu a uma parada. A porta do ambiente ainda estava fechada, e eu encontrei Criminy sozinho no painel de instrumentos. Eu sorri sonolenta e coloquei minha cabeça contra seu ombro, mas ele deu de ombros e me retirou irritado e foi para o periscópio.

— Ainda está com fumaças —, ele disse com um franzir de cenho. — Todos os navios nas docas se foram, e eu não posso ver uma única criatura viva.

Eu bocejei. — Eu fico feliz que eles tiveram o juízo de fugir —, eu disse.

— Não necessariamente. Alguém poderia ter soltado os navios, colocá-los à deriva para negar ao povo do interior uma saída. Ou eles podem ter sido afundados. Ou queimados.

— Eu não posso acreditar que alguém faria isso —, eu disse, embora eu soubesse muito bem que até mesmo coisas ruins tinham sido feitas no meu mundo. — E de qualquer forma, nós veríamos pedaços deles boiando ou queimando, e você não vê nada disso, vê?

Ele recuou silenciosamente para me oferecer os óculos.

Minha visão se focou, e minha mandíbula caiu. — É terrível —, eu murmurei.

E era. Densa fumaça subia de vários prédios grandes e em chamas e em uma ampla faixa de devastação na parte oeste da cidade. Era um incêndio estratégico. Negros pináculos de madeira se prendiam contra o céu cinza como dentes irregulares quebrados em nítido contraste com o resto da cidade, o que aparentemente estava ilesa.

— As fábricas —, Criminy disse silenciosamente. — E Darkside.

— Quantas pessoas viviam ali? — eu perguntei.

— Talvez quinze mil —, ele disse. — Um quarto de Pinkies para três-quartos de Bludmen, quase todos trabalhando nas fábricas ou servis. Era uma cidade escrava.

— Mas eu não entendo —, eu disse. — Eu achei que vocês não pudessem se ferir. Tão facilmente quanto humanos, eu quero dizer.

Ele gargalhou amargamente. — Oh, não. Nós podemos nos ferir, e nós podemos morrer. Nós queimamos tão facilmente quanto vocês. Nosso sangue pode ser diferente, mas nós ainda somos feitos de carne. A maioria dos Blutmen naquela cidade está morta.

Nós ouvimos a porta do quarto deslizar-se abrindo, e Tabitha caminhou corredor abaixo e apanhou o periscópio das minhas mãos.

— Você não está me largando aqui —, ela disse, olhando acima da Criminy com um sorriso malicioso. — Isso seria equivalente a assassinato.

— Então nós vamos deixar você em Feverish, o qual é apenas algumas milhas subindo a estrada —, ele disse. — Eu não irei condenar você, mas eu não irei viajar muito longe com você, também. E a propósito, você está demitida.

— Há! — Ela cacarejou. — Você não pode me demitir. Eu me demito.

Criminy bateu no painel de instrumentos, virando mostradores e agitando interruptores. Eu senti um suave puxão enquanto o submarino mudava o curso.

— Nós vamos contornar a cidade. Nós iremos andar nos pântanos para Feverish e encontrar uma maneira de voltar à Manchester.

— Mas e se Goodwill ainda estiver em Brighton? — eu perguntei.

— Então nós iremos vencê-lo em casa e esperar que ele saia —, Criminy disse firmemente. — Algo me diz que o velho rabugento gosta do seu conforto e sua segurança. Ele apenas ficará em Brighton o bastante em impingir a limpeza em outra pessoa.

Era uma boa decisão. Eu estava grata que nós não tentamos as docas. Mesmo enquanto a nossa balsa se aproximava de uma praia solitária bem distante da costa, eu ainda podia sentir o cheiro de fumaça da cidade em chamas, e ela cheirava como churrasco e fogo de inverno. Eu salivei por um segundo antes de eu me lembrar da fonte do cheiro tentador, depois eu

vomitei na lateral da balsa antes de nós alcançarmos a terra.

Tabitha riu. — Ela é durona, hein?

— Guarde o comentário para si, moça, ao menos que você queira um empurrão gentil —, ele disse, mas ele sorriu.

— Eu não acho que eu me importaria com um empurrão gentil de você —, ela ronronou.

— Não são coisas gentis que eu estou imaginando, Tab.

Ela deu a ele um sorriso deslumbrante e lambeu suas presas. Ele riu.

Eu estava mais do que um pouco impressionada. Ele realmente estava flertando com a harpia assassina?

Eu enxuguei minha boca e me encolhi no fundo da balsa, miserável.

Fora a irritação, eu não ofereci para rebocar a balsa através do mortal mar salgado, mas a arrebentação fez isso para mim. Nós fomos lançados para a praia com um estrondo, e Criminy pulou para fora para me arrastar sobre a areia. Tabitha saltou agilmente no chão e rebolou em direção ao pântano. Os olhos dele seguiram sua bunda enquanto eu arfava e engasgava aos seus pés.

Eu aparentemente tinha uma rival, e Criminy não pareceu se importar tanto quanto antes.

Eu estava muito mais incomodada do que eu queria estar.

Foi meio dia de caminhada até Fererish, a qual estava inalterada. Sem incêndios, sem influxo de novos cidadãos ou visitantes, o que provou o ponto de Criminy. Os Bludmen de Brighton se foram. Nós estávamos sombrios e encharcados quando o mesmo rapaz correu para nos cumprimentar. Eu permaneci mal-humorada e em silêncio todo o caminho enquanto Criminy e Tabitha conversaram e flertaram. Ele segurou a porta

aberta para ela, e ela a deixou bater em mim. Eu mal tive a energia ou a vontade de apanhá-la. E então nós estávamos diante de Mestre Haggard.

— Você tem vaga, senhor? — Criminy perguntou como se ele eles nunca tivessem se conhecido.

— Nós temos, rapaz —, o velho respondeu. — Quantos quartos?

— Três, por favor —, Criminy disse. — Se você aceitar isso como pagamento.

Eu estava surpresa em sentir meu coração cair como uma pedra. *Três?* Enquanto Criminy puxava uma mão cheia da prata gravada de Goodwill do seu colete e Mestre Haggard assentia solenemente, minha mente estava acelerada. Três quartos? O que ele estava fazendo?

E por que eu me importava tanto? Apenas porque ele fez meus dedos dos pés curvarem-se na cama não quis dizer que eu o amava ou que nós tínhamos feito alguma promessa.

Se Tabitha estava se sentindo vitoriosa, não pareceu. De fato, ela pareceu mais irritada do que nunca. Mas nós duas seguimos resignadas enquanto Mestre Haggard nos mostrava os três quartos consecutivos em um longo corredor. Criminy pegou o quarto do meio. Tabitha e eu disparamos adagas com o olhar, uma para a outra. Eu me senti como em uma excursão da escola secundarista, e eu era a idiota com suspensórios.

— Boa noite —, Criminy chamou suavemente enquanto ele fechava sua porta.

Minha porta e a da Tabitha bateram fechadas ao mesmo tempo.

No breu da madrugada, minha porta estremeceu aberta. Eu ergui dos meus sonhos sorrindo.

Ele tinha voltado para mim.

Eu me afastei na cama para dar espaço a ele, esperando que a escuridão escondesse meu alívio e a vertigem de menina. Eu não queria

parecer muito ansiosa.

A porta fechou suavemente. Eu não podia ver sua sombra ou ouvir seus passos. Ele tinha apenas me checado e voltado para o corredor?

— Criminy? — eu sussurrei.

E então uma luva se fechou sobre meu nariz e boca, conduzindo minha cabeça no travesseiro.

— Você realmente achou que isso iria dar certo? — veio um sussurro feroz.

Eu lutei, sacudindo minha cabeça para frente e para trás, mas a luva pressionada não se afrouxou. Eu choraminguei contra o couro suave e comecei a dar pinote e refugar em pânico. Eu não podia respirar.

O rosto de Tabitha apareceu centímetros do meu, seus olhos selvagens com fúria.

— Eu não sei que feitiço você usou, mas eu vou drenar você por tirá-lo de mim —, ela rosnou, um som tão baixo que eu mal pude ouvir. O cheiro de cobre, morte e carne crua, desprende dela e eu tentei não vomitar.

Eu lancei minhas mãos sem luvas para cima, agarrando seus olhos e correndo obliquamente suas bochechas com minhas unhas pontudas. Quando eu toquei sua pele, o solavanco veio espontâneo, e a surpresa me fez morder sua mão através da luva.

Sem admirar que ela não quisesse me tocar, antes ou depois. Ele a teria esfolado viva por isso.

Ela de fato não tinha sido capturada por Jonah Goodwill. Ela o tinha procurado assim que eu cheguei, uma Forasteira com um dom incomum. Ela estava ajudando os Polícias em troca de dinheiro e clemência quando ele desencadeava seu genocídio sobre o povo dela. Ela era uma espiã, uma armadilha, e uma assassina.

Mas ela deveria matar Criminy, não a mim.

Eu afundei meus dentes profundamente, esperando ouvir seus ossos estalarem.

— Não me morda, sua vadiazinha! — ela berrou, e então ela arfou quando ela percebeu como audivelmente seu berro correu para fora na pousada adormecida.

Portas se abriram no corredor, e passos soaram na minha porta. Tabitha verificou o quarto com terror, arrebentou a janela, e saltou para fora, arrastando sua longa cauda do seu vestido atrás dela. Tudo o que eu pude fazer foi deitar na cama, engolindo ar e tentando não desmaiar, porque eu tinha expressamente me proibido a fazer isso novamente.

Segundos mais tarde, Criminy me embalou em seus braços. mestre Haggard inclinou-se para fora da janela em um longo pijama cinza, seus olhos de basset hound⁴⁵ penetrando no escuro.

— Ela se foi —, Criminy disse com finalidade, e ele me segurou mais perto.

— Me desculpe, amorzinho —, ele disse. — Me desculpe.

Eu tremi por uma hora nos seus braços antes de cair no sono contra seu peito, e eu tive sonhos inquietos até o amanhecer surgir, vermelho e listrado através da janela aberta.

⁴⁵ Raça de cão, onde os olhos são caídos.



Criminy estava furioso consigo mesmo, e eu não conseguia fazê-lo se acalmar.

— Como eu não soube? — ele irritou-se. — Por que eu não vi isso?

— Eu acho que você estava um pouco focado em mim e no medalhão —, eu disse pacientemente. — E no fantasma, e em Brighton, e em Erris, e na caravana. E no genocídio.

— Isso é uma coisa —, ele disse. — Mas a maldita bruxa colocou um feitiço de amor em mim, e eu nem sequer notei. Deslizou ele dentro do meu bolso, provavelmente enquanto nós estávamos nos alimentando na ilha.

Ele me mostrou uma bolsinha de tafetá ameixa, rasgado da saia dela, amarrado com longos cabelos loiros. Era leve na minha mão, e eu senti minúsculos ossos no interior e algo suave.

— Ossos de pássaros, grama do pântano, espinhos de rosas, e meu cabelo —, ele disse amargamente. — Provavelmente burlado do meu próprio grimório quando eu não estava olhando. Um feitiço de amor. — Ele bufou. — Três quartos. Eu devia ter sabido nesse momento.

— Se você pedisse por dois quartos e levado-a ao seu, eu teria armado um escândalo —, eu respondi. — Mas eu achei... Bem, não interessa o que eu achei. Está encerrado agora. Vamos apenas ir para Manchester tão rápido quanto nós pudermos. Antes que ela chegue a Goodwill.

Ele pareceu mais do que feliz em deixar isso para lá. A viagem já era problema suficiente.

Erris já tinha ido há tempos, lógico. Com sorte, Mestre Haggard disse que a vila tinha um arcaico, mas confiável transporte útil e que nós éramos bem vindos a alugá-lo por dez frascos de sangue. Com Brighton em chamas, os prazos iam ficar escassos em Fererish. Eu continuei me lembrando que dez frascos era menos do que ele parecia, que eu tinha extraído muito mais dos meus pacientes enfermos. Ainda assim, logo que Criminy extraiu o sangue, eu me senti tonta, eu esperava que o transporte valesse à pena.

Quando Mestre Haggard lançou as portas rangendo abertas a um antigo estábulo para nos mostrar o transporte, eu não pude evitar além de rir. Eu tinha imaginado tanques, ciclomotores, trens em miniaturas, até mesmo um cavalo elétrico. Mas em retrocesso ao meu próprio mundo, lá estava uma antiga, carruagem de contos de fadas em prata e azul escuro pontilhado com ferrugem. Ela parecia um pouco como as quatro patas de um polvo. Tudo o que ela precisava era um time de cavalos brancos e um laçao, e eu teria me sentido como a Cinderela. Mas onde os cavalos deveriam estar estava um espaço, e nos fundos estava uma grande caixa de cobre com uma grande chave nele.

Criminy e Mestre Haggard deslizaram-na no sol fraco e pararam na frente da caixa para girar e girar e girar a chave, como uma caixa de música. Quanto mais longe ele ia, mais duro era para girar. Os dois homens estavam arfando e suando enquanto a tensão aumentava. Finalmente, eles soltaram,

e Criminy me ajudou a atravessar a porta em formato de coração azul em direção a um banco de veludo empoeirado. Ele pulou para dentro ao meu lado e agarrou o volante de cobre com ambas as mãos.

— Obrigado, Mestre Haggard —, ele chamou.

O velho homem ficou para trás com um lento, triste gesto, chamando —, Boa sorte, rapaz. Mantenha-a segura. E não se esqueça que feitiços funcionam de ambos os lados, incluindo o Chamado. Ela irá pagar o seu próprio preço, no tempo certo.

Eu não entendi suas palavras finais, mas ele fez parecer como se eu estivesse sob alguma maldição ao invés de encantamento. Depois ele ergueu um frasco do meu sangue aos seus lábios e bebeu, olhos fechados de prazer. O que foi assustador. Eu não estava completamente triste em ver o fim da pequena cidade de Feverish.

Criminy puxou a alavanca, e a carruagem zumbiu a vida e estremeceu junto da estrada suja com rodas bambas. Através do vidro do pára-brisa, a estrada à frente parecia se esticar pela eternidade, como uma faixa marrom no meio do pântano.

Pelas primeiras horas, nós continuamos firmes e em silêncio. Eu estava fraco da perda de muito sangue, e Criminy, eu acho, sentia-se desamparado e ferido por ter me usado como uma mula mais uma vez. Com sua mochila perdida nas cinzas de Brighton e sem multidões para se surpreender por um punhado de moedas de cobre, eu era o único caixa eletrônico na área. E nós estávamos os dois preocupados sobre Tabitha Scowl.

— Eu ainda não entendo —, eu disse por fim. — Goodwill a contratou para matar você e me sequestrar. Mas ela estava há uma batida de coração de me drenar e fugir com a caravana com você. Como se você

não fosse notar que eu morri. E como se Goodwill não a teria caçado.

— O amor faz todos nós de tolos, querida, e feitiços de amor são subservientes —, ele disse. — Eles atacam seus instintos mais básicos e inclinações naturais. Eventualmente, eu mesmo teria acreditado nele. Com você morta, com aquilo no meu bolso, com ela por perto... com o tempo, eu a teria amado. Malditos olhos os dela.

— Então por que você pediu três quartos ao invés de dois? — Eu perguntei. — Por que você não a levou com você?

— Eu não sei —, ele disse. — Talvez o feitiço não tenha sido feito corretamente. Talvez ela fosse muito fraca. Talvez você e eu, o que nós temos – talvez seja muito forte. É difícil me lembrar agora. Estava tudo confuso. Como estar bêbado, talvez.

— Bem eu fico feliz —, eu disse tão imparcialmente quanto possível. — Ela provavelmente teria traído você, no fim da contas.

— Isso é verdade —, ele disse com seu sorriso de lado. — Ela provavelmente teria. Não que você esteja com ciúmes ou nada assim.

— Apenas pensando sobre os fatos —, eu disse. — E ela teria o cheiro de peixe.

Ele irrompeu com aquela excessiva gargalhada alta, e eu tive que me unir a ele. Era muito engraçado, de uma certa perspectiva. Um triângulo amoroso com um mágico, uma vidente, e uma seria profissional, dois dos quais bebiam sangue e um dos quais era um alienígena de outro mundo.

Gargalhando assim, aliviou o humor consideravelmente. Eu acho que nós dois parecíamos um pouco como idiotas. Uma das suas mãos se arrastou para segurar a minha, mas então a carruagem cambaleou sobre uma pedra, e ele precisou de ambas as mãos para nos manter na trilha.

— Eu não pretendo continuar fazendo isso —, eu disse. — mas eu posso tirar um cochilo?

— Vamos ver. — Ele riu. — Você ficou quatro dias sem dormir, depois você nadou uma milha e foi mordida por bestas, depois você quase se assustou a morte por um fantasma, depois você foi devastada por um

galanteador em um submarino, e depois você quase foi assassinada duas vezes por uma deplorável, espiã mentirosa. Oh, e então você perdeu umas duas xícaras de sangue no seu caminho para encarar um Policial malévolo.

Eu ri. Ele tinha um tópico.

— Sim, doce tangerina. Eu diria que você merece um cochilo.

Nós tivemos que parar várias vezes para regirar a chave. A primeira girada durou mais tempo. Criminy sozinho não era tão forte para girá-la até o limite novamente, e eu estava muito fraca para ser útil. Eu dormi pela maior parte da jornada, acordando apenas quando o barulho de raspagem da chave girando me arrancou dos sonhos. Toda vez, eu desabava de volta em cima do assento depois de beber alguma água do cantil ou mastigar uns bolinhos que Mestre Haggard encontrou em uma antiga mala. Eu acordei mais uma vez com a frenética vontade de fazer xixi, apenas para correr gritando para fora de algum matagal com minha saia desamarrada, seguida por uma zangada família de raivosos esquilos-blud.

Quando a noite caiu, nós paramos para fazer uma fogueira. Criminy capturou e assou um coelhinho-blud para mim, e eu tentei não engoli-lo inteiro. Nós sentamos em longas toras, aquecendo nossas mãos nas chamas agradáveis, e Criminy me contou os contos de fadas de Sangish e historinhas de sua infância em Devlin. Ele era um artista tão natural que eu quase me esqueci dos meus problemas. Era fácil me perder em suas palavras, seguindo sua gargalhada e imaginando-o como uma criança, bonita e maliciosa nas ruas de uma cidade periférica distante.

— Mais —, eu disse. — Por favor. Não pare.

Com um sorriso, ele dançou e fez truques de mágica e cantou uma canção de ninar melancólica na baixa, chorosa língua dos Bludman. Ele fez

filhotes de sombras contra a fumaça e lançou purpurinas que fizeram o fogo ficar azul, e quando eu olhei para seu sorriso ansioso, eu estava dominada com adoração e gratidão. Eu estava começando a pensar que não havia nada que ele não pudesse fazer. Aqui nós estávamos, na estrada, em fuga, e ele podia me fazer sentir como se nós fôssemos crianças em uma viagem de acampamento. Era um dom valioso, e não somente dele.

— Chega, amor. Há bastante tempo para fazer você feliz. Mas essa noite você precisa de mais sono —, ele finalmente disse.

— Mas eu estou me divertindo —, eu disse. — Eu não quero que o amanhã chegue.

— É fácil fingir, não é? — ele disse, lendo minha mente. — Que isso é tudo o que existe? Viver o momento, sem se importar?

— Eu sei que você vai dizer. Coisas fáceis não valem à pena —, eu disse com um sorriso magoado, estendendo minha mão.

— Sua mão na minha vale um grande negócio, Letícia —, ele disse, ajudando-me aos meus pés. — É por isso que eu estarei lutando amanhã.

Para minha própria segurança, nós dormimos fora da estrada na nossa carruagem, esmagados juntos em estranhos ângulos. Eu estava com medo que seria desajeitado, mas nós estávamos tão empoeirados e exaustos que nós nos amassamos em uma pilha de companheirismo e ficamos insensíveis depois de um beijo tão breve e brilhante quanto um fungar combinado.

Na manhã seguinte, eu acordei com minha cabeça no ombro dele, sorrindo. Meus sonhos tinham sido serenos, todo com crepúsculo e vinhedos entrelaçados e uma música remota como a sua canção de ninar dos Bludman. No meu sonho, ele me ensinou como conjurar uma borboleta. Eu não queria acordar. Mas eu acordei mesmo assim, porque eu senti como se nossa hora de algum modo estivesse se esgotando.

Enquanto eu bocejava, os olhos de Criminy estalaram abertos, ele esticou a mão para acariciar minha bochecha. Eu sorri de volta para ele enquanto ele se sentava para se esticar.

— Hora de derrotar as hordas de coelhos —, ele disse

galanteadoramente, sabendo que quaisquer animais famintos por sangue da área estariam esperando do lado de fora para me provar.

Ele lançou a porta aberta, gritando —, Coelhos, preparem-se para conhecer a sua ruína!

Ele congelou.

— O que é? — eu perguntei.

— Fique aqui —, ele disse, sua voz baixa.

Ele desceu da carruagem e fechou a porta no meu rosto. Eu espiei através das cortinas e me encontrei com medo, mais uma vez, que Sang pudesse ser tão impossivelmente bizarra.

Dúzias de coelhos-blud cercavam nossa carruagem, todos mortos. Estacionado do lado oposto da estrada estava um antigo vagão cigano conectado a uma égua-blud, sua cabeça grisalha pendendo tristemente. A placa pregada ao desbotado vagão vermelho lia-se, *Óleos de Cobra de Madame Burial: Ungentos, Salvas, Poções, e Tinturas para Todo Mal do Corpo e do Espírito*. O vagão estava trancado, e a caixa do motorista estava vazia. Alguém se balançava gentilmente em uma rede para dormir na pequena varanda traseira, um fino córrego de fumaça esvoaçando de uma longa pipeta.

— Eu estive procurando por você —, chamou uma rica, rouca voz.

— Eu vejo que você mudou seu último nome, Hepzibah —, ele respondeu.

— Merrywell não combinava —, ela disse. — Ao menos esse quase rima.

— Eu estou aqui, madame —, ele disse, sua voz cansada e irritada. — O que mais você exige?

— De você? Nada —, ela disse. A forma na rede desenrolou e ficou de pé em uma neblina de fumaça. Eu não podia ver seu rosto da minha janela, mas de alguma forma eu soube que ela estava olhando direto para mim. A pipeta apontou na minha direção. — É dela que eu preciso de algo. Já não é assim?

Criminy se virou para olhar para mim, seu rosto triste e resignado. — Letícia, amor. Você viria falar conosco, por favor?

Outra mulher misteriosa do passado de Criminy. Como todas elas conseguiam encontrá-lo? Quando eu o toquei pela primeira vez, eu tinha visto apenas o futuro, não sua história manchada, e eu estava começando a achar que era uma coisa boa.

Com minhas costas retas e meu queixo erguido, eu andei para o lado de Criminy. Ele pegou minha mão e a apertou. — Letícia, amor, essa é Madame Hepzibah Burial. Ela é aquela que me deu o feitiço para o seu medalhão.

Ah, portanto a Blutmulher transformada mais tarde, então. De perto, seu rosto era como aquele de uma velha mulher cujas rugas tinham sido apagadas e suavizadas ou talvez manchadas com cera. Ela tinha desenhado olhos deslumbrantes de gato negro sobre suas pálpebras, e seus lábios eram de borgonha escuro. Seu cabelo era longas tranças rastas de preto e vermelho, e ela estava inteiramente coberta por uma capa de lã.

— Oi, minha cara —, ela disse com um sorriso esperto.

— Oi —, Eu respondi. Criminy apertou minha mão. Eu não disse nada mais.

— Você perdeu seu medalhão —, ela disse. — Isso foi negligente da sua parte.

— Ele foi roubado —, Criminy disse. — Nós estamos no momento presente a caminho para reavê-lo.

— Não é a única maneira Forasteira —, ela disse para mim. — Venha.

Ela mergulhou dentro do seu vagão. Com um alto estalo, as persianas abriram sob a placa. Inclinação através da janela, emoldurada por prateleiras de garrafas e objetos de aparência mágica, ela cruzou seus braços no balcão e sorriu como um crocodilo faminto.

— Não tema, pequena Pinky —, ela ronronou. — Madame Burial sabe o que você precisa.

Eu olhei para Criminy, tentando projetar minha extrema dúvida e

medo até os ossos, em meus olhos.

— Não se preocupe, amor —, ele disse, resignado. — Eu estou com você.

Eu caminhei para a janela e parei bem abaixo do alcance do braço. Criminy inclinou-se contra o vagão, fingindo diversão, mas eu podia ver a tensão na sua mandíbula e a raiva nos seus olhos. O homem certamente não parecia uma trincheira⁴⁶ sem uma saída de emergência. Nós aparentemente estávamos presos com a velha até que ela decidisse por uma maneira diferente.

Madame Burial colocou uma garrafa de vidro delicada no balcão, e sua boca se contorceu em um sorriso de diversão. — Vê isso, Doroty? É a sua passagem para casa. Esses são seus sapatos de rubi, bem aí.

— Ela fala em enigmas —, Criminy murmurou. — Algumas vezes eu acho que ela realmente acredita neles.

Mas eu sabia exatamente o que ela quis dizer, lógico. Qualquer Forasteiro saberia.

— Antes de eu bater meus calcanhares três vezes, qual é o truque? — eu perguntei, e ela riu.

— Você aprende rapidamente, Letícia. O truque é esse: ele precisa de duas pessoas. Você não pode ir sozinha. O feitiço apenas funciona com duas pessoas dando as mãos, um círculo completo. Então você pode levar o seu bom mágico aqui, ou levar... outra pessoa. — Ela disse essa última parte com um manhoso piscar e adicionou —, Eu exponho as cartas. Você roubou dois corações na nossa terra singular. Você trabalha rápido.

Eu estava nervosa, e Criminy olhou para a Blutmulher com nojo.

— Então o cravista está enfeitiçado por ela —, ele zombou. — Ele é insignificante.

— É o que você diz —, ela disparou de volta. — Mas ela pode devolver a ele a sua vida de volta, levá-lo para a casa da Avó. Ela pode ter de volta o seu seguro, confortável mundo. Ela não precisa da sua terra de

⁴⁶ Parecer uma trincheira seria o mesmo que ser de extrema confiança.

mentiras e sangue.

— Você não sabe o que ela precisa —, ele rosnou.

— Como isso funciona? — Eu perguntei, e Criminy se virou para mim, pegando ambas as mãos.

— Letícia, amor, você não pode seriamente estar considerando barganhar com esse monstro?

— Você é um também —, eu disse. — Eu só quero saber minhas opções.

— Funciona assim —, ela disse. — Em retorno de um pequeno sinal, eu dou a você essa garrafa. Quando você estiver pronta para ir para casa, você coloca a poção na sua boca e beija sua companhia escolhida, compartilhando e engolindo enquanto seguram ambas as mãos. Depois você diz exatamente aonde você quer ir, e você está lá.

— Qual é o pequeno sinal?

— Apenas isso: Leia a minha sorte.

— Você pode me dar uma poção que irá me levar a outro mundo, mas você não pode ler seu próprio futuro? — eu perguntei.

— Um dia, você irá aprender que poder não funciona dessa maneira —, ela disse com outro profundo riso. — Toda vez que eu exponho minhas cartas, eu puxo a Bruxa. Toda vez que eu olho dentro da minha xícara de chá, eu vejo uma tormenta. E minhas palmas estão lisas como vidro.

— Ótimo —, eu disse calmamente. — Eu direi o seu futuro.

Criminy interrompeu, quase suplicante. — Letícia, amor, há um ressalto para ser uma pegadinha. Um truque. Ela não dará algo a você por nada.

— Clarividência não é nada —, eu disse, minha coragem aumentando. — É um talento valioso. Você mesmo disse isso.

— É muito valioso —, ele concordou. — Mas há outra coisa que ela queira, ou isso não seria tão simples.

Nós tivemos um pequeno concurso de encarar, cada um ansioso pelo outro ceder. Eu me recusei a baixar meus olhos. O que Madame Burial

queria parecia uma demanda bastante simples. Ele só não queria que eu tivesse aquela poção. E nem sequer era que eu a queria tanto assim, não mesmo. Eu só queria meu próprio buraco de fuga, minha saída de emergência no caso do medalhão ter se quebrado ou ter sumido para sempre. Eu queria uma escolha.

Eu tirei minha luva, e Madame Burial sorriu como um abutre dobrando suas asas sobre uma carcaça.

— Não toque nela! — Criminy vociferou. — Não faça isso. Amor, ela me enganou uma vez, e ela não irá deixar você sair tão facilmente. Eu prometo a você.

— Não diga a ela o que fazer, Mestre Stain —, ela avisou. — Sua doce gatinha não gosta disso.

Presa entre eles dois, eu estava furiosa. E eu não ia ceder agora.

Madame Burial tirou sua luva preta de renda, e sua mão com escamas pairou no ar, esperando. Eu a agarrei e arfei. O solavanco foi explosivo e estranho, um vórtice preto me puxando profundamente. Eu larguei a mão dela como se estivesse em chamas e tropecei para trás.

Criminy estava ali imediatamente, seus braços ao meu redor, perguntando —, Você está bem, amor?

— E o que você viu? — Madame Burial perguntou, seu tom de conversa provocadora.

— Quanto você pegou? — eu disse, minha voz baixa e sombria. Eu tive uma súbita visão de como seria arrancar a sua garganta com meus bruscos dentinhos Pinkies.

— Apenas cinco anos —, ela disse. — Uma pitância. Eu estou surpresa de você sequer ter notado. Ainda.

— O que isso deveria significar?

Ela riu, um alto, som louco. O cabelo nos meus braços se ergueu.

— Você não pode sentir, gatinha? O tempo aqui não parece correr rápido para você? Você não notou os pés de galinha sobre seu rosto? Aquele medalhão extrai os anos de você tão certamente quanto minhas mãos. Você

irá murchar nos braços dele também, se você não fizer sua escolha logo. Ou quebrar o medalhão.

— Isso é verdade, Criminy? — eu perguntei, meus dedos sem a luva indo automaticamente para o meu rosto, para os minúsculos sulcos que eu não estava certa se estavam ali ontem, que talvez não estivessem ali há cinco minutos atrás. — Eu estou realmente mais velha?

— Há sempre um truque, meu amor —, ele disse. — Mas você é linda para mim, sem importar o que.

Então eu não podia ter os dois mundos, ambas as vidas. Eu tinha visto isso tudo naquele desesperado sombrio e estonteante vislumbre. O medalhão estava roubando minha vida, pegando meu tempo, extraindo minha juventude e transferindo-a para a bruxa enquanto eu envelhecia sobrenaturalmente rápido. Eu ia ter que escolher, e escolher logo. Tudo isso se reduziu à poção, ao blud, ou ao medalhão. Cada momento que eu gastei em Sang como um humano significava que eu ficava mais velha. Meu sonho de ter tudo acabou, substituído por imagens do meu cabelo virando cinza com um medalhão ao redor do pescoço e um amante sempre jovem nos meus braços.

E então havia o vislumbre de Criminy, o que fez um pouco mais sentido agora.

Mas isso não importava. A bruxa ia pagar.

— Deixe-me contar o seu futuro —, eu disse. — Para que nós estejamos quites.

— Você não viu nada —, ela disse, elaborando e apertando sua capa ao seu redor.

— Fique à vontade —, eu disse.

Me empurrando longe de Criminy, eu esfreguei minhas têmporas e endireitei meus ombros, sentindo-me cansada ao osso. Quando eu me aproximei do balcão, Madame Burial parecia apenas um pouco mais jovial, as linhas do seu rosto mais suaves e seu sorriso presunçoso brilhando com alegria por ter me superado. Mas por baixo disso, eu podia dizer que ela

estava apenas um pouco assustada por mim. *Bom.*

Eu apanhei a pequena garrafa do balcão e olhei para ela com morte nos olhos.

— Eu sei como você morre. Vai doer. E você não vai viver muito —, eu disse.

O terror nos olhos dela me fez sorrir enquanto eu agarrava a mão de Criminy e o arrastava de volta para o outro lado da estrada.

Enquanto eu entrava no transporte, eu chamei por sobre meu ombro —, E cuidado com macacos voadores, sua vadia velha!

Eu não podia parar de me olhar no espelho que Criminy tinha tirado do seu colete. Aquilo era minha primeira ruga, ou eu tinha apenas dormido em cima do meu braço? As bolsas debaixo dos meus olhos eram da exaustão ou da desidratação ou algo mais sinistro?

— Mas eu não quero ter trinta e um —, eu gemi.

Criminy olhou para mim amorosamente e disse —, Querida, você não parece um dia a mais do que vinte e seis.

— Eu não posso acreditar que eu caí nisso. Você me disse que haveria um truque, mas eu estava apenas tão certa de que sabia o que estava fazendo. Eu a deixei roubar cinco anos da minha vida. Cinco anos, se foram em segundos. — eu suspirei. — E quanto mais tempo o medalhão ficar por aí, eu estou ficando mais velha até mais rápido. Eu nem sequer tive uma grande festa na virada dos trinta.

— Eu sou quase um século mais velho que você, se isso faz você se sentir melhor —, ele disse.

— E você realmente *não* parece ter um dia a mais do que vinte e cinco

—, eu disse melancolicamente. — Eu suponho que ser um Bludman tem suas vantagens.

— Eu gosto de pensar que sim —, ele disse com seu sorriso mais impetuoso. — Mas há bastante tempo para isso. A coisa importante é que você tem o que você queria.

Eu olhei para a pequena garrafa. Eu realmente não a queria. Mas eu não queria que ele soubesse disso. E eu não estava pronta para admitir que eu tinha desistido de cinco anos da minha vida apenas para me sentir independente e forte.

— Eu suponho —, eu disse.

Eu esperava que eu nunca fosse esbarrar com Madame Burial novamente.

Mas lógico, eu sabia que iria.

Depois disso, nós não encontramos viajantes na estrada. Eu caí em um sono intranquilo até um gigante ônibus tanque passar por nós. Nós tivemos que desviar na estrada em resposta a sua cruel buzina. O motorista, apenas um par de óculos por detrás do pára-brisa sujo, teria nos devastado sem um pensamento.

— Tolos Pinkies voando para Brighton, sem dúvida —, Criminy murmurou. — Atropelando suas próprias avós para ficarem seguros.

— Bão indo pra Manblester? — eu arrastei, ainda meio-sonolenta.

— Sim, amor —, Criminy disse com um sorriso. — Eles provavelmente estão indo para Manchester. Por tudo que sabemos, Jonah Goodwill está jogando bola para celebrar, e eles querem cumprimentá-lo.

Eu esfreguei meus olhos e me sentei com um bocejo de estalar a mandíbula. — Nós já estamos lá? — eu perguntei.

Criminy puxou sua bússola com uma mão, e a carruagem balançou por toda a estrada.

— Pederasta —, ele disse empurrando o pequeno objeto de cobre de volta para o seu bolso. — Eu não posso dizer por certo. Eu imagino que nós estamos há uma hora ou mais ou menos da caravana. Será bom estar em casa, hein?

— Sim —, eu disse maliciosamente —, seria ótimo estar em casa. Com minha avó e meu gato. O que é por que nós estamos indo para Manchester agora.

— Desculpe, querida, mas nossa primeira parada é na caravana. — Com ambas as mãos no volante, ele me deu um rápido sorriso e encolheu de ombros. — Eu tenho minhas responsabilidades, e eles podem ter notícias. E nós precisamos nos limpar antes de nós seguirmos para a cidade. Você irá escandalizar o reino nesse vestuário, se os ratos não chegarem em você primeiro.

Ele tinha um ponto. Mas isso não significava que eu gostava dele.

— Não fique de mau humor, preciosa —, Criminy disse. — Mas falando nos perigos à frente, há algo que eu preciso pedir a você.

Eu esperei. Seus dedos tamborilaram no volante. Era o mais perto que eu já tinha visto-o nervoso e inquieto.

— Não há uma boa forma de colocar isso. Mas você quer ser bludtransformada?

— Eu já disse isso a você —, eu disse pacientemente. — Eu aprecio o pensamento, mas eu não estou pronta para ir nessa rota ainda. Sem beijo eterno para mim.

— Beijo eterno? — ele perguntou. — Isso é um monte de bobagens. É simplesmente prático. Seria muito mais seguro se você fosse uma predadora ao invés de um delicioso pequeno petisco. Nós estamos para entrar em uma cidade onde há um preço para a sua cabeça e tentar espreitar para o interior da casa bem-guardada de um homem muito poderoso para roubar um objeto mágico – o que é tudo de um dia de trabalho para mim, lógico. Mas você

pode ser morta. E a preocupação sobre você ser morta me faz mais susceptível a fazer nós dois sermos mortos. E ainda há muitas coisas pelas redondezas que querem comer você.

— Quando você coloca isso dessa forma —, eu respondi. — Eu suponho que é muito prático. Mas aqui está a coisa. Eu não sei o que aconteceria quando eu voltasse ao meu mundo. Se eu estaria no meu mundo primeiro como Blutmulher ou um vampiro ou um cadáver. Eu não vou arriscar, mesmo se isso tornasse a vida muito mais fácil aqui. — Com o objetivo bobo, eu adicionei —, Além disso, sangue é nojento.

— Oh, Letícia —, ele meditou, mas eu podia ouvir dor espreitando na superfície. — Você nunca irá aceitar isso seriamente? Você acha que eu sou um estudante, sonhando acordado por uma linda moça? Eu me pergunto se você sequer se importa comigo. Se você está apenas brincando com meu coração.

— Pare de agir suavemente —, eu murmurei. — Pare de brincar.

— Eu acho que você é aquela que está brincando —, ele vociferou. — O que você está vendo é mágoa. E você é a única que a vê —, ele disse mais suavemente. — Você é a única que pode me cortar, e você me feriu profundamente.

Eu o observei por um momento, sua mandíbula apertada enquanto ele agarrava o volante, como se sua vontade e suas mãos fossem as únicas coisas segurando o transporte e mantendo-o na estrada. Seus olhos estavam focados adiante, e ele soltou um suspiro super-triste.

— Eu posso lhe dizer que você se importa comigo —, ele disse. — Seu sorriso, seu toque, sua confiança. A maneira pela qual você se anima comigo. Mas seus sentimentos são incompletos. Como se houvesse alguma peça faltando que eu não posso encaixá-la.

— Eu me importo com você —, eu sussurrei. — Da minha maneira.

Ele fechou seus olhos brevemente, deixou aquilo ser assimilado. Mas depois sua mandíbula se apertou. — E que maneira é essa? — ele disparou de volta. — Você não é uma garotinha brincando de se fantasiar. Você não

pode apenas flutuar, permitindo que as coisas aconteçam para você. Você tem que escolher, Letícia. Uma vez que nós encontrarmos o medalhão, você tem que escolher.

— Eu não estou pensando longe assim —, eu disse. — Eu preciso de mais tempo.

— Bem, eu estou pensando nisso —, Criminy disse. — E eu quero saber. Uma vez que você tenha o medalhão, você irá voltar para o seu mundo e me deixar aqui com um frágil, insensível corpo que irá murchar e morrer aqui? Você irá quebrar o medalhão, você irá tomar meu blud? Ou você vai ficar indo para lá e para cá, nunca dormindo, até você envelhecer ou ficar louca?

— Você está se esquecendo que eu poderia partir agora se eu quisesse —, eu disse. Aqui estava ele, tentando me forçar a fazer uma escolha. Como ele me conhecia tão bem e não entendia o que ele estava fazendo? — Eu tenho uma poção. Eu posso levar você de volta, ou ele. É minha escolha.

— Sim é. E qual você vai escolher?

Eu me virei para longe. Meus olhos verificando o horizonte, observando o fluxo de gramas intermináveis dentro dos morros e montanhas, um mundo brumoso nas extremidades onde o céu sempre pendia muito baixo. Havia um mundo inteiro na ponta dos meus dedos e eu tinha visto apenas um pequeno ângulo. Em algum lugar, bem distante das gramas, um lindo homem do meu próprio mundo esperava por mim, cheio de esperança e tocando músicas familiares em um cravo e dolorido pela vida que ele tinha perdido. E em algum lugar, até mesmo mais adiante, Nana esperava, seu tempo sendo roubado até mais verdadeiramente do que o meu.

— Eu não posso lhe dizer agora —, eu disse.

Ele tinha me dado três escolhas, e eu tinha adicionado duas a mais. Eu não gostava de nenhuma delas.

Mas outra vez, eu já tinha visto o futuro, e ele ficava mais sombrio com cada vislumbre.

28



Algo estava errado. Criminy tinha ficado mais e mais agitado enquanto nós nos deslocávamos para o norte, mas agora ele estava completamente inquieto. E ele não descartava os binóculos, mesmo embora ele mal pudesse controlar a oscilação do transporte com uma mão.

— O que é? — eu perguntei quando eu não podia mais suportar o silêncio tenso.

— Os vagões ainda estão em círculo. A caravana não se moveu —, ele disse. — Minhas ordens eram para seguir a programação, e eles deveriam estar a caminho de Liverpool agora.

Eu pude ver isso a seguir, as sombras distantes contra o céu nublado. Eu tive uma sensação de boas vindas que me surpreendeu, e eu pensei no conforto do meu vagão. Eu realmente sentia falta do papel de parede. E o

pensamento da minha própria pequena bacia de água para me lavar e uma suave, cama coberta de seda... oh, era o paraíso de rodas.

O transporte, infelizmente, tinha apenas duas velocidades: parar e seguir. A velocidade da viagem dependia inteiramente da tensão na chave de rolamento, e nós estávamos perto do final de uma volta, então estava demorando muito para subir o último morro.

Finalmente, ele lançou o transporte para fora da estrada e puxou o freio. Ele estremeceu a uma parada, e nós saltamos para fora e corremos através da densa, grama filamentosa. Nem uma única figura espreitava do lado de fora da caravana. Era estranho.

Algo escuro se moveu na nossa direção do outro lado do bosque, e eu vi o braço de Criminy oscilar com movimento. Mas ele não foi para a pedra ou a faca na sua bota. Ele apenas estendeu seu braço, palma aberta. Com uma piscadela de cobre, Pemberly pendurou-se no seu ombro pela sua cauda.

— Não fique apenas sentada aí, Pem. Avalie! — ele disse irritado, e ela girou para frente e para trás e se arremessou em direção à caravana. Era impressionante para mim como ele sempre se lembrava de usá-la. Eu imagino que era como eu e o relógio que eu usava para verificar a pressão sanguínea dos pacientes ou dizer as horas. Eu estava tão acostumada em vê-la no ombro dele que ele parecia um pouco incompleto sem ela na última etapa da nossa jornada.

Meu pequeno Uro tinha somente vindo a calhar uma vez até agora, e foi tudo coisa do Criminy. Eu estava ocupada me mijando nas calças no farol trancado, para pensar sobre as capacidades de destravamento de porta do meu robô guardião. O bracelete colidia contra meu pulso, inútil agora.

O chão ao redor dos vagões estava pisoteado. Grandes multidões tinham estado ali. Mas ninguém estava treinando agora, como eles deveriam estar. As geringonças estavam imóveis entre os vagões, seus olhos abertos e cegos. Tudo estava em silêncio. E isso não era bom.

Criminy virou à esquerda, e eu o segui ao vagão da Sra. Cleavers. Ele

pausou na frente dos degraus, arfando, e considerou sua postura antes de bater na porta educadamente. Eu estava em uma forma muito pior, curvada, bufando e arfando em minhas roupas masculinas manchadas e rasgadas.

Nós esperamos na porta. Nada aconteceu. Nem um som veio do interior, e a falta do seu costumeiro berro de acolhimento foi sinistro. Criminy tentou a maçaneta, e a porta guinchou aberta.

O lugar sempre foi uma desordem, mas tinha sido recentemente o local de uma luta. Manequins estavam tombados, piscinas de tecidos e almofadas de alfinetes espalhados na frente de um espelho quebrado.

Criminy fechou seus olhos e bufou. — Pinkies —, ele disse. — Policiais.

Naquele momento, Pemberly patinou dentro do lugar, sua cauda levantada. Criminy a pendurou em cima do seu ombro, e ela abriu sua boca. Uma estreita fita branca saiu e enrolou-se sob seu queixo. Criminy rasgou o papel e leu —, *Vivos: 19. Mortos: 0. Sangue: 0 ml. Caravana: Segura.*

— Bem, não parece sangrentamente segura, e nós perdemos doze e meio —, ele murmurou, lançando o papel ao chão.

— Doze e meio? — eu perguntei.

— Catarrh e Quincy se foram. Duas cabeças, um corpo.

Nós nos empurramos pelo vagão, mas não podemos encontrar nenhuma pista em meio a destruição. Sem falar, nós caminhamos de volta para o lado de fora e seguimos na mesma direção, para o vagão restaurante. Enquanto nós passávamos pelo vagão de Emerlie e Veruca, houve um súbito arranhão no lado interno, e Criminy colocou sua orelha na parede verde-limão em um instante.

— Alguém está no interior —, ele disse suavemente, apontando-me para o pequeno calço de espaço entre os dois vagões perto de Cadmus o cassuar⁴⁷. Enquanto eu me escondi atrás da forma imóvel de um pássaro gigante de cobre, ele bateu na porta e chamou —, Senhoritas?

⁴⁷ Ave originária da Austrália, semelhante ao peru.

— Quem está aí? — veio um rouco grasnar de dentro. Emerlie, lógico.

— É Criminy Stain —, ele disse. — Abra a porta, Em.

A porta voou aberta tão rapidamente que quase bateu no rosto dele, e Emerlie chegou muito perto de se lançar nos seus braços. No último momento, seu preconceito da vida toda a impediu de buscar abrigo no abraço reconfortante do seu chefe o chupador de sangue.

— Oh, senhor, eu estou tão contente em ver você! — ela chorou. — Nós não sabemos o que é para se fazer.

— O que aconteceu? — ele perguntou, mas claro, ela ignorou isso.

— Oh, e aquela sua dama, senhor? Os Policiais pegaram-na? Aquela pobre moça, eu disse a ela, eu disse a ela para ser cuidadosa. Mas ela não me escutou nenhum pouco.

— Letícia, saía —, ele chamou.

Quando eu saí do meu lugar escondido em minhas roupas masculinas amarrotadas e acenei timidamente, a mandíbula de Emerlie caiu, mas ela correu para me abraçar mesmo assim. Um porto na tempestade, eu imaginei. Eu a acariciei inconscientemente.

— É horrível, o que eles fizeram —, ela disse, fungando.

— E o que eles fizeram? — Criminy perguntou impacientemente.

— São os Policiais, senhor. Eles apareceram e exigiram você e os documentos, e depois foram ver Sra. Cleavers, e eles tiveram um terrível bate-boca. Disseram que nossos documentos não estavam adequados. Houve uma luta horrível no vagão dela, e ela estava vociferando e xingando como louca enquanto eles a amarravam e a levavam para longe. E então todos os outros Bludmen fugiram, temendo que os Policiais os levassem, também. Em seguida o show foi encerrado, e todos nós estivemos escondidos em nos nossos vagões. Esperando.

— Esperando pelo que? — ele perguntou com aquela sua habilidade particular de estar furioso e divertido ao mesmo tempo.

— Qualquer coisa —, ela disse, perplexa.

Então ela localizou algo além do ombro de Criminy, e seu rosto foi de preocupada à aliviada à excitada para envergonhada. Criminy e eu, ambos, seguimos o seu olhar e vimos um homem magro andando na nossa direção através da grama.

— Charlie Dregs! — Criminy chamou. — Seu velho tolo! Onde você esteve escondido?

O jovem Bludman que eu tinha visto embaixo da corda bamba de Emerlie, no meu primeiro dia, que tinha olhos apenas para ela, mas ele apertou a mão de Criminy e acenou educadamente.

— Eu estava mantendo vigilância —, ele disse. — Dentro do matagal próximo.

— Alguém mais com você, rapaz?

— Não —, Charlie disse. — Apenas eu. Tinha que me certificar que Em estava segura. Policiais Nojentos. Não está certo o que eles fizeram.

— É amável da sua parte, Charlie —, Emerlie disse suavemente. — Obrigada.

Ele apenas sorriu, e acenou.

Veruca apareceu na entrada da porta e ergueu uma sobrancelha para nós quatro na frente do vagão, dizendo com seu estranho sotaque —, O que é isso, primavera para estranhos casais? Vão e façam amor na varanda de outra pessoa. É um momento conturbado.

Criminy enviou Emerlie e Charlie para reunir todos que sobraram na caravana para uma reunião no vagão restaurante. Os Pinkies estavam preocupados, mas a comida ajudou a nos acalmar. Criminy me depositou com Emerlie e suas amigas e saiu para procurar por qualquer outro Bludmen à espreita. Nós precisávamos de toda a ajuda que ele conseguisse arranjar.

Enquanto Emerlie tagarelava como chateada ela estava por seu novo traje não estar completo quando Sra. Cleavers desapareceu, meu olhar vago caiu em Casper, que estava sentado sozinho na outra extremidade do vagão. Ele gesticulou para eu me aproximar, e, sem dar desculpas, eu fui. Emerlie nem sequer parou a sua tagarelice.

— Eu estou contente que você esteja de volta e salva —, ele disse com um sorriso devastador. O olhar caloroso em seus olhos quase me fez esquecer o desliz da nossa última conversa. — Eu estava muito preocupado com você. O que aconteceu?

— Foi definitivamente uma aventura —, eu disse, sentindo meus ombros relaxarem, a tensão evaporando. Havia exatamente algo sobre ele, como estar na presença de um astro de cinema. Como se o sol estivesse brilhando apenas em mim quando ele sorria. — Nós fomos expulsos de Manchester, nós vimos um fantasma, eu fui mordida por um monstro marinho, nós viajamos em um submarino. Você sabe, o de sempre.

— Sang é o que aconteceria se minha estante de livros vomitasse —, ele disse.

Eu ri, mas rapidamente me tornei séria. Nós estávamos com pouco tempo, era sempre o que parecia quando eu estava perto de Casper. Esses momentos dourados eram todos muito breves. Eu tinha que saber dos seus sentimentos antes que Criminy voltasse.

— Você voltaria se você pudesse? — eu perguntei a ele.

Ele pareceu surpreso com a pergunta, como se ele realmente não tivesse considerado isso. — Isso dependeria em que eu teria que voltar —, ele disse, estudando suas mãos. — Eu não queria estar paralisado ou algo assim. Realmente não importa em que mundo eu estou se eu não puder tocar piano. Não há objetivo na vida sem música. Mas lógico, eu voltaria, se tudo pudesse ser da forma que era antes do acidente. Ou melhor.

— E se você tivesse que ficar aqui? — eu pressionei.

Ele não sabia o quanto estava indo na carona da conversa, mas eu tinha apenas alguns minutos para solucionar minha crise existencial e fazer uma das maiores decisões da minha vida.

— Eu gosto daqui, eu gosto —, ele disse. — Há regras diferentes. Eu apenas sinto falta de uma família, pessoas com quem se importar, e eu acho que eu posso ter isso, se tudo funcionar da maneira que eu gostaria. — Outro sorriso ardente que me fez corar. — Eu posso talvez dizer coisas

erradas algumas vezes, mas meu coração está no lugar certo.

— Então você preferiria ficar com a caravana ou viver na cidade? — eu perguntei.

— A caravana está bem para mim, mas o único lugar seguro para mulheres e crianças é na cidade —, ele disse. — E algumas vezes eu penso sobre isso, sobre ser dono de um teatro ou começar com o primeiro piano bar. — Ele riu. — Eu sempre amei viajar. Eu encontraria um teclado em qualquer lugar que eu fosse, mas não há razão para se estar preso ao menos que houvesse alguém realmente impressionante me prendendo. Alguém como você.

— Casper, eu—

— Você sabe que esse não é o nome que eu me chamo.

O calor e a saudade nua na sua voz me aproximaram. Eu me inclinei mais perto. Nossos olhos se encontraram.

— Jason —, eu disse enquanto ele tocava minha bochecha.

Houve um solavanco gentil, suave quanto acordar com o raio de sol.

Eu nos vi de mãos dadas, bebendo a poção, acordando. Eu nos vi na cidade natal dele aproveitando uma manhã ensolarada, dividindo uma bandeja de café e jornal, espalhados no sofá com meus pés no seu colo. Eu o vi tocando “Parabéns para você” no piano, cantando para minha avó, todos nós usando chapéus ridículos, eu segurando um bolo brilhando com velas sobre uma barriga gentilmente inchada. Eu vi o quarto do seu primo pintado de azul, um berço, e um minúsculo, menino sério com cabelo castanho sentado no colo do seu pai com um teclado de brinquedo e um coelho de pelúcia. Eu vi a mim mesma, uma mulher velha com cabelo curto, em pé diante e uma vitrine, uma mão enrugada pressionada contra o vidro. Dentro da loja, um medalhão de ouro com rubi brilhando, e lágrimas de remorso manchando meu rosto murcho.

— Qual é o problema? — ele perguntou suavemente.

Eu percebi que minhas bochechas estavam molhadas, e eu neguei com minha cabeça. Eu não podia contar a ele. E isso era parte do problema. Mas

eu tinha mais uma pergunta. — Então o que você acha que eu devo fazer? — eu perguntei finalmente. — Assumindo que eu tenha uma escolha?

Ele nem sequer teve que pensar sobre isso. — Fique aqui comigo —, ele disse.

Ele deslizou suas mãos do outro lado da mesa, prendendo uma das minhas. Isso me deixou claustrofóbica, e eu puxei o pescoço encardido da minha camisa com minha mão livre.

— Nós podemos nos mudar para Londres. É a cidade mais metropolitana, e mais segura. Mais parecido com o nosso mundo. Eu irei tocar música, e você pode se ocupar lavando roupa ou sendo uma balconista em algum lugar. Nós iremos economizar algum dinheiro e abrir um teatro com restaurante. É o sonho Americano, apenas que em um mundo inteiramente diferente. Nós podemos inventar melodias e pizza. Eles não saberão o que os atingiu.

Eu olhei para nossas mãos na mesa, a sua possessivamente envolta na minha. Era difícil respirar. Talvez estando perto dele me deixava tonta porque ele sugava todo o oxigênio. Ele já tinha feito seus planos; ele só estava me encaixando no quebra-cabeça. Eu não estava pronta para ser mantida em cativeiro assim novamente, mesmo se houvesse felicidade na barganha.

Meu vislumbre tinha sido sedutor de muitas formas, e eu tinha visto coisas que ansiei por toda a minha vida. Coisas que, até agora, eu pensei que eu quisesse. Calor, conforto, complacência, normalidade. Embora partisse meu coração que eu nunca conheceria aquele garotinho com o coelho de pelúcia, a coisa que me impressionou ao osso foi o olhar no meu rosto como uma velha mulher. A dor nua ali, a saudade, imaginando o que eu tinha desistido. Aquela versão de mim entendia o que se perdeu, e ela estava desamparada.

E eu soube minha resposta.

Eu deslizei minha mão para longe e a deixei cair no meu colo. Eu olhei de volta dentro dos seus olhos, os quais estavam lindos e esperançosos e tão

cheios de planos. Eu odiei desapontá-lo.

— Me desculpe, — eu disse. — Mas eu não posso fazer isso.

— Por que não? — ele disse, negando com sua cabeça em confusão e fazendo seu bonito cabelo cacheado girar ao redor. Deus, ele era deslumbrante. Mas ele estava tão, tão errado ao meu respeito.

— Eu não acho que eu seja a pessoa que você pensa que eu sou —, eu disse suavemente. — Eu não quero estar presa, e eu não quero prender ninguém mais. Eu não quero lavar a roupa das outras pessoas ou trabalhar no varejo. Eu não quero ter medo do meu dom. Eu não quero mais fazer a coisa segura. Eu não quero mais que ninguém me diga o que fazer. Jamais. E eu odeio show instrumental.

Enquanto ele balbuciava, começando a implorar, uma sombra caiu sobre nós.

— Alguma coisa para se discutir, meu amor? — Criminy disse para mim.

— Eu estava apenas perguntando à Casper o que ele achava que eu deveria fazer —, eu disse. — Ficar ou ir. O que você acha?

Criminy lançou sua cabeça para trás naquela sua maravilhosa, gargalhada em expansão, como se ao fazer a Casper tal pergunta era a coisa mais ridícula imaginável. Depois ele acariciou meu rosto gentilmente e disse —, Eu acho que você deve seguir o seu coração. Mesmo se eu dissesse a você o contrário, você ainda teria as coisas a sua maneira.

— Aí —, eu disse.

Uma solitária lágrima escorreu na poeira do meu rosto. Algo no meu coração rachou com o som da porta de uma gaiola se abrindo, mostrando o céu azul e a liberdade além.

Finalmente, alguém entendia.

Casper se levantou, virou suas costas para nós, e saiu pela porta. Eu o observei partir, confidencialmente me despedindo das possibilidades que nunca iriam vir a ser. No meu coração, eu sabia que eu tinha tomado a decisão certa, mas eu me preocupava por ele. Meu primeiro vislumbre mostrou escuridão no seu futuro, e ele iria cair bem fundo antes dele encontrar seu caminho de volta. Nós o veríamos novamente, mas eu não ia contar isso ao Criminy.

Com um beijo na minha testa, o rei da caravana vangloriou-se para frente do vagão. Todos os olhos o seguiram, assimilando sua aparência suja e estilo confiante. Quando ele alcançou o buffet, ele se virou e sorriu afetadamente. Alcançando dentro da cesta de maçãs, ele pegou duas mãos cheias e começou a fazer malabarismos. Bocas começaram a curvar-se para cima. Eu não pude evitar além de sorrir, também; depois de toda a nossa dificuldade e preocupação, seus truques coloridos eram um lembrete agradável da magia cotidiana da vida na caravana.

Depois de conduzir as sete maçãs em círculos, oito, e várias outras maravilhas, Criminy as apanhou com sua cartola e a enfiou na sua cabeça. Seus olhos rolaram para cima comicamente, mas eu estava bastante certa que as maçãs já sumiram há bastante tempo. Quando ele ergueu seu chapéu novamente, havia uma torta de maçã por baixo. Ele colocou a torta no buffet e a fatiou aberta com um dedo. Sete periquitos saíram voando, circularam a cabeça dele, e desapareceram pela porta aberta.

Houve um momento de aplausos educados, e ele se curvou profundamente ao seu pessoal. Quando ele se ergueu, ele encontrou todos os olhos por sua vez, depois começou a falar.

— Amigos —, Criminy disse —, Eu sinto muito não ter estado aqui para liderar vocês. Como vocês sem dúvida sabem por agora, os Policiais querem nosso mais novo funcionário, Lady Letícia. Eu devo escoltá-la à Manchester como resposta a eles. Sem papéis e Bludmen, vocês são

vulneráveis. Então eu deixo isso à votação. Vocês irão à Manchester para se abrigarem dentre os da sua própria espécie? Vocês irão ficar aqui e esperar pelo nosso retorno? Ou vocês irão continuar em Liverpool e venderão sorrisos por cobres?

Abafados sussurros farfalharam pela multidão. Criminy deu a eles um momento para se encharcar nisso antes de dizer —, Torno, faça a votação. Nós vamos reunir mantimentos.

Pegando meu braço, ele me arrastou do vagão. No momento em que a porta se fechou atrás de nós, vozes explodiram no interior. Enquanto os Pinkies encolhiam seu destino comum, nós fomos para o vagão de Criminy. Eu nunca tinha estado no interior dele antes, e eu me senti um pouco como uma adolescente vendo o quarto do seu namorado pela primeira vez. Era arrumado, mas econômico e claramente não feito para socialização, como evidenciado pela notável ausência de lugares para se sentar. Seu vagão era uma área de trabalho, com paredes de estantes e uma manchada mesa de trabalho e uma velha mesa de madeira com tampo giratório cheia de pequenas gavetas e escaninhos. Eu fui atraída a ela. Enquanto eu corria minha mão sobre a maravilhosa antiguidade, Criminy me observava, satisfeito.

— É lindo, não é? — ele disse.

Eu enganchei um dedo pelo puxador da gaveta, e ele esticou a mão para fechar a gaveta, dizendo —, Eu não abriria isso se eu fosse você. Alguns dos meus segredos mordem.

— Me faz lembrar o seu casaco —, eu disse, recuando para explorar as estantes.

Ele tinha pilhas de livros e pergaminhos. Grossos volumes de couro, periódicos cuspindo papéis salpicados com tintas, pequenos romances, e crânios polidos de animais me observaram das prateleiras. Enquanto eu lia as lombadas, ele lançou seu velho colete ao chão e começou a vasculhar pelos bolsos, fazendo uma pilha de coisas no chão. Eu mantive minhas costas para ele, tentando ser educada. Eu o ouvi abrir seu armário e vestir

um novo casaco, o qual ele encheu todos os seus talismãs e instrumentos e lenços de mão.

Alguns dos títulos dos seus livros eram surpreendentemente familiares, únicos e tão familiares quanto os nomes apropriados das cidades e pessoas. *Dignidade e Discriminação. Sagacidade e Susceptibilidade. Paz e Guerra.* Havia até mesmo um grosso volume intitulado *Os trabalhos recolhidos de Willem Sharkspear, incluindo Gomez e Julietta, MacDougal, Harmlen, e Um grande Túmulo sobre o modelo de perfeição*⁴⁸.

Meus olhos vagaram da estante. A porta à sua câmara estava entreaberta, e eu podia apenas ver um suave cobertor de lã drapejado da cama ao chão. Eu estava quase me aproximando para dar uma espiada melhor, mas Criminy tocou meu ombro e me assustou. Eu apoiei minhas costas contra a parede para recuperar meu fôlego, e ele colocou uma mão contra a parede sobre meu ombro e se inclinou para me beijar, lento e gentil. Eu o beijei de volta com entusiasmo, finalmente livre para encontrá-lo com um coração aberto. Se eu não tivesse estado apoiada contra o vagão, eu teria derretido em uma poça no chão.

— Nós estamos prontos, amor —, ele disse. — Vamos ver o que eles decidiram.

Eu não sabia no que pensar enquanto Criminy trancava a porta atrás de nós. Embora meu coração estivesse fixo no medalhão, eu não podia evitar em me preocupar sobre a caravana e as pessoas que tinham me aceitado como um dos seus, depois de me conhecer por exatamente uns dois dias. Por causa do preço pela minha cabeça, suas vidas e sustento tinham sido jogados no túmulo. E Criminy podia perder tudo se eles escolhessem dispersar.

Mas eu me encontrei sorrindo mesmo antes de eu descer na grama. Emerlie estava na sua corda bamba, Torno estava fazendo agachamentos com kettlebells⁴⁹, e Eblick estava inconsciente na sua tora, brilhante com

⁴⁸ Referindo-se às obras de William Shakespeare como Romeu e Julieta, Hamlet, Macbeth e Muito barulho por nada.

⁴⁹ É um equipamento utilizado no mundo antigo para exercícios musculares. Trata-se de uma bola de ferro fundido com uma alça.

óleo. Eles estavam treinando, como sempre. Quando eles nos viram, todos eles vieram a se reunir ao redor do vagão de Criminy. Exceto Eblick, que permaneceu dormindo.

— Mestre, nós decidimos —, Torno disse enquanto ele curvava seus kettlebells. Sua engenhoca canina suplicou aos seus pés. — Nós vamos ficar aqui e treinar, tentar alguns truques novos talvez. Não há nada ilegal sobre erguer pesos, hein?

— Não que eu saiba, velho amigo —, Criminy disse com um sorriso. — Mas e sobre a segurança?

— Você não acha que um homem forte pode proteger um punhado de pequenas damas? — Torno vociferou. — Também, nós temos as geringonças, e arco e flecha, e Sr. Dregs. E Eblick.

— O que na terra Eblick pode fazer? — eu perguntei, impressionada. Ao menos que um Policial tropeçasse nele enquanto ele estivesse cochilando no sol, eu não poderia imaginar como ele possivelmente podia ajudar.

Sentando-se, o garoto lagarto sonolento piscou seus olhos. Ele pareceu um verde mais brilhante do que antes, seus membros menos emborrachados. O exercício e o óleo devem ter ajudado. Ele se virou para nós, com um sorriso plácido, disse —, Eu tenho boas notícias, meu senhor. Acabei de descobrir que eu sou venenoso.

E ele abriu sua boca com lábios verdes, mostrando um conjunto de presas amarelas e brilhantes.

29



Meu novo vestido não coube tão bem quanto o meu antigo. Ele era três centímetros mais comprido, o laranja queimado não fez tanto pela minha pele, mas ainda era bom estar decente novamente. Depois de Charlie Dregs ter começado a encarar a minha fina camisa masculina e inconscientemente lambar suas costeletas, Criminy enxotou Emerlie e a mim para dentro do vagão destruído da Sra. Cleavers, sibilando —, Nada chamativo.

Emerlie riu. — Qual é a graça nisso, hein? — ela disse, deslizando seu braço amarelo-e-roxo pelo meu e me arrastando.

Minhas opções estavam limitadas, sem uma costureira por aí e com a maioria dos trajes pisoteados ou metade-terminados. E então, o vestido abóbora fora de moda com ombros em balões e um fecho enrugado que me

fazia sentir como Beth de *Adoráveis Mulheres*⁵⁰ ao invés de Mina do *Drácula*. A boina caída não ajudava no meu ego, também, mas ao menos ela cobria minhas orelhas com seus buracos enormes.

Honestamente, eu não me importava como eu me aparentava contanto que nós pudéssemos pegar a estrada para Manchester. Agora que eu tinha tomado a minha decisão, encontrar o medalhão era o próximo passo. Mas não era mais apenas para minhas próprias necessidades egoístas. Eu tinha que manter Criminy e seu pessoal em segurança, e isso significava parar Jonah Goodwill, sem importar o que. Com meu braço atravessado no de Criminy, nós zarpamos em direção à cidade hedionda na colina. Nós deixamos Pemberly para trás para ajudar a vigiar a caravana, mas Uro estava no meu pulso, pronto para ser útil – se eu pudesse me lembrar de usá-lo.

Á pé novamente nos intermináveis pântanos, era engraçado pensar em como novo e estranho pareceu exatamente alguns dias atrás. Agora era como refazer meus passos. Exceto que dessa vez, nós sabíamos exatamente onde nós estávamos indo. Direto para o lar do inimigo. Ou ele estava esperando por nós, ou nós ficaríamos lá, esperando por ele.

— Você viu mais alguma coisa? — Criminy me perguntou novamente. — Quando você tocou Tabitha?

— Nada do futuro —, eu disse. — Apenas eles fechando um acordo, ele a deixando sozinha na ilha para esperar por nós.

— Eu sei por que ele quer o medalhão, mas eu desejava que eu soubesse o que quer com você —, Criminy disse, e eu podia dizer que seus pensamentos estavam muito longe. — Talvez exista uma maneira de descobrir.

⁵⁰ É um livro da autora americana Louisa May Alcott (1832-1888). O livro foi escrito e colocado na casa da família Alcott, Orchard House, em Concord, Massachusetts. Foi publicado em dois volumes em 1868 e 1869. O romance acompanha a vida de quatro irmãs - Meg, Jo, Beth e Amy Março - e é vagamente baseado em experiências da infância do autor com suas três irmãs. O primeiro volume

— Eu imagino que se você encontrar um dos seus subalternos, eu pudesse vislumbrá-lo —, eu disse.

— Muito arriscado. Eles estarão procurando por nós na cidade. Há outra forma, entretanto. Eu odeio ter que pedir a você de novo, amor, mas eu podia ter uma gota de sangue?

— Apenas uma gota? Sem problema. Qualquer coisa pelo medalhão —, eu disse, estendendo meu braço. Era meu novo mantra.

— Ainda não —, ele disse, dando tapinhas na minha mão desculpando-se. — Nós precisamos encontrar uma lagoa antes.

Crminy alcançou dentro do seu casaco e retirou o mesmo dispositivo de cobre que ele usou para encontrar Eris. Ele mexeu no mostrador e girou lentamente em um círculo, fixando seu olho no horizonte. Finalmente, ele parou, e eu segui seu olhar sobre as colinas em direção à densa floresta cheia com verde brilhante.

— Isso não é tão ruim, então —, ele murmurou. — Não inteiramente fora do curso.

Eu não tinha ideia do que ele quis dizer.

Assim que nós saímos da estrada, os coelhinhos começaram a saltar da grama e me seguir, mas eu estava agora muito acostumada aos seus olhares gentis e esfomeados que os enxotar era automático.

Apenas quando nós alcançamos a mata, algo se assustou nas sombras, fazendo os arbustos e galhos tremerem. Pássaros irromperam das árvores como fogos de artifício de penas, berrando com terror. Em seguida a coisa no interior bufou.

— Merda —, Crminy disse. — É um veado-blud. Isso não é parte do plano.

— Eu corro? — eu sussurrei.

— Não. Não se mova. Tente não demonstrar medo. Eles podem sentir o cheiro. Eles gostam disso.

Ele me pegou no colo e me carregou até uma ameixeira torta nos arredores da floresta. Ele me entregou seu casaco e me colocou no galho

mais baixo, sibilando —, Escale —, antes dele desaparecer.

Eu subi alguns galhos até que eu estava fora do alcance de um ataque, depois me estabeleci em uma bifurcação para assistir. Eu localizei Criminy se arrastando pelos arbustos rasteiros, e depois eu olhei para a enorme forma nos arbustos. A lustrosa musculatura do veado estava caçando Criminy, por sua vez, sua cabeça baixa. Eu estava assustada por Criminy, mas era fascinante, assistir dois predadores perseguir um ao outro.

Criminy jogou um grande graveto apenas um pouco para o lado do veado, que gritou e mergulhou em direção ao barulho, presas descobertas. Com a elegância de um leão, Criminy correu e saltou. Seus braços circulando o pescoço da besta, e os talões das suas mãos com escamas negras afundaram na lustrosa pelagem castanha. Seu rosto contorcido em uma máscara inumana de raiva feroz enquanto ele abriu a boca, reluzente com suas próprias presas, solicitando o pescoço do veado.

Eu não conseguia olhar para longe. Seus dentes atravessaram a pelagem e a carne, espalhando sangue enquanto a besta berrava. O som morreu a um gorgolejo enquanto Criminy arrancava um pedaço e o cuspiu. Quando sua boca manchada de sangue fechou-se sobre a ferida e o corpo do veado começou a tremer e sacudir, os olhos nebulosos de Criminy olharam para cima e encontraram os meus.

Ele era um animal. Ele era aterrorizante. E ele era lindo.

Eu percebi que eu estava mordendo meu lábio, que minha mão estava fechada no tecido bagunçado do meu peito. Algo dentro de mim estava atraído pela carnificina. Como muitas mulheres antes de mim, eu era uma escrava ao cérebro troglodita, aquela profunda parte do meu DNA que sussurrou que aquela ferocidade iria me manter em segurança e alimentada e viva e que eu deveria, com certeza, encontrar a criatura mais feroz nas redondezas e transar com ela.

Nenhum problema com isso.

Eu nunca tinha visto esse tipo de violência antes.

E parte de mim estava enojada ao estar... meu Deus, eu estava

excitada por isso? Mas parte de mim entendia e aceitava essa vitalidade, essa selvageria necessária. O que Criminy estava fazendo ao veado, poderia de boa vontade acontecer comigo.

Ele tomou o último gole e se levantou. Olhos nunca deixando os meus, ele enxugou o sangue da sua boca com as costas da sua mão sem luva. Ele pisou por cima da enorme carcaça e espreitou na minha direção através da baixa grama do matagal, retirando um lenço de mão preto para limpar o sangue. Como se hipnotizada, eu me empoleirei no gancho da árvore e o assisti. Meus sentidos estavam elevados, e eu podia cheirá-lo na brisa, cheirar o sangue, ouvir seus passos esmagando a grama. Eu queria descer até ele, mas eu não podia afastar meus olhos.

Em segundos, ele estava debaixo da árvore, olhando para cima onde eu estava em pé no galho, apenas dois metros e meio fora do chão. Ele estendeu seus braços, as escamas negras das suas mãos brilhando no fraco sol. Sem um pensamento, eu saí do galho e caí, minha saia se abrindo ao meu redor.

Ele me pegou, claro, um braço debaixo dos meus joelhos e o outro ao redor do meu ombro.

— Meu herói —, eu disse, sem fôlego.

Ele riu uma vez, baixo no fundo da sua garganta, e depois ele me beijou, e eu pude sentir o gosto do sangue do veado na sua boca, substancial e quente, e eu não liguei. Eu torci meus braços ao redor do seu pescoço e o beijei de volta, exatamente tão ferozmente.

Ainda me beijando, ele me carregou em direção a uma bétula e me colocou no chão. Com um rosnado, ele investiu em mim e me pressionou para cima contra o tronco, suas mãos traçando meu rosto uma vez antes de esfomeadamente acariciar descendo o meu pescoço, meu peito, a curva do meu espartilho, o inchaço do meu quadril. Toda a brincadeira e a provocação do nosso último encontro acabada. Isso era puro instinto animal.

E eu queria.

Ele encontrou a bainha do meu vestido e puxou-a para cima, violento e seguro. Minhas mãos enroladas em volta do seu pescoço, através do seu cabelo, soltando a trança. Apenas como no medalhão, me desafiando a responder ao seu chamado.

Eu fiquei tensa contra ele e me contorci enquanto suas mãos mergulhavam debaixo da minha saia e faziam um movimento ascendente, passando a preta anágua rendada, acariciando minhas coxas. Pela primeira vez em Sang, eu estava condenadamente agradecida que eles não tivessem inventado as roupas íntimas femininas. Quando seu dedo se moveu contra mim, certo como puxar um gatilho, eu gemi e me balancei nele.

Sem pensar, eu arranquei minhas luvas e desfiz os laços da sua bermuda, meus dedos mais ágeis do que a última vez. A mão dele se moveu mais rapidamente contra mim, debaixo do meu vestido, a textura das escamas estranhas e deliciosas enquanto elas se esfregavam para frente e para trás. Alguma minúscula parte de mim, a antiga, domesticada Tish que se espreitava nas profundezas no meu cérebro, estava enojada. O resto de mim estava triunfante e alegre e feroz e seguro. Isso era o que eu tinha escolhido, e eu iria aproveitar cada segundo.

Eu o libertei da sua bermuda, e ele gemeu contra minha boca ao sentir minhas mãos nele, friccionando para cima e para baixo, deleitando-se com o suave toque da pele morna na pele morna depois dos dias de confinamento atrás das roupas.

Nós ainda estávamos nos beijando, línguas famintas e violentas, como dois cães abocanhando um ao outro. Ele se afastou do beijo para beijar o meu pescoço e encontrou mais roupa ali. Rosnando, ele fixou seus dentes contra elas, e a pressão através do tecido era estimulante. Eu ri e mordisquei sua orelha, nossas mãos se movendo juntas por baixo da confusão de roupas, aumentando a velocidade. Depois ele arrancou a minha saia para cima, e seus dedos foram substituídos por algo melhor, e em um único impulso, ele estava dentro de mim. Eu estava grunhindo e arfando, minhas costas raspando contra a áspera casca da árvore.

Eu envolvi uma perna ao redor dele, e ele rosnou na minha orelha enquanto ele mergulhava até mesmo mais fundo dentro de mim. Eu guinchei e o puxei mais perto, e ele ergueu minha outra perna ao seu redor. Eu pensei que eu fosse me dividir em duas, da forma mais maravilhosa, enquanto eu o cavalgava, minhas costas presas na árvore e meus braços envoltos no seu pescoço e minhas pernas envoltas na sua cintura, a saia bagunçada se arrastando ao chão.

Ele golpeou aquele lugar secreto dentro de mim de novo e de novo, me partindo como uma ameixa madura, suculenta e pronta para explodir. Era muito cedo, mas eu não podia evitar, não podia reduzir o prazer. Quando eu gritei, ele me deixou sem fôlego em outro beijo profundo e lambão, e eu pulsei pela liberação enquanto eu sentia gosto de sangue e cerejas. Ele estremeceu dentro de mim, lutando por fim, e eu me afastei antes que ele pudesse morder minha língua enquanto ele gozava.

Nós dois estávamos trêmulos enquanto a selvageria do interlúdio desaparecia. Ele me abaixou ao chão e me pegou quando eu cambaleei.

Eu corei e me virei para longe para ajeitar minhas saias, as quais estavam todas emaranhadas sobre minha anágua. Quando eu senti sua mão no meu ombro, eu me virei com surpresa, e ele me deu um sorriso tímido e estendeu um lenço de mão vermelho na sua mão vestida com a luva. Eu retornei o sorriso e me enxuguei por baixo do vestido, virada de costas para ele, grata que minhas roupas escondiam o resultado da nossa luxúria do relativo brilho do dia.

Quando eu me virei de volta, segurando o lenço manchado, ele tinha colocado suas próprias roupas nos seus devidos lugares. Como os homens sempre conseguiam parecer tanto elegantes quanto descuidados estava além da minha compreensão.

— Apenas deixe isso no chão, amor —, ele disse com um sorriso provocador. — Vai fazer algum sortudo coelho-blud muito feliz. Agora, vamos ver o que o nosso bom Magistrado tem reservado para você.

30



Eu me ajoelhei no musgo no manancial, agitando as minhas saias. Depois do que tinha acabado de acontecer, eu deveria ter deixado de lado o pudor com Criminy, mas ele conseguia me fazer corar com nada mais do que apenas um sorriso. E definitivamente não era vergonha ou constrangimento o que eu estava sentindo. Agora que eu tinha tomado minha decisão, me ocorreu que eu o queria não apenas para me desejar, mas também para me estimar e me respeitar. Eu passei de ativamente evitando à sua adoração a tentando cativar a sua proteção, e eu me senti mais do que um pouco estranha.

— Eu não entendo —, eu disse, auto-consciente enquanto eu dobrava babados alaranjados ao redor dos meu tornozelos. — Eu achei que você não bebesse de animais-blud.

Ao meu lado, Criminy vasculhou seu paletó com mãos ágeis, reunindo as ferramentas que ele precisava para trabalhar na sua magia. Inquieta e deselegante por comparação, eu esperei para desempenhar o meu papel. Fazendo-o perguntas que me ajudariam a esquecer meu desconforto físico e emocional, eu dissipei da minha mente a contemplação do que tinha acabado de se passar entre nós, a qual tinha sido uma experiência realmente confusa.

— Eu posso me alimentar deles —, ele disse. — Mas eles não têm um gosto muito bom. É a mesma razão que Pinkies não comem predadores. Criaturas que se alimentam de grama são muito mais suculentas. Mas quando é uma luta mesmo e uma matança válida... bem, ela faz com que o sangue bombeie, e vencer a guerra importa mais do que o gosto gourmet.

Em uma lisa pedra perto do lago, ele colocou uma adaga e uma garrafa de vidro escuro.

— Você não se importa, então? — ele perguntou suavemente, brincando com a adaga, a mesma que ele tinha usado para matar o rato-blud. Ele a esfregou com areia repetidamente e a limpou no musgo.

— O que, assistir você matar e comer um cervo? — Eu perguntei. — Obviamente não. Foi... diferente. Mas não ruim. — Eu olhei para baixo, também, mexendo com o laço da minha bota. — Foi fascinante. Você estava muito bonito.

Ele gargalhou disso.

— Oh, sim, nada mais bonito do que assistir um veado macho ter sua garganta arrancada —, ele disse. — Assusta os vivos da luz do dia mais do que os da sua espécie. Evidência extra de que os Bludamen precisam ser trancafiados. Escravizados. Drenados. Por nós termos tendências violentas, sabe, e não nos enquadrarmos na sociedade cortês.

— Isso é somente porque eles não têm que matar para sua própria comida —, eu disse. — As pessoas se esquecem como é quando vem a ser vida ou morte. Eu tenho pacientes que estão morrendo e precisam de ajuda, mas estão assustados em ter uma agulha posta em seu braço. Eles vivem

uma vida tão flexível que eles não arriscariam morrer porque eles têm medo de um minúsculo pedaço de metal.

— Absoluto disparate —, Criminy disse, polindo a faca nos seus bermudões. — Eu imagino que as pessoas são realmente ridículas, sem importar de onde elas venham.

Ele abaixou a adaga, limpando sua garganta e endireitando o colarinho do seu paletó. Eu não era a única agindo nervosamente. Ele não conseguia encontrar meus olhos.

— Alguma outra coisa está incomodando você —, eu disse.

— Eu não tenho certeza em como perguntar, mas você não está preocupada sobre as... consequências das nossas ações? — ele disse. Ele olhou para cima com um sorriso torto. — Meio-bluds não têm uma vida feliz aqui. Eu estou surpreso que você não esteja tomando precauções. Eu posso conseguir as ervas, se você desejar.

— Oh, isso —, eu disse com um pequeno e triste sorriso. — Não, eu não estou preocupada. Eu tive... eu tive uma perda, no meu mundo. Foi uma das piores coisas que eu já experimentei, e eu decidi que eu não estava pronta para tentar novamente. Eu tomo uma injeção especial, uma medicina especial, uma vez ao ano, para impedir isso de acontecer.

— Isso é uma magia útil —, ele disse, considerando. — Não que eu estaria arrependido caso contrário. Apenas para que você saiba. E eu sinto pelas coisas que magoaram você no seu passado. — Ele segurou meu rosto, esfregando minha bochecha com seu dedão enluvado. — Tem um bocado de sangue de veado aqui —, ele disse.

Eu estendi a mão para a lagoa reluzente para obter alguma água, mas ele me impediu.

— A água precisa permanecer pura —, ele disse. — Mas se você estiver pronta, eu irei tomar aquela gota do seu sangue agora.

Eu encolhi de ombros. Ele já estava segurando a minha mão, então ele apenas removeu a luva. Era apenas negócios dessa vez, nada sexy sobre isso. Com a adaga, ele furou meu dedo e apertou uma gota de sangue dentro da

lagoa, onde ela aterrissou com um estalo e circulou, derretendo nas correntezas da pequena nascente abaixo da superfície. Ele colocou minha mão de volta no meu colo e alcançou a garrafa.

Derramando um filete do líquido azul dentro da nascente, ele disse. — Onde está Jonah Goodwill?

A água ondulou, e uma figura se formou, apenas na superfície, como um reflexo em um espelho. Era Jonah Goodwill. Em um quarto arejado com paredes brancas e vigas de madeira escura, o velho homem de aparência gentil com o bigode estilo morsa estava sentado à mesa, jantando. Ele pareceu tão inofensivo, apenas um cavalheiro idoso ficando gordo, sorvendo sua sopa. Um criado estava próximo com uma toalha sobre seu braço, enquadrado pela imagem na janela mostrando a torre da igreja de Manchester.

Na parede branca atrás de Goodwill, dúzias de olhos negros brilhavam como troféus de caça. Eu podia dizer que todos eles eram criaturas de blud — eles pareciam maiores, mais malvados, mais perversos do que seus suaves homólogos. O alce no centro parecia como se poderia arrancar a perna do rinoceronte.

— Bem, isso é prático —, murmurou Criminy. — Agora que nós sabemos que ele está em casa. — Em seguida ele agitou uma mão sobre a lagoa, dizendo —, Onde está meu medalhão de rubi?

A água girou sozinha, a visão de Goodwill flutuando e deslocando-se para um quarto vazio com as mesmas paredes brancas e teto de madeira. O medalhão jazia em uma elegante penteadeira. Ao lado dele estava uma velha fotografia em preto e branco de uma garota com cabelo preto curto segurando um buquê de flores.

— Bom —, Criminy murmurou. — Todos os nossos coelhinhos-blud com uma única flecha. Agora, por que Jonah Goodwill quer Letícia?

A lagoa ondulou, e a visão se dissipou. Uma nova brilhou a existência.

Era o Darkside de Manchester. Por todas as redondezas das ruas, mortos Bludmen e mulheres e crianças estavam dispersas, seus corpos

esguios e pálidos e crivados com feridas. Em seguida a visão girou para outra cidade, outro Darkside, mais corpos. Depois outro, e outro. Mostrou-nos um mundo onde todos os Bludmen estavam mortos. O mundo que Jonah Goodwill esperava trazer à existência.

E no centro da visão, cercado por morte, estava eu, o medalhão de rubi pendurado ao redor do meu pescoço.

A caminhada para Manchester foi tanto mais fácil e mais difícil do que antes. Mais fácil porque Criminy estava inchado com sangue de veado e cheio de energia e porque eu estava roendo um osso da perna do mais raro veado assado na pressa. Mais difícil porque Criminy estava carregando a cabeça decepada do veado pelos seus enormes chifres, um modesto presente para o Magistrado Goodwill, colecionador de troféus blud. Nós esperávamos que essa fosse nossa passagem à sua presença.

— Você realmente acredita que isso irá funcionar? — eu perguntei, evitando as gotas de sangue aleatórias que vazavam do pescoço lesionado.

— Não há como saber —, Criminy disse. — Talvez ele vá aceitar, talvez não. Eu jogarei isso nele e o derrubarei, talvez perfurando um pulmão com um chifre afortunado. Ele não estará esperando por isso.

— Mas não seria apenas mais fácil deixarmos nos capturar?

— Não ao menos que você gostaria de ver exatamente o quanto blud há em meu corpo, amor —, ele disse sombriamente. — Eles irão me drenar sem um pensamento. Sempre melhor esgueirar-se de surpresa, manter esse ás escondido na nossa manga.

— Sua manga está coberta com sangue de veado, Mestre Stain. E você merece algum tipo de prêmio por carregar algo que pesa, a pé —, Eu disse, e depois algo me ocorreu. — Espere. Por que nós não cavalgamos na carruagem que dá corda?

— Há duas grandes razões para isso, querida —, ele disse. — Uma, se nós chegarmos ao portão da frente deles em algo velho e incomum daquele jeito, nós poderíamos muito bem aparecer cavalgando um unicórnio. E dois, ela deve voltar para Mestre Haggard intacta. Eu não quero um Bludman velho e poderoso daquele jeito zangado comigo.

De volta à estrada, nós logo vimos Manchester brilhando contra as escuras, oleosas nuvens. Eu podia cheirar a tempestade se aproximando, a apenas ao ficar perto da cidade me fez ficar mal-disposta.

Pense em Nana, eu disse para mim. Pense em seu frango com bolinhos e como ela sorri cada manhã quando você cruza a sua porta. Pense em todos os Bludmen que você pode salvar, todas as crianças que terão uma vida melhor se você puder impedir Jonah Goodwill. Você está entrando em Manchester, sem importar o que.

Então Criminy resmungou e deslocou a cabeça do veado em cima do seu outro ombro, e meus pensamentos voltaram para ele. Eu sorri para os amplos ombros, a espontânea e graça felina, o poderoso corpo se contorcendo com músculos rijos e caminhando tão facilmente e audaciosamente com um sorriso austero através de um mundo perigoso. Havia um lugar afável no meu coração para ele. Mais do que isso. Ele me queria para ser exatamente quem eu era, e ele completava uma parte de mim que eu não sabia que existia. Eu não queria perder isso, também.

Eu o tinha escolhido por sobre Casper, mas eu ainda não tinha decidido o que fazer sobre o medalhão e o a poção. A escolha que ele exigiu que eu tomasse se aproximava e aproximava com cada passada em direção ao sepulcro de Manchester. Se nós conseguirmos ir longe assim. Se nós conseguirmos atravessar o portão. Se nós encontrarmos Jonah Goodwill antes dele nos encontrar. Se Tabitha Scowl não tivesse encontrado-o antes. E se o medalhão não estivesse quebrado, e nós conseguirmos pegá-lo e me levar para um lugar seguro para dormir.

E isso era uma horrível porção de *ses*.

Criminy olhou sobre seu ombro com sua boca curvada para cima. —

Você pensando sobre mudar de ideia, amor? — ele disse. — Agora é a hora. Fugir com a caravana, ser blud-transformada, ter uma vida fácil com um lindo tratante?

— Há mais no meu futuro acontecendo do que aquele medalhão agora. E coisas fáceis não valem muito à pena —, eu disse.

Ele riu. — Então é melhor que as coisas difíceis valham —, ele disse.

Nós estávamos quase perto o suficiente do muro de Manchester para atrairmos atenção, Criminy mergulhou atrás de uma barreira de cerca viva selvagem e pedregulhos. Ele descartou a enorme cabeça de veado, se agachou na grama, e gesticulou para mim. Eu me uni a ele, cuidadosamente mantendo minhas saias longe do gosmento troféu.

— Terá que ser magia, amor —, ele disse. — Eles estão procurando por nós. Então nós vamos ficar invisíveis, e eu vou estar disfarçado. Eu vou lançar um feitiço mais difícil dessa vez, um que não tomará tanta energia para se sustentar. Você ficará invisível até eu romper o feitiço, mas você ainda ficará material. Você terá que ficar bem perto de mim para que nós não sejamos separados, e você terá que ficar em absoluto silêncio. E você terá que aceitar que se você se ferir, você estará por conta própria. Você pode fazer isso?

— Eu posso fazer qualquer coisa —, eu disse.

Ele puxou um cabelo caído do meu ombro e disse —, Esse é mais fácil do que o normal. Nem mesmo vai fazer você guinchar.

Ele removeu sua luva, colocou o cabelo sobre sua mão preta escamosa, e ateou fogo com uma palavra. Enquanto queimava, ele cantou coisas em uma estranha, língua musical até que virasse cinzas. Em seguida ele me beijou rapidamente e polvilhou as cinzas sobre minha cabeça.

Mesmo embora fosse impossível, eu as senti aterrisarem no meu cabelo e derreterem como flocos de neve. Criminy sorriu enquanto eu desaparecia de vista. Era minha terceira vez ficando invisível, e era apenas tão desconcertante quanto sempre. Mas dessa vez, eu não podia me ver, nem mesmo um pouquinho, nem mesmo como vidro ou água. Eu estava cem por cento não ali, minhas roupas e Uro comigo.

— Agora é a minha vez —, ele disse. Ele estalou seus dedos e desenhou linhas sobre seu rosto com o sangue, murmurando outra canção. Era o seu mesmo sangue que tinha me trazido até aqui, explodindo do medalhão e deixando marcas côncavas no balcão do meu banheiro e manchas permanentes na minha mão. E ele estava dentro de mim agora, também. Tinha que ser uma coisa muito poderosa.

Ele se inclinou e colocou sua luva de volta, e quando ele olhou para cima, eu arfei.

Ele era agora um homem idoso com pele castanha clara e pequenos tufo de cabelo branco atrás das suas orelhas. Seus olhos castanho-chocolate sorriram para mim com travessura, e seu sorriso peculiar ainda sustentava os mesmos dentes pontudos.

— Como você se sente a respeito de homens mais velhos, queridinha? — ele disse com uma voz rouca.

— Você se parece com o avô de Antonin —, eu disse.

Ele riu e se levantou do chão com um exagerado andar curvado. Enquanto ele acomodava no ombro a cabeça do veado e começou a mancar em direção à cidade, eu segui na sua direção, as gramas se abrindo pelo meu vestido invisível.

Bem antes de nós chegarmos dentro da distância de saudação, eu sussurrei —, Pare para amarrar sua bota, por favor?

Ele obedeceu, largando a cabeça de veado e se ajoelhando com exagerada rigidez para perder tempo com os laços altos da sua bota. Eu me ajoelhei ao lado dele, tomei seu rosto no meu, e o beijei forte. Ele ergueu seus braços para me puxar mais perto, depois se lembrou onde nós

estávamos e o que nós estávamos fazendo. Ele coçou sua cabeça ao invés, todo o tempo me beijando de volta fervorosamente.

— O que quer que aconteça, eu acho que te amo —, eu sussurrei no seu ouvido enquanto eu me afastava.

As feições que ele usava não eram as suas próprias, mas a expressão de alívio e triunfo era.

— Eu sabia que você mudaria de opinião, querida. O que quer que aconteça, eu amo você, também —, ele sussurrou de volta. — Eu sempre amei.

Então ele se ergueu do chão como um homem diferente de mais maneiras do que uma. Ele vacilou até o posto de sentinela, segurando a cabeça do veado no seu ombro e tateando o seu colete pelos documentos que nós tínhamos forjado essa manhã, antes de nós sabermos o plano definitivo de Goodwill.

— Documentos —, veio uma lisa voz.

O velho homem colocou os documentos na caixa e esperou enquanto o guarda os examinava.

— Rafael Fester de Cabeça de Pônei —, o guarda latiu. — Declare seus negócios.

— Boa noite, senhor —, o velho homem disse, sua voz uma mistura de alegria e subserviência. — Ouvi que Magistrado Goodwill coleciona curiosidades e pensei que ele poderia aceitar um humilde sinal de estima das pessoas de Cabeça de Pônei. Esse monstro devorou oito crianças Pinky no piquenique antes do meu filho arregaçá-lo e morrer na barganha.

— Você tem documentos para Viviel Fester —, o guarda disse. — Onde ela está?

Eu tive um momento invisível de *Oh, merda!* Nós tínhamos os dois nos esquecido sobre nosso plano original de duas pessoas visíveis – aquele que nós fizemos antes da nascente nos mostrar a verdade das coisas.

Mas Criminy estava esperto e rápido quanto sempre. O rosto do velho homem estava em pânico, e ele suavemente disse, — Minha esposa

morreu ano passado, senhor. Eu guardo seus documentos comigo por força do hábito. Vivemos juntos duzentos anos, nós vivemos. — Algumas lágrimas vermelhas rolaram pelo seu rosto.

O guarda amassou o conjunto extra de documentos e os lançou ao chão na sua cabine, o bastardo. Não é de impressionar que todos odiassem Policiais.

— O pedágio aumentou —, o guarda latiu. — Oito cobs ou dois frascos.

O velho homem descartou a cabeça de veado e caçou pelos seus bolsos, reunindo trocados. Ele contou oito moedas de cobre e as colocou dentro da caixa. Ela se fechou, e depois se abriu com os documentos.

O guarda limpou sua garganta. — É um decreto que todos os Bludmen registrem um crachá na Casa dos Holofernes no Darkside ao entrar na cidade. Bludmen sem crachás serão sujeitos à inquisição e possível drenagem. Você viu algumas dessas pessoas antes? — Ele estendeu desenhos com tinta de Criminy e meu. A palavra PROCURADO deslizava sobre o topo de cada imagem com elegante caligrafia. O desenho de Criminy estava correto, mas aquele comigo era mais do que um pouco imaginativo.

Eu parecia como uma diabólica sedutora, algum tipo de bruxa-rainha vampira.

Eu gostei disso.

Eu queria uma cópia para o meu vagão.

— Nunca vi os diabos, senhor, mas nunca estive fora de Cabeça do Pônei até essa semana, também. Eu irei à pousada, contudo. E como consigo ver o Magistrado Goodwill, senhor?

Em resposta, o guarda puxou sua alavanca, e a gigante porta guinchou aberta.

Coçando sua cabeça e olhando para cima às enormes portas, Criminy estava aproveitando maravilhosamente bem ao agir como um caipira do campo. Ele ergueu a cabeça de veado e vagou pela porta. Eu estava perto

dos seus calcanhares.

Depois da porta bater fechada atrás de nós, ele sussurrou, — Você está aí, querida?

Em resposta, eu acariciei suas costas suavemente, logo onde eu tinha uma vez o arranhado.

— Sim, você está aí —, ele murmurou. — Tente acompanhar.

Acompanhando o seu desempenho de ratinho do campo, Rafael Fester arregalou os olhos para as lojas e para as pessoas e geralmente ficava no caminho de todo mundo, acidentalmente batendo em uma distinta dama Pinky com seu troféu de sangue em certo ponto. Ele perguntou às pessoas ao acaso por direções à Darkside, depois se esforçou para ir pelo caminho errado.

Ainda assim, eu soube que ele sabia exatamente onde ele estava indo, e eu fiquei tão perto dele quanto possível, tentando me lembrar em não esbarrar em ninguém mais. Eu vi um garoto de rua imundo deslizando-se mais perto para roubar seu bolso em um ponto e quase me intrometi, mas Criminy rodopiou rapidamente e atrelou o garoto com um chifre, gritando —, O que, quem disse isso? — como um homem surdo por toda a parte. O garoto de rua escapuliu de volta para dentro das sombras, esfregando um caroco na sua testa.

Finalmente, eu pude ver uma das entradas obscurecidas de Darkside, embora eu não conhecesse nada da nossa aventura mais recente à casa de Antonin. Nós estávamos dentro de uma parte da cidade que eu não tinha visto antes. Rafael relaxou um pouco dentre seu próprio pessoal e endireitou suas costas antes de perguntar a um transeunte limpador de chaminé por direções para a Casa de Holofernes.

— É a duas quadras acima, mas você não quer ir até lá —, o Bludman disse em um sussurro rouco. — Os Policiais sabem de tudo o que acontece naquela pousada, amigo. O que entra na sua boca e o que sai dela também.

— Mas o guarda no portão disse que eu tinha que conseguir um crachá —, Rafael disse, agindo confuso. — O que acontece se eu não for lá?

— Não seja um tolo, velho homem —, o limpador de chaminé sibilou.
— Consiga um falso no subterrâneo. Vá ver—

Ele recuou enquanto Policiais contornaram a esquina e fizeram o caminho mais curto até eles. Pegando seu balde e escovão, ele disse, apenas um pouco alto demais —, Feliz que ela está bem, e dê a ela minhas estimas, você dará?

O limpador de chaminé se virou para partir, mas o Policial girou seu cassete de uma maneira insignificante e disse —, Eu não vejo o seu crachá, Bluddy. Yorick deveria estar dando a você direções para a Casa de Holofernes. Que gentil. Eu assumirei o controle daqui.

O limpador de chaminé se apressou enquanto o Policial apontou seu cassete para orientar Rafael ao descer a rua escurecida. Claro, ele não veio a se aproximar em nenhum momento para tocar o perigoso Bludman, por mais velho e fraco.

— Não gostaria de se perder —, o Policial disse. — Algo ruim pode acontecer com você.

— Eu estou grato pela sua ajuda, senhor —, Rafael disse. Era quase acreditável.

Eu entrei no seu caminho, tão silenciosa quanto um fantasma. Era crepúsculo, com nuvens anil espumando lá no alto. Sombras pairavam como lamparinas alaranjadas sibilando a vida. Eu esperei pelas primeiras gordas, gotas molhadas de chuva esfumaçada caírem, mas o céu estava prendendo seu fôlego.

Lojas começaram a abrir suas portas para Bludmen que tinham gasto todo o dia trabalhando como os serviçais das suas presas, a calorosa luz fazendo retângulos alegres de um lado ao outro dos paralelepípedos brilhantes. Bludmen de todas as idades entraram nas ruas, as mulheres andando de braços dados, conversando em grupos, ou atravessando as portas abertas para fazer negócios. Era chocante, a diferença entre as Bludmulheres relaxadas em seus vistosos, vestidos abertos e as constrangidas, nervosas Pinkies tão apertadamente laçadas e apertadamente feridas. Os

constantes escárnios do Policial tornaram o seu nojo pelo Darkside muito evidente, e eu não pude evitar em tropeçar nele uma vez. — Malditos Bluddies precisam se limpar apesar de si próprios —, ele murmurou para ninguém em particular enquanto ele endireitava seu paletó.

Finalmente parando debaixo de um toldo, o Policial murmurou —, Divirta-se ali dentro —, e permaneceu um pouco afastado, observando. Certificando-se que Rafael não saísse correndo.

A placa tinha uma chama estilizada coberta por uma caligrafada *Pousada Casa de Holefernes*. Eu estremeci enquanto Criminy pegava a maçaneta. Algo não estava certo aqui.

Antes que ele pudesse abrir a porta, eu coloquei minha mão no seu ombro

— Algo cheira engraçado por aqui —, Rafael disse, cheirando o ar. — Cheira suspeito. — Depois ele encolheu de ombros e entrou. Eu o segui, contente que ele tivesse captado isso também.

— Boa noite, senhor —, disse uma sonolenta, sonora voz.

Atrás do balcão estava um muito alto, muito magro velho Bludman com um nariz como um bico de águia. Eu duvidei que ele alguma vez tivesse sorrido em toda a sua vida. Eu me antipatizei por ele imediatamente.

— Boa noite, Mestre Hollofernes —, disse Rafael. — O guarda no portão me disse que eu tinha que me registrar, então aqui eu estou. Eu nunca estive na cidade antes. Você tem um quarto disponível?

— Assine aqui —, entooou o velho homem, e ele deslizou um cadastro de hóspede de aparência nova, do outro lado do balcão. Rafael encolheu de ombros e pegou a pena, assinando *Rafael Fester*, Cabeça de Pônei em trêmula cursiva. Em seguida ele olhou para cima expectante.

— Documentos —, disse Sr. Holofernes, e Rafael entregou-os a ele. Sr. Holofernes deu ao envelhecido, papel usado uma investigação completa e até provou o canto com a ponta da sua língua antes de silenciosamente devolvê-los. Depois ele entregou a Rafael um pequeno crachá de cobre com um ornado B nele e apontou para uma das suas lapelas para indicar a

localização apropriada.

Depois ele tocou um sino de cristal, Sr. Holofernes olhou para Rafael, e o homem permaneceu em mútuo silêncio estranho.

Logo antes de Rafael ficar bastante incomodado para dizer algo que poderia ser imprudente, uma Blut-mulher com cabelo escuro correu descendo os degraus e começou a tagarelar com ele como um demente periquito, preenchendo o estranho silêncio. Mestre Holofernes desapareceu.

— Bem, oi aí, agora, senhor. Como está, senhor? Você está querendo um quarto, senhor? E você acabou de perder a chuva, isso não é afortunado? E que adorável veado você tem aqui. Você o matou sozinho? Isso irá alcançar um bom preço, esse aí, tal cremalheira encantadora nele. Agora, onde estão suas malas, senhor?

Rafael pareceu completamente desconcertado, e eu quase ri.

— Eu não tenho malas, senhorita, exceto essa pequena sacola —, ele finalmente disse. — Não planejei ficar pela noite. Apenas queria trazer esse troféu para Mestre Jonah Goodwill das boas pessoas de Cabeça de Pônei, agradecê-lo por manter nossa cidade segura. Mas o guarda me enviou para cá, então aqui eu estou.

— Bem, agora, um quarto irá custar dez cobres ou três frascos, senhor, e é sangue de Pinky, se você não sabe. E isso inclui um meio frasco no jantar, o qual é bastante justo. Oh, todos na pousada se reúnem no salão as onze para uma adorável festa, senhor.

— Isso soa terrivelmente extravagante —, Rafael disse, apalpando seu colete por moedas. — Não estava esperando ser tão caro, contudo. É minha primeira noite na cidade grande.

— Oh, agora, senhor, se é muito caro para você, nós temos um meio quarto por cinco cobres, mas só tem uma cama estreita e uma jarra. Os quartos normais têm uma boa, espaçosa cama, com vista da cidade, e água corrente, sabe. Até mesmo mais adorável, eu asseguro você.

O sorriso de Rafael se curvou de uma maneira familiar, e ele disse. — É gentil de você mencionar, mas eu imagino que irei ceder e me dar um

quarto para me espalhar e aproveitá-lo. Você apenas vive uma vez, hein?

Eles dois riram juntos. Deve ter sido uma piada interna para Bludmen. Ela entregou a ele uma chave e deu a ele às direções para o seu quarto, mas todas exigindo que ele se refrescasse antes da festa obrigatória.

Eu segui Rafael para cima dois lances de escada, cuidadosamente pisando ao mesmo tempo que ele, com receio de que alguém se perguntasse por que um velho homem estava fazendo duas vezes a quantidade normal de passos. Ele abriu a porta para o quarto e lançou a cabeça de veado em cima do chão, onde ela aterrissou com um barulho. Eu segui para dentro, e ele chutou a porta fechada e me pegou nos seus braços, sussurrando —, Eu não posso vê-la, mas eu ainda posso sentir seu cheiro, meu amor.

Eu tentei me afastar, mas ele segurou apertado e me aninhou até que ele encontrasse meu rosto.

— Aí está você —, ele respirou, e seus lábios encontraram os meus. Eu desloquei meu ângulo quando meus olhos captaram movimentos do outro lado do quarto. Eu olhei para cima ao espelho oval até o chão, no qual um idoso homem estava apaixonadamente beijando o ar. Ele se afastou enquanto eu sufocava uma gargalhada e apontava para o espelho.

Oh, espere. Ele não conseguia me ver.

— Eu acabei de ver você fazendo amor com nada além daquele espelho —, eu sussurrei. — Foi um show.

Rafael riu, depois sentou-se na cama e começou a desamarrar os laços das suas botas.

— O que você está fazendo? — eu disse.

— Eu vou me refrescar, como um bom jovem Bludman —, ele disse. — Logo depois de eu fazer algo que requer que eu me refresque. Eu procuro me comungar com o perverso fantasminha de Viviel Fester.

Ele sorriu para mim, um sorriso feroz. Meu interior se derreteu um pouco.

Me dando um momento, eu me movi para a janela e espiei pelas cortinas. Uma pesada, oleosa chuva estava se espalhando sobre o

paralelepípedo, cobrindo-os como limo grudento em lamparinas alaranjadas. Eu fechei as cortinas. As coisas estavam muito mais interessantes do lado de dentro.

— Você nem pode me ver —, eu disse timidamente. — E nós já fizemos algo digno de se refrescar essa tarde. E você é um velho. E você ainda tem que ir a uma festa.

— Eu não preciso ver você —, ele fundamentou. — Estará escuro logo, e eu ainda posso sentir você e sentir seu gosto. Essa tarde é um passado longínquo. E nós vamos ambos naquela festa, porque eu preciso que você obtenha informação.

— Mesmo que tudo isso seja verdade, você ainda está assumindo que eu quero ser refrescada com um bobo homem velho —, eu contrapus.

— No escuro, você não saberá a diferença —, ele disse.

— Talvez você tenha hálito de velho.

— Talvez não —, ele disse com a sua voz habitual, baixa e rouca.

Ele saiu das suas botas e se levantou, retirando seu paletó. Ele estava olhando diretamente para mim, mesmo embora ele não pudesse me ver. Ele andou até mim e introduziu seus braços até que eles estivessem bem nos meus ombros. Depois ele respirou em mim, e eu inalei aquele maravilhoso cheiro dele e suspirei.

— Talvez não —, eu ecoei.

— Além disso —, ele disse, traçando uma descendente do meu ombro até a minha mão e me conduzindo para a cama —, Eu não acho que você tomou sua decisão sobre o medalhão ainda. Essa pode ser minha última noite com você. Um de nós pode morrer amanhã. Ou você pode me deixar para sempre. Eu quero cada bocado de felicidade que eu conseguir. — Ele tentou manter seu tom brincalhão e leve, mas eu pude ouvir uma despedida nas suas palavras, e eu não podia rejeitá-lo nem se eu quisesse.

As cortinas já estavam fechadas. Ele desligou a luz. Nós dois estávamos invisíveis na escuridão. Foi o rosto de Criminy que eu senti, seu suave, liso cabelo correndo pelos meus dedos. Eu tracei suas sobrancelhas e

maças do rosto, feições penetrantes que eu reconheceria em qualquer lugar.

— Eu apenas não sei —, eu sussurrei.

— Eu não quero saber, também, não essa noite —, ele respondeu, e em seguida nossos lábios se encontraram e nossos corpos derreteram juntos, nenhum de nós o que parecia ser.

Nossa primeira vez juntos tinha sido exploratória e provocatória. Nossa vez na floresta tinha sido feroz e crua. Mas dessa vez, nós fomos lentos e melancólicos, cada toque e beijo cheio de saudade e uma estranha finalidade vulnerável. Nós levamos o tempo necessário.

Foi divertido, estar invisível.



Mais tarde, nós acendemos a luz, e eu observei ele se esticar, fascinada pela sua pele mais escura e flácida.

— É assim que você irá se parecer um dia? — eu perguntei. — Ou você alguma vez envelhecerá?

— Será um longo tempo até que eu envelheça pelos seus padrões, amor. Você estava certa — isso é como o avô de Antonin se parecia. É apenas um glamour simples —, ele disse, sua mão se movendo através do cabelo branco encaracolado. — Apenas funciona aos olhos. Eu terei que pincelar uma colônia antes de nós descermos lá, no caso de eu ver alguém que eu conheça. Os outros Bludmen irão pensar que eu sou um simples caipira do campo, cafona.

Eu me estiquei, aproveitando a sensação de estar completamente nua

e ainda extremamente sem vergonha, justo como nos meus sonhos. Sem encolher a barriga ou se preocupar sobre pêlos crescendo. Era tão libertador.

— Nós não podemos apenas ficar assim por um tempo? — eu perguntei. — É agradável aqui.

— Eu dei a você essa escolha, querida, mas você quer o seu medalhão. É por isso que nós estamos aqui em primeiro lugar.

— Não seja irritável —, eu disse. — Você sabe que eu tenho que fazer isso. Eu tenho uma responsabilidade com minha avó. Ela precisa de mim. É isso é para os Bludmen, também. O que aconteceu em Brighton não pode acontecer aqui.

— Eu sei, eu sei —, ele resmungou. — Amaldiçoe a sorte deles.

Ele rolou para fora da cama e afluiu água na bacia, depois começou a esfregar-se ferozmente com uma toalha molhada.

— Você parece como se estivesse tentando me esfregar de você —, eu disse maliciosamente.

— Claro que eu estou —, ele disse. — Maldição, mulher! Seu cheiro, seu estúpido cheiro de sangue delicioso se prolonga em cada fenda do meu corpo e meu guarda-roupa, me beirando à loucura. Você sabe como é querer algo tanto, ter isso tão perto, e ainda sentir que está fora do seu alcance? Fora do seu controle?

Ai. Apesar a invencibilidade, eu fui oprimida com o desejo de me cobrir. De procurar refúgio. Ele era como uma tempestade se preparando, e eu não o tinha visto zangado assim antes. Não comigo. Trovão rolava do lado de fora, e eu o senti na minha caixa torácica.

— Por que você está zangado de repente, Criminy? O que eu fiz?

Ele começou a se vestir, olhando perdido para um espaço com sobranceiras desenhadas nitidamente para baixo.

— Os poderes que eu usei para trazer você aqui – eles não foram uma compra barata. Você conheceu a bruxa. Eu fiz minha barganha com o diabo; eu paguei meus débitos. E aqui está você, perfeita de todas as formas. Exceto que seu coração ainda está completamente amarrado em outro

mundo, outra vida, com essas outras pessoas. E eu não posso sequer duelar com elas por você, não posso enganá-las ou colocar glamour nelas. Elas são como fumaça e espelhos, como lutar com um fantasma.

Ele jogou seu lenço amarrotado no chão e se virou para mim, sua camisa aberta sobre uma pele cor de mel de um homem velho, salpicada com pequenos cabelos brancos. O rosto de Rafael estava contorcido com raiva e tristeza, mas eram os olhos de Criminy me espetando através do coração.

— Claro que eu estou zangado. Eu estou para arriscar a minha vida – de novo – para obter meu próprio medalhão de volta para que você possa me deixar para trás. E você estipulou que se nós não conseguirmos o medalhão de volta, você irá me deixar de qualquer forma.

Em uma voz minúscula, eu disse. — Me desculpe.

Ele chutou o veado com o seu pé calçado com meia, que deu uma cambalhota e caiu.

— Claro que você se desculpa. É uma aposta perdida, amor. O que você disse àquela garota Pinky na caravana? ‘Diga ao seu pai para não apostar no cavalo preto?’ Eu não estarei mais apostando.

— Eu não decidi ainda —, eu disse, minha voz baixa e arruinada com mais culpa do que eu teria gostado.

— Não, você não decidiu —, ele disse. — Porque você não sabe o que você vai encontrar quando você voltar para lá, para seu mundo. Você tem que senti-lo, prová-lo, rolá-lo na sua língua, e compará-lo com o gosto de Sang. Ver se ele lhe favorece.

Eu deslizei em direção a cabeceira e peguei um travesseiro, aninhando-o contra meu rosto para estancar minhas lágrimas silenciosas. Eu estava contente que ele não podia me ver chorando. Ele sentou na beirada da cama com suas costas para mim e colocou sua cabeça em suas mãos.

— Eu incendiaria o mundo por você —, ele sussurrou ferozmente. — Seu mundo ou o meu. Eu rasgaria toda essa cidade com minhas próprias mãos sem um segundo pensamento. Eu não preciso provar mais nada, eu

não preciso de comparação. Eu sempre pensei que quando você viesse para mim, você se sentiria dessa forma, também.

— Você alguma vez pensou que eu não sou digna de tal amor? — eu sussurrei.

— Não até você trazer isso à tona, não —, ele disse suavemente.

— Mas isso não muda meus sentimentos —, ele disse, se levantando e sacudindo-se de volta ao seu humor insensível e rígido. — E nós teremos que ver o que acontece quando suas escolhas são expostas. Agora, se lave e se recomponha, porque nós temos uma festa para atender.

Amarrar um espartilho era difícil e desconfortável. Amarrar um espartilho invisível em um corpo invisível era como fazer um SAT⁵¹ para cegos, em sânscrito, com um toco de giz de cera durante um furacão.

Na hora em que nós encontramos todas as minhas roupas e as colocamos de volta em mim usando apenas o sentido do toque, nós estávamos quinze minutos atrasados para a festa, e eu estava inutilmente despenteada. Eu ajudei Criminy a endireitar sua camisa e retirei os fiapos do paletó de veludo que se esticavam sobre seus próprios ombros, mas pareceram cair de algum lugar do corpo encolhido de Rafael. A diferença entre o que meus olhos viam e o que minhas mãos sentiam era desconcertante.

A seguir, ele salpicou algum tipo de pó sobre mim.

— Para acobertar o seu cheiro —, ele disse.

— Eu não sinto cheiro de nada.

— Exatamente.

— Mas por que não Pinkies usam essas coisas o tempo todo? — eu

⁵¹ SAT – é o exame que os alunos secundaristas fazem que corresponde ao nosso vestibular.

perguntei, pensando sobre Casper e me perguntando quanto blud ele ingeriu para provocar tal efeito.

— Porque isso é caro, envolve complexa magia, não dura muito tempo, e é feito de... bem... você não quer saber —, ele explicou, evitando meus olhos.

— Eca?

— Letícia, isso é importante, amor —, ele disse, tateando ao redor para pegar minha mão. — Nós estamos tentando recolher alguma possível informação. Por mais que eles representem, Policiais estão nessa festa. Sem Pemberly, eu estou um pouco cego. Seu trabalho é ficar fora do caminho e observar as pessoas. Escutar conversar paralelas. Se aproximar se alguém sussurrar. Procurar por buracos nas paredes ou olhos nas pinturas, onde eles podem estar observando.

— Eu posso fazer isso —, eu disse através de uma boca cheia de um frio envoltório que eu tinha puxado da nossa sacola. Eu assisti no espelho enquanto o burrito desaparecia mordida por mordida dentro do ar. E estava mais do que faminta e vasculhei na bolsa por tangerinas.

— Acima de tudo, não toque em ninguém. Não derrube nada. E não faça nenhum barulho. Apenas encontre um canto calmo para ficar lá.

— Afirmativo, capitão —, eu disse, lambendo meus dedos.

Eu estava realmente ansiosa por isso – estar invisível em uma festa de Bludmen. Eu não tinha que me preocupar sobre me apresentar, ou descobrir o que fazer com minhas mãos, ou conversar sobre o tempo com pessoas chatas. Eu podia encarar e escutar casualmente para contentamento do meu coração, coletando a informação que nós esperávamos que nos contaria mais sobre o jogo de Goodwill.

Eu segui Rafael para o andar de baixo. A anfitriã Blud-mulher falante enxotou-o para dentro de uma sala que me lembrou do Salão de Bilhar em *Os sete suspeitos*, desde o chão quadriculado de preto e branco às paredes com lambris de madeira e estantes lotadas com volumes de couro. Uma mesa de sinuca com oito buracos dominava o espaço. Veludo vermelho

enquadrados nas janelas e vãos de portas, e doentios vasos de plantas vadiavam nos cantos. Miniaturas de frascos de sangue aquecidos em baldes sobre brasas em cada mesa.

As pessoas eram até mesmo mais interessantes – todos Bludmen, lógico. Homens e mulheres de todas as idades vestiam as típicas roupas de coloração brilhante e tagarelavam em pequenos grupos. Uns poucos inquilinos ricos tinham geringonças, incluindo macacos, enfeites de cobra tanto menores quanto maiores que a minha própria, e um bonito pavão de jóias. Rafael se aventurou em direção ao grupo de velhos homens jogando pôquer. Eu me arrastei ao canto atrás de alguns jovens almofadinhas jogando bilhar.

Hora de bancar a espia.

Uma festa de jovens mulheres estava perto de mim em vestido elegantes, tagarelando sobre estilos e chapéus e fitas. Sem utilidade. No sofá um pouco distante delas, um casal de meia idade em roupas fora de moda sorviam sangue das suas taças em silêncio perplexo. Trechos de conversas fluíam, mas eu não conseguia colocar qualquer significado nas palavras.

Ao invés disso, eu me foquei em explorar a sala por pistas. Havia pinturas, mas elas eram na sua maior parte grandes paisagens de éguas-blud correndo em caça de raposa. Ao invés de raposas, havia humanos encolhidos com medo diante dos cavaleiros. Nenhuma única pintura extravagante tinha brancos globos oculares cintilando por furos nas suas telas.

Eu estava quase indo ao outro lado da sala pela ponta dos pés quando eu percebi Mestre Holofernes sentado em uma cadeira com encosto em forma de asa, seu rosto insensível e sombrio. Ele era uma das poucas pessoas não bebendo da taça. Pessoas o evitaram e lançaram estranhos olhares para ele, mas pela maior parte, ele foi ignorado, então eu o ignorei, também.

Eu esperei até o mais próximo Bludman fazer a sua tentativa e descartar o seu taco de bilhar, depois avancei contornando a mesa de bilhar para o outro lado da sala. Uma garota adolescente sentou-se em um cravo e

começou a tocar uma triste, suave valsa. Sua música ia impedir as escutas, então eu me deslizei contornando a parede para um grupo de senhoras mais velhas amontoadas ao redor de xícaras de chá.

— Isso não é certo, isso sim —, disse uma velha senhora em um vestido que estava usado e fora de moda por vários séculos. — Meu primo estava em Brighton, um modista, nem mesmo um escravo de fábrica. Ninguém da minha família bebeu de um corpo em duzentos anos. E qual é o agradecimento que nós recebemos? Fogo.

— Silêncio, Tavia —, disse sua amiga, cutucando-a nas costelas. — Não diga tais coisas.

— Eu sou uma cliente pagante, e eu falarei livremente —, Tavia fungou. — Além disso, nós estamos todos entre parentes aqui, não estamos?

— São tempos sombrios —, disse uma velha dama com uma alta colméia de brancos cachos —, e eu planejo viver até o fim deles. Novamente. — Ela se levantou e escorregou para uma estante, balançando seus quadris acolchoados.

— Covardes —, murmurou Tavia.

— Nós temos que ser, querida —, disse sua amiga, afagando sua mão.

Eu olhei para Rafael e o encontrei tentando falar com Mestre Halofernes, que apenas gesticulou sua mão e permaneceu em silêncio. Rafael encolheu de ombros muito naturalmente e se moveu em direção ao cravo, mas ele foi impedido pela falante atendente, que o instou em direção à mesa de refrescos.

Eu me aproximei para ouvir a interação.

— Eu trouxe meu próprio sangue de casa e já bebi, senhorita —, disse Rafael. — Não desperdiça, não carece, minha mãe sempre disse.

— Não há sentido, Sr. Fester. Você pagou com seus cobres, o mesmo que os outros, e você tem o direito ao seu sangue. Você não disse que você ia se satisfazer? Metade de um frasco irá assentar muito bem. E logo Judith irá cantar!

— Eu não poderia possivelmente — Rafael começou, mas ele se virou

para encarar uma porta se abrindo e parou de falar por um momento. Depois ele engoliu e continuou em uma baixa voz, dizendo —, De fato, eu não poderia, senhorita. Você é muito gentil. Por favor desculpe um peculiar homem velho pelos modos de cidade pequena.

Ignorando suas súplicas, ele deslizou-se para longe ao canto distante para examinar uma estante e produziu uma conversa educada com a velha dama com o cabelo em colméia. A garota no cravo terminou a valsa e começou a tocar outra canção triste e gorjeou algo fora do tom. Casper estava certo – ele poderia fazer uma matança aqui, se isso fosse sua única competição.

Eu fui bloqueada pelo homem na mesa de bilhar e não pude ver o que Rafael tinha falado. Eu comecei a contornar a parede, ansiosa para me deslocar da barreira de corpos. Em seguida uma voz soou sobre o suave soprano da tocadora de cravo, e todos se viraram para olhar. O velho homem se deslocou, e para dentro da sala rebolou Senhorita Tabitha Scowl, cantando como um anjo.

E ao redor do seu pescoço branco como a neve, estava o meu medalhão.



Eu nunca odiei ninguém da forma com o que eu odiava Tabitha Scowl.

Ela era minúscula e facilmente bonita. Ela tinha uma voz impressionante, visto que quando eu canto, soa como se eu estivesse gargarejando com concreto. Ela tinha pose e estilo e confiança e paixão.

E, mais importante, ela tinha meu medalhão. E ela provavelmente nem sequer sabia como usá-lo.

Balançando a comprida azáfama azul petróleo do seu vestido atrás dela, ela colocou um sorriso coquete enquanto ela terminava a canção e se aproximava dos dois mais jovens e mais bonitos Bludmen na sala. Eles abandonaram seus jogos, segurando seus tacos de bilhar com indiferença enquanto eles conversavam com a bela do baile. Eu me movi mais perto para escutar, mas era apenas ridículo flerte. Sem utilidade.

Mas por que ela estava aqui? Por que Goodwill a confiou com o meu medalhão? Ela era uma das razões dos Policiais sempre saberem o que acontecia nessa festa? E se assim, por que ela não estava falando nada interessante?

Eu contornei mais perto e me inclinei, mas ela estava apenas elogiando o braço bem musculoso do jovem Bludman. Há meros metros de distância, o medalhão brilhou para mim, pendurado logo abaixo do seu seio avantajado pelo espartilho. Ela era muito pequena para tê-lo pendurado sobre seu coração, como ele ficava em mim. Eu estava paralisada, observando ele oscilar enquanto ela se movia, amorosamente notando o profundo carmesim do rubi e a interessante gravação no dourado reluzente.

Meu, eu pensei.

Algo me cutucou por trás, e uma das velhas damas chorou, — Perdoe-me, senhor! — e lançou um olhar perverso ao jovem homem, adicionando —, Se você vai ficar batendo nas pessoas com o seu taco, é melhor você aprender algumas boas maneiras.

O jovem homem olhou para o seu taco de bilhar com confusão e se desculpou. Eu tinha que ser mais cuidadosa, antes que alguém realmente esbarrasse em mim e causasse um tumulto.

Eu estendi minhas saias e na ponta dos pés contornei Tabitha até minhas costas estarem para a parede atrás dela. Eu pude ver Rafael perto da estante observando-a ao redor da gigantesca colméia branca da mulher, sua sobrancelha castanha de homem velho enrugada com preocupação. Em seguida ele olhou freneticamente ao redor da sala, procurando por mim mesmo embora eu estivesse invisível.

Eu me achatei contra a parede enquanto um Bludman passou para se unir ao círculo de admiradores de Tabitha. Eu não pude evitar além de respirar o ar do seu rastro. *Eca*. Hálito de homem velho, com um fedor opressor de sangue — mesmo pior do que Tabitha. Não é de impressionar que Emerlie achasse que Bludmen cheiravam mal.

Tabitha estava rindo agora, e eu podia ver a corrente ao redor da parte

de trás do seu pescoço, emaranhando-se nos cabelos soltos do seu coque. Cada fibra do meu ser ansiando atacá-la e arrancar o medalhão e fugir com ele, mas eu sabia que isso seria um desastre. Eu só tinha que ficar por perto e segui-la quando ela partisse da festa. Ainda assim, o colar me atraiu, e por mais que eu a odiasse, eu não pude evitar em me arrastar mais perto e mais perto até que eu estivesse perto o suficiente para tocar o ouro reluzente.

A porta atrás de nós se abriu, e um atendente apressado introduziu um novo casal. Uma rajada de ar correu por trás deles enquanto a porta batia fechada, e minha saia voou ao meu redor. Tabitha se enrijeceu, e antes que eu pudesse reagir, ela rodopiou e alisou o ar com sua luva. Eu tentei saltar para trás, mas era muito tarde. Suas mãos se fecharam nos babados do meu vestido, e ela gritou em triunfo.

— Eu a peguei! — ela chamou. — A festa acabou!

Mestre Holofernes saltou como um homem muito mais jovem e lutou com a minha forma invisível, prendendo meus braços atrás das minhas costas. Eu não podia ver Criminy, mas eu esperava que ele já estivesse escondido em segurança e planejando meu resgate.

Eu lutei, pisando forte na bota do Mestre Holofernes. Uma voz de homem jovem guinchou da sua boca —, Ela me chutou! A namorada do Blud me chutou, Tab! — E em seguida ele me esbofeteou tão forte que eu vi estrelas. Eu imaginei que Criminy não era o único mágico na cidade que podia elaborar um feitiço de disfarce.

— Eu tenho o outro. É o nosso novo Sr. Fester! — gritou a atendente falante de algum lugar fora da minha visão.

A vadia, pareceu, ter vencido.

De volta no nosso quarto, nós observamos dois Policiais sacudirem nossa cama e remexer na sacola de Criminy, a qual não continha nada além de roupas extras e uns poucos frascos de sangue. Eu me perguntei se alguns deles eram meus.

Criminy estava orgulhosamente entre mais dois Policiais, ainda usando seu disfarce de Rafael, seus braços de homem velho presos com força atrás das suas costas. Eu estava aliviada do mesmo modo. Eles aparentemente não inventaram algemas nesse mundo. Do lado de fora, a tempestade assolava, as pesadas nuvens finalmente desencadeando sua tempestade.

Olhando na minha direção, Rafael mostrou sua língua para mim. Pareceu um momento estranho para ser rude, e eu retribui o gesto antes de me lembrar que ele não podia me ver. Depois ele fez novamente, mais lentamente. Como uma cobra.

Aha! Eu tinha me esquecido de Uro ao redor do meu pulso. Os Policiais segurando meus braços provavelmente não sabiam que eu tinha meu próprio mecanismo invisível de proteção. Eu tateei o bracelete e pressionei a cabeça escamosa. Naquele momento, outro Policial se uniu a nós, carregando uma fina, corda enrolada sobre um braço.

Droga.

Tabitha olhou para cima do ato de vasculhar para sibilar, — Bem? Amarrem-nos, idiota.

Os olhos de Rafael se estreitaram enquanto ele olhava para a corda, mas Tabitha riu e disse —, Você escapa, ela morre. Eu mesma irei drená-la.

Foi o bastante para mantê-lo em silêncio com fúria enquanto eles amarravam seus braços. Em adição ao ser um mágico, eu esperava que ele fosse um artista em escapar, porque eu estava começando a formar um plano. Mas eu não sabia se eu podia salvar a nós dois.

O Policial com a corda se moveu na minha direção a seguir, parecendo confuso. Como, exatamente, se amarra uma mulher invisível? Mas ele podia ver seu camarada segurando meus braços, então ele mirou neles. Eu segurei a cobra desenrolada, esperando. O momento tinha que ser exatamente certo; ele não podia saber que eu estava fazendo.

— Você está para sentir a minha mordida —, eu disse calmamente, mas eu coloquei uma ênfase particular em certas palavras.

O que eu realmente disse foi “URO ⁵² está para sentir minha MORDIDA.”

Soou ridículo, mas funcionou. A pequena cobra atacou, fria e forte e rápido. Eu surpreendi enquanto o Policial mordido gritou e começou a dançar ao redor e golpear o ar.

Os outros dois Policiais viraram sua atenção ao seu bizarro comportamento. Eu sacudi meus braços soltos e me lancei para Tabitha, que tinha acabado de se virar ao redor com irritação. Depois de arrancar o medalhão da sua cabeça, eu corri para a porta, arremessando-a aberta e correndo para as escadas. Eu ouvi um tumulto atrás de mim, e eu imaginei que Criminy estivesse fazendo tudo ao seu poder para dificultar a perseguição.

— Atrás dela, bolsas de sangue! — Tabitha gritou.

Eu ouvi violentas ânsias de vômito no corredor enquanto eu deslizava no patamar e martelava descendo os degraus. *Parece que eu mereço agradecimentos adicionais.*

Eu disparei para fora da porta da frente, para dentro da tempestade motriz. A rua estava vazia, e eu virei à esquerda e corri tão rápido quanto eu podia sem olhar para trás, o medalhão visível flutuando no meio do ar enquanto minhas botas escorregavam nos paralelepípedos molhados da chuva. Criminy me avisou que somente as coisas me tocando quando o feitiço foi lançado estariam invisíveis, e o medalhão não era exceção.

Eu estava logo arfando, mas não reduzi. Eu não sabia para onde eu ia, mas eu sabia que eu tinha que sair de Darkside e entrar em uma área relativamente mais segura para humanos. E em seguida, lógico, eu tinha que evitar os ratos-blud. A julgar pelos meus vislumbres na caravana isso não seria uma façanha.

Sempre que eu chegava a uma grande encruzilhada, eu me virava, direcionando-me sempre para cima com meus olhos na igreja de Goodwill. Eu logo me encontrei em uma área residencial opulenta da parte Pinky da

⁵² No original: You’re about to feel my bite. Onde a ênfase seria nas palavras: yoURO está para sentir minha mordida.

cidade, as elegantes casas estavam bem trancadas pela noite. Eu li as placas das lojas enquanto eu passei, esperando por inspiração, mas pensando em um nível bastante animal. *Escapar. Correr. Viver.*

Então uma placa captou minha visão: *À venda*. A estreita casa da qual ela estava pendurada estava escura e silenciosa. Eu parei. A rua estava vazia, o céu perigoso, a iluminação caindo. A chuva quicando em mim como jujubas rancorosas. Eu estava ensopada ao osso.

Eu olhei para cima e para baixo na rua. Cada casa tinha ao menos uma luz na janela e uma lamparina a gás do lado de fora na porta da frente. A casa *À venda* estava completamente escura. Eu coloquei minha orelha na porta e não ouvi nada dentro.

Eu estendi meu pulso para o buraco da chave e disse —, Uro, destrancar —, esperando que fosse funcionar para mim apenas como funcionou para Criminy no farol. Eu não podia ver o que a cobra invisível estava fazendo, mas eu ouvi um baque metálico. Quando eu tentei a maçaneta, ela abriu. Eu me lancei para dentro e tranquei a porta atrás de mim.

As cores berrantes estavam blindadas na escuridão, a fonte de mosaico vazia. Móvel envolta em lençóis brancos se escondia por todo o lugar. Mas estava seco e silencioso, e eu estava sozinha. Eu subi a grande escadaria ao segundo andar e entrei pingando no quarto máster, onde uma pesada cama de dossel esperava embaixo de teias de aranhas. Eu pensei sobre desamarrar minhas botas e me despir, mas eu estava muito exausta. E mais, se alguém aparecesse, eu teria que correr novamente, e eu não queria correr de pés descalços ou nua por Sang.

Eu me arrastei para cima da cama e deitei no lençol branco, sentindo dores que eu nunca tinha sentido antes. Eu tinha caminhado mais nesses últimos dias do que em toda a minha vida anterior, e eu tinha magicamente ganhado cinco anos. Mas não era de apenas sono que eu estava atrás. Agora que eu tinha meu medalhão ao redor do meu pescoço, eu queria ir para casa.

Eu tirei Uro do meu pulso e o coloquei na mesa lateral coberta com lençol. Eu disse —, Uro, vigie —, e escutei o som do meu bracelete invisível se contornando em um tripé. Eu estava quase muito excitada para fechar meus olhos enquanto eu me curvei de lado, segurando o medalhão contra meu coração.

Eu acariciei meu dedão sobre o rubi e sorri. — Eu voltarei, Criminy —, eu disse.

Enquanto eu adormecia, eu tinha uma visão de Nana e eu sentadas na sua mesa na luz brilhante do dia, comendo waffles e rindo.

33



Como uma criança no Natal, eu não estava pronta para abrir meus olhos ainda. Eu podia sentir a escuridão, mas eu queria saboreá-la, aproveitar o delicioso conforto e alegria da minha própria cama, ou ao menos a cama do hospital. Mas não – eu tinha que estar em casa. A cama era suave, e havia um peso no colchão perto de mim. Eu me estiquei e estendi a mão para acarinhar Sr. Surly.

Mas a coisa sob a minha mão não era a pelagem sedosa do meu gato domesticado.

Era peludo e espetado, e ele sibilou para mim.

Eu gritei e golpeei o rato-blud da cama, depois ouvi o satisfatório estalo quando ele atingiu a parede.

Eu tateei por Uro na mesa de cabeceira. Quando eu finalmente

encontrei-o, ele estava tombado, um emaranhado de metal irregular e arames. Eles tinham matado meu mecanismo, os bastardos.

Aqueles ratos-blud eram mais espertos do que eles aparentavam.

O estalo de raio iluminou um quarto cheio de olhos focados em mim, vermelhos e famintos. Empoleirados na mobília coberta com lençol, agachados no piso empoeirado, contorcendo-se nos postes e dossel da cama. Eles não podiam me ver, mas eles podiam sentir meu cheiro. Eles sabiam que eu estava ali, e eles sabiam o que eles queriam fazer comigo. Eu imaginei que o pó nojento de Criminy tinha finalmente vencido.

Um deles se embaralhou em direção à cama e bateu os dentes, e eu o chutei com o salto da minha bota. Os outros ficaram mais ousados e começaram a se arrastar adiante. Eu tinha que sair antes que eles comessem a ferver. Eu me levantei e corri para fora da porta e desci as escadas. Atrás de mim, dúzias de garras afiadas arranhando o chão de mosaico, corpos peludos tropeçando escada abaixo.

Eu irrompi pela porta da frente para dentro do frio, mundo úmido da madrugada. Batendo a porta atrás de mim, eu ouvi seus corpos chocarem-se na madeira. Suas garras arranhando contra ela, e então eu ouvi um começar a roer. Eu estremeci e chutei a porta.

Eu corri para cima em direção à igreja, minha saia molhada arrastando-se contra as poças. Eu precisava sair das ruas antes que os madrugadores notassem um medalhão flutuante. Um inútil medalhão flutuante que ou estava quebrado ou era uma falsificação inteligente. Enquanto eu andava, eu pressionei o medalhão para abrir. No interior, onde o rosto de Criminy deveria estar, havia um pedaço de papel de pergaminho cuidadosamente dobrado.

Magistrado Jonah Goodwill da Casa de Eden está ansioso em ver você novamente, dizia a elegante escrita.

Bem, fabuloso. Tanto para me esconder.

Ele provavelmente tinha Criminy, e agora eu sabia que ele tinha o verdadeiro amuleto.

Logo ele me teria, também.

A igreja se agigantava sobre mim na nauseada luz verde como resultado da tempestade. Era tanto bonito quanto hediondo, o que pareceu se adequar a qualquer que fosse o deus que afirmava governar Sang. E talvez eles estivessem zelando por mim, enquanto eu não tinha encontrado um Policial ou outro rato-blud desde que eu atingi as ruas. Ao menos eu tinha dormido um pouco antes dos monstros aparecerem para reivindicar meu corpo sonhando.

Eu fiquei no mesmo nicho onde Gerren o Policial tinha uma vez urinado em mim. Eu estava por contra própria e incerta do próximo passo, mas ao menos eu encontrei algo familiar. Eu deveria tentar algum tipo de subterfúgio inteligente ou apenas subir lá e tocar a campainha do velho bastardo? De qualquer modo, ele sabia que eu estava chegando.

A escolha foi tomada por mim quando um enorme cão deu a volta na esquina e me derrubou. Joff o Policial rebolou atrás dele, gritando —, Oi, Rudy! Não há nada aí, seu vira-lata sarnento!

Rudy rosnou e se lançou para minhas pernas, agarrando uma boca cheia do tafetá em suas mandíbulas babadas. Eu puxei para trás, mas os dentes não cederam.

Eu fui pega.

Os animais de Sang tinham feito isso por mim.

Joff gritou —, Gerren! Gerren! Eu vejo o medalhão. Eu a peguei! Rudy a pegou!

Eu fiz o meu melhor para me libertar do perverso aperto de Rudy, tentando rasgar minha saia e correr. Os olhos de Joff seguiram o movimento da cabeça de Rudy, e ele viu o que eu estava tentando fazer. Ele sacou seu cassetete e o balançou, e eu mergulhei meu rosto e lancei um braço para cima.

Mas isso não foi o bastante. A sólida madeira bateu forte na lateral da minha cabeça, e eu me amassei no chão em um monte invisível. A última coisa que eu vi enquanto eu ficava inconsciente eram os dentes cobertos de baba de Rudy.

Ele pareceu estar rindo.

Foi um péssimo despertar. Minha cabeça estava latejando, dor radiando do lugar sensível logo abaixo da minha orelha esquerda. Eu pisquei, e uma luz opaca apunhalou meu cérebro. Eu tentei erguer uma mão para minha cabeça, mas meu braço estava preso ao meu lado. Eu olhei abaixo, e lá estava meu corpo novamente, rugoso e manchado com o tafetá laranja. Era um alívio, estar visível novamente, mesmo se eu parecesse horrível. Eu estava em uma cama estreita, e cintas de couro me seguravam na axila, cintura, coxa, e panturrilha. Minhas meias cinzas encharcadas apareciam através de um rasgo na minha saia, a qual estava extra-molhada com as marcas de dentes de Rudy.

Eu olhei ao redor do quarto, mas eu estava sozinha. Era um quarto de hóspedes, um lugar onde se esperaria que uma tia donzela ficasse para uma visita longa. Cadeira de balanço, penteadeira, espelho, e jarra e bacia como aquelas no meu vagão, almofadas bordadas, toalhinhas brotando em todos os lugares como cogumelos não desejados. Varias horríveis pinturas a óleo de flores penduradas nas paredes, junto com um retrato de um Jonah Goodwill muito mais jovem. Nele, ele tinha cerca de quarenta e parecia esperançoso e brilhante, com apenas o início do seu bigode como marca registrada. Ele quase parecia simpático. Uma corrente dourada pendurada ao redor do seu pescoço, um anel de noivado descansando sobre seu coração.

Eu ouvi vozes no corredor e fechei meus olhos enquanto a porta

oscilava aberta.

— Não finja estar dormindo, cretina —, Tabitha disse. — Você não é uma boa atriz.

Ela se balançou para dentro do quarto usando meu medalhão – provavelmente o verdadeiro dessa vez. Atrás dela estava o próprio Jonah Goodwill.

Ele se aproximou de mim com o mesmo sorriso gentil e acariciou minha cabeça, dizendo —, Você nos tinha dado uma boa perseguição, Senhorita Paisley. E então você conseguiu uma ferida na cabeça e teimosamente se recusou a acordar por algum tempo. Eu espero que você não me cause mais problemas.

— Onde está Criminy? — eu rosnei.

— Ele está bem aqui, claro —, Sr. Goodwill disse. Algo sobre sua maneira amigável e entendedora me causava repulsa, como aquele pastor com intenções muito ruins. O que era basicamente o que ele era.

Os Policiais arrastaram Criminy para dentro do quarto, seus braços curvados atrás dele. A ilusão de Rafael Fester se foi, e o próprio rosto de Criminy estava pálido e retorcido. Seus olhos encontraram os meus, e eles estavam frenéticos e assustados e desafiadores e amáveis, todos de uma vez. Ele não estava usando seu paletó de bolsos mágicos, e havia manchas de sangue na sua camisa amassada. Eu ansiava pelo conforto de tocá-lo e me estiquei contra minhas amarras.

— Letícia —, ele disse roucamente. — O que quer que ele queira, não faça.

— É o bastante de você —, Goodwill disse levemente. Ele puxou um lenço de mão branco do seu colete e o enfiou dentro da boca de Criminy. Criminy silenciou-se.

— Agora, vamos ter aquela conversinha, não vamos? — o velho homem disse. — Sr. Stain, não irá se unir a nós?

Ele gesticulou para a cadeira de balanço, e os Policiais lançaram Criminy nele e amarraram a corda ao redor do seu peito. Ele lutou

fracamente, como se houvesse algo errado com ele que eu não pudesse ver.

— Senhorita Scowl, eu vou precisar desse medalhão agora —, Sr. Goodwill disse, e ela relutantemente puxou a corrente sobre sua cabeça e o largou na mão enluvada do homem. Ele estendeu a mão na mesa ao meu lado e jogou o medalhão falso para ela. Ela o pegou com um sorriso afetado e o limpou na sua manga.

— Um rubi é um rubi, e trato é trato —, ela disse com uma reverência. — E não se esqueça que o corpo dela é meu, depois.

— Eu nunca me esquecerei do nosso acordo, Senhorita Scowl. — Ele riu. — Agora, vá para fora e brinque. Vocês, também, garotos. Nós temos negócios.

Tabitha rebolou para fora do quarto com um alegre “Tata, amor!” e um beijo soprado para Criminy. Os Policiais a seguiram, um parecendo enojado e o outro intrigado por sua visão traseira. A porta fechou, e qualquer evidência de afeição deixou o rosto de Goodwill. — Agora que nós estamos todos acomodados, eu vou deixar aquele sotaque de Sang e falar em uma língua que você entenda —, ele disse com um profundo arrastado Sulista. — Eu sei o seu segredo, senhorita. E você sabe o meu.

— Eu não sei de nada —, eu disse, mantendo minha voz uniforme e irritada.

— Eu sei que você é da América, e eu sei que você ama aquele bastardo chupador de sangue ali —, ele disse. — Tabitha me contou o que ela cheirou no submarino. Se você o quer vivo, você vai fazer exatamente o que eu digo.

Criminy tentou falar pelo pano. Tudo o que eu ouvi foi um choramingo.

— Aqui está o que vai acontecer —, ele resmungou. — Aquele medalhão não funciona comigo. Eu não posso voltar para casa. Seu querido mágico vampiro deve ter criado apenas para você. Então aqui está o que você vai fazer. Você vai colocar aquele medalhão e dormir. E você vai voltar para onde você veio. E você vai me trazer algo pelo qual eu estive

procurando por um longo tempo.

Ele se inclinou para perto do meu rosto, e seu hálito de velho tomou conta de mim enquanto cuspe jorrou pelo seu bigode grisalho e para as minhas bochechas.

— Você vai me trazer uma doença.

34



Eu bufei.

— Você sabe que isso é loucura, certo? — Eu disse. — Você seriamente acha que eu vou apenas me infectar com uma doença e fechar o medalhão e voltar para cá? Você acha que eu sou idiota?

— Eu acho que você ama esse monstro —, ele disse com nojo. — E eu acho que você pensa que ele é uma boa pessoa. Eu não tenho tais ilusões por quem eu sou, pequena dama. Aquele medalhão foi minha última chance. Eu não posso sair daqui, e eu tentei todo tipo de religião, magia branca, e magia negra. Você não fizer como eu digo, e eu irei torturá-lo e drená-lo. Depois eu voltarei para aquela imunda caravana e torturarei e matarei todas aquelas pessoas, também.

Eu podia ver o lunático à espreita por trás dos seus olhos, aquele que ele escondia da maior parte do mundo, junto com aquele sotaque arrastado

do campo. Criminy pareceu horrorizado. E mortífero.

Eu apenas encarei o velho homem, minha mandíbula caindo. — Por quê? — foi tudo o que eu pude convocar.

— Porque eu quero mais do que uma mão cheia de pessoas mortas. Porque se eu estou preso aqui, eu quero que os Bludmen sumam. Eu estou em uma missão, garotinha. Eu não posso construir Manchester em uma opulenta, cidade temente a Deus com esses monstros blasfemos andando à solta, infectando todos os outros. Se eu posso livrar Sang dos vampiros, eu irei ser o rei de tudo, para sempre. Daqui a cem anos, criancinhas irão sentar em igrejas e olhar para as imagens nos vitrais de Jonah Goodwill.

— Isso é doentio —, eu disse.

— Você é a doentia —, ele disse. — Saltitando com chupadores de sangue e aberrações. Meu pai era um pastor, e ele teria tido algumas palavras bem escolhidas para uma rameira como você. Deus me enviou a esse lugar miserável por uma razão, e você vai me ajudar, ou eu irei destruir tudo pelo qual você se importa.

Havia algumas falhas definitivas no seu raciocínio, o que era um dos benefícios de se lidar com uma pessoa maluca. Eu quero dizer, se ele ia matar todos os Bludmen, isso incluía Criminy, também, certo? Então onde estava minha motivação? E como ele sequer sabia se uma doença poderia existir aqui ou afetar Bludmen, de qualquer modo? Mas eu não ia argumentar com ele sobre seu plano diabólico. Eu queria o medalhão, e eu queria Criminy vivo.

— Se eu fizer o que você quer, o que eu ganho em troca? — Eu perguntei. Meus olhos se agitando para Criminy, esperando que ele pudesse confiar em mim. Depois do nosso arranca-rabo com a bruxa, ele provavelmente não confiava.

— Seu Bludman vive, e você pode fugir com a caravana pagã e fazer o inferno que você queira. E você pode manter seu medalhão, também.

— Não vai fazer nada bem para mim, se eu pegar uma doença —, eu disse cuidadosamente.

— Eu não me importo se você trouxe isso com você. Traga-me uma xícara de isopor de sangue ou um dedo amputado de um drogado. Apenas me traga algo que irá se espalhar pelo sangue e matar todos eles. Esse mundo não tem doenças. A gripe provavelmente destruirá metade da população. Mas isso vale o risco.

Havia pelo menos três declarações ilógicas ali, mas eu deixei isso para lá e entrei no jogo.

— Eu não vou deixar você machucá-lo —, eu disse. — Eu farei isso.

Do outro lado do quarto, Criminy fechou seus olhos e negou sua cabeça.

Jonah Goodwill sorriu, seus brilhantes dentes brancos mostrando seus bons hábitos de escovação americana.

— Então vamos apertar às mãos e estabelecer você antes da hora de dormir, docinho.

Ele estendeu a mão para agarrar a minha onde ela estava, sem sangue e ainda ao meu lado. Eu fiz o meu melhor para sorrir e mexi meus dedos entusiasmadamente.

Nós tínhamos um acordo.

Verdadeiro à sua palavra, o velho homem me preparou. Minhas amarras foram soltas, e um bando de assustadas garotas servicais Pinky me ajudaram a me despir e me lavar em uma banheira de cobre com água quente e perfumada. Apesar da minha mente rodopiando, pareceu maravilhoso estar aquecida e seca e limpa novamente. Eles arrumaram meu cabelo e me vestiram em um vestido cinza excessivamente modesto que se assemelhava a uma roupa de marinheiro. Era horrível e meigo comparado com as coisas brilhantes que eu vim a me acostumar, e eu não teria sido morta com ele, dada a opção. O chapéu mole de palha com longas fitas adicionava insulto à injúria.

A seguir, eles me introduziram para uma sala de jantar, onde eu fui forçada a me sentar ao pé da mesa e sorver sopa obliquamente ao Magistrado Goodwill. Eu não tinha muito apetite, embora eu mal tivesse comido em dias. Os olhares dos mortos e sanguinários veados, antílopes e alce na parede pareciam me acusar de traição com cada colherada.

Eu estava agradecida que o velho homem escolheu não conversar. De tempos em tempos, ele falou gentilmente com os serviçais ou elogiou a comida com seu sotaque culto de Sang. Eu dispus das minhas boas maneiras e mantive minha boca fechada, esperando parecer estúpida, ou ao menos enfadonha e não criativa. Eu tive que me perguntar se Criminy e eu éramos as únicas pessoas que ouviram seu verdadeiro sotaque desde seus primórdios em Sang, antes dele aprender a escondê-lo.

Enquanto os serviçais se movimentavam e removiam minha louça delicada de torta de cereja intocada, eu me remexi e olhei para baixo, dizendo —, Mestre Goodwill, eu posso por favor ver Criminy?

— Oh, não minha querida —, ele intoou. — Eu acredito que esse seja uma ideia terrível. Aquele perverso assassino é uma influencia muito ruim para você. E ele pode tentar machucar você. Eu nunca poderia permitir que isso acontecesse.

A empregada limpando os pratos de Sr. Goodwill enxugou uma lágrima do seu olho e olhou para ele com adoração. Eu tentei não arfar.

— Contudo, eu irei permitir que você se sente silenciosamente no jardim por uma hora mais ou menos antes da hora de dormir. O ar fresco será bastante revigorante. Eu acredito que uma boa noite de sono pode curar qualquer mal, você não?

— Sim, senhor —, eu resmunguei, sentindo os olhos dos serviçais me julgando. Sem aliados ali.

Depois do jantar, um silencioso e ranzinza Policial me escoltou para fora das portas Francesas e para dentro de um bonito jardim. Tudo além do seu afiado nariz e carrancuda boca tinham sido escondidos por óculos de proteção e couro, mas eu podia dizer que meu guarda desaprovava tal

frivolidade vibrante. Ou talvez ele apenas desaprovasse uma namorada de Blud como eu.

Lírios e orquídeas e rosas dançavam contra o enfadonho céu cinza, e eu me inclinei para inalar seu perfume. Eu caminhei pelos caminhos de cimento em direção ao pomar, Macãs, tangerinas e ameixas plantadas enfileiradas dentro das altas paredes de pedra do velho monastério. Muito poucas pessoas em Manchester sabiam que luxo se escondia no pequeno Eden do Sr. Goodwill, eu estava disposta a apostar. Ele não parecia do tipo que gostava de compartilhar com seus inferiores.

Uma vaca com dorso curvo cochilava placidamente do outro lado do jardim, e ela mugiu para mim enquanto eu me aproximava. Eu esperei que ela sibilasse e arreganhasse os dentes, mas então eu vi sua maciça pilha de feno e me lembrei o que Joff e Gerren disseram sobre uma vaca que não tinha blud. Eu acarinhei seu flanco castanho ossudo e disse —, Boa sorte, Bossy.

Sob os óculos atentos do Policial, eu me estabeleci em um banco de madeira dentro das rosas e puxei meus joelhos para cima para observar o espetacular pôr do sol. Nuvens tão baixas e densas que eu quase podia tocar onde elas eram pintadas centímetros por centímetros com o brilhante vermelho e laranja do pesado sol. Eu imaginei a insociável cidade abaixo de nós, os labirintos de ruas desdobrando-se em sua suja majestade além das altas paredes do jardim.

Era um lugar feio, mas não sem pequenas belezas, não sem coisas que eu sentiria falta.

Eu girei meu olhar de volta para a casa, os tijolos pintados de branco-puro como aqueles da casa da fazenda do meu próprio país. Ele transformou o refeitório em sua própria pequena Tara⁵³. O pôr do sol contorcendo-se sobre os tijolos, lançando sombras alaranjadas como fogo na cena pacífica. Alegres lâmpadas brilhavam de cada janela, e eu tentei imaginar se Criminy estava por detrás delas, amarrado à cadeira de balanço. Faminto, ferido,

⁵³ Tara se refere à fazenda da personagem Scarlet no filme *E o Vento Levou*.

confuso. Sem saber que escolha eu faria uma vez que o medalhão estivesse em minhas mãos. Ficar com ele? Matar seu pessoal? Desaparecer para sempre? E eu tinha que me perguntar – ele tinha alguma fé em mim, afinal?

Eu tinha dado a ele alguma razão para tal?

O vento suspirou pelas árvores, e eu pensei ter captado uma sugestão de cerejas na brisa, um sopro lançado em resignação.

Eu estava contente de ter dito a ele que eu o amava antes de nós termos atravessado esse portão.

Eu esperava que ele acreditasse.

Depois do sol se pôr, todos nós retornamos para nossos lugares no quarto de hóspedes, exceto que eu não estava amarrada à cama dessa vez. Criminy ainda estava amarrado à cadeira, e ele parecia até mesmo mais miserável e doente do que antes. Sr. Goodwill sorriu, presunçoso e virtuoso, como um gato que comeu o canário e cuspiu as asas. Os Policiais estavam, disfarçados pelos seus uniformes, inumanos como as paredes em branco. Ao menos Tabitha não estava aqui para se regozijar.

Eu me deitei, e Sr. Goodwill envolveu o medalhão sobre meu pescoço. Eu suspirei enquanto ele caiu sobre meu coração e o fechei em concha com minhas mãos. Alívio correu por mim e fiz tudo o que eu pude fazer para evitar um sorriso de alegria transformar o meu rosto. Eu deveria parecer preocupada e aprisionada.

Criminy se inclinou para frente na sua cadeira, se esforçando contra a corda, sua voz abafada asfixiando por trás da mordaca.

— Eu devo acertá-lo, senhor? — um dos Policiais ofereceu, levantando seu cassetete.

— Não, obrigado —, Goodwill disse. — Deixe-o assistir. Deixe-o sofrer.

Eu me aninhei na cama, e o velho homem apertou um botão para

apagar a lâmpada. Nós fomos banhados à quase escuridão, e o quarto pareceu pequeno, apertado e sem ar. Apenas a vela ao lado de Goodwill permaneceu acesa, lançando um brilho fantasmagórico sobre seus olhos famintos.

— Eu amo você, Criminy —, eu sussurrei.

E eu virei minha cabeça para longe.

35



Meus olhos voaram abertos enquanto eu atingia o chão. Algo alto tiniu ao meu lado e borrifou líquido morno sobre o meu rosto.

Eu vi a lateral de uma cama e uma grande quantidade de tapete felpudo. Era minha mão na luva de látex e, a alguns metros de distância, uma comadre de metal. Uma poça amarelada se espalhou por mim, ensopando o tapete e eu tossi.

— Tish! — um velho homem gritou. — Senhorita Everett! Você está bem?

Eu me empurrei para cima para me sentar e sorri para Sr. Rathbin. — Eu devo ter tropeçado. Que bobeira minha. Deixe-me limpar isso.

Tão rapidamente quanto eu pude, eu enxuguei a urina com papel toalha e pulverizei o tapete como se nada anormal estivesse acontecido. No interior, contudo, eu estava em êxtase.

Lógico, eu sabia exatamente onde eu estava e exatamente o que tinha acontecido. Eu apalpei o medalhão manchado, juntando as peças finalmente. Todo o tempo que eu estive em Sang desde quando Goodwill roubou o medalhão, nenhum único segundo se passou no meu mundo. Tinha que ser o feitiço do medalhão que fazia o tempo correr diferentemente para mim. O tempo passou para Casper e Jonah Goodwill e todos os outros que tiveram morte cerebral ou estavam sob anestesia ou sonhando. Mas não para mim. Quando o medalhão se foi, eu não perdi um único segundo da minha vida na Terra. Se não fosse por Madame Burial roubando meus anos em Sang, teria sido um perfeito arranjo.

Eu não estava com morte cerebral. Nana não estava se matando de preocupação. E agora que eu sabia exatamente como o medalhão funcionava. Se eu caísse no sonho usando-o, eu iria magicamente acordar no outro mundo, àquele que eu não estava realmente. Se eu o tirasse em qualquer mundo, o tempo não passaria no outro. Mas cada segundo que eu gastasse em Sang como uma humana com o medalhão intacto significava que eu envelhecia mais rápido em ambos os mundos, meu tempo roubado pela bruxa.

Eu quase podia ter tudo, apenas ao tirar o colar no momento certo. Eu poderia ter Nana e Sr. Surly e hambúrgueres e bichos de estimação inofensivos como coelhinhos na Terra. E em seguida eu poderia ser uma rainha cigana vidente de meio expediente em um show itinerante com Criminy. Eu poderia ainda ser humana, ser eu mesma. Ao menos por um período. Tudo isso dependia da rapidez que Madame Burial roubou meus anos, quão rápido eu envelhecia graças ao medalhão.

Criminy havia dito que eu sempre seria bonita para ele, mas eu estava imaginando que nenhum de nós queria que eu ficasse muito velha e enrugada. Ainda assim, havia tempo.

Agora tudo o que eu tinha que fazer era salvá-lo e toda a sua raça antes da hora de dormir.

Eu podia fazer isso.

Mas antes eu tinha que cuidar do meu próximo paciente, Sra. Henderson. Com nítidos pensamentos em Criminy, eu maliciosamente surrupiei um frasco do seu armário de medicamentos. Ela estava dormindo, ela era esquecida, e seu filho iria correr com prazer à farmácia para ela amanhã, quando seus medicamentos acabarem desaparecidos pela milionésima vez. Sem problema.

Em seguida eu liguei ao hospital, afirmando ter uma febre. Outra enfermeira viria cobrir meus próximos três pacientes incluindo Sr. Sterling. Eu teria que ser transferida do seu caso. Vendo-o daquela maneira, sabendo que estava dentro do meu poder trazê-lo de volta e que eu tinha escolhido minha própria felicidade ao invés... era só muito deprimente.

Ele teria que encontrar sua própria felicidade sem mim. Meu primeiro vislumbre dele me mostrou que a perda seria a sua salvação, e eu esperava que isso passasse. Eu tinha visto dor, mas eu também tinha visto aventura e alegria e um destino não o contrário do meu, distante em Sang. Ele seria transformado, mas para o melhor. No segundo vislumbre eu tinha visto uma nova possibilidade, uma bifurcação na estrada, e parte de mim sempre iria se arrepender de não escolhê-la. Mas eu estava compromissada com meu caminho, e não havia tempo a perder.

Quando eu cheguei à casa da Nana, eu estava com pressa. Era quase seis, e eu ainda tinha um longo caminho a percorrer.

Ela me pegou olhando o relógio e disse —, Docinho, alguém acendeu uma fogueira sob sua parte traseira? — Sua boca virou-se para baixo nos cantos, mas eu sorri. Parte de mim apenas amava quando ela ficava zangada — significava que ela ainda estava lutando.

— Não, Nana —, eu disse. — Eu tenho um encontro essa noite, e eu não quero me atrasar.

— Ooh, docinho —, ela disse, batendo palmas. — Conte-me sobre ele.

— Ele é muito bonito —, eu disse com um sorriso tímido. — Ele é

um empreendedor e um mágico. E ele é bastante o oposto de Jeff.

— Quando eu vou conhecê-lo?

— Eu não tenho certeza —, eu disse. — Ele é um homem muito ocupado. E eu preciso me certificar que ele é ‘O cara’ antes de eu apresentá-lo à sua culinária.

— Apenas garanta que ele cuide de você —, ela disse. — Um cavaleiro de verdade é tão raro esses dias.

— Ele cuida —, eu disse, mas pesou muito na minha mente isso nesse momento, eu precisava estar cuidando dele, voltando ao seu mundo.

Eu a enfiei na cama e envolvi meus braços ao ser redor. Meu coração se apertou, como ele sempre fazia, quando eu sentia quão frágil ela estava ficando, quão estreitos seus ombros pareciam. Ela sempre foi sólida, uma rocha de conforto e amor que eclipsou minha mãe distante e pai excessivamente ocupado no meu coração. Mas eu não podia escapar do fato que ela estava perdendo a sua batalha, e nada no mundo poderia ajudá-la.

Depois de eu sair pela sua porta, eu era toda negócios. Eu dirigi para a biblioteca e esperei pela minha vez por um computador livre. Eu digitei, “Cuidados Domésticos Mãos Protetoras” em um mecanismo de busca, e na segunda página, eu encontrei. O mesmo logo da van no meu vislumbre de Jonah Goodwill, duas mãos formando um coração. Com sorte, eles não estavam tão longe para eu pegar um avião, mas trezentos e vinte quilômetros dirigindo para Greenville ia tomar muito mais tempo do que eu teria gostado. Eu rabisquei o número.

Sozinha no meu carro, eu fiz uma ligação. A enfermeira noturna disse —, Cuidados Domésticos Mãos Protetoras, nós levamos o auxílio a você. Aqui é Terry Ann. — Ela soou entediada. Eu quase podia ouvi-la fazendo uma palavra cruzada com o volume da sua TV baixo nos fundos.

— Oi aí, Terry Ann —, eu disse com o tipo de sorriso que viaja pela linha do telefone. — Eu sinto muito incomodar você essa noite, mas eu sou uma enfermeira do Hospital Grady em Atlanta, e eu tenho uma paciente chamada Louise Shepherd que está nos seus últimos suspiros, e ela está

tentando encontrar um Sr. Grove em algum lugar perto de Greenville. Ela disse que ele está sob cuidados domésticos depois de uma injúria na cabeça, e ele é um dos seus clientes. Há alguma forma que você pudesse me ajudar a encontrá-lo?

— Dona, nós não soltamos informações pessoais dos nossos pacientes —, ela disse arrastado.

— Eu entendo isso, e eu sinto tanto em pedir, mas eu prometi a ela uma tentativa. Eu tenho tomado conta dela por algumas semanas, e sua mente vem e vai, e Sr. Grove é tudo sobre o qual ela sempre fala. Ela não pode nem se lembrar do seu primeiro nome, e ela não parece entender que ele está inalcançável. Mas ela queria dar a ele uma recordação, a medalha Purple Heart⁵⁴ do seu marido da guerra. Talvez eu pudesse enviar por correio para você, e você poderia entregar a ele?

Houve uma pausa, e eu pude ouvir sua reserva ruindo. Parecia um monte de trabalho, e ela gostaria de se livrar de mim, mas como uma enfermeira, eu entendia como essas coisas funcionavam. Enfermeiras trabalhavam em enfermagem porque elas gostavam de ajudar as pessoas, afinal de contas.

— Querida, eu não deveria fazer isso —, ela disse, sua voz baixa. — Mas meu avô tinha uma Purple Heart, também, e eu sei que recompensa ela é para os velhinhos. Eu acredito que você esteja falando sobre Sr. Jonathan Grove da Sycamore Lane, 1655 em Andreson. Mas você não ouviu isso de mim.

— Oh, muito obrigada! — eu esguichei. — Você acabou de salvar minha noite e o ano dela. Ela será capaz de ir para o seu eterno descanso agora.

— Boa sorte, dona, e Deus a abençoe —, ela disse antes de desligar.

Eu me senti um pouco mal por impiedosamente matar a fictícia Louise Shepherd, mas era por uma boa causa. E eu estava bastante certa que ela não sentiu uma coisa sequer.

⁵⁴ É uma condecoração militar dos Estados Unidos, outorgada em nome do Presidente a todos os integrantes das Forças Armadas que sejam feridos ou mortos durante o serviço militar, desde 5 de abril de 1917.

Eu programei o endereço no meu GPS e comecei a dirigir. Eu escutei o meu favorito CD e aproveitei a segurança e silêncio do meu mundo, meu carro uma pequena fortaleza de solidão. Eu repassei o plano repetidamente na minha cabeça, tentando organizar cada detalhe. De todo o seu plano, Jonah Goodwill esqueceu-se de muitos detalhes, e eu me perguntei se sua mente estava dormindo. Ele era um homem de poder e influência, mas médicos não pareciam existir em Sang. Talvez ele estivesse sofrendo de demência ou Alzheimer, algo que ele pegou no meu mundo. Ou talvez ele estivesse apenas começando a enlouquecer.

Estava escuro como o breu enquanto eu zuni sobre a fronteira estadual. Eu naveguei passando por campos e centros comerciais e estacionamentos de trailer até eu dobrar na Sycamore Lane. A estrada rural era comprida e mal iluminada e abandonada, mas eu eventualmente vi o muro de cimento do meu vislumbre, iluminado por luzes de jardim extravagantes. A casa de tijolos correspondente era desnecessariamente enorme, e eu imaginei que os funcionários para cuidar do gramado eram até mesmo mais vastos do que aqueles na Casa do Éden em Sang.

Todo esse tormento para um vegetal que nunca iria acordar. Que perda de tempo.

Eu parei em um local escuro a noventa metros de distância e endireitei meu jaleco. Eu coloquei meu crachá de identificação dentro do porta-luvas e enfiei o medalhão debaixo da minha camisa. Eu não sabia quem estaria na casa, se uma enfermeira ficava dia e noite ou Sr. Goodwill tinha uma empregada ou uma governanta ou uma inteira família extensa. Eu só tinha que ter esperanças que quem quer que fosse não fosse muito esperto. Ou intrometido.

Pela décima vez, eu verifiquei para me certificar que eu tinha todos os suprimentos que eu precisava na minha sacola antes que eu rolasse o carro para a entrada da garagem. Sem van das Mãos Protetoras, o que era bom. Um leigo seria muito mais fácil de lidar. Antes de bater na porta, eu vesti o mais brilhante sorriso.

Hora de canalizar o talento e carisma de Lady Letícia Paisley.

A primeira batida na porta não levantou ninguém, então eu toquei a campainha. Houve movimentos no interior, e as luzes da varanda acenderam, quase me cegando. E em seguida eu ouvi um clique que eu só ouvia em filmes, e a porta se abriu, e eu estava olhando para o cano de uma espingarda. Apesar de tudo, era o meio da noite em uma estrada rural abandonada.

— Eu posso lhe ajudar? — disse um garoto adolescente em um roupão aberto e cueca samba canção. Seus óculos estavam manchados, e havia migalhas de Cheetos agarrados tristemente a alguns cabelos acima dos seus lábios.

Eu olhei acima da arma e sorri nervosamente.

— Oi. Terry Ann das Mãos Protetoras contou a você que eu estaria vindo? Eu sou Carrie, e eu tenho o medicamento do Sr. Grove.

A espingarda caiu, e o garoto fungou. — Ninguém ligou. Desculpe sobre a arma. É tarde.

— Eu sei que é —, eu disse me desculpando. Eu segurei minha sacola aberta e disse —, Eu acabei de preencha-la. Sua enfermeira habitual se esqueceu de trocar a bolsa IV, e eles também querem iniciá-lo no Zosyn IV. É um antibiótico. Isso só me levará um minuto.

O garoto mal-humorado abriu a porta, e eu entrei no bonito saguão de mármore com o tipo de escadaria curva que deveria vir equipado com pelo menos uma debutante de vestido branco.

— Obrigada —, eu disse. — Você é o neto do Sr. Grove?

— Sim —, ele disse. — Eu sou o Toby. Todos nós pegamos turnos cuidando dele, porque o advogado do vovô é muito econômico para contratar alguém. Ao menos ele tem uma boa TV a cabo.

— Você é um bom garoto ao cuidar do seu avô —, eu disse.

— Eu nunca sequer o conheci —, o menino disse. Ele se embaralhou para despencar em cima de um comprido sofá de canto na sala seguinte e ligou a TV. — Ele está inconsciente por, tipo, vinte anos.

Ele se sentou com suas costas para mim e começou a trocar os canais, adicionando —, Ele está no andar de cima no quarto grande.

Eu subi a escadaria curva e fui pelas pontas dos pés profundamente no tapete para à única porta com uma luz reluzente no lado de dentro. No caminho, eu não passei por uma única fotografia ou relíquia de família. A casa me lembrou como algo exposto em revistas. Uma tia obcecadamente elegante provavelmente contratava um decorador a cada cinco anos ou mais ou menos para redecorar todo lugar ao redor do homem suavemente respirando no quarto, que nunca sequer soube como as paredes pareciam.

A porta estava entreaberta, e eu escorreguei para dentro. Ali estava ele, deitado na cama que eu tinha visto no meu vislumbre. Ele estava apoiado com altos travesseiros, e seu bigode e cabelo estavam cuidadosamente aparados. Até mesmo seu pijama estava fresco, embora eu achasse irônico que o botão superior estivesse desabotoado, o que nunca iria acontecer em Sang. O quarto era acolhedor e abafado, e não havia nada pessoal, nem uma única recordação. Nos fundos, o rádio cantarolava cantos fora de moda.

Sem impressionar que o velho homem em Sang fosse maluco.

Eu andei até a janela, que estava coberta por grossas cortinas com bloqueio da luz. Espiando para fora, eu tive um déjà vu, mesmo embora fosse de noite. Aquela gloriosa magnólia sobre o jardim murado, irmã ao espaço verde na Casa Éden. O homem simplesmente não podia se desfazer da sua antiga vida. Eu abri as cortinas por toda a parede. As flores brancas de cera brilhavam no luar, e eu me perguntei se Sr. Goodwill estremecia em Sang, pensando que fossem calafrios involuntários enquanto ele mantinha a vigília sobre meu corpo e a fúria de Criminy.

De volta ao meu paciente. Ele tinha um orifício no seu peito para a IV, e eu tive que desabotoar a parte de cima do seu pijama para chegar a ela. Com sorte, a bolsa da IV estava fina e cheia, então eu tinha bastante tempo; sua enfermeira de verdade deve ter deixado recentemente. Eu me inclinei para fora do vão da porta e ouvi Toby abrir uma lata de refrigerante e

desabar no sofá. Depois eu ouvi suaves gemidos. Excelente – o desleixado, cheio de hormônios neto conectado no Cinemax. Eu fechei a porta gentilmente e a tranquei, depois acendi a luz no alto.

Com amorosa precisão, eu coloquei meus suprimentos na cama.

36



A afinação tinha que ser apenas perfeita.

Passo Um: Preparar a seringa, preparar 250 unidades da surrupiada insulina da Sra. Henderson, e injetá-la na mangueira IV do Sr. Grove.

Passo Dois: Usar um scalp borboleta⁵⁵ para extrair um tubo do meu próprio sangue.

Sr. Goodwill não sabia que nada transferia de mundo para mundo exceto o meu sangue e o medalhão. Eu não podia trazer uma seringa ou uma xícara ou um dedo em uma sacola, de acordo com suas instruções.

Passo Três: Meter tudo de volta dentro da sacola, deitar de costas no chão, e derramar a seringa do meu próprio sangue dentro da minha boca.

Eu realmente não gostei do Passo Três.

Passo Quatro: Deixar minha completa exaustão tomar conta de mim

⁵⁵ É uma agulha que vem com uma mangueira para infusões venosas.

ao sono.

Eu considereei tomar medicamentos para induzir meu descanso, mas eu não queria deitar pelo chão, drogada ao seu lado, quando eu voltasse. Sair daquela casa sem consequências reais ia precisar do meu melhor desempenho de atuação, no entanto.

Excitada como eu estava, eu sabia que o sono iria me reivindicar tão rapidamente quanto nunca.

Passo Cinco: Esperar que minha boca permanecesse fechada quando eu ficasse inconsciente.

Passo Seis: Rezar para que meu plano bobo funcionasse.

37



Meus olhos tremularam abertos, e eu lutei com a urgência de cuspir sangue por todo o lugar. De alguma forma eu consegui manter meus lábios unidos e minhas bochechas inchadas. Eu me sentei e encontrei Criminy do outro lado do quarto. As cortinas foram arrastadas fechadas, e uma brilhante luz do sol queimava ao redor das beiradas. Jonah Goodwill afundado à minha cabeceira, roncando pelo seu bigode.

Os olhos de Criminy estavam amplos e em pânico, sua boca ainda estufada com o lenço de mão. Quando ele viu que eu estava consciente, eu dei a ele uma exagerada piscadela e tentei me tirar silenciosamente da cama. Ela estalou, e Goodwill começou a acordar. Eu afundei de volta e tentei parecer em pânico.

— Você está de volta —, ele disse. — Você conseguiu?

Eu assenti minha cabeça e apontei para minhas bochechas inchadas.

Depois eu aponte para a porta e estendi minha mão na altura do peito com um questionamento — Hmm?

Ele não entendeu, então eu tentei uma mímica de uma mulher vadia com presas. Sr. Goodwill captou e riu. Ele soou a campainha, e quando um serviçal apareceu, ele disse —, Por favor peça a Sennhorita Rodvey para se juntar a nós.

Minhas bochechas ardiam, e o sangue começou a escorrer pela minha garganta abaixo, um pouco. Eu tentei não vomitar.

Alguns momentos mais tarde, Tabitha Scowl mergulhou no quarto, seguido pelo meu velho amigo peçonhento Rodvey, que obviamente estava enojado com muitos de nós.

— Rodvey, por favor segure os braços da Senhorita Scowl atrás das suas costas —, Goodwill disse conversando, e rapidamente como uma cobra, Tabitha foi capturada dolorosamente e estava lutando com o aperto de Rodvey. O falso medalhão quicou do seu peito enquanto ela lutava.

— Isso não era parte da barganha, Jonah! — ela gritou.

— É apenas um teste da sua lealdade, minha querida —, ele disse simpaticamente. Depois ele pegou minha mão enluvada para me ajudar a sair da cama e me conduziu até a minúscula, Blutmulher se contorcendo.

Apenas quando eu estava para cuspir o sangue nela, Goodwill disse —, E agora, Tabitha, se você assim desejar, por favor remova o lenço de mão da boca do Sr. Stain.

Rodvey soltou Tabitha, e ela riu sombriamente enquanto ela escorregava para Criminy e lentamente removia a mordaca. Depois ela ficou para trás, braços cruzados sobre seu peito, para assistir ao show.

Criminy inspirou um grande fôlego e disse —, Não querendo ser muito repetitivo, mas isso não era parte da barganha, Jonah.

— Como se você alguma vez fosse ser pacífico depois disso —, Goodwill vociferou. — Você estaria na minha garganta amanhã, ou começando uma rebelião, ou contando aos jornais. Você é de longe muito perigoso para viver.

— Onde está minha costureira? — Criminy perguntou.

— Ela foi drenada —, Goodwill disse curtamente. Criminy arregaçou seus dentes e se esticou nas suas amarras, e Goodwill estendeu sua mão para mim e disse —, Agora, Senhorita Paisley, se for da sua vontade.

Eu neguei com minha cabeça.

— Dê a ele o sangue, ou vocês dois morrem.

Eu dei a ele o mais eloquente olhar de dor comicadamente com bochechas estufadas.

— Agora —, o velho homem disse.

Eu andei pesadamente para a cadeira e me inclinei para colocar minhas mãos nas laterais do rosto de Criminy. Depois eu o beijei, abrindo meus lábios para deixar o sangue correr da minha boca para dentro da dele. Havia um tipo de sexualidade primitiva nisso, sentindo o quente, líquido vermelho misturando-se entre nós, e sua língua lambeu-o rapidamente. Eu quase desmaiei quando eu me afastei, e ele não pode evitar além de lambe as gotas do seu queixo depois, ainda me observando.

Com mãos sobre o meu rosto, eu corri para a bacia e empurrei o botão da água, depois lavei minha boca tão bem quanto eu pude.

— Álcool? — eu balbuciei.

— Rodvey? — Sr. Goodwill perguntou.

— Bolso esquerdo do paletó —, Rodvey resmungou, ainda segurando Tabitha com força.

Sr. Goodwill me entregou um cantil, e o que quer que estivesse no interior queimou minha boca como gases impregnados com solvente de tinta. Eu cuspi e bochechei, depois lavei com água. Ao menos não era de fato uma doença. A lavagem era na maior parte para o show. Eu estava apostando na ignorância de Jonah Goodwill sobre modernas doenças contagiosas. Vinte anos fora do mundo, e ele provavelmente acreditava que nós tínhamos colonizado Marte.

Inclinando-me sobre a bacia, eu me pus a chorar e salpiquei água sobre o meu rosto.

— O que era? — Goodwill me perguntou.

— Ebola —, eu disse. — Apenas é contagioso através de fluidos corporais, e eu fui vacinada. Eu sou uma enfermeira, então eu peguei o sangue de um paciente que tinha acabado de sucumbir.

— Eu me lembro de ouvir sobre esse antes de eu vir para cá. Isso foi inteligente —, ele disse, assentindo apreciativamente, — Qual são os sintomas?

— Do sangue fresco, e sem medicação, será espasmos, hemorragia, e morte —, eu funguei entre soluços. — Dentro de minutos.

— Desculpe pelo seu homem —, Goodwill disse, em uma voz que tornou evidente que ele não estava nada pesaroso. — Eu deixarei vocês dois para se despedirem.

Tabitha e Rodvey se viraram para partir, mas Goodwill parou no vão da porta, bloqueando-os.

— É isso —, ele disse com um cruel sorriso —, depois dele morder a Senhorita Scowl. Não adianta se nós não espalharmos isso por aí, hein? Nós vamos drená-lo depois e dispersar os frascos, lógico. Mas será bom ter dois cadáveres frescos de sangue podre.

— Jonah— Tabitha disse, recuando.

— Meu nome é Magistrado Goodwill —, ele disse severamente. — Agora, morda-a rápido, rapaz. Eu tenho um genocídio para planejar.

Rodvey cortou a corda de Criminy, e o Bludman se levantou lentamente, focado em Tabitha. Ele espreitou na direção dela, e ela se encolheu para longe dele.

— Crim, não —, ela disse. — Relembre dos nossos momentos bons? Relembre da caravana?

— Eu principalmente me lembro da ilha e da pousada —, ele rosnou, e depois ele saltou nela. Eles caíram no chão enquanto ele rasgava a carne do seu pescoço, bebendo profundamente.

— Não a drene completamente —, Goodwill disse, retirando do coldre uma miniatura de arco e flecha e segurando-o na têmpora de

Criminy. — Eu preciso do blod dela.

Criminy se afastou do frenesi de sangue, suas pupilas engolindo seus olhos em preto. Tabitha ficou ali deitada, suas saias em desordem e seu peito mal se movendo. Criminy estava arfando, e ele enxugou seu rosto cuidadosamente enquanto ele se levantava. Ele deu a Goodwill um diabólico, sorriso manchado de sangue.

— Obrigado pela última refeição —, ele disse, e então ele se contorceu.

— Satisfeito de você ter aproveitado seu próprio gosto da morte —, Goodwill disse. — Rodvey, fique até ele morrer, depois traga Senhorita Paisley para a sala de jantar. — E ele fechou a porta deixando Rodvey para trás conosco.

— Morra logo —, o Policial disse, com uma mão preguiçosa no seu próprio arco embainhado. — É quase hora do chá.

Criminy se contorceu novamente depois convulsionou depois entrou em um tipo de ataque. Espumando pela boca ele esbarrou em mim, depois rebocou o espelho e esbarrou em Rodvey, que gritou —, Saía de mim, Bluddy! — e empurrou-o para longe. Eu estava tentando o meu melhor agir perturbada e traída e confusa, mas eu não estava certa para onde olhar. A dança maluca de Criminy era tanto aterrorizante quanto hilária, e ele estava cuspiendo sangue por todo o lugar. Uma bola especialmente grande atingiu o retrato de Goodwill, e eu tive que transformar o meu riso em um soluço asfíxiado.

Em seguida eu ouvi uma pequena *paulada*. Quando eu olhei em seguida para Rodvey, havia uma curta, grossa flecha brotando do seu peito. Criminy tinha parado de se sacudir ao redor, e o arco miniatura de Rodvey estava em suas mãos, com uma flecha faltando.

— Você é um bom atirador —, eu disse.

— Você está surpresa?

— Não de verdade.

— Então essa coisa vai realmente me matar? Porque aquele sangue

estava delicioso. Como você.

— Não, está limpo —, eu disse. — Mas nós temos que correr. Em cerca de cinco minutos, Goodwill irá notar que algo está errado.

— Eu não posso apenas fingir estar morto por um tempo para que você possa escapar pela janela? — Criminy perguntou. — Fingir estar morto é bastante divertido.

— Sem tempo para fingir —, eu disse, lançando as cortinas abertas. — De volta ao meu mundo, eu injetei o corpo dele com insulina. Se isso funcionar da forma que eu penso que vai, ele estará morto em dez minutos. Isso conseguirá algum tempo de atraso, mas ele vai saber que há algo errado. Nós temos que sair daqui.

A janela era toda de vidraça e não podia ser aberta, exatamente o que você esperaria de um lunático antiquado e paranóico. Eu me virei para vasculhar o quarto, mas a bota de Criminy disparou pela janela, chutando ripas de madeira e vidros para a cama de lírios alaranjados do lado de fora. Pegando minha mão, ele me guiou para fora, para dentro da ensolarada manhã brilhante. O dia estava deslumbrante, reluzindo com gotas de chuva e prismas e plantas felizes.

Mas não havia tempo para aproveitar a rara visão de um dia bonito em Manchester. Nós saímos correndo em direção ao muro extremo da propriedade, e eu podia apenas assumir que Criminy fosse encontrar uma forma de me impulsionar pelas lisas pedras brancas que se erguiam por pelo menos dois metros e meio de altura.

— Isso seria muito mais fácil se eu tivesse tempo suficiente para um glamour. Você não pode correr mais rápido, amor? — ele perguntou, nem mesmo arfando.

— Foram dois dias longos —, eu disse, principalmente e definitivamente arfando. — Você está com sorte de eu não ter caído e arrastado você para baixo comigo.

— Isso parece com o meu tipo de diversão —, ele disse. Ele riu enquanto ele correu, e meu coração se inchou com amor inesperado.

Nós estávamos no orquidário em seguida, correndo em uma linha reta entre duas fileiras de árvores. Uma meia-sombra agitou-se enquanto nós sobrevoamos a terra, e a vaca parou de pastar para observar nosso progresso com interesse. Provavelmente era a coisa mais excitante que ela já tinha visto em toda a sua vida.

Parecia como se nós estivéssemos correndo para sempre e iríamos correr para sempre, se as árvores continuassem, uma atrás da outra. Mas o muro estava mais perto, e meu peito ia explodir logo, e Criminy reduziu enquanto ele se inclinou em direção a um gigante carvalho com galhos que balançavam convenientemente perto do alto muro.

— Deixe-me impulsionar você para cima —, ele disse.

Eu ergui minha bota, e ele praticamente me lançou em cima do galho mais baixo. Eu aterrissei de barriga, meu fôlego nocauteado, e alcancei o galho seguinte. A luva escorregadia foi quase a minha ruína, e eu removi as duas coisas estúpidas de cetim e as joguei ao chão. O revoltado vestido de marinheiro prendeu nos galhos e debaixo dos meus dedos dos pés e fez o movimento ascendente quase impossível, mas eu me atirei sobre mais dois galhos e fiquei na beirada, segurando em pequenos galhos para me firmar.

Eu podia ver as ruas arenosas de Manchester sobre o muro. Era impressionante quão imundo e movimentado o mundo era do lado de fora do privado Éden de Goodwill. Uma garotinha com babador de corpo inteiro puxando um pato de madeira em uma corda parou para apontar para mim, e sua babá a repreendeu pela sua desatenção.

— Você tem que se apressar, amor —, Criminy instou.

Eu me virei para vociferar com ele, e minha mão escorregou. Eu quase caí, girando e terminando com minhas costas no tronco, arranhando para me firmar em um galho torto com braços lançados para fora.

Isso não era bom. Eu esta escorregando, e Criminy estava muito abaixo de mim para ajudar.

Eu senti um afiado puxão no meu pescoço enquanto eu escorregava. Meu medalhão. Ele ficou preso na fina extremidade de um galho quebrado.

Mesmo antes de eu ter registrado o que estava acontecendo, eu caí.

Um batimento cardíaco mais tarde, minhas botas aterrissaram no galho mais baixo, e os braços de Criminy me firmaram, me prendendo no tronco. Eu me aninhei na árvore, com lágrimas esguichando dos meus olhos fechados, tentando fazer minha garganta funcionar novamente. Com uma mão segurando em um galho, eu tateei meu pescoço.

O medalhão se foi.



Eu abri meus olhos e olhei para baixo.

— Merda —, eu disse suavemente.

Criminy estava a um galho abaixo de mim, franzindo o cenho para o chão. O medalhão assentado em um caminho de grama, o lado do rubi para cima e brilhando no sol da manhã. Quando ele olhou para cima, para mim, os olhos de Criminy estavam mais ferozes e selvagens do que eles tinham estado quando ele encarou o veado-blud. Tudo nele que não era humano estava escrito naquele olhar.

— Criminy, não.

— Eu prometi —, ele disse.

E em seguida ele pulou.

39



Minha atenção foi arrastada do salto de Criminy para um estranho barulho, como cortador de grama. O que quer que fosse, estava ficando mais alto, e rápido. Eu empurrei um galho arborizado ao lado, mas não podia ver o que estava acontecendo.

Criminy aterrissou no chão agachado, recolhendo o medalhão e o enfiando no seu colete em um movimento suave. Depois ele saltou, seu corpo esbelto arqueando-se como um gato enquanto suas garras sem luvas procuravam prender no tronco. Enquanto seus pés tocavam o primeiro galho e o impulsionava para cima, uma flecha alojada no tronco da árvore estremeceu.

Um veículo de três rodas patinou a uma parada abaixo de nós, uma estranha engenhoca que se parecia como um carrinho de golfe com um esboço de Leonardo da Vinci. Um Policial de uniforme completo estava

dirigindo, e Jonah Goodwill estava caído no assento do passageiro, um grande arco nos seus braços. Outra flecha assobiou pelo ar pelas mãos de Criminy enquanto o Policial se unia à luta com arcos. Criminy se empurrou para cima, escalando como um esquilo. Quando ele se levantou, o arco perto de Goodwill farfalhou as folhas sobre a cabeça de Criminy. Eu estava impressionada que o velho homem ainda estivesse consciente, e por um terrível momento, eu me perguntei se tinha dado errado. Talvez matar o seu corpo no meu mundo não fosse matá-lo aqui. Então nós estaríamos em sérios problemas.

— Eu não sei o que você fez —, o velho homem gritou com o seu profundo arrastar Sulista, todo o sotaque Sanguístico esquecido. — Mas eu matarei você por isso!

— Você tem que atravessar o muro —, Criminy rosnou enquanto sua barriga atingiu o galho perto das minhas botas. Ele estendeu uma mão para mim, e eu peguei o medalhão dos seus dedos pretos escamosos e abaixei o apertado colarinho do meu vestido.

— Vamos lá —, eu implorei, agarrando sua mão para puxá-lo para cima. — Você está quase lá. Nós podemos fazer isso.

Ele riu tristemente e olhou para baixo.

E foi quando eu vi a flecha atravessando sua panturrilha, prendendo-o no pesado galho abaixo.

— Você pode fazer isso, Letícia —, ele disse. — Apenas atravesse o muro e vá para Antonin. Eu encontrarei um jeito. Eu irei encontrá-la de novo.

— Você apenas tem que gastar outro minuto —, eu disse, frenética e relutante em abandoná-lo. — O velho homem—

E em seguida eu ouvi uma *paulada*, e uma flecha floresceu da sua garganta.

Sangue borrifou por todo o meu rosto e meu vestido, mas eu já estava em choque. Seus olhos ampliaram-se com surpresa. Ele olhou para baixo para a ponta de metal gotejando com o seu blod, depois caiu lentamente

para trás. Quase foi gracioso, até que a flecha na sua perna impedisse o seu movimento descendente. Seu corpo girou e rodou, deixando-o pendurado de cabeça para baixo pela haste da flecha.

Por apenas um momento, ele flutuou no espaço, seu cabelo soprando na brisa. Em seguida a flecha quebrou, e ele caiu no chão com um baque desagradável.

Goodwill cacarejou com triunfo.

Eu dei uma última olhada na liberdade sobre o muro. Apenas alguns metros a mais, e eu teria estado fora do orquidário e em meu próprio caminho para a alfaiataria. Mas eu não podia deixar Criminy. Eu comecei a descer. Eu patinei e escorreguei, apenas como eu tinha feito quando subi, e a casca rasgou minhas mãos e pulsos, onde eu arranquei minhas luvas para escalar. Um galho quebrado abriu minha mão esquerda, mas eu não registrei a dor. Eu desmontei do último galho e aterrissei na sujeira ao lado da forma imóvel de Criminy.

Ignorando Goodwill, eu rolei Criminy para cima para que ele estivesse de costas e embalei sua cabeça no meu colo. Não foi fácil, com a haste da flecha espiando através de ambos os lados do seu pescoço. Quando eu vi que ele estava respirando, eu comecei a respirar novamente, também. Talvez ainda existisse tempo para salvá-lo.

— O que você fez comigo, garotinha? — Goodwill perguntou, e eu pude ouvir o balbuciar na sua voz. Eu não podia acreditar que ele não estava morto ainda.

— Eu disse para você tomar cuidado com estranhos de cabelos escuros, Sr. Grove —, eu disse, minha voz partindo.

Enquanto ele lutava para mirar seu arco em mim, eu inclinei minha cabeça sobre Criminy e acariciei seu rosto com minhas mãos descobertas. Eu senti seus lábios retorcerem enquanto ele cheirava o sangue fresco dos arranhões. Quando sua língua saiu e começou a lambar a ferida da minha palma, eu embalei a sua cabeça e me sacudi com soluços, meu cabelo solto agora fluindo sobre nós. Qualquer que fosse o prazer que ele obteria do

sangue, eu esperava que isso fosse ajudar a melhorar seus últimos momentos.

— Você sabia —, o velho homem disse, acusatoriamente. — Todo o tempo.

— Eu sabia o suficiente para encontrar você —, eu disse. — E eu sabia o suficiente para matá-lo.

Goodwill tombou, o arco em suas mãos tremendo. Ele estava respirando pesadamente, suando e tremendo.

Finalmente.

— Mantenha seu arco pronto. Eu quero respostas antes que ela morra —, Goodwill disse ao Policial, mas ele estava lutando para ficar consciente. Sua cabeça tombou para trás, seus olhos abertos ao céu.

— Vinte anos você esteve lá —, eu disse. — E seu neto me deixou entrar na sua porta com um frasco de insulina. Muito ruim que você não estava por lá para ensinar ao menino a não abrir a porta para estranhos.

— Aquele sangue —, Goodwill disse. — Não estava sequer contaminado, estava?

— Não —, eu disse. — Mas o seu sim.

— Você pode... atirar nela agora... Ferling. — Goodwill disse, arfando e lutando pela consciência.

Mas Ferling abaixou seu arco e disse —, Eu não acho que eu vá, desculpe-me por isso, senhor. Ela me fez um favor uma vez. Salvou minha vida.

O velho homem estava ofegante, e sua mão tremeu enquanto ele ergueu o arco e apontou para mim, no alvo. Antes que ele pudesse atirar, o arco caiu ruidosamente ao chão. Ele despencou para trás, apertando algo debaixo da sua camisa, sua mão trêmula.

— Você sabe por que Evangel nunca lhe amou? — eu disse, minha voz crua. — Não porque você era humano. Não porque Bludmen têm magia. — Eu o observei engasgar.

— Porque você é uma má pessoa.

Eu olhei para cima então, para observar o momento quando Jonah Goodwill deixava esse mundo. Seu velho corpo estremeceu e ficou flácido, seu rosto para as nuvens. Eu brevemente me perguntei se ele fosse acordar em Anderson por apenas um segundo, apenas tempo o suficiente para ver a sombra da magnólia dançando na parede e meu corpo espalhado no chão.

40



- *Com licença, madame* —, Ferling disse. — Mas eu acredito ter ouvido alguém me chamando do outro lado da casa.

Ele se levantou e saiu andando, tão simples assim. Eu imagino que o Policial aceitou meu conselho e encontrou a paz com sua esposa. E Criminy cuidou de Rodvey. Meu vislumbre tinha sido completamente útil, e Ferling tinha de fato se lembrado das minhas palavras finais. Talvez todos os Policias não fossem tão ruins.

Mas o vislumbre não ia me ajudar agora. O futuro que eu vi estava destruído. Eu olhei abaixo para o rosto pálido no meu colo, a flecha tremendo grosseiramente. Apenas uma minúscula gota de blud escorria de seu pescoço para a sua camisa.

— O que eu faço? — eu sussurrei.

— Puxe isso para fora —, ele ofegou.

Então eu cerrei meus dentes e agarrei a bainha manchada de vermelho por detrás da cruel, ponta de metal e gentilmente puxei.

Ele gemeu e sibilou —, Puxe mais forte.

Eu estava entrando em pânico, e eu podia sentir meu batimento cardíaco nas minhas têmporas. Eu era uma enfermeira, droga, mas eu não estava treinada para um mundo difícil assim. Eu agarrei a flecha novamente, coloquei uma mão no pescoço de Criminy para formar uma alavanca, depois deslizei para fora da sua garganta com um molhado, som de sucção. Ele atraiu um fôlego profundo, mas saiu assobiado. Eu estava observando-o, o avaliando por sinais de anoxia, mordendo meu lábio. Esperando por ele morrer e me deixar sozinha em um país estranho, entre inimigos.

Por apenas um segundo ali, eu desejei ter a poção da bruxa comigo. No meu mundo, eu poderia salvá-lo. Mas a pequena garrafa estava muito longe, disposta na mesa ao lado da cama no meu vagão. Ele teria querido morrer sob o pesado céu de Sang, de qualquer forma, não preso em um hospital no meu mundo, distante do toque da magia.

Ele tossiu e convulsionou, e sangue escorreu da sua boca.

Era o fim.

Eu curvei minha cabeça e solucei, pensando em tudo que eu desejaria ter dito a ele. Eu não podia encontrar as palavras, não podia articular o que ele significava para mim, o que ele tinha me ensinado sobre mim mesma em um tempo tão curto. Eu não tinha entendido, não até esse momento, como um poderia ser tanto capturado quanto domesticado ao mesmo tempo. Eu chorei por todas as aventuras com ele que eu ia sentir falta e como não havia nada mais em Sang para mim. Eu chorei por como sem cor e brando o meu próprio mundo pareceria, dias intermináveis de ajudar às pessoas morrerem e comer sopa de tomate com meu gato e saber que eu tinha algo ótimo e não entendia seu valor até a sua perda.

Seu peito parou de se mover, seus olhos abriram ao céu.

Ele se foi.

41



Então ele deu uma guinada sentando-se – e riu.

— Bem, isso foi engraçado, hein? — ele disse.

Eu me engasguei com nada, e ele bateu nas minhas costas.

— Mas que diabos? — eu berrei. — Eu estava vendo você morrer. Você estava morrendo!

— Não mais do que o normal —, ele disse com um dar de ombros e um sorriso.

Eu solucei. Eu funguei. E voltei a chorar desesperadamente, mas de alívio dessa vez. Ele puxou o pedaço remanescente da flecha ainda na sua panturrilha e esfregou o blud da sua bota. Jogando a flecha ao lado, ele me puxou contra o seu peito, me acalmando e me acarinhando. Eu me sentia muito como um gatinho perdido.

— Você quase morreu. — eu funguei. — Eu não deveria estar

consolando você?

— Tolice —, ele disse. — Eu sou mais forte que isso. Eu disse a você, Bludmen são difíceis de se matar. Mas você, moça! Oh, você foi magnífica. Você enganou aquele velho bastardo direto para a sua cova. Você salvou centenas de pessoas. E o seu vestido é verdadeiramente horrível. Eu exijo que você o tire na mais próxima conveniência possível.

Eu ri um pouco e me afastei. Ele sorriu para mim, e eu coloquei um dedo no buraco irregular na sua garganta.

— Apenas uma ferida recente —, ele disse. Ela estava começando a se fechar. Ele estufou as suas bochechas, e uma pequena rajada de ar sibilou debaixo do meu dedo e me fez rir.

— Por favor, não tente esse truque na caravana —, eu funguei. — Eu não gosto nadinha.

— O mesmo para você —, ele disse, saltando para seus pés e me puxando atrás dele. — Exceto aquela parte com o beijo de língua e uma boca cheia de sangue. Eu gostei bastante daquilo.

Ele mancou para a árvore, mas ele puxou minha mão de volta e beijou a áspera palma.

— Eu tenho que lhe pedir um favor, amor —, ele disse.

— Nomeie-o —, eu disse. Mas eu já sabia o que ele ia pedir.

— Eu preciso de algum sangue —, ele disse. — Para me ajudar a curar, para que eu possa atravessar você por aquele muro e para a segurança antes que os Policiais percebam o que aconteceu. Eu estou meio-drenado. Mas eu sei onde a cela secreta dele é agora, então a coisa toda de tortura não foi uma perda total.

Eu alcancei o alto colarinho do meu vestido e puxei os laços tão sedutoramente quanto possível, mas as malditas coisas ficaram presas, e eu me senti como uma idiota. Ele riu e se inclinou para mim, e eu me senti como a Chapeuzinho Vermelho presa na sombra do lobo.

Ele desamarrou o colarinho gentilmente e roçou os meus lábios com os dele antes de se aconchegar na minha garganta.

— Eu te amo, você sabe —, ele sussurrou no meu ouvido, e em seguida eu senti o pequeno corte dos seus dentes afiados na minha pele. Sem perfurações – mais como um pequeno corte, como quando você esfrega uma unha. Eu choraminguei e não podia decidir se machucava ou não. Ele se pressionou contra mim, e eu me pressionei na árvore, e eu tive um pequeno flashback do nosso momento no bosque. Tinha sido apenas há dois dias atrás? Uma vez que eu comecei a pensar sobre isso, começou a parecer melhor. Ele engoliu mais duas vezes, depois me afastou com um olhar sonhador no seu rosto, olhos rolados para trás na sua cabeça.

— Essa foi a melhor coisa que eu já provei em minha vida —, ele disse. — Levante sua saia.

— Sem tempo para amar, Criminy Stain —, eu disse, rolando o pescoço do meu feio vestido de volta para cima. — Vamos acabar com esse muro e sair do Éden.

42



Estava ficando terrivelmente conveniente, conhecer um mágico. Nós não teríamos conseguido atravessar a rua sem glamour, não cobertos com todo aquele sangue. Criminy ainda estava mancando enquanto nós corremos em direção à Darkside, mas as feridas no seu pescoço estavam praticamente fechadas.

— Um dia, você irá se esquecer que isso estava até mesmo ali —, ele disse.

— Eu não acho que eu algum dia irei me esquecer disso, de fato —, foi a minha resposta.

Nós estávamos correndo pela multidão quando nós ouvimos o sino da igreja tocando, um sombrio e triste som, soando repetidamente. Todas as pessoas pararam onde elas estavam e olharam para cima ao topo da cidade, onde um pináculo da igreja se erguia dentro do céu azul e branco. Isso foi

útil – eles eram muito mais fáceis de esquivar quando todos eles ficavam imóveis.

— O que aconteceu? — um velho homem disse, olhando ao redor freneticamente.

— Alguém morreu —, um jovem homem respondeu.

— Sorte a dele —, remarcou o velho.

Nós não paramos, contudo – nós usamos a estranha calma para ir mais adiante em direção a segurança. Quando o sino parou de soar, nós pudemos ouvir gritos, e depois todos os Policiais abandonaram seus postos e correram morro acima em direção à igreja em suas éguas-blud, derrubando as pessoas para o lado em sua pressa.

Na hora em que nós alcançamos a loja de Antonin, todos sabiam.

Jonah Goodwill, Magistrado de Manchester, estava morto.

— Uma apoplexia —, sussurrou uma jovem matrona elegante tendo seu cinto consertado. — Ele desmaiou no seu jardim, sorrindo dentre as macieiras que alimentavam os pobres e trouxe a ele tanta alegria. Que homem querido.

Cada cliente trouxe ao alfaiate outro pedacinho suculento, a maior parte deles evidentemente falso. Mas as verdadeiras eram até mesmo melhores.

— Eles irão nomear a cidade de Goodwill em sua honra —, disse uma velha mulher.

— Ele deixou sua vontade, mas seu sucessor foi encontrado morto com uma flecha no seu peito perto de uma vadia Bludmulher no próprio quarto de hóspedes do Sr. Goodwill —, sussurrou um advogado de uma dona de casa superalimentada. — Ooh, que escândalo!

— Você não ouviu isso de mim, mas os Policiais estavam planejando matar todos os Bludmen —, disse o calvo, estudioso homem com óculos. — Eles até mesmo tinham uma conspiração secreta.

— Ele era de fato um alienígena de outro planeta —, disse um garotinho comprando seu primeiro bermudão, e sua mãe beliscou sua orelha

por mentir.

Enquanto Antonin ajoelhava-se aos meus pés, fazendo a bainha do meu novo vestido verde-esmeralda e sorrindo através de uma boca cheia de alfinetes, eu me sacudi com risadas repreendidas.

Nós demos boas gargalhadas na sala verde-limão naquela noite enquanto meu horrível, vestido de marinheiro manchado de sangue crepitava alegremente no forno. Os Bludmen fizeram um brinde, e eu inalei um fumegante enroladinho fresco com sabor de curry de um vendedor de rua. Na minha opinião, foi uma adorável celebração.

Mais tarde, aninhados juntos na cama extra no sótão de Antonin, Criminy se levantou no seu cotovelo para olhar para mim ao brilho da nossa vela. Seu sorriso estava caloroso e gentil, suavizando as fortes linhas do seu rosto.

— De todas as formas que isso poderia ter terminado —, ele disse. — Eu diria que foi muito bem.

— Nós tivemos sorte —, eu disse.

— Havia alguma sorte. Mas também um bom bocado de esperteza e mentira e fazendo as melhores apostas —, ele disse, e ele beijou a ponta do meu nariz. — Você se saiu bem, amor.

— Eu fiz o que eu tinha que fazer —, eu disse modestamente.

— A forma como eu me senti, quando eles me tinham amarrado naquela cadeira e amordaçado —, ele murmurou, olhando para os cantos escuros do sótão e franzindo as sobrancelhas. — Eu me desculpo que foi *você* que teve que *me* salvar —, ele disse calmamente.

— Eu acho que nós salvamos um ao outro —, eu disse.

— Eu vou sentir tanto a sua falta, meu amor. — Ele suspirou, deitando de volta com suas mãos atrás da sua cabeça. — Mas eu irei vigiar o seu corpo com minha vida, eu prometo. Eu me pergunto – se você tirar o colar lá, você desaparece aqui?

— Eu nem sequer pensei em verificar —, eu disse. — Eu estava muito preocupada com você. Mas eu acho que não. Eu quero dizer, meu corpo

ficou lá enquanto eu estava aqui, mas o tempo não passou, e eu acordei coberta de urina, e... foi tudo realmente confuso.

Ele traçou a corrente do meu pescoço e esfregou seu dedão sobre a jóia do fecho.

— Tudo isso valeu a pena —, ele disse para si mesmo. — Todos os problemas. Tudo valeu.

Eu ergui o medalhão e o estudei, depois o virei do outro lado. Ali na parte de trás estavam as palavras, apenas como eu as tinha visto naquela primeira noite no meu banheiro em casa.

— *Viernes toa meo* —, eu disse. — O que isso significa?

Ele sorriu. — Venha para mim —, ele disse. — Em Sanguine.

— O que é isso?

— Uma língua morta.

Eu ri.

— Mas é muito mágico e romântico —, ele advertiu. — Você tinha que falar as palavras, e tocar o meu sangue, e ver minha foto para isso funcionar. Você tinha que querer vir. Tudo isso era parte do feitiço.

Eu pensei sobre isso por um segundo. Nenhuma dessas escolhas aleatórias fez diferença, e eu estaria acordando perto de Sr. Surly nesse momento, me aprontando para ir à casa da Nana e fazer ovos mexidos. Trocando IVs, dirigindo meu carro, bebendo café, me perguntando se haveria algo mais lá fora.

Agora eu sabia.

— Obrigada —, eu disse. — Por me chamar aqui. Por encontrar o medalhão. Por tudo que você fez. Eu sei que eu não fui fácil.

— Fácil não vale nada —, ele disse. — E você sabia que eu encontraria o medalhão ou morreria tentando.

— Você tinha que encontrar —, eu disse silenciosamente. — Para salvar seu pessoal.

— Isso pode ser verdade. Mas pular daquela árvore, isso foi só por você. Por que eu me importaria por liberdade se eu não posso ter a única

coisa que eu quero?

Eu sorri afetadamente. — Mentiroso. Você quer muitas coisas.

— Eu posso mentir para todo mundo menos para você, amor —, ele disse com um riso. — E eu quero muitas coisas, a maior parte delas está debaixo do seu vestido. Mas eu nunca faltaria com a minha palavra. Especialmente não com a chance de que você mudaria de ideia.

Eu mexi no medalhão, pressionando o rubi para abrir o trinco. Segurando o retrato na luz, eu olhei dele para sua imagem retratada.

— É exatamente você —, eu disse e minha voz partiu. — A primeira vez que eu vi isso, tudo o que eu pude pensar foi quem quer que ele fosse, ele era lindo, e ele estava me desafiando a fazer algo selvagem.

— Eu imagino que foi —, ele concordou. — Amar um homem de caravana é muita aventura.

— Foi isso —, eu disse, e ele colocou sua testa na minha enquanto eu fungava.

— Você coloque o seu medalhão, então. É hora de dormir. Deixe-me beijar você antes de partir —, ele disse suavemente. — Para que você se lembre.

Antes que eu pudesse protestar que me lembrar dele não seria um problema ou sequer explicar como o medalhão funcionava, ele estava me beijando com ânsia e fogo e paixão, suas mãos segurando meu rosto, seus dedos enluvados traçando as maçãs do meu rosto. Eu o beijei de volta, tentando capturar o momento na minha memória para sempre. Mas eu não podia pensar, não podia capturar nada.

Ele era muito urgente. Muito real. Muito primitivo.

Criminy Stain não era algo que eu poderia ser dona ou domesticar. E eu não queria isso.

Ele tinha despertado coisas em mim que eu nem sequer sabia que estavam adormecidas. Ele me fez sentir viva e vigorosa, e seu mundo, estranho como era, gritou ao meu coração. Ele nunca teve a intenção de me prender, e eu nunca quis ser presa, ainda aqui nós estávamos.

Mas ele tinha entendido algo errado, e eu tinha a minha própria surpresa para ele.

Eu interrompi o beijo e me afastei com um sorriso tímido.

— Feche seus olhos —, eu disse. — Eu vou fazer magia.

Com sua boca curvada para cima, ele me satisfez ao rolar sobre suas costas e fechar seus olhos.

Eu silenciosamente puxei o medalhão sobre a minha cabeça e o escondi embaixo do travesseiro.

— Qual é o truque, amor? — ele disse.

Eu arregacei meu novo vestido e montei nele, depois mergulhei de volta beijando-o. Eu lentamente mordisquei meu caminho para a sua orelha.

— Eu posso fazer o medalhão desaparecer —, eu sussurrei.

43



Há sempre um epílogo, não há?

O capítulo que conta o que aconteceu depois, amarrando a estória em um bonito grande final?

Eu não posso exatamente fazer isso. Minha estória não funciona assim, toda bonita e arrumada. Eu poderia talvez ter algum tipo de fita de ráfia que parece como se o palheiro explodisse como o que Nana usa quando está embrulhando presentes com jornal. Ou barbante, o tipo que eles usam para amarrar embalagens misteriosas em papel marrom.

Mas eu tentarei tornar isso nítido.

Eu dormi naquela noite. Muito, muito bem. Depois de uma semana de insônia e viagens e fome e muitos jatos de adrenalina para matar um urso polar, foi bom afundar finalmente dentro do verdadeiro, sono profundo. Se eu tive sonhos, eu não me lembro deles. Mas eu acordei sorrindo.

E perto de mim estava um Bludman, uma criatura bebedora de sangue de outro mundo, onde todos estão vestidos como puritanos Vitorianos e cavalgam por aí em genuínas carruagens sem cavalos e submarinos. Um mundo onde o céu era muito baixo e os nomes eram desconectados apenas o suficiente para torná-los interessantes.

Eu sempre tive sonhos coloridos, mas mesmo eu não podia ter conjurado Criminy Stain, mágico e rei cigano. Quaisquer que fossem as forças que nos uniu pareciam fortuitas e aleatórias. Mas um no outro, nós encontramos aquele indescritível algo, a guia que mantém um animal caçando e ansiando.

Ainda havia trabalho a se fazer, lógico. Ele tinha a caravana para cuidar, e eu tinha que voltar para meu mundo para engolir uma boca cheia do meu próprio sangue e reportar que Jonah Grove, filantrópico e pastor, tinha finalmente sucumbido à sua condição. Meus temores sobre um assassinato ou questionamento policial eram, lógico, infundados. Enfermeira Carrie apenas derreteu-se na noite. Depois de vinte e cinco anos de extorquir a herança da sua família, todos estavam mais do que felizes em assumir que ele morreu de idade avançada ou complicações. Era realmente um milagre que ele tivesse sobrevivido tanto tempo.

A situação policial em Manchester ainda estava tensa. Sem Goodwill no leme da segunda maior cidade em Sangland, havia esperança. Com Rodvey morto, Ferling era o próximo na sucessão, e sua postura em direção aos Bludmen foi visivelmente gentil. A loja de Antonin foi permitida a se mudar de volta para a Rua Alta, e os mais recentes jornais contavam que os Bludmen poderiam começar a receber votos no Parlamento de Londres. Pela primeira vez, a fofoca era verdadeira – falou-se de re-nomear Manchester como Goodwill, mas os Bludmen armaram uma revolta, e isso foi abandonado.

Enquanto nós viajavamos pelas ilhas, eu aprendi mais e mais sobre as maravilhas desse estranho mundo que distorce a história como eu conheço, como um espelho que distorce a imagem. Em Freesia, que correspondia à

Rússia, os Bludmen governavam Pinkies aterrorizados de um palácio de gelo nas profundezas da floresta encantada. Em Franchia, demônios coloridos dançavam em cabarés sob o polegar vertiginoso do Rei Sol. Em Almanica, Sanglish pioneiros se pressionavam até mesmo mais para dentro das fronteiras de um mundo governado por nativos descritos como guerreiros meio-animais. As histórias ficavam apenas mais fabulosas, e eu quis ver isso tudo. A caravana continua sendo um paraíso de políticos e dogma. Mas ao impedir Goodwill, nós ajudamos a tornar Sang um lugar melhor, e eu acho que ambos os mundos estão melhores pela sua ausência.

E eu sei, porque eu vivo nos dois mundos. Enquanto eu posso.

Durante o dia, eu cuido da minha avó, fazendo o meu melhor para fazer seus últimos momentos na terra calorosos e amáveis e confortáveis. Nós jogamos baralho, e eu tento convencê-la em me dar a receita da sua torta de chocolate especial. Eu vejo meus outros pacientes, exceto pelo Sr. Sterling. Eu não conseguia me fazer retornar à linda casa na cidade e tocar o lindo, perdido corpo. Eu não podia lidar com a culpa de saber que eu poderia tê-lo dado tudo que ele achou que queria. Eu vi isso em um vislumbre, e até mesmo se eu brincasse com a ideia de escolhê-lo, eu sempre saberia que não aconteceria. Ele partiu da caravana para Londres, e os jornais diziam que ele era o solteiro mais cobiçado na cidade. Meus próprios vislumbres me dizem que ele ainda tem uma jornada pela frente, mas se ele tocar as notas certas, ele irá encontrar amor para si, logo.

Enquanto por mim, meus dias como uma enfermeira são normais e satisfatórios, mas eu estou aguardando a minha hora.

À noite, quando eu sonho, eu estou vestida de tafetá cor de borgonha amarrado até o meu queixo. Eu leio a sorte e coleciono moedas de cobre e frascos de sangue. Eu gargalho com o engolidor de espadas e encorajo o garoto lagarto a fazer mais exercícios. Eu durmo em um vagão escarlate, em uma cama drapeada de seda, com um lindo medalhão de rubi debaixo do meu travesseiro. E ao meu lado dorme meu próprio vampiro pessoal, ou a coisa mais perto disso.

Algumas vezes, é o que eu faço. Quem eu sou. E eu sei que nenhum tempo passou no outro mundo, que eu poderia ficar em Sang e nos braços de Criminy para sempre. Mas então eu vejo uma velha mulher na multidão e toco o meu próprio rosto, sentindo as novas rugas ali. Ou eu gentilmente seguro uma mão trêmula para ler um futuro sombrio e me lembro que minha avó precisa de mim.

E mais tarde naquela noite, Criminy me enfiaria em uma caixa feita especialmente, bem ventilada no seu vagão. Ele me beijaria suavemente e me daria o seu amor e me chamaria de sua rainha cigana.

E depois ele fecharia a porta e trancaria a caixa com a chave que ele usa em uma corrente sob sua gravata desfeita. Ele colocaria uma pequena cobra de cobre chamada Boros na tampa. E os olhos vermelhos-rubi da criatura lançariam estranhas luzes nas paredes enquanto ele rodopia, me vigiando. Eu trancaria o fecho interno. Eu cairia no sono quase que imediatamente.

E então eu abriria meus olhos para minha outra vida e tiraria o medalhão por um tempo.

Eu tinha tomado minha decisão, e por agora, minha escolha é ambos. E eu estou feliz.

Exceto por uma coisa, pairando nas extremidades dos meus pensamentos como um rato-blud esperando para dar o bote em uma inocente dorminhoca. Há apenas um sonho que eu tenho em Sang, quando o medalhão está debaixo do meu travesseiro e eu estou aninhada contra meu amado Bludman. Repetidamente, espontaneamente, seu vislumbre aparece na minha cabeça, me torturando, um segredo que ele se esqueceu de desenterrar.

Meus vislumbres sempre foram verdadeiros.

Todos exceto esse.

Por enquanto.

Então toda manhã quando eu acordo ao lado de Criminy, a primeira coisa que eu faço é verificar minhas mãos, sabendo no meu coração que um

dia, elas estarão cobertas com escamas negras e sangue.
Apenas como as dele.

Fim

Continua em WICKED AS SHE WANTS

Papyrus

“Qui sait beaucoup ne craint rien.”

“Do muito saber vem o nada a temer.”